



VALE A PENA LUTAR

KIRSTY MOSELEY





Table of Contents

1. [Vale a pena lutar](#)
2. [Créditos](#)
3. [Dedicatória](#)
4. [Prólogo](#)
5. [Capítulo 1](#)
6. [Capítulo 2](#)
7. [Capítulo 3](#)
8. [Capítulo 4](#)
9. [Capítulo 5](#)
10. [Capítulo 6](#)
11. [Capítulo 7](#)
12. [Capítulo 8](#)
13. [Capítulo 9](#)
14. [Capítulo 10](#)
15. [Capítulo 11](#)
16. [Capítulo 12](#)
17. [Capítulo 13](#)
18. [Capítulo 14](#)
19. [Capítulo 15](#)
20. [Capítulo 16](#)
21. [Capítulo 17](#)
22. [Capítulo 18](#)
23. [Capítulo 19](#)
24. [Capítulo 20](#)
25. [Capítulo 21](#)
26. [Capítulo 22](#)
27. [Capítulo 23](#)
28. [Capítulo 24](#)
29. [Capítulo 25](#)
30. [Capítulo 26](#)
31. [Capítulo 27](#)
32. [Capítulo 28](#)
33. [Capítulo 29](#)
34. [Epílogo](#)
35. [Agradecimentos](#)
36. [Sua opinião é muito importante](#)

Landmarks

1. [Capa](#)

VALE A PENA LUTAR

KIRSTY MOSELEY

Tradução Lavinia Fávero



TÍTULO ORIGINAL Worth Fighting For
© 2016 by Kirsty Moseley
© 2017 Vergara & Riba Editoras S.A.

EDIÇÃO Paola Oliver
EDITORIA-ASSISTENTE Sandra Rosa Tenório
PREPARAÇÃO Juliana Bormio de Sousa
REVISÃO Luciana Soares da Silva e Olga Fernandez
DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Juliana Pellegrini
CAPA Elizabeth Turner
IMAGEM DE CAPA Shutterstock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Moseley, Kirsty
Vale a pena lutar [livro eletrônico] / Kirsty Moseley; tradução Lavinia Fávero. - São Paulo:
V&R Editoras, 2017. - (A luta pela liberdade; 02)
721 Kb; ePUB
Título original: Worth fighting for
ISBN: 978-85-507-0155-4
I. Ficção norte-americana I. Título II. Série.
17-08747 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
I. Ficção: Literatura norte-americana 813

Todos os direitos desta edição reservados à
VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.
Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana
CEP 04020-041 | São Paulo | SP
Tel./ Fax: (+55 11) 4612-2866
vreditoras.com.br
editoras@vreditoras.com.br

Para Terrie Arasin.

Sem você, este livro simplesmente não existiria.

PRÓLOGO

“É melhor ter amado e perdido do que nunca ter amado.” Lorde Alfred Tennyson disse isso em algum poema do século 18. Na minha opinião, o Lorde Alfred Tennyson era um puta de um mentiroso.

Talvez o Lorde Tennyson nunca tenha amado alguém de verdade. Ou nunca tenha gostado de ninguém mais do que de si mesmo, porque, se tivesse, se tivesse amado alguém tão profundamente a ponto de estar disposto a morrer por essa pessoa, como poderia ter escrito esse verso de merda? Estou apenas especulando, claro. Não sou nenhum acadêmico e não sei mais nada sobre o cara além dessa citação. Então, como – você poderia perguntar –, minha opinião é tão veementemente contrária à dele?

Porque eu amei uma vez.

Só uma vez.

E eu a perdi.

E daria qualquer coisa nesta porra de mundo para nunca ter amado. Não, definitivamente *não* é melhor ter amado e perdido.

Foda-se o amor. E foda-se o Lorde Tennyson.

CAPÍTULO

1

Jamie

O punho dele acertou o lado do meu maxilar. Com força. Uma explosão de dor, que se espalhou pelo meu rosto e pelo meu pescoço. Minha cabeça chicoteou para o lado, parecia que meus olhos sacudiam dentro das órbitas, tamanha a força da pancada. Era óbvio que o cara queria que aquilo acabasse logo.

Dei um passo para trás, levei a mão ao queixo, tocando o ponto do soco, e ele foi abrindo um sorriso insolente. Uma risadinha baixa escapou dos meus lábios, e limpei a boca, ignorando o sangue que sujou o dorso da minha mão.

– Essa foi boa. Manda mais – incentivei, fazendo sinal para o cara chegar mais perto. Não me dei ao trabalho de levantar as mãos para me defender. Isso seria contra o propósito de ter ido ali naquela noite.

O cara olhou em volta, claramente perturbado pela minha aparente falta de interesse ou de dor. À nossa volta, no grande armazém abandonado, onde o clube da luta daquela noite tinha lugar, o público gritava e torcia – alguns, pedindo para eu tomar jeito e acabar com o cara, outros o incentivando a me encher de porrada. Eles queriam que a luta acabasse logo. Eu queria enrolar o máximo de tempo possível. A dor era uma distração bem-vinda da turbulência que fervia dentro de mim. Eu estava feliz de poder pensar em outra coisa, qualquer coisa que não fosse... ela.

– Anda, cara, você pode bater mais do que isso – debochei, cuspido o sangue azedo no chão. Abri bem os braços, baixando totalmente a guarda. – Me dá o seu melhor.

Ele espremeu os olhos e deu um sorrisinho de deboche, depois foi para a frente e me deu logo um soco no estômago. O ar saiu todo dos meus pulmões quando dobrei o corpo, lutando para respirar. O joelho dele acertou minha cara. Caí para trás, batendo no chão frio de concreto com um barulhão que pareceu ecoar nos meus ossos.

O clamor do público foi quase ensurdecedor, gritando para mim. Fechei os olhos e baixei a cabeça, rindo baixinho comigo mesmo. A grande quantidade de álcool que eu tinha consumido antes de começarem as lutas ainda estava circulando pelo meu corpo, me deixando desorientado e desconectado, até da dor que, com certeza, eu sentiria pela manhã, quando o efeito tivesse passado.

– O que você pensa que está fazendo, Pirralho? Eu sabia que não devia ter deixado você me convencer a fazer isto! Vou encerrar a luta!

Fazendo um esforço colossal, abri os olhos e virei a cabeça, que estava pesada, e vi Jensen do lado do ringue improvisado sacudindo a cabeça, em uma mistura de horror, preocupação e incredulidade. Ele espremeu os olhos e cerrou os dentes. Dono e gerente do clube da luta ilegal, perderia muito dinheiro se eu perdesse a luta. Era óbvio que Jensen não estava gostando da minha brincadeira, de eu colocar o seu suado dinheirinho em risco daquele jeito.

– Não se atreva. Deixa comigo. Vê se se acalma. Põe a mão dentro das calças e procura seus culhões. Pelo jeito, você os perdeu – brinquei.

Até eu percebi que estava falando enrolado por causa do álcool. Virei de lado, todo desengonçado, pus os braços embaixo do corpo e fiquei de pé, meio bambo.

De canto de olho, vi o Jensen puxando o celular, falando rápido com alguém, ainda com os olhos fixos em mim.

– Você já está chegando? Isto aqui está fugindo do controle. Ok, vem logo, porra!

Franzi a testa e respondi:

– Ah, é, pode me dedurar, chama alguém para ser minha babá – bufei. – Seu X9 filho de uma puta – completei, dando mais uma risada retardada.

Como eu não estava prestando atenção, ou simplesmente porque era um covarde que gosta de atacar pelas costas, o cara com quem eu estava lutando veio com tudo, levantando meus pés do chão, e nós dois caímos para a frente. O público, com medo de ser esmagado ou ficar coberto de sangue, se dispersou, e a gente bateu em cheio na picape que estava parada na beirada do ringue. A respiração ofegante do meu oponente era pesada e rápida, e ele começou a socar sem parar a minha lombar e as laterais do meu corpo.

À medida que a dor foi se irradiando por todo o meu corpo, fui tendo certeza de que tinha tomado a decisão certa quando resolvi ir ali naquela noite. Aquele era, definitivamente, meu conceito de uma boa distração.

O cara segurou meu ombro, me empurrando para trás, e fui para o chão de novo, com a respiração pesada.

– Pirralho!

É claro que Jensen ligou para Ray, um dos meus melhores amigos e primo dele. Tive que me segurar para não revirar os olhos.

Ray veio empurrando a multidão e ficou de quatro ao lado do ringue. Virei, olhei para ele e vi a preocupação refletida nos seus olhos castanhos.

– E aí, amiguinho? – resmunguei, tentando sorrir, mas tenho certeza de que consegui, no máximo, fazer uma careta.

– O que você pensa que está fazendo, porra? Jensen falou que você andou bebendo! Que merda é essa? – berrou, sacudindo a cabeça. Percebi, com certa satisfação, que ele não separou a luta nem tentou me tocar, o que seria contra as regras e resultaria na anulação da luta.

Antes que eu pudesse responder, meu oponente agarrou minha camiseta com as duas mãos e me pôs de pé. Eu me encolhi todo, preparado para mais um soco, que receberia de braços abertos, como se fosse um velho amigo. Quando seu punho encostou no osso da minha bochecha, ouvi Ray dizer, com a voz firme e furiosa:

– Jensen, para essa droga dessa luta ou paro eu!

– Ok, ok – Jensen foi logo respondendo.

A raiva ferveu dentro de mim. Se eles parassem a luta, eu perderia.

– Não! – rugi, sacudindo a cabeça firmemente, olhando para os dois, um de cada vez. – Não – urrei, furioso. Pirralho Cole não perde, jamais.

Sabia o que tinha que fazer. Perder não era aceitável. Já tinha me divertido, conquistado meu objetivo – suspender meus pensamentos por um tempinho –, mas era hora de reassumir o controle e acabar com aquilo.

Estiquei o braço e segurei a mão do cara que estava em cima de mim. Ele arregalou os olhos sutilmente, e seu corpo se encolheu, porque achava que eu já era, que ia me dar o último soco que garantiria sua vitória e o coroaria vencedor da noite. Mas, ah, ele estava muito enganado.

– Acho que tenho que parar de zoar agora. Desculpa.

Assim que terminei de falar, bati com a cabeça na cara dele com tanta força que ouvi seu nariz quebrando apesar dos urros da plateia. E aí já era, simples assim, chega de ficar rebolando e deixando o cara me encher

de porrada por gosto. Uma massa inconsciente caiu no chão na mesma hora, seu corpo inerte.

Dei alguns passos cambaleantes, piscando para firmar minha visão embaçada, ignorando as batidas fortes do meu coração. Eu estava com a boca seca, a língua grossa. Precisava desesperadamente de mais uma bebida, porque os efeitos do álcool começavam a passar.

Ray e Jensen vieram correndo. Jensen chegou primeiro, segurou meu braço e o levantou no ar.

– O grande vencedor da noite... Pirralho Cole!

Só metade do público aplaudiu. A outra metade amassou os papeizinhos das apostas, jogou no chão, injuriada, ou xingou entredentes. Das duas, uma: ou eram marinheiros de primeira viagem e não sabiam que nunca deviam apostar contra mim ou foram levados a isso pelo fato de eu ter ingerido uma quantidade de álcool suficiente para matar um cavalo. As aparências enganam.

Dei um sorriso amarelo e joguei o peso do meu corpo contra Ray, que passou o braço pela minha cintura e me levou para o lado, até uma cadeira de plástico. Eu me joguei nela, meu corpo estava tão anestesiado e descoordenado que eu quase caí do outro lado.

Ray se ajoelhou na minha frente, segurando uma garrafinha de água que ele deve ter feito aparecer em um passe de mágica.

– Bebe isto. Que merda, você está bem zoadado – disse, me olhando de cima a baixo e se encolhendo.

Estiquei o braço, tirei a garrafinha da minha frente e aponte, sorrindo, para minha jaqueta de couro, que estava pendurada nas costas de outra cadeira.

– Me alcança a minha jaqueta?

Ray obedeceu, com preocupação estampada nos olhos.

Sem dizer uma palavra, pus a mão no bolso interno e a fechei em volta do meu objeto de desejo: uma pequena garrafa de vidro lisinho. Eu a tirei do bolso, e Ray resmungou quando viu a garrafa de uísque pela metade.

– Sério, Pirralho?

Dei uma piscadinha para ele e tirei a tampa com meus dedos machucados, cobertos de arranhões e de sangue. Dei um gole enorme, saboreando a queimação na garganta.

– Quer um pouquinho? – ofereci, com a língua enrolada e a voz ininteligível.

Ray não respondeu, só tirou a garrafinha da minha mão e pôs a tampa de volta, depois a colocou no chão.

– Que história é essa, Pirralho? Sério, Jensen me ligou e disse que você apareceu aqui bêbado como um gambá e insistiu para participar das lutas de hoje à noite. Você está uma merda. Aquele cara quase te derrotou!

Tossi, incomodado. Eu estivera no controle da situação o tempo todo.

– Ele não tem como me derrotar.

– Para mim, parecia que o cara estava te matando! Mais um soco, e você estaria fora.

Sacudi a cabeça com veemência.

– O cara só fez o que eu deixei ele fazer. O que eu queria que ele fizesse.

– Então você queria que ele te fodesse, é isso? Queria esta... esta droga – falou, depois sacudiu a mão na frente do meu rosto, dando um exemplo da tal droga.

Encolhi os ombros e virei o rosto para não ver seu olhar inquisidor. Pelo jeito, Ray tinha uma habilidade impressionante de me interpretar e saber o que eu pensava quase sempre – eu odiava isso.

Ele soltou um suspiro, pôs a mão no meu ombro e apertou de leve.

– Qual é que é, Pirralho? Quando a gente se viu hoje, parecia que você estava bem, e aí você vai, toma um porre e aparece aqui querendo lutar. Não consigo entender.

O tom da sua voz era de apoio, cuidado, preocupação.

– Eu só precisava ter outra coisa para pensar. Precisava de uma distração. Não queria vir aqui, achei que tomar umas ia ajudar, mas aí essas umas se tornaram várias e mais umas e... – olhei para a garrafa pela

metade, sem querer admitir que já era a segunda da noite. Engoli em seco e sacudi a cabeça.

– Beber não ajudou, eu continuava pensando na mesma coisa. E aí achei que seria uma boa ideia lutar. Achei que, se alguém me enchesse de porrada, eu teria outra coisa no que pensar. Só que nem isso adiantou. Continuo pensando.

Bati com a palma da mão com força na testa umas duas vezes, tentando arrancar os pensamentos, esquecer deles.

– O que você está falando não faz o menor sentido, Pirralho.

Meu peito doía e não era por causa da surra que eu tinha acabado de levar. Era uma dor profunda que havia começado há três horas, quando vi uma notícia por acaso. Como não conseguia falar, pus a mão no bolso da jaqueta e tirei as páginas que eu tinha imprimido do site da CNN antes de entrar naquela onda de bebedeira destrutiva.

Estendi os papéis para Ray e fechei os olhos, desejando jamais ter lido aquelas palavras.

Ray pegou as folhas, desdobrou e começou a ler a matéria em voz alta. A cada sílaba, parecia que meu coração ficava ainda mais apertado, e minha dor, mais intensa.

– Um atropelamento seguido de fuga na rodovia I-95 nesta tarde causou uma morte e deixou outra pessoa gravemente ferida. A polícia diz que o motorista, Michael Pearce, de 45 anos, morreu na hora quando uma picape Ford azul escura invadiu a pista, forçando o carro de Pearce a ir para o canteiro central em alta velocidade. A picape não parou e fugiu do local.

– Michael Pearce morreu na hora. Sua mulher, Ruth, de 44 anos, está em estado grave e foi levada às pressas para o hospital pelos socorristas.

– A polícia pede que qualquer pessoa que tenha testemunhado o acidente, tenha informações sobre a picape ou seu motorista se apresente.

Ray, então, virou-se para mim e perguntou:

– Michael e Ruth Pearce... Quem são?

Soltei um suspiro profundo e respondi:

– Os pais de Ellie.

Meu amigo se encolheu todo e, na mesma hora, vi pela sua expressão que ele havia entendido.

– Que merda.

O silêncio ficou pairando por um longo minuto antes de Ray voltar a falar.

– Acho que... Acho que então ela vai voltar, hein?

Olhei para o chão e me afundei na cadeira. Ellie ficaria arrasada com essa notícia. Ela era a queridinha do papai, e essa perda seria pesada para ela, isso sem falar que poderia perder a mãe também. E tudo o que eu queria era poder abraçá-la, mas não a via nem falava com ela há mais de três anos, desde o dia em que dei o telefonema que esmigalhou nosso coração.

– Acho que sim.

CAPÍTULO

2

Ellie

Eu estava entediada. Tão entediada que passara os últimos cinco minutos arrancando o esmalte terrivelmente descascado da minha unha. Laura, minha manicure, não ia gostar muito de ver minhas unhas quebradas e descascadas quando eu fosse lá na próxima semana, mas não consegui evitar. Não era muito boa em ficar parada sem fazer nada. Das duas, uma: ou atacava as unhas ou atacava as porcarias de comer que estavam nas caixas de papelão atrás de mim. Precisava de alguma coisa para me distrair do fato de que meus pés estavam ardendo de tanto ficar em pé. Pelo menos, a noite estava quase terminando, só faltavam mais umas duas horas.

Soltei um suspiro e olhei em volta, procurando alguma coisa para fazer, e resolvi passar mais uma vez o pano no balcão de mogno maciço, que já estava limpo.

Para uma noite de sexta-feira, o *pub* estava bem parado. Normalmente, à essa hora, o Kings Arms estaria lotado. O *pub* pitoresco, tipicamente inglês, com seus painéis de madeira escura, papel de parede floral e carpete vermelho com desenhos geométricos, estaria cheio de moradores locais que acabaram de encerrar mais uma semana de trabalho. Mas, naquela noite, havia um total de 19 clientes no balcão. E estava todo mundo com o copo cheio, por isso o meu tédio. Eu já adiantara muita coisa: esvaziara a lava-louças e a enchera de novo, secara os copos e os arrumara nas prateleiras que ficavam na altura dos meus joelhos e limpava os banheiros. Assim que os clientes fossem embora, só faltaria recolher os copos deles e trancar o lugar. Não tinha muita coisa para eu me ocupar.

Fui até Toby, meu chefe, e limpei a garganta.

– Desculpe interromper – falei, dando um sorriso encabulado para os dois fregueses fiéis que estavam conversando com ele.

Chuck, o mais velho dos dois, deu um sorriso, e rugas se formaram no canto dos seus olhos.

– Sem problema, não nos importamos em ser interrompidos por uma belezinha – disse. Depois piscou para mim, coçando a barba grisalha e mal cuidada que deixava crescer durante os meses de inverno e que logo seria raspada, já que a primavera estava chegando. Ele deixava crescer a barba todo inverno, para esquentar o rosto, contou, quando comentei. Chuck era um dos meus fregueses preferidos. Gentil e alegre, lembrava o meu avô paterno, que já faleceu.

Toby deu risada.

– Para de dar em cima da minha funcionária, já te avisei. *Qualéque é?* – xingou, revirando os olhos verde-claros de brincadeira. Toby nasceu e cresceu no sul de Londres, é um *cockney*, como dizem. Seu sotaque, como o de todo mundo por aqui, foi difícil de entender no começo. Ao que parece, os *cockneys* não conseguem pronunciar algumas letras e comem algumas sílabas das palavras, o que é, no mínimo, confuso.

Mas, depois de passar quase dois anos em Londres, eu estava praticamente acostumada. Para falar a verdade, gostava muito do sotaque. Bom, tirando o fato de que eles falavam umas gírias rimadas que, na metade dos casos, eu ainda não conseguia entender.

Chuck levantou as mãos enrugadas e se defendeu:

– Não é culpa minha se você contratou a garçonete americana mais bonita do pedaço, né?

Debochei do comentário:

– Sou a única garçonete americana do pedaço.

Depois dessa, todo mundo deu risada, e eu me dirigi a Toby.

– Já que não tem muito movimento, você quer que eu faça um inventário do estoque ou algo assim? Estou morrendo de tédio.

Fazer o levantamento do estoque ia me ocupar por pelo menos uma hora.

Ele encolheu os ombros, ainda sorrindo, e passou a mão no cabelo castanho-claro, para tirá-lo da testa.

– É, seria bom. Tenho que fazer pedido para a cervejaria amanhã, então vai me poupar tempo. Valeu.

– Sem problemas – respondi, já dando meia-volta e indo para os fundos do bar pegar as planilhas de estoque.

A caminho da despensa, percebi que a escala da próxima semana estava pendurada no mural de avisos. Parei para ver quando iria trabalhar e quando seria a minha folga e franzi a testa ao ver meu nome no turno do sábado. Já tinha falado para Toby que eu não poderia trabalhar naquele dia. Como se estivesse à espreita, Toby atravessou a cortina e pôs a mão na caixa de biscoitos, tirando um pacote sabor queijo e cebola.

– Toby, por que vou trabalhar no próximo sábado? Não posso vir nesse dia, já tenho outros planos – falei, apontando para o meu nome na planilha.

Ele fez careta e chegou atrás de mim, olhando por cima do meu ombro.

– Mude seus planos.

– Não posso – respondi, virando de frente para ele e colocando as mãos nos quadris. – Você precisa mudar a escala e arranjar outra pessoa.

Ele levantou uma das sobrancelhas e deu um sorriso maroto, os olhos brilhando de malícia.

– Arrumo alguém para trabalhar no seu lugar se você transar comigo esta noite.

Fiquei sem ar e franzi ainda mais a testa.

– Isso é assédio sexual.

Ele deu de ombros e deu meia-volta sorrindo.

– Então me denuncia – disse.

– Acho que vou denunciar, sim – gritei, sorrindo para ele e me virando para a tabela de horários. Peguei a minha caneta, risquei meu nome e escrevi o dele, depois fui para a despensa fazer o inventário do estoque.

Quando ouvi tocar o sino que avisa que é hora de pedir a saideira, logo antes das 11 da noite, anotei os últimos números na planilha, da quantidade de sacos de amendoim torrado e salgado, e voltei para o andar de cima.

O bar estava quase vazio, só tinha seis pessoas. Toby já havia recolhido a maioria dos copos e posto no balcão para lavar.

– Tá na hora, senhoras e senhores. Bebam tudo. Vocês não têm casa para ir? – brincou e foi colocando as banquetas em cima das mesas para poder passar aspirador no carpete pela manhã.

Alguns fregueses reclamaram e pediram mais uma, mas as olheiras de cansaço de Toby eram bem visíveis, então não insistiram muito.

Quando os dois últimos fregueses saíram, Toby trancou as pesadas portas, virou-se para mim e perguntou:

– Conseguiu terminar o inventário?

Concordei com a cabeça.

– Ah-hãn. Prontinho.

Ele bocejou, esticando os braços para o alto, e voltou para trás do balcão.

– Valeu.

Abri a lava-louças e coloquei alguns copos lá dentro. Quando fui pegar mais, senti uma mão nos meus quadris. Dei um pulo, assustada, e Toby se grudou em mim, aconchegando seu corpo quente na extensão das minhas costas.

– Então estamos combinados para sábado ou você prefere trabalhar? – sussurrou, e senti seu hálito quente no meu rosto, descendo pelo pescoço. Ele me segurou mais forte, e apertou ainda mais o corpo contra o meu e ficou roçando a virilha no pedacinho de pele que ficou à mostra porque minha blusa tinha subido um pouquinho.

Engoli em seco, e minha pele ficou toda arrepiada.

– Sério, isso é assédio sexual no mais alto grau – respondi, com os músculos todos tensos.

– Ah-hãn – murmurou, já com os lábios encostados no meu pescoço. – Deixa a louça para lá. Eu lavo amanhã.

Resignada, virei de frente para ele. Seus olhos verde-claros brilhavam de desejo, percorrendo meu rosto.

– Acho que preciso *mesmo* de um dia de folga – resmunguei, baixando os olhos para a sua boca, e ele estava lambendo o lábio inferior bem devagar.

Toby deu um passo para trás, estendeu a mão para mim, e um sorriso se esboçou no seu rosto. Pus o último copo no balcão e segurei sua mão, deixei que ele me puxasse pela cortina, pelo corredor, escada acima, para a parte onde ele morava. Sem parar de andar, tirei um sapato e depois o outro, deixei os dois pés onde eles caíram e fiquei observando Toby fazer a mesma coisa.

Quando chegamos no alto da escada, ele não se conteve mais, e sua paixão surgiu com toda a força.

Ele me puxou para perto, me abraçou com força e grudou o quadril no meu. Não parava de passar a mão em mim, foi andando de costas até o quarto e não tirou a boca da minha por mais de um segundo. Minha blusa foi tirada em um instante, e ele começou a abrir minha calça *jeans*. Quando a parte de trás dos meus joelhos encostou na cama, caímos para trás em cima dela, uma maçaroca de braços, pernas e respiração ardente. Dei uma risadinha, e ele caiu em cima de mim, quase me esmagando, mas em seguida se ajeitou e cobriu meu corpo com o seu.

Toby deu um sorrisinho e se afastou de leve, enquanto eu tirava sua camiseta. Seus olhos ardiam de desejo e tesão, e ele foi tirando minha calça devagar, roçando os dedos na parte externa das minhas coxas.

– O que você vai fazer no sábado, posso saber? – sussurrou, abaixando-se e dando beijinhos na base da minha garganta, a sua barba por fazer arranhando minha pele de um jeito delicioso.

Joguei a cabeça para trás, fiquei passando as mãos nas suas costas nuas e apertei seus ombros. Meu corpo tremia de prazer.

– Vou a uma feira de noivas com a sua mãe – respondi, ofegante.

Ele deu risada e se afastou, deu um sorriso amarelo, e dei um também.

– Sério? Por que você deixa minha mãe te arrastar para esse tipo de coisa?

Encolhi os ombros e me sacudi debaixo do seu corpo pesado.

– Ela está tão animada com o casamento... Vivo falando que a gente quer um noivado longo, mas... Você sabe como ela é. Acho que ela tem esperança de que, se eu vir um vestido, um bolo ou um arranjo de balões que me deixe estarecida, vou finalmente escolher a data.

Toby ficou sério por um instante.

– Você sabe o que poderia fazê-la deixar você em paz, não sabe?

– A gente terminar? – sugeri, dando risada, porque ele apertou minha costela, me repreendendo.

– Ou a gente escolher a data...

Dei um suspiro profundo, e meu clima sensual começou a passar.

– A gente pode não tocar nesse assunto agora? Achei que a gente ia mandar ver...

E, para não deixar dúvidas, arranhei de leve suas costas, depois segurei sua bunda e a puxei mais para perto de mim.

Os homens são muito fáceis. É só mencionar sexo, oferecer sexo ou mesmo dar uma indireta de leve sobre sexo que eles viram geleia. Meu noivo não era diferente.

Infelizmente, para mim, toda a distração do sexo acabou antes de eu ter uma chance de me animar. Não que Toby fosse um namorado sem consideração – ele até era incrível quando se dava ao trabalho. Mas ele estava cansado naquela noite, o que significava nada de preliminares, nada de palavras doces nem de ficar um tempinho esquentando antes de chegar ao clímax. Não, ele foi direto ao ponto e logo caiu em cima de mim, satisfeito, com a respiração pesada. É claro que percebi quando ele estava chegando lá e fiz o que a maioria das mulheres faz enquanto transa: fingi um pouquinho para não machucar seu ego. Mas só um pouquinho. Não que eu não gostasse de ter essa intimidade com Toby, só não tive o meu “final feliz” daquela vez.

Ele me deu um beijinho no rosto e rolou de cima de mim com um sorriso satisfeito, e eu dei uma risadinha.

– Bom, por essa valeu mesmo te dar o dia de folga – resmungou, com os olhos já meio fechados. Então me puxou para perto, deixando o braço cansado em cima da minha barriga. – E é só ignorar a minha mãe, vou falar com ela de novo.

Me aninhei nele, repousando a cabeça ao lado do seu pescoço.

– Ok, obrigada – falei.

– Faça qualquer coisa por você – respondeu. Sua respiração começou a ficar mais profunda e ritmada, se preparando para o sono.

– Não se ajeite muito. Preciso levantar para me limpar – falei, me soltando dos seus braços. Toby reclamou, mas me soltou. Dei um sorriso e me abaixei para dar um beijo na ponta do seu nariz.

Ele sorriu, ainda de olhos fechados.

– Vai logo para o banheiro antes que você pingue em tudo. Ninguém gosta de dormir em um lençol molhado.

– Toby! – gritei, dando risada. – Essa não foi a coisa mais romântica que eu ouvi depois de ter transado com alguém.

Ele encolheu os ombros, sem a menor vergonha.

– Ah, qualé, romance de verdade nunca aparece nesses livros safados que você lê – provocou, piscando para mim.

– Evidentemente – respondi, sarcástica, revirando os olhos.

– Não, esses livros só gostam de enganar as mulheres e mostram uma versão pouco realista dos relacionamentos. É uma comparação impossível, e nós homens temos que viver com ela todos os dias. Infelizmente, não temos como corresponder a isso – continuou, sacudindo a cabeça, fingindo tristeza. – Na vida real, um relacionamento íntimo é aquele em que um homem peida, segura a namorada embaixo das cobertas e grita “forno!”. Ninguém escreve sobre isso.

Dei um suspiro indignado, peguei o travesseiro e bati na cara dele.

– Se você fizer isso comigo, juro por Deus...

Apesar das lembranças desagradáveis que vieram à tona quando ouvi o que ele disse, caí na risada. Aquele era o talento do Toby: a habilidade de me fazer rir. Nos conhecíamos há dois anos, e ele me ofereceu um emprego de meio período no bar enquanto eu passeava por Londres. Foi a primeira pessoa que me fez rir de verdade e esquecer, mesmo que apenas por alguns instantes, da dor que me esmagava por dentro. Começamos como amigos, mas, apesar de não planejarmos, nossa ligação foi se transformando em algo mais. Com o tempo, ele me curou, fez eu me abrir e confiar em outra pessoa de novo. Fazia um ano e meio que

estávamos juntos e noivos há seis meses.

Nosso relacionamento era objetivo, descomplicado, baseado no respeito mútuo. Ele não me fazia pegar fogo só com um olhar ardente ou um sorriso, mas me amava, e eu o amava. Toby era um bom homem. Leal, confiável e seguro – tudo o que eu mais queria. Toby jamais partiria o que restou do meu coração, disso eu tinha certeza. Simples assim. Eu o adorava por ter me curado, por ter me feito ver o lado bom da vida de novo. Para mim, isso era tudo.

Ele esticou o braço, segurou meus pulsos e me puxou de leve na sua direção. Levantou a cabeça e deu um beijo nos meus lábios, que ainda davam risada.

– Vá logo se limpar, então – falou, soltando meus pulsos. – Ah, e prende o cabelo, tá? Se a gente vai dormir de conchinha, não quero ficar tossindo bolas de pelo amanhã o dia inteiro.

Então piscou para mim, e levantei da cama. Olhei para trás e sorri, peguei sua camiseta do chão e vesti. Saí do quarto descalça com um sorriso genuíno nos lábios e fui até o banheiro.

Depois de me limpar, tirar a maquiagem e escovar os dentes, saí do banheiro em silêncio. Antes de voltar para o nosso quarto, fiz uma parada rápida no outro quarto, abrindo a porta com o mínimo de barulho possível. Fui pé ante pé até o beliche, depois fiquei na ponta dos pés para ver a cama de cima e sorri.

Estava vazia. Como eu suspeitava.

Eu me abaixei e dei uma olhada na cama de baixo. Enroscados na cama de solteiro, os dois filhos do casamento anterior de Toby dormiam tranquilos, com o livro que estavam lendo aberto, a lanterna ainda ligada, mas com uma luz mais fraca. Sorri de novo e peguei a lanterna – ou “lume”, como falam aqui na Inglaterra –, delisguei e pensei que precisava lembrar de comprar pilhas novas quando fosse dormir lá de novo. Christian e Sam ainda estavam na fase “fofa”: aos 7 e 5 anos, respectivamente, ainda achavam que ler um livro sob a luz de uma lanterna era uma aventura. Eram ótimos meninos.

Dei um beijo na testa de cada um, arrumei suas cobertas e resolvi deixar Christian onde estava em vez de tentar colocá-lo na cama de cima sem acordá-lo. A respiração suave dos meninos me deu vontade de sorrir, saí de fininho e fui para o meu quarto.

– Os meninos estão no quinto sono. Chris foi para a cama de baixo de novo. Eles estão...

Parei de falar quando percebi que Toby estava esparramado, com o braço dobrado debaixo da cabeça e roncando baixinho.

Revirei os olhos e sorri. “Lá se foi a conchinha...”

Peguei um elástico na penteadeira e fiz um rabo de cavalo baixo antes de apagar a luz. Atravessei o quarto no escuro, com as mãos esticadas, tateando em busca da beirada da cama. Deitei e cheguei perto de Toby, me aninhei no seu corpo e pus meu braço sobre seu peito. Dormindo, ele rolou para o lado. Seu braço pesado se enroscou em mim e me abraçou forte. Sorri, feliz, contra o seu peito, e peguei no sono quase que instantaneamente.

No que me pareceram minutos depois, fui brutalmente arrancada do meu sono pelo som estridente de um telefone tocando à minha esquerda. Resmunguei e rolei para o lado, tentando forçar meus olhos ardidos a abrir. Fiquei piscando para conseguir focar os números do despertador.

Toby se sentou.

– Caralho! São quatro da manhã, quem é que está ligando, droga? – resmungou, esticando a mão para pegar o telefone fixo, que continuou seu ataque de romper os tímpanos. – Que foi? – gritou, no fone. Soltei um gemido e fechei os olhos. Toby acendeu o abajur. – Ah, desculpe. Não, ela está aqui. Está tudo bem? Ah, merda. Sim, vou passar para ela. Peraí.

Então tocou no meu ombro, me sacudindo de leve, mas a mudança no seu tom de voz já tinha me deixado bem desperta. Sua voz me deixou com medo de que o pior pudesse ter acontecido, e tive certeza, por algum motivo, que, seja lá qual fosse o assunto daquele telefonema, não eram boas notícias.

– Ellie, é a sua avó. Ela disse que houve um acidente.

CAPÍTULO

3

Ellie

“Houve um acidente.”

“Acidente.” Essa palavra não parava de passar pela minha cabeça enquanto eu pegava o telefone. Ofegante, com o coração apertado. Senti uma pontada no estômago, e minha boca ficou seca na mesma hora em que coloquei o fone perto do ouvido, segurando com tanta força que os nós dos meus dedos doíam.

“Por favor. Por favor, não seja uma notícia ruim.”

Mas eu já sabia que implorar em pensamento era em vão. Ninguém liga às quatro da manhã só para contar que bateu o dedão do pé ou quebrou o braço. Aquilo era ruim mesmo; por algum motivo, eu podia sentir isso nas minhas entranhas.

Olhei para Toby, procurando me tranquilizar, mas a sua expressão me deixou pior. Seu olhar de compaixão e a linha firme dos seus lábios fizeram meu coração disparar. Abri a boca para falar, mas não saiu nada. Toby pôs a mão no meu joelho e apertou de leve. Limpei a garganta, toda sem jeito, e tentei falar de novo.

– Alô? – minha voz era quase um sussurro.

A pessoa do outro lado da linha fungou.

– Ellie, ah, querida...

Apesar de a voz estar rouca e tomada de emoção, eu a reconheci imediatamente: minha avó paterna, vovó Betty.

Meus olhos já estavam pinicando.

– Vó, o que aconteceu? Está tudo bem?

– Não, não... ah, Ellie, nem sei como te contar.

Tentei engolir o caroço na minha garganta, meus pulmões começaram a doer de tanto segurar a respiração, de tentar me proteger contra o que ela tinha a dizer. Minha imaginação estava enlouquecida, eu estava entrando em pânico, tentando imaginar que tipo de acidente tinha acontecido, quem tinha se machucado, qual era a gravidade.

– Vó, por favor. O que foi?! – implorei, deixando o desespero transparecer na minha voz.

– Foi um acidente de carro. Seus pais...

Fiquei sem ar.

– Ai, meu Deus. Eles estão bem?

Cerrei o punho da minha mão livre e a apertei contra o peito, para tentar desacelerar meu coração palpitante. Podia sentir Toby olhando para mim, tentando entender o que estava acontecendo, ainda segurando firme o meu joelho.

– Sua mãe está gravemente ferida, Ellie. Ela tem fraturas no crânio e hemorragia interna, e algo que se

chama hematoma subdural. Os médicos estão operando para ver se conseguem reverter parte dos danos.

Soltei um gemido cheio de dor. Engoli em seco, e meus olhos se fecharam.

– Operando? – a palavra parecia ácido em contato com a minha língua e queimou minha garganta ao sair da minha boca. – Mas ela vai ficar bem, né?

Correi os dentes, na esperança de ouvir palavras tranquilizadoras, palavras que acalmariam aquela tempestade de emoções que se agigantava em um ritmo alarmante. O pânico estava tomando conta de mim, e minhas mãos começaram a tremer.

– Não temos como saber até ela sair da cirurgia. Estão fazendo tudo o que podem por ela, mas ela está em péssimo estado.

A resposta de vovó não trouxe a tranquilidade que eu esperava.

– Eu... eu... – parecia que meu cérebro não estava funcionando. Meu coração doía. A dor que eu sentia no peito era esmagadora. Minha mãe estava fazendo uma cirurgia; estava lutando pela vida com fraturas no crânio. Meus lábios começaram a tremer, e meus olhos pinicavam, cheios de lágrimas. Não podia perder minha mãe. Simplesmente não podia.

– Vó, ela vai... – Parei de falar bruscamente, sem conseguir dizer a última palavra. Era definitivo demais. Não consegui aguentar. Minha voz nem parecia minha, as palavras mal eram inteligíveis, mas, de algum modo, ela entendeu o que eu estava perguntando.

– Eu não sei, querida.

Sem dourar a pílula, só uma sinceridade brutal que pareceu um chute no estômago.

Desejei, com cada célula do meu corpo, estar lá no hospital, esperando minha mãe sair da cirurgia. Meu pai e minha irmã iam precisar de mim; deveríamos estar juntos, apoiando uns aos outros. O fato de eu não estar lá quando precisavam de mim fez uma culpa extraordinária se misturar à dor que eu sentia.

– E como papai e Kels estão? – balbuciei.

– Kelsey está bem. Ela estava na minha casa quando o acidente aconteceu, ia passar o fim de semana comigo. Seus pais tinham acabado de deixá-la e estavam voltando para casa quando... – Vovó parou de falar e limpou a garganta, depois fungou alto. – Ela está aqui no hospital comigo, só dei uma saidinha para ligar para você.

Balancei a cabeça, mais do que aliviada pelo fato de Kelsey não estar no carro naquele momento.

– Ok. Onde está papai, por que não foi ele que me ligou?

E minhas palavras só receberam silêncio como resposta. Que continuou a ponto de ficar constrangedor. Senti um horror iminente na boca do estômago, mas não sabia direito o porquê.

– Vó?

– Ah, Ellie. Sinto muito por ter que te dizer isso... Seu pai, ele não sobreviveu. – E, ao dizer essas palavras, sua voz falhou, e meu coração se partiu, esfaqueou-se como vidro, em mil pedaços. – Ele se foi.

“Se foi.”

Quando recebi a notícia do estado de minha mãe, achei que era o pior que podia acontecer. Não chegou nem perto.

“Se foi.”

As palavras eram como uma dor física, uma faca no meu estômago, girando, apertando, me matando aos poucos. Meus pulmões se fecharam, ficou difícil respirar. Meu pai, o primeiro amor da minha vida, o homem que eu admirava tanto, o homem que era o meu modelo de homem, tinha morrido. Tudo em mim doía, eu estava apertada por dentro, meu coração batia alto nos meus ouvidos.

“Pai. Se foi.”

Um gemido involuntário e gutural escapou dos meus lábios. Pisquei, e minha visão foi ficando borrada porque as lágrimas foram descendo, silenciosas, pelo meu rosto. Meu lábio inferior tremia, e me esforcei para

dizer alguma coisa. Mas o que eu podia dizer? Minha mãe estava lutando pela sua vida, e o homem que me criou, que me deu tudo, que me incentivou a ser a mulher que eu era, a quem eu sempre recorria quando precisava de ajuda, meu porto seguro... “se foi”. Não havia palavras que pudessem expressar isso.

Imaginei o sorriso do meu pai, o brilho malicioso dos seus olhos castanhos, a piscadinha conspiradora que ele me dava quando a gente se juntava contra minha mãe. Lembrei dos abraços, de como seus braços grandes se enrolavam no meu corpo, me fazendo sentir uma anã, tão pequena... Lembranças, todas boas, me acertaram em cheio. Natais, aniversários, panquecas, as piadas terríveis dele, seu amor por chocolate branco, sua risada...

Era demais. Não consegui aguentar.

– Ellie? – disse Toby, chegando mais perto de mim, fazendo carinho na minha perna. – Querida, o que foi? Parecia que o som da sua voz estava a um milhão de quilômetros de distância, um som abafado.

Sacudi a cabeça, tentando, sem sucesso, me livrar da névoa que tomava conta de mim.

“Se foi.”

Eu estava perdendo a cabeça. Senti tudo fugir do controle, ficar esmaecido. A dor estava me consumindo, me arrastando, me afogando.

O fone escorregou da minha mão suada e caiu no chão, fazendo barulho. Meus olhos o seguiram, sem entender, sem compreender nada que acontecia à minha volta. Lembranças, dor, culpa, horror, tristeza – tudo isso girava na minha cabeça, de um modo vertiginoso, se emaranhando, sem fazer nenhum sentido. Minha visão ficou borrada à medida que as lágrimas continuavam a fluir torrencialmente, escorrendo pelo meu rosto e pelo meu pescoço, encharcando a gola da camiseta de Toby que eu estava usando.

E então vi Toby ajoelhado na minha frente, me abraçando, me puxando e me apertando contra o seu corpo enquanto eu soluçava, de coração partido.

– Meu pai, ele... – apertei o rosto contra o seu pescoço e chorei ainda mais. – E a minha mãe está em cirurgia, e eu não estou lá. Não estou lá! – lamentei, perdendo o que restava do meu controle.

– Sinto muito. Sinto muito mesmo – Toby sussurrou, se afastando, espremendo os olhos de compaixão, o rosto contorcido de dor também, sofrendo comigo por pessoas que nem chegou a conhecer.

– Preciso ir – choraminguei, colocando os braços entre nós dois, empurrando Toby para longe de mim. – Preciso estar lá. Tem tanta coisa para fazer. Preciso pegar um avião e fazer as malas, preciso... preciso...

Fiquei de pé, mas estava com as pernas tão fracas que perdi o equilíbrio, e Toby me abraçou de novo, para eu me equilibrar.

Seu olhar, brilhando de preocupação, encontrou o meu.

– Você precisa respirar, Ellie. Shhhh, só respira e se acalma, amor. – Então baixou a cabeça e me deu um beijo na testa. – Só respira.

Fechei os olhos e me atirei contra ele. Fraca, deixei que me abraçasse até conseguir recuperar o controle.

CAPÍTULO

4

Jamie

O cabelo ruivo da garota se espalhava ao redor do seu rosto, e ela olhava para mim, com o rosto virado para trás. Quando aqueles olhos azuis acinzentados tão peculiares encontravam os meus, tinham uma intensidade tão grande que eu quase ficava sem ar. Ela deu um sorriso brincalhão, e um sorriso inconsciente se esboçou nos meus lábios também. As sardas sutis das suas bochechas dançavam enquanto ela ria baixinho, chegando mais perto de mim.

– Pirralho.

Sua voz era música para os meus ouvidos, tão bonita que meu coração doía.

– Pirralho? – repetiu, colocando a mão fina no meu ombro e apertando de leve.

Devagar, uma careta foi substituindo meu sorriso, à medida que fui me dando conta da palavra que tinha escolhido. Ela nunca me chamava assim.

A pressão no meu ombro se intensificou, até me sacudiu um pouco, o que me fez despertar e, de repente, percebi que eu estava sonhando. Ela não estava lá. Fechei os olhos com força e tentei me agarrar ao sonho, me agarrar a ela, mas foi em vão. O sonho estava passando aos poucos, desaparecendo, sumindo em uma nuvem de confusão. Eu estava começando a perceber os sons à minha volta: o tilintar do vidro, papel sendo amassado e um ritmo regular de música ao longe.

Gemi alto, me sacudindo para me livrar da mão que me acordou. Meu rosto roçou contra algo duro e implacável. Foi quando me dei conta da dor de cabeça que se intensificava ao menor movimento.

– Ah, ele está vivo – disse uma voz sarcástica atrás de mim. Sem precisar olhar, já sabia que era Raposa, um dos meus melhores amigos e meu braço direito.

Fiz careta, levantando a mão lentamente, piscando devagar os olhos, que pinicavam. Levantei a mão e tirei com um tapa um post-it que estava grudado na minha bochecha e me encolhi todo quando me mexi, porque todos os meus músculos estavam rígidos.

– Vá se foder, Raposa – resmunguei.

O cheiro pungente de álcool era inconfundível. Meu escritório foi ganhando foco aos poucos, e gemi de novo quando vi a cena. Parecia uma fraternidade depois de uma longa festa que durou o fim de semana inteiro e saiu do controle.

Os movimentos me causaram uma ânsia de vômito desagradável que subia pela minha garganta. Engoli, virei para Raposa e espremi meus olhos, porque me pareceu que isso diminuía minimamente minha dor de cabeça. O cara não me pareceu muito feliz ao se abaixar e recolher do chão uma garrafa de conhaque bom pela metade, que eu reservava para clientes importantes. Franzindo a testa em reprovação, pôs a tampa de volta na garrafa e foi até o armário onde eu costumava guardá-la.

– Parece que saquearam este lugar – murmurou. – E você está com cara de morto – completou, olhando feio para o aparador atravancado. Em seguida, pegou uma lata de lixo e recolheu cinco ou seis garrafas vazias de cerveja. O tilintar das garrafas causou uma dor lancinante que atravessou minha cabeça. Apertei as mãos contra as têmporas e fechei os olhos, me segurando para não vomitar.

“Estou me sentindo morto.”

– Valeu.

– Que droga é esta?

O tom de voz de Raposa era seco, e ele apontou, com o gargalo de uma das garrafas, para a mesa onde improvisei a cama onde dormi naquela noite.

Olhei para baixo e vi um pó branco suspeito espalhado na mesa. Parecia que minha língua não cabia dentro da boca quando lambi meus dentes, que pareciam peludos, e me encolhi quando senti o gosto de álcool passado. Sacudi a cabeça para clarear as ideias. Será que aquela névoa que embaçava minha visão era efeito de drogas? Talvez. Eu não sabia.

Franzi a testa, tentando lembrar da noite anterior. E aí a ficha caiu. Eu me meti em uma luta. Enchi a cara aqui, depois fui para o clube da luta, e Ray fora me buscar e me levou para casa. Mas, como não conseguia dormir, peguei um táxi e fui para o escritório, na esperança de encontrar mais bebida. A julgar pelas garrafas espalhadas pelo chão, eu realmente tinha encontrado.

Raposa soltou um suspiro profundo, sacudiu a cabeça e recolheu mais uma garrafa, em silêncio. Depois a jogou com cuidado no lixo que, àquela altura, já estava cheio. Todo desajeitado, estiquei a mão na direção dos grânulos brancos, peguei alguns com a ponta do dedo e pus na boca. O gosto me causou ânsia, mas consegui segurar, com um esforço extraordinário.

– É sal – resmunguei. – Devo ter bebido tequila.

Fiquei muito aliviado de descobrir que não era cocaína. Fui para trás na cadeira de rodinhas e estiquei as pernas. Meu corpo inteiro doía.

A tensão nos ombros de Raposa diminuiu quando ele ouviu essas palavras.

– Que bom, porque a polícia vem aqui hoje. Você estava sabendo, Pirralho.

Balancei a cabeça. Eu sabia que eles viriam, graças à gentileza de um inspetor que eu mantinha na minha folha de pagamento há um ano e meio. Não que eu precisasse desse toque. A boate era um dos meus poucos negócios “dentro da lei”. Eles não encontrariam nada aqui que causasse suspeita ou pudesse me ligar aos meus outros empreendimentos menos legais, mas o aviso foi bem-vindo.

Nem sempre foi assim. Nem sempre *fui* assim. Houve uma época em que fiz de tudo para não acabar desse jeito: um traficante escroto, ladrão de carros, sujo e desprezível, que só se importa com o que a próxima oportunidade pode lhe trazer. Naquela época, quando eu era Jamie Cole, uma pessoa que tentava ser alguém na vida, eu jamais teria ficado bêbado como um gambá a ponto de destruir meu escritório e cair no sono sem saber se o que estava espalhado na minha mesa era sal ou droga. Naquela época, eu tinha esperanças. Agora, nem tanto.

Eu quase consegui largar essa vida. Há três anos, fiquei a poucas horas de deixar meu passado para trás e pegar um voo para o paraíso com a mulher dos meus sonhos. Mas uma noite mudou tudo. Uma noite destruiu meu mundo. Ah, como minha vida poderia ser diferente...

Uma noite antes de eu e Ellie, minha namorada, abrímos mão de tudo e darmos a volta ao mundo juntos, eu tinha um último trabalho a fazer para meu antigo chefe, Brett Reyes. Só mais um trabalho, e eu cairia fora para sempre. Parecia tão simples. Mas não foi. Deu tudo errado a poucas horas de eu ir buscar Ellie e irmos para o aeroporto. A polícia invadiu o ponto de encontro, houve um tiroteio, e todos os porras da organização de Brett e do rival, Lazlo, que íamos encontrar morreram ou foram presos.

Por algum motivo, infelizmente para mim, fui preso e não morto. Por várias razões, teria sido melhor eu

não ter sobrevivido. Pelo menos eu não precisaria ter ligado para Ellie e esfaqueado seus sonhos. Minha morte teria me poupado da agonia lancinante de ter que mentir para ela e partir seu coração para que não ficasse sabendo que seu namorado tinha ido parar na prisão como bom escroto que era. Ellie merecia algo melhor do que ser namorada de um criminoso, de ter que o visitar na prisão a cada duas semanas e carregar esse estigma enquanto esperava que eu fosse solto. Então fiz o que me parecia correto. Deixei-a livre.

Perder a única coisa com a qual você de fato se importa muda a pessoa irremediavelmente.

Graças a Arthur Barrington, meu advogado, em vez de passar o que resta da minha juventude atrás das grades, fiquei preso por menos de um ano e meio.

Fiquei estupefato quando descobri que Brett Reyes, que não tinha filhos, tinha me nomeado seu único herdeiro, o que me tornava diretor e CEO de três empresas que, juntas, formavam um negócio de milhões de dólares. A boate em cujo escritório eu estava enfrentando a ressaca naquele momento, a empresa de segurança que eu dirigia antes de ir para a prisão e sua empresa de transportes foram deixadas para mim, cumprindo seus desejos.

Eu poderia ter me endireitado e gerenciado essas empresas dando o máximo de mim e ter realmente me tornando alguém na vida. Mas, depois de perder Ellie, não tinha nenhum motivo para ser “bom”. Então, quando um dos antigos contatos de Brett me procurou, falando de uma oportunidade, eu a segurei com as duas mãos e não pensei duas vezes. Eu era muito melhor sendo mau e, de todo modo, era o que todo mundo esperava de mim, então por que não me entregar ao lado negro? Assim, no último ano e meio, desde que saí da prisão, mergulhei na vida da qual, antigamente, eu me esforçava tanto para sair, e com louvor. “Ou tudo ou nada.” Esse era o meu lema. E eu, definitivamente, queria tudo.

– Que horas são? – resmunguei, ficando de pé. Tive que me segurar na cadeira, porque tudo ficou bambo. Definitivamente, eu tinha bebido demais na noite anterior.

Raposa olhou para o relógio e respondeu:

– Passa das dez.

Pisquei algumas vezes e balancei a cabeça, tentando clarear as ideias. Nosso informante disse que a polícia ia aparecer lá pela hora do almoço, ou seja, eu tinha umas duas horas para dar um jeito no meu escritório, para que não parecesse que tinha sido atingido por um furacão durante minha bebedeira da noite anterior.

Raposa pôs a lata de lixo no chão e se virou de frente para mim, com a preocupação estampada no olhar.

– Ray me contou o lance dos pais de Ellie. Você quer conversar?

Franzi a testa e sacudi a cabeça com veemência.

– Não.

Ele se encolheu de leve, mas acabou balançando a cabeça.

– Se você mudar de ideia, sabe que estou aqui.

Não me dei ao trabalho de responder. Já não queria falar do assunto antes, por que ia querer naquele momento? Peguei meu celular da mesa e limpei o sal da tela.

Vi que tinha quatro chamadas não atendidas e uma mensagem de voz, todas de Ed. Bati no botão da caixa postal, esfreguei a testa e fiquei esperando a mensagem começar a tocar.

– Pirralho, consegui as informações que você me pediu. Me liga.

Franzi a testa. Informações que eu pedi? Meu cérebro girava, tentando ligar os pontos. Não lembrava de ter pedido nada para ele. A menos que eu tivesse feito isso na noite anterior, no meio da bebedeira. Ed era o cara a quem eu recorria para fazer as coisas que não tinha tempo de fazer. Fazia sentido eu ter pedido algo para ele, mas eu não tinha a menor ideia do que era.

Quando Raposa saiu da minha sala, levando consigo a lata de lixo cheia, liguei para Ed, que atendeu a chamada no segundo toque.

– Oi, Pirralho. Finalmente você recebeu minha mensagem.

– É. O que é que está pegando? De que informações você está falando?

– Você me ligou ontem, tarde da noite, e me pediu para investigar aquela menina, aquela, que os pais morreram. Não lembra?

Soltei um gemido. Então, naquele estado de bebedeira, eu liguei para o cara e pedi para ele ficar perseguindo Ellie. Perfeito.

– É, lembro, sim – menti.

– Certo. Você queria saber se ela vai voltar. Pedi para um dos nossos em Londres ficar de olho nela. Ela foi para o aeroporto de manhã. O cara a viu fazer *check-in* no voo das 9 da manhã para Nova York. De acordo com o número do voo que ele me passou, a menina deve chegar no aeroporto JFK dentro de duas horas.

Senti um aperto no peito. Eu esperava que Ellie voltasse para os Estados Unidos, mas não tão cedo. Mas teria tempo de me preparar.

– Que horas o voo dela chega? – balbuciei.

– Meio dia e vinte e cinco.

Balancei a cabeça, e a dor aumentou.

– Ok. Valeu.

– Pirralho, só mais uma coisinha – disse Ed, bem quando eu ia desligar. – Ela embarcou sozinha. O noivo foi para o aeroporto com ela, mas Ellie subiu no avião sozinha.

Sozinha? Ela estava sozinha, porra? Toby tinha deixado Ellie pegar o avião, de luto e sensível, sozinha? Filho da puta! Cerrei os dentes, e a raiva ferveu dentro de mim. Desliguei o telefone e sacudi a cabeça, tentando me livrar dos meus pensamentos assassinos. Como é que o cara deixa ela viajar sozinha? Ellie tinha acabado de perder o pai, a mãe estava em estado grave – o cara deveria estar ao lado dela o tempo todo, secando suas lágrimas, dando apoio. Que filho da puta do caralho!

Nunca fui muito com a cara de Toby Wallis – ele estava com a minha mulher, afinal de contas –, mas o respeitava porque ele a amava; fez Ellie sorrir de novo, dava tudo o que ela precisava. Isso foi fácil de descobrir quando saí da prisão. A vigilância disfarçada, na pessoa da cunhada de Ray, parou quando as meninas se separaram. Ellie resolveu não voltar com Natalie depois de as duas passarem um ano viajando juntas, mas eu tomei outras providências. Contratei um detetive particular para ficar de olho nela e me mandar notícias periodicamente.

Quando saí da prisão, o detetive tinha me dado evidências de que Ellie estava feliz, de que ela tinha mesmo me deixado para trás e de que o tal Toby Ladrão de Namoradas Wallis era bom para ela. Puxou a ficha do cara, o que revelou que ele era um homem decente, sem antecedentes criminais, um divorciado de 33 anos, com dois filhos e trabalhador. Toby foi o único motivo pelo qual não peguei o primeiro voo para me encontrar com Ellie, confessar tudo e implorar seu perdão. E agora a porra do safado deixava ela viajar sozinha? Talvez não fosse um cara tão decente quanto eu imaginava.

Duas horas depois, eu estava no terminal de desembarques internacionais do aeroporto JFK. Não consegui me controlar. Raposa podia lidar com a batida da polícia sozinho. Não sabia direito qual era meu plano. Só queria ver Ellie, abraçá-la, levá-la em segurança para onde quer que ela quisesse ir – provavelmente, para o hospital, que é onde o resto da sua família deveria estar.

Fiquei em um canto, longe da multidão, encostado na parede de um Starbucks, observando, esperando, com as mãos fisingando de animação e terror.

O voo de Ellie chegou na hora, e naquele momento ela deveria estar a caminho da alfândega ou da esteira de bagagens.

Quando começou um burburinho, um movimento coletivo de parentes e amigos que estavam à espera, me endireitei, segurei a respiração e olhei, ansioso, na mesma direção para a qual eles estavam sorrindo.

Grupinhos de pessoas saíam, empurrando os carrinhos de bagagem, sorrindo, abanando, dando gritinhos felizes ao ver seus amigos e familiares.

Esperei, com o coração saindo pela boca, e, então, lá estava ela.

O ar saiu dos meus pulmões em um fôlego só ao vê-la arrastando a mala.

Ellie não estava sorrindo. Na verdade, seus lábios estavam apertados, formando uma linha reta, enquanto ela olhava em volta. Ela parou mais para o lado e ficou digitando no celular. Seu cabelo acobreado estava bagunçado em volta do seu rosto. Estava mais curto do que a última vez em que a vi, cortado na altura do ombro. Passei os olhos devagar sobre ela com uma dor conhecida, e a saudade tomou conta de mim. Ela tinha engordado um pouco desde a última vez que a vi, os quadris e as pernas estavam mais largos, as bochechas, mais cheinhas, a barriga não era mais seca como quando ela era líder de torcida, mas essas mudanças lhe caíram muito bem. Estava tão linda quanto na primeira vez que a vi e ainda me deixava sem fôlego.

Quando olhou para cima e percorreu o lugar com os olhos, à procura de algo ou alguém, notei suas olheiras e senti uma dor no peito. Ela parecia exausta, tanto física quanto emocionalmente.

Queria, com todas as minhas forças, ir até ela, vencer a distância que nos separava e tomá-la em meus braços. Precisava consolá-la, beijar seu cabelo, acariciar suas costas e falar que tudo ia ficar bem, que eu estava lá para apoiá-la e que jamais a deixaria de novo. Mas minhas pernas simplesmente não se mexiam. Fiquei paralisado, fora do alcance da vista das pessoas que se reuniam, imaginando o que ela faria se me visse. Será que seria melhor ou pior? Se eu fosse até ela, todo machucado, fedendo ao álcool que tomei na noite anterior, com o sangue seco do meu oponente nos tênis, o que Ellie faria? Tinha ido até ali para vê-la, para ajudá-la, mas, agora que estava ali, de algum modo sabia que ia piorar as coisas se aparecesse na sua frente. Ela já tinha que lidar com tanta coisa, que ser confrontada com o cara que partiu seu coração provavelmente não ajudaria em nada.

Enquanto eu ainda tentava decidir o que fazer, um borrão loiro atravessou a multidão. Ellie repuxou os olhos, seus lábios se entreabriram, depois deram um sorriso sutil e triste, e a menina loira se atirou nela a toda velocidade.

Soltei um suspiro, e minha esperança de ter qualquer tipo de reconciliação com Ellie foi desaparecendo à medida que Stacey fazia carinho no cabelo da amiga, exatamente como eu queria fazer, e a consolava com um abraço. Nunca tinha tido tanta inveja de uma menina até esse momento.

Virei, fiz careta para o chão e saí de fininho do aeroporto, voltando para o meu carro antes que alguém pudesse me ver.

CAPÍTULO

5

Ellie

A área de devolução de bagagem do aeroporto JFK parecia uma colmeia em plena atividade. As pessoas zumbiam à minha volta, empurrando seus carrinhos, falando qual era o melhor lugar para ficar esperando e pegar rápido sua mala na esteira. Conversavam animadas sobre seus planos para as férias, onde deveriam ir para pegar o *transfer*; davam risada, sorriam, se comportavam normalmente. E eu estava anestesiada em relação a tudo aquilo, pensando como aquelas pessoas podiam não saber que eu estava gritando por dentro, aos pedaços, sofrendo tanto que parecia que tinham feito um buraco no meu peito. Com certeza isso devia estar estampado na minha cara com a mesma clareza que estava no meu coração.

Eu me movimenteí devagar no meio da multidão, olhando para o celular a cada poucos segundos. Desliguei o modo avião assim que saí dele, mas o aparelho estava demorando a encontrar o sinal – estava muito acostumado às redes britânicas nos últimos dois anos. E ainda procurava o sinal quando cheguei à esteira de bagagem designada para o meu voo.

Depois de um ou dois minutos, a típica família inglesa que sentou atrás de mim durante as oito horas de voo ficou espremida do meu lado. A filhinha, que não devia ter mais do que 6 anos, choramingava, dizendo que estava cansada, entediada, não parava de perguntar quanto tempo faltava para as férias começarem. Sua voz, que ficava mais alta a cada instante que passava, fazia minha cabeça latejar.

No avião, ela estava animada, ficou tagarelando sobre o que queria fazer em Nova York, especulando sobre o hotel, se a piscina seria aquecida. Ficou sentadinha por horas e horas, assistindo filmes, dando risada. Mas agora parecia que sua paciência tinha chegado ao fim e ela queria sair do aeroporto imediatamente.

Olhei para ela, sem enxergá-la. Não conseguia ver nada direito desde que recebi aquela ligação, 14 horas antes, a ligação que destruiu minha vida e me jogou em um redemoinho de dor, perda e culpa. Eu estava funcionando no piloto automático, como um robô: mostrar passaporte, pegar cartão de embarque, sentar no avião, sair, mostrar passaporte, pegar mala. Ainda estava nessa parte.

– Desculpa, ela está um pouco excitada. E não consegui dormir direito no avião, foi um dia longo.

Tirei os olhos devagar da menina, que estava sendo distraída pela mãe com um saco de balas, e cruzei o olhar com o do pai dela, que dava um sorriso constrangido. Graham era seu nome, eu tinha ouvido no avião.

Não consegui dar um sorriso, mas tentei.

– Tudo bem, imagina – resmunguei e fiquei observando a menina segurar a mão do pai. Senti um aperto no peito quando vi esse gesto singelo, de ligação entre pai e filha. Algo que eu nunca mais terei. Olhei para o outro lado – para longe daquela família fofa de três pessoas, do pai e da filha –, porque lembranças de viagens, voos e mãos dadas vieram à tona. Ver aquilo doía, e tive vontade de me virar para o cara e dizer para ele não fazer pouco caso daquilo, para valorizar cada instante porque nunca se sabe quando isso pode ser arrancado

de você.

Só que não fiz isso. Segurei a língua e me distraí batendo na tela do celular, querendo que tivesse sinal para ver se minha avó tinha mandado alguma notícia. Antes de eu embarcar, em Londres, o estado de minha mãe era estável. Ela tinha saído da cirurgia sem maiores complicações e estava em recuperação. E aí tive que deixar o celular em modo avião e não tive mais notícias. Poderia ter acontecido muita coisa naquelas oito horas extremamente longas. Só pude rezar para ela continuar viva, continuar lutando, porque não sabia se aguentaria perder os dois.

Assim que as malas começaram a aparecer na esteira, ouvi o canto do tordo do filme *Jogos vorazes*, que avisa a chegada de novas mensagens no meu celular – o qual, finalmente, estava com sinal. Algumas mensagens chegaram juntas, e segurei a respiração ao desbloquear a tela, digitando a senha.

Duas mensagens: uma de Stacey, minha melhor amiga, e outra de Toby. Soltei um suspiro, muito aliviada de não ter nenhuma mensagem de vovó. Más notícias chegam rápido, não é isso que dizem? O fato de não ter nenhuma mensagem significava que minha mãe ainda estava viva, se recuperando da cirurgia. Pelo menos, essa era a minha esperança.

Li primeiro a mensagem de Stacey.

Estou chegando. Atrasada como sempre. Presa no trânsito. Chego em poucos minutos. Bjs

Dei um sorriso ao lembrar do seu traço de personalidade que eu menos gostava: a inabilidade de chegar no horário a qualquer lugar. De um jeito estranho, até disso eu sentia falta. Tinha ligado para minha amiga antes de embarcar, para perguntar se ela podia me buscar no aeroporto. Sabia que precisava ver um rosto amigo depois de enfrentar horas de voo sozinha. Stacey concordou na mesma hora, e eu sabia que ela faria isso. Mal podia esperar para vê-la; fazia tempo demais que não nos víamos.

Não me dei ao trabalho de responder. Ela estava dirigindo e, de todo jeito, chegaria logo. Depois li a mensagem de Toby.

Eu te amo. Manda msg quando chegar e ligue quando puder. Bjs

Fiquei com um caroço na garganta ao ler a mensagem curta, mas carinhosa. Toby estava sendo incrível desde que eu recebera a notícia. Ele assumiu o controle de tudo, me consolou, me acalmou e até me fez um chá para ver se meu choque passava – a resposta britânica para todos os problemas. Ele ligou para a vovó, para saber todos os detalhes do que tinha acontecido, o que eu ainda não tinha forças para dizer com todas as letras. Depois reservou passagem no primeiro voo para Nova York e até fez minha mala. Não sei o que eu teria feito sem ele.

Só que, infelizmente, não pôde vir comigo. Pelo menos, não na mesma hora. Estava com os filhos em casa, e a ex-mulher estava de férias, então não podia levá-los de volta. Além disso, tinha que cuidar do *pub* e precisaria de uns dois dias para se organizar, mesmo que os filhos não estivessem com ele. Tentou me convencer a esperar alguns dias para viajar, para eu não ter que ir sozinha, mas não consegui esperar. Precisava chegar logo. Precisava ver minha irmã, abraçá-la, chorar com ela e dizer que tudo ia ficar bem.

Ao ler sua mensagem de novo, uma onda de solidão tomou conta de mim, senti um aperto no estômago, e minha pele ficou toda arrepiada, apesar de não fazer muito frio no terminal. Respirei fundo, abracei meu próprio corpo bem apertado e fiquei observando as malas passarem por mim, mas nenhuma era a minha.

Quando minha mala finalmente chegou, a levantei com dificuldade, o peso e o movimento que fiz me pegaram de surpresa, e Graham, o pai da família que estava ao meu lado, teve que pegá-la, tirá-la da esteira e a pôr no chão para mim.

– Obrigada – resmunguei, ainda lutando contra a solidão.

A mãe da menininha franziu a testa, espremeu os olhos, preocupada, e pôs a mão no meu cotovelo.

– Você está bem, querida? Está meio pálida. Está se sentindo bem?

Tentei dar um sorriso, mas minha boca não cooperou. Em vez disso, balancei de leve a cabeça.

– Estou bem, só estou cansada – menti. – Boas férias.

Sem dizer mais nem uma palavra, virei e fui atrás do monte de gente que já estava com suas malas, na direção da saída com a placa NADA A DECLARAR e, finalmente, cheguei à área de desembarque.

Depois de olhar rapidamente em volta para as pessoas que se espremiavam ali, segurando placas com nomes ou flores, e para uma senhora com um cartaz de SEJA BEM-VINDO, vi que Stacey não estava ali, então me afastei, encostei na parede e mandei uma resposta rápida para Toby, dizendo que tinha chegado bem e ligava mais tarde.

Tentei olhar para baixo, focar no chão, porque não queria ver os abraços e os beijos que sempre acompanham os gritinhos de felicidade que as pessoas dão quando encontram familiares e entes queridos. Mas perdi essa batalha e olhei em volta, fiquei observando as pessoas se encontrarem, sorrirem, darem risada, se abraçarem. Senti uma pontada de inveja quando vi um cara de terno sair e ir direto até a senhora que segurava o cartaz de SEJA BEM-VINDO, e que o esperava de braços abertos. A família que estava sentada atrás de mim também saiu, a menininha estava mais contente, sentada em cima da bagagem enquanto seu pai empurrava o carrinho. Cerrei os dentes, olhei em volta de novo, na esperança de que Stacey tivesse aparecido nos últimos instantes. Não queria mais ficar ali parada. Minhas preces foram atendidas, e ela passou correndo pela porta, desviando das pessoas com seu corpo esbelto e atlético e resmungando “desculpa”.

Um pouco da tensão que eu sentia passou ao ver aquela bela cena, e, pela primeira vez desde que eu tinha acordado às quatro da manhã com o som do telefone, senti os cantos dos meus lábios se levantarem em um sorriso. Andei um pouco, arrastando a mala, e Stacey bateu em mim com tanta força que quase derrubou nós duas. O ar saiu dos meus pulmões em um fôlego só quando ela me abraçou, acariciando minhas costas e me apertando com força. Quando o seu calor tomou conta de mim, senti que a barreira emocional que eu tinha construído no avião começava a rachar e a ruir. Fechei os olhos, lutando para conseguir recuperar a compostura e não cair no choro. Não poderia me dar ao luxo de perder o controle de novo. Toby não estava ali para cuidar de mim. Eu *precisava* ser forte. Era eu que precisava cuidar das outras pessoas; era eu que teria que consolar e ser uma torre de força para a minha irmã de 13 anos. Ela merecia que eu estivesse ali e fosse forte por ela. Não podia me apresentar em um estado de histeria e choro.

Eu me afastei e olhei nos olhos vermelhos de Stacey.

– Oi – resmunguei.

– Oi – ela gritou, me dando mais um abraço de quebrar os ossos. – Ah, Ellie, sinto muito. Não sei o que posso fazer, mas se eu puder fazer qualquer coisa, *qualquer coisa*...

Ela não precisava terminar a frase. Eu sabia o que ela tinha a dizer. Balancei a cabeça e mordi minha própria bochecha para que a dor mantivesse minha cabeça no lugar. Ninguém prestou atenção na gente, as pessoas desviavam, sem ter ideia da dor que nos ligava.

Stacey se afastou de novo, fungando e tirando um lenço de papel do bolso, depois limpou os olhos com ele. Fiquei olhando para ela; parecia a mesma de três anos atrás: alta, magra, de uma beleza natural, mesmo com aquele coque bagunçado e de olhos vermelhos.

Seu sorriso, carinhoso e reconfortante, acabou fazendo com que eu respirasse um pouco mais calma.

– Anda, vou levar você para casa.

Sacudi a cabeça, rejeitando a proposta.

– Quero ir direto para o hospital.

Stacey me deu o braço e foi me levando em direção à saída.

– Agora não é horário de visita, e não vão deixar você entrar. Sua avó disse para te levar para casa

primeiro, depois você pode ir para o hospital.

– Ah...

Fechei o casaco ainda mais perto do corpo, para me proteger do ar frio, e deixei Stacey ir me puxando. Ela parou para pagar o estacionamento antes de me levar até seu carro – um Mercedes Classe S novinho em folha, versão conversível. Arregalei os olhos, surpresa, e ela apertou um botão que abriu o porta-malas.

Peguei minha mala, tentei enfiar no espaço pequeno, dando graças a Deus por ter trazido uma mala média, em vez de tentar trazer tudo o que eu tenho em uma mala grande: não teria como caber ali.

– Que carro legal – brinquei, quando entramos. – Por acaso a senhorita andou recebendo uma herança enquanto estive fora? – debochei, me remexendo no fino assento de couro e ligando o ar quente, porque o clima do mês de março era ainda mais frio do que eu estava acostumada em Londres.

– Não é meu. É do meu chefe, Owen – Stacey respondeu, apertando um botão para ligar o carro.

– E seu chefe não liga de você pegar o carro dele? – perguntei, para continuar o assunto e não haver silêncio. Quando ficava em silêncio, minha cabeça girava, minha dor aumentava e ficava grande demais.

Ela encolheu os ombros, sorriu para mim, saiu da vaga e foi indo em direção à saída.

– Owen gosta de me ver feliz porque sabe que, se eu estiver feliz, vou fazê-lo feliz. Se é que você me entende...

E interrompeu a frase, de modo sugestivo, deixando o final no ar.

E, de repente, me caiu a ficha.

– Você está transando com seu chefe? – perguntei, um pouco chocada por ela não ter compartilhado essa informação comigo antes. Eu sabia que Stacey era assessora pessoal de um homem de negócios rico que tinha feito fortuna com empreendimentos imobiliários, mas, em todas as vezes em que a gente se falou, ela nunca mencionou o fato de que estava vendo o cara fora do trabalho.

Minha amiga apertou os lábios, me olhou de canto de olho e respondeu:

– Quando me convém, sim.

O caminho do aeroporto até a minha casa me pareceu uma eternidade. Stacey falou quase o tempo todo, sem que eu precisasse incentivá-la ou participar muito da conversa – e fiquei grata por isso, porque meu cérebro exausto não estava a fim de socializar.

Quando entramos na minha rua, passamos pela ruazinha onde aprendi a andar de bicicleta, pelas árvores nas quais eu subia e pelas portas das casas onde eu batia na noite de Halloween, e meu coração ficou mais pesado. Quando a velha casa branca entrou no meu campo de visão, meu coração deu um salto. Meus olhos absorveram tudo: as janelas envernizadas, a grama imaculadamente aparada, as flores da primavera que começavam a aparecer na terra recém-revolvida dos canteiros, o gramado perfeitamente cuidado, tudo era tão conhecido que parecia que os três últimos anos não haviam passado.

Tirei o cinto de segurança e saí do carro meio zonzinha, meu corpo se mexia automaticamente enquanto meu cérebro ainda brincava de pegar. Stacey foi mais rápida do que eu – já tinha tirado minha mala do carro e estava parada no meio-fio, me esperando com um sorriso triste no rosto. Sorri para ela, ou pelo menos tentei, e ela passou o braço pelos meus ombros, me dando um aperto reconfortante. Depois andamos pelo caminhezinho de pedras que levava à porta azul da frente.

Quando chegamos à porta, paramos, estiquei o braço e fiquei com a mão parada em cima da maçaneta, sem saber se teria forças para entrar. Lá dentro, as pessoas estavam sofrendo, assim como eu, pessoas em luto, e eu devia ser forte para ajudá-las. E se eu não conseguisse? E se eu caísse no choro e piorasse ainda mais as coisas? E se eu...

Não tive tempo de completar meus pensamentos preocupados, porque a porta foi para dentro, e lá estava vovó, com um dos seus vestidos florais, e um avental amarrado na cintura. Tinha envelhecido visivelmente desde a última vez que eu a vira, as rugas em torno dos seus olhos e da sua boca estavam mais proeminentes,

os cabelos, mais finos, as bochechas, mais encovadas, e seu corpo pequeno agora parecia frágil e não cheio de vigor. As olheiras denunciavam o quanto estava cansada. Seus lábios finos esboçaram um sorriso, seus olhos brilhavam, cheios de lágrimas, e ela abriu os braços para mim.

Sem pensar duas vezes, corri para o seu abraço e, ao pôr os braços em volta do seu corpo, percebi como ela tinha perdido peso. Dava para sentir os ossos das suas costas e suas costelas. Aqueles três anos a mudaram tanto que, de repente, me dei conta do quanto ela tinha envelhecido.

– Ah, Ellie, estou tão feliz por você estar aqui – disse, se afastando de mim, mas ainda me segurando, os olhos brilhando quando segurou meu rosto com a mão gelada.

Engoli em seco, torcendo para minha voz funcionar.

– Que bom te ver. Eu estava com tanta saudade.

Seu sorriso ficou mais largo, mas pude ver a tristeza aumentar em seus olhos. Ela parecia estressada, exausta, à beira de um ataque de nervos. Dava para ver o desespero e a tristeza nos seus olhos enquanto ela passava a mão no meu rosto e olhava para mim com ternura. Por fim, depois de o silêncio tomar conta e nem eu nem ela termos o que dizer, vovó piscou algumas vezes e deu um passo para trás, abrindo mais a porta.

– Bom, não fica aí parada, estamos deixando o calor escapar – disse. E, atrás de mim, deu um sorriso fraco. – Oi, Stacey, querida.

Quando a porta se abriu, uma onda de nostalgia tomou conta de mim ao ver o corredor com todas as nossas coisas: o mancebo, a pintura a óleo que meu pai comprou para minha mãe quando eu era pequena, a mesinha com o telefone antigo de discar que não funcionava, mas estava ali só de enfeite porque minha mãe achava bonito. Ver tudo aquilo foi como levar uma facada no estômago, porque as lembranças intensificaram a dor do meu coração.

Respirei fundo e passei pela soleira, e na mesma hora percebi o quanto a casa estava silenciosa. Nunca ficava assim, a menos que estivesse vazia. A TV ou o rádio sempre estavam ligados, Kelsey sempre estava cantando ou dançando, as fitas de línguas estrangeiras da minha mãe sempre estavam tocando baixinho, e ela ficava repetindo palavras que não conseguia pronunciar direito. A casa era sempre quente, viva, com muitos ruídos. Só que agora parecia fria e sem vida, apesar de ter gente dentro dela.

Engoli em seco, meus olhos percorreram o ambiente devagar e pararam na sapateira que pendia para um lado. Meu coração disparou quando vi um par de botas masculinas pretas e grandes, colocadas ali com cuidado. Sapatos do meu pai. De repente, senti frio, e enrolei os braços no meu corpo, tirei os olhos daqueles sapatos e virei para vovó.

– Como está a mamãe? – perguntei, com a garganta irritada.

Vovó olhou para o chão e, sem perceber, limpou as mãos no avental.

– Ainda está em recuperação. Mandaram a gente para casa há umas duas horas e prometeram ligar se houver alguma mudança.

Balancei a cabeça devagar, sem saber o que dizer. Não tinha forças para tocar no nome do meu pai – ainda não, talvez nunca tivesse.

– A senhora está bem? Parece cansada.

Ela sacudiu a cabeça, como se quisesse pôr os pensamentos no lugar. Um sorriso se esboçou nos seus lábios, mas não se refletiu nos seus olhos.

– Estou bem, querida. Não se preocupe comigo. Estava fazendo o almoço. Você está com fome, já comeu?

Comida. A resposta de vovó para todos os problemas. Os britânicos têm seu chá, e minha avó gosta de alimentar os outros até ficarem a ponto de explodir.

– Não estou com fome – foi minha resposta automática.

Eu *deveria* estar com fome. Não havia comido nada o dia inteiro. Como estava no fuso horário da Inglaterra, já era hora do jantar, e eu tinha pulado três refeições, mas meu corpo estava tenso demais para

sentir qualquer coisa tão corriqueira quanto fome. Comer estava em último lugar na minha lista de prioridades.

– Tem certeza? E se eu fizer um pratinho para você mesmo assim? – insistiu, já indo para a cozinha. Dava para sentir o cheiro de chili com cinco grãos, especialidade de vovó.

– Comi no avião, vó – menti, querendo pôr fim no assunto. Ela parou, se virou para mim, e a decepção ficou evidente, pelos seus ombros curvados. Eu sabia que ela estava só tentando se manter ocupada, se distrair, mas eu não conseguiria engolir nem uma garfada.

– Onde está Kels? – perguntei, olhando por cima da sua cabeça para a sala vazia.

O corpo de vovó encolheu.

– Está lá em cima, no quarto. Também não estava com fome.

Eu podia entender.

– E como ela está?

Vovó não respondeu, mas nem precisava. Seus olhos cheios de lágrimas diziam tudo. Kelsey não estava nada bem.

Engoli em seco, olhei para a escada, reunindo forças para subir e ver minha irmãzinha, dizer algumas palavras de conforto que, na minha esperança, viriam à minha cabeça por um passe de mágica, porque, naquele momento, eu não tinha nada a dizer. Simplesmente não havia palavras que pudessem melhorar aquela situação.

– Vou, ahn, falar com ela, dizer que cheguei e ver se ela quer descer.

Stacey limpou a garganta e disse:

– Vou indo, vou deixar você se acomodar. – Então deu um sorriso amarelo e completou: – Se precisar de alguma coisa, me liga, tá? Posso te levar para o hospital se você quiser – ofereceu, chegando mais perto e me envolvendo com seus braços longos e magros, me apertando forte contra seu corpo.

– Valeu – murmurei, abraçando-a com força também, me agarrando a ela, porque não queria que fosse embora. Stacey se afastou e deu um sorriso triste, depois se virou e foi até a porta.

O silêncio tomou conta do corredor de novo. Um silêncio ensurdecedor, terrível, de enlouquecer.

Vovó fungou alto, levantou o queixo e encolheu os ombros.

– Vou fazer um pratinho para você. Sei que disse que não está com fome, mas pode querer comer quando descer.

Dei um sorriso forçado e concordei com a cabeça, sabendo que minha avó precisava fazer alguma coisa, ter a sensação de que estava cuidando da gente.

– Ok, obrigada.

Tirei a jaqueta, pendurei no mancebo e olhei para o alto da escada, imaginando se teria a energia necessária para subir os treze degraus. Meu corpo parecia pesado, descoordenado e fraco. Eu só queria me encolher e chorar, só que, em vez disso, respirei fundo, obriguei minhas pernas a se mexerem e subi um degrau por vez.

Parei na frente da porta do quarto de Kelsey e tentei ouvir algum sinal de vida lá dentro, mas não escutei nada. Levantei a mão e bati. Ninguém respondeu.

– Kelsey?

Bati de novo, mas não obtive resposta. Franzi a testa, pus a mão na maçaneta, girei, abrindo uma fresta na porta, e olhei lá dentro. Kelsey estava deitada na cama, olhando para o teto, com fones de ouvido e o iPhone em cima da barriga.

Arregalei os olhos quando a vi. Estava tão alta, seu corpo, deitado sobre a cama, tão mais comprido do que quando parti. Seu cabelo castanho, da mesma cor do de papai, caía sobre os ombros e chegava até o meio do braço. Seu corpo tinha proporções perfeitas, os seios já despontavam e deviam ser do mesmo tamanho dos meus, apesar de ela só ter 13 anos. A pele de seu rosto tinha algumas espinhas de adolescência, cobertas com um corretivo claro demais, que fazia elas aparecerem muito mais do que se não tivesse sido passado nada.

Engoli em seco, tentando me livrar do caroço que logo se formou na minha garganta. Tinha perdido tanto do crescimento de minha irmã... Aquela mocinha que estava ali, diante de mim, não se parecia em nada com a menina de quem me despedi. Não sabia bem o que eu esperava encontrar. Mas me surpreendi de verdade por aquela não ser a garota de 10 anos que ficava atrás de mim cantando músicas do One Direction bem alto, uma menininha que pulava na minha cama e passava meu batom e meu desodorante escondido.

– Kelsey? – falei, abrindo a porta e pondo a cabeça para dentro.

Ela levou um susto, virou o rosto para mim e bateu no celular sem querer, que caiu da sua barriga e foi parar na cama.

Dei um sorriso fraco, sem saber por onde começar.

– Oi, desculpa. Não quis te assustar.

Ela não sorriu, seus lábios estavam apertados. Então tirou os fones dos ouvidos e deixou-os pendurados no pescoço. Sentou e ficou percorrendo meu corpo com os olhos, depois pôs as pernas para fora da cama.

– Então você chegou – disse. Havia algo de estranho na sua voz, um tom duro que arrepiou minha espinha.

– É, Stacey acabou de me trazer.

Mordi o lábio, querendo que as palavras viessem à minha cabeça, palavras sábias que, de alguma maneira, pudessem diminuir sua dor.

– Que bom que você se deu a esse trabalho – resmungou, depois ficou de pé e tirou os fones do pescoço, jogando-os de um jeito descuidado, com o celular, em cima da cama.

Eu me encolhi toda com aquele tom, sem saber por que ela estava tão brava. Não estava esperando raiva, não estava nem um pouco preparada para isso.

– Vim assim que pude – respondi, juntando as sobrancelhas de confusão.

Ela deu uma tossida falsa, cruzou os braços e levantou uma das sobrancelhas, com um ar de desafio.

– Você veio assim que pôde? Isso não basta.

– O que foi, Kelsey? – resmunguei, franzindo a testa, parada no lugar, porque meu corpo inteiro congelou, encostado no batente da porta, com o olhar implacável que minha irmã me deu. – Peguei o primeiro voo que tinha. Só vim ver se você está bem.

Seu lábio superior se torceu de desdém, uma expressão que eu jamais tinha visto na minha irmãzinha carinhosa e doce.

– Você veio ver se estou bem? É claro que não estou bem, porra!

Fiquei chocada com o palavrão, e ela sacudiu a cabeça com veemência.

– Você simplesmente chegou tarde demais, Ellie. Você deveria estar aqui. Você deveria estar aqui pela mamãe, por mim, pelo papai. Você deveria estar aqui quando o policial veio dar a notícia, você deveria estar aqui quando passamos uma hora dentro da viatura policial para ir da casa da vovó até o hospital, você deveria estar aqui quando levaram a mamãe para a sala de cirurgia. Você deveria estar aqui quando vovó foi obrigada a identificar formalmente o corpo do papai. Você deveria estar aqui quando ela caiu no choro e depois desmaiou de tanta pressão. A gente precisava de você, e você não estava aqui! Em vez disso, você estava por aí, passeando por outro país sem se preocupar com nada, enquanto meu mundo ruía – gritou, a plenos pulmões.

O caroço na minha garganta ficou maior, as emoções começaram a ferver dentro de mim, suas palavras raivosas me cortaram e pareciam ser feitas de ácido. A culpa que senti por não estar presente, como Kelsey falou, era esmagadora.

– Não foi bem assim – balbuciei, com os olhos cheios de lágrimas.

Ela levantou o queixo, com um olhar duro, dando os seis ou sete passos que nos separavam.

– Você deveria estar aqui, mas não estava. Se você acha que aparecer depois de tanto tempo vai melhorar as coisas, está redondamente enganada.

Então segurou a porta, a agitou com força e a bateu na minha cara.

CAPÍTULO

6

Ellie

Por alguns segundos, só fiquei ali parada, de queixo caído, olhando fixamente para os veios de madeira pintados de branco que estavam a menos de cinco centímetros do meu rosto. Meu cérebro não reagia ao que tinha acabado de acontecer.

“O que acabou de acontecer?”

Eu me encolhi toda, com uma dor no coração. Meus pulmões estavam apertados demais e só permitiam uma respiração curta e rasa. Engoli em seco. A força das palavras de Kelsey, sua raiva, o tom ácido e o fato de ela querer me magoar de verdade... Cada palavra fora sincera.

Uma lágrima escapou, rolou pelo meu rosto, porque pisquei algumas vezes. Os sentimentos de culpa e de luto eram devastadores. Minhas pernas fraquejaram, estendi o braço, segurei na parede para me apoiar e fiquei pensando na minha pobre vovó, tendo que identificar o corpo do filho; em seu corpo frágil que não conseguiu resistir à pressão; em Kelsey, sozinha, o pai morto, a mãe na sala de cirurgia, a avó desmaiando no hospital. Tudo aquilo era demais, tristeza demais, coisa demais para lidar de uma vez só.

Inclinei o corpo para a frente e encostei a testa na madeira gelada da porta do quarto de Kelsey. Fechei os olhos e fiquei respirando fundo para tentar acalmar a tempestade de emoções que se revolia dentro de mim. Eu só queria ir como um zumbi até meu quarto, cair de cara na cama e chorar com o rosto enfiado no travesseiro. As palavras de Kelsey me atingiram com força e, de repente, me dei conta de que ela tinha razão. Simplesmente aparecer aqui não era o suficiente. Eu precisava compensar todo mundo, começando agora mesmo. Chorar na minha cama não era uma opção.

Respirei fundo, me afastei da porta e sequei minhas lágrimas com as costas da mão. Em seguida, virei para a escada e resolvi deixar Kelsey se acalmar por um tempo. Tentaria falar com ela de novo dali a pouco, ver se já estava em condições de conversar. Talvez só precisasse ficar um tempinho sozinha.

Desci a escada e segui o tilintar dos pratos e o cheiro delicioso de chili que exalava da cozinha. Vovó estava perto do fogão, mexendo uma panela enorme com uma colher de pau. Fiquei parada em silêncio. Sempre gostei de observá-la cozinhando. Ela fazia mágica na cozinha. Quando eu era pequena e ia dormir na sua casa, vovó me deixava ajudar a fazer o jantar. Fazíamos bolos e biscoitos quase sempre.

– Como foi?

Dei um pulo, porque levei um susto com suas palavras. Não tinha feito barulho de propósito ao entrar na cozinha e não tinha me dado conta de que ela havia percebido que eu estava ali. Vovó se virou para trás e deu um sorriso triste, pegou uma tigela e serviu uma concha bem cheia de chili.

Não encontrei palavras para responder à sua pergunta. Encolhi os ombros, me aproximei e fiquei passando o dedo no couro macio de uma das cadeiras, que era nova. Na verdade, a cozinha inteira parecia diferente.

Tinha sido pintada de verde-claro, e as porcelanas à mostra eram verdes e não mais amarelas.

– Ela está... – engoli em seco, para digerir a mágoa – brava comigo porque eu não estava aqui quando tudo aconteceu.

Vovó soltou um longo suspiro e balançou a cabeça devagar. Foi até a mesa e colocou a tigela e um prato de pãezinhos torrados sobre ela.

– Senta aqui, você deve estar exausta da viagem.

Sentei, obediente, com as mãos cruzadas sobre o colo, os olhos fixos na mesa.

– Kelsey só está chateada. Cada pessoa vive o luto de um modo diferente. Ela ainda é nova e não sabe como lidar com tudo isso. Às vezes, sentir raiva é mais fácil do que lidar com a tristeza – disse. Então se sentou na minha frente, e olhei nos seus olhos gentis e cheios de pesar. – Ela não falou sério. Ficar brava é só a forma que sua irmã tem de enfrentar tudo isso e, pelo jeito, escolheu você para descarregar. Infelizmente, às vezes a gente magoa as pessoas que mais ama. Kelsey vai acabar entendendo.

Balancei a cabeça, absorvendo suas palavras, e torci para que fossem verdade. Os olhos de vovó estavam atentos, me observavam, depois se voltaram para a colher que eu sequer tocara. Resignada, segurei o talher e percebi que um pouco da tensão nos seus ombros diminuiu quando peguei um pouco de chili da tigela e pus na boca, mastigando devagar. O sabor estava tão delicioso quanto o aroma, mas eu ainda não tinha a menor fome. Pela minha avó, para ela ficar em paz, me forcei a continuar comendo, sabendo que, por algum motivo estranho, aquilo a faria se sentir melhor.

Enquanto comia, era quase impossível suportar o silêncio, então resolvi tocar no assunto do acidente. Vovó tinha sido vaga quando falou comigo pelo telefone, só falou que foi um acidente de carro, não deu nenhum detalhe. Agora que o tilintar da colher na tigela era o único som que quebrava o silêncio, os detalhes me pareceram importantes.

– Vó, o acidente... – comecei, com a voz falhando. Parecia que falar daquilo tornava a coisa mais real – alguém mais ficou ferido?

Eu estava tão tomada pela minha própria dor que nem me passou pela cabeça que outras pessoas poderiam ter se ferido ou morrido.

Vovó aproximou as sobancelhas e ficou puxando um fio solto do avental.

– Ninguém mais se feriu. Não sabem direito como tudo aconteceu. Só havia uma testemunha, que estava bem para trás e não viu muita coisa. Dizem que uma picape Ford azul ultrapassou a toda velocidade, dirigindo de forma imprudente. Dizem que bateu no lado do carro do seu pai, o que fez com que ele perdesse o controle da direção e batesse no canteiro central. O outro carro saiu correndo, e ainda não conseguiram localizar o motorista.

Eu me encolhi toda ao ouvir isso. “O outro motorista não parou?” Que tipo de pessoa causa um acidente e não para?

– A polícia acha que ele estava bêbado ou algo assim?

As palavras “dirigindo de forma imprudente” não saíam da minha cabeça.

Vovó soltou um suspiro profundo e encolheu os ombros.

– Eles simplesmente não sabem. Já olharam as câmeras de segurança no trânsito, mas não conseguiram obter uma imagem do motorista. Então, a esta altura, não sabem direito o que foi que aconteceu.

Cerrei os dentes, porque a raiva que sentia desse motorista começou a ferver no meu estômago.

Ela estendeu o braço e pôs sua mão macia em cima da minha e apertou de leve.

– Vão encontrar o responsável por isso e fazer justiça, não se preocupe – disse. Sua voz era firme, forte, confiante e bem brava. – Acredite, a polícia vai fazer seu trabalho. Temos mais com que nos preocupar.

Concordei com a cabeça e senti um caroço na garganta. Soltei a colher e empurrei a tigela com cuidado, sabendo que não ia conseguir me obrigar a comer nem mais uma colherada. Vovó ficou em silêncio, pegou

minha tigela e foi até a lixeira jogar fora a comida que eu mal tocara. Estava com os ombros curvados, se movimentava lentamente.

– Por que a senhora não tira um cochilo? – sugeri, ficando de pé e indo até ela. – Eu posso lavar a louça, a senhora parece exausta.

Passei o braço por seus ombros e dei um aperto, para incentivá-la.

Ela suspirou, sem olhar para mim, e balançou a cabeça.

– Acho que vou, sim – respondeu. Então se virou e me deu um beijinho no rosto. – Me acorde se tiver alguma novidade. O horário de visitas começa às três, mas acho que não vou agora à tarde, só à noite. A menos que você queira que eu vá com você.

Dei um sorriso e sacudi a cabeça.

– Vou ficar bem. Eu vou agora à tarde, e depois podemos ir juntas à noite.

Vovó concordou com a cabeça, e fiquei observando ela sair da cozinha, depois olhei para o relógio de parede. Eram quase duas da tarde. Ainda tinha que esperar pouco mais de uma hora para ver minha mãe. Soltei um suspiro e pus a mão no bolso, para pegar o celular. Depois fui até o roteador para pegar a senha e me conectar ao *Wi-Fi*. Assim que me conectei, me atirei na cadeira da cozinha e liguei para Toby. Que devia estar subindo pelas paredes, ansioso por notícias, mas eu sabia que ele não me ligaria, porque eu poderia estar no hospital ou algo assim.

Levou alguns segundos para completar a ligação, mas ele atendeu no segundo toque.

– Oi, amor. Você está bem?

Fechei os olhos e apertei o celular contra meu ouvido. Dava para ouvir, ao fundo, o bipe da caixa registradora, o tilintar dos copos, o murmúrio dos fregueses. Toby estava trabalhando.

– Você pode falar? – perguntei.

– Sempre posso falar com você – respondeu, com a voz carinhosa e amável. – Espera um segundinho. – A ligação ficou mais abafada, como se ele tivesse tapado o fone com a mão. – Trev, fica de olho nas coisas, tá? É Ellie. – Então ele voltou a falar comigo. – Desculpa, amor. Como está todo mundo? Como está a sua mãe?

“Vovó parece que vai cair dura e Kelsey me odeia.”

– Estão bem – menti. – Ainda não vi minha mãe. Preciso esperar o horário de visitas, mas vovó disse que ela ainda está em coma.

– Aai, sinto muito, Ellie. Queria estar aí, estou tão preocupado com você.

– Não se preocupe, estou bem – murmurei, abrindo os olhos e olhando para a mesa, traçando os veios da madeira com a unha.

– É meu dever me preocupar, não é? – disse, com um tom de voz deliberadamente leve e brincalhão.

– Acho que sim – concordei. – E os meninos, estão bem?

Os dois ainda estavam dormindo hoje de manhã, quando eu e Toby fomos para o aeroporto. Não pude me despedir deles antes de a mãe de Toby chegar para ficar com eles, para que meu noivo pudesse me acompanhar no táxi.

– Estão bem. Os dois te mandaram um beijo. Christian fez um desenho para você. Falou que é para eu levar comigo quando pegar o avião para te encontrar.

Senti um aperto no peito por causa desse gesto. Os dois são mesmo um amor de meninos.

– Fala que eu mandei “oi”.

Ficamos conversando por mais dez minutos, assuntos leves, nada sério. Sobre o voo, Stacey, o *pub*, os filhos dele e o chili da vovó. No fim da ligação, Toby falou que me amava, pediu desculpas de novo por não estar aqui comigo e me fez prometer que eu ligaria de novo à noite, foda-se o fuso horário. Falou que tinha encontrado alguém para cuidar do *pub* e que tinha marcado um voo para quarta-feira – dali a quatro dias –, assim que os meninos tivessem voltado para a casa da mãe. Quando desliguei, estava me sentindo um pouco

melhor. Falar com alguém que não estava tão diretamente envolvido e ouvir os sons conhecidos do *pub* ao fundo foi uma distração bem-vinda para a escuridão que eu tinha dentro de mim, que me consumia um pouco mais a cada segundo.

Depois de lavar a louça rapidinho, fui para a sala e vi vovó dormindo, sentada em uma poltrona. Fiquei observando sua respiração ritmada por alguns segundos, imaginando o que teria acontecido se ela não estivesse aqui, se Kelsey estivesse sozinha, sem ninguém para lhe dar apoio. Essa mulher era uma rocha, e eu seria eternamente grata por ela ter tomado as rédeas da situação e cuidado de minha irmã na minha ausência. Cheguei mais perto, peguei a manta que cobria o sofá e pus em cima dela com cuidado. Vovó sequer se mexeu.

Como eu não queria sentar, fiquei andando pela casa, tocando em coisas que não via há anos, detendo meu olhar sobre as fotos de família que enfeitavam as paredes. Quando meus olhos pousaram sobre o porta-chaves pendurado na parede perto da porta, vi o chaveiro velho e surrado do meu Fusca pendurado. Franzi a testa e fui pegá-lo, e lembranças do meu carrinho detonado vieram à tona.

Não fazia ideia de que ele continuava com meus pais.

Apertei o chaveiro na mão e fui para a garagem pela porta interna, e lá estava ele. Meu amado fusquinha verde.

Os dados de pelúcia verde que Stacey comprou quando tirei a carta de motorista ainda estavam pendurados no retrovisor. Dei um sorriso e sacudi a cabeça, separei a chave da porta e pus na fechadura, ansiosa.

Quando a porta se abriu, um cheiro de cera e couro me atingiu. Entrei e percebi que o interior do carro estava impecavelmente limpo. Alguém, que deve ter sido meu pai, tinha cuidado dele nos últimos três anos – provavelmente na esperança de que eu voltasse para casa e quisesse dirigi-lo. Senti uma dor no coração ao tocar o couro macio e rasgado do assento. Fechei a porta, me inclinei para a frente e encostei a testa no volante. Perder meu pai era algo de que, com certeza, eu jamais me recuperaria. Tudo dentro de mim doía: meu coração ficava mais apertado a cada batida. Fechei os olhos e vi seu sorriso, o brilho dos seus olhos, ouvi sua risada.

Um soluço abafado escapou pela minha garganta.

Respirei algumas vezes, ofegante, abri os olhos e fiquei olhando para o teto do carro, me obrigando a parar de pensar no meu pai para conseguir conter as lágrimas. Eu precisava fazer alguma coisa para não cair em um abismo de dor, então coloquei a chave na ignição e liguei o motor, pisei no acelerador com força, como costumava fazer. Na segunda tentativa, pisei mais fundo e... bingo! Meu carrinho ainda estava vivo! Dei um sorriso, deixei o motor ligado e fiquei me deliciando com o ronco alto.

Quando finalmente chegou a hora de pensar em ir para o hospital, mandei uma mensagem para Stacey, falando que não íamos precisar de carona, que meu carro ainda funcionava, e que eu estava mesmo a fim de ir dirigindo. Ela logo me respondeu, pedindo para mandar mensagem mais tarde contando se havia mudanças no estado de minha mãe.

Deixei o motor ligado. Não quis desligá-lo por medo que não fosse mais pegar. Voltei para casa, passando de fininho pela sala e subindo as escadas até o quarto de Kelsey. Bati na porta de leve, respirei fundo umas duas vezes e me preparei para mais um confronto e outro ataque de raiva motivada pela dor da perda.

– Que foi? – ela disse, lá dentro.

Segurei a maçaneta, girei, abri uma fresta na porta e pus a cabeça para dentro do quarto. Ela estava de novo na cama, desta vez com o *laptop* aberto na sua frente. Enrijeceu os ombros e franziu as sobrancelhas quando viu que era eu.

– Oi – falei, limpando a garganta. – Estou indo para o hospital. A vovó está dormindo lá embaixo e disse que vai ficar por aqui, só vai à noite. Você quer ir comigo?

Um ar de indecisão passou pelo seu rosto, e ela finalmente sacudiu a cabeça.

– Também vou só mais tarde.

Senti um aperto no estômago. Por um lado, eu estava torcendo para que Kelsey não quisesse vir comigo porque não queria aguentar mais um ataque de raiva e ressentimento. Mas, por outro lado, fiquei arrasada porque isso significava que tinha que encarar o hospital sozinha. Precisava da minha irmã, precisava dividir aquilo com alguém, e ela estava sendo hostil comigo. Só que, na cabeça dela, devia fazer todo o sentido estar ressentida. Eu não estava presente quando Kelsey precisou de mim, afinal de contas. Tive que me segurar para manter uma expressão neutra e não demonstrar o quanto ela estava me magoando.

– Ok – falei, e minha voz mais pareceu um murmúrio. – Eu ligo se alguma coisa tiver acontecido.

Fechei logo a porta, porque não queria mais ficar ali onde, obviamente, eu não era bem-vinda. Desci a escada, peguei minha jaqueta e minha bolsa, voltei para a garagem e abri a porta de enrolar.

Ao sair da garagem, segurei firme na direção. Tinha quase esquecido como é a sensação de dirigir. Nos três últimos anos, não havia ficado atrás do volante, e sair com meu fusquinha sempre foi difícil, na melhor das hipóteses, porque era uma luta mudar de marcha e fazer as curvas com aquela direção pesada.

Quando finalmente parei no estacionamento do hospital, fiquei aliviada, para falar a verdade. Depois de quase dois anos sendo levada no carro de outras pessoas ou em táxis pela Inglaterra, era meio estranho estar do lado direito da rua e não do esquerdo. Engraçado como a gente se acostuma fácil a esse tipo de coisa.

Saí da segurança do meu carro e fui até a entrada do hospital, que não ficava longe, tentando me preparar para o que eu estava prestes a ver. Mas, para ser bem sincera, eu não sabia muito bem o que teria que enfrentar. Não ousava nem imaginar.

Lá dentro, estava mais movimentado do que eu imaginava. Tive que entrar na fila para ser atendida na recepção, esperar atrás de entes queridos de outras pessoas, para perguntar aonde tinha que ir. Depois que me disseram onde ficava a UTI, fui andando devagar, ignorando as pessoas à minha volta e contando meus próprios passos, até chegar ao longo corredor da ala onde minha mãe estava. Quando finalmente cheguei, passei álcool gel na mão, como indicado pelo cartaz que havia bem acima do recipiente, e abri a pesada porta de madeira.

No momento em que entrei, o cheiro mudou. No corredor, eu bem que poderia estar em qualquer lugar, mas, naquela ala, o cheiro característico de hospital era tão forte que franzi o nariz. Congelei, meus pés ficaram plantados no chão, sem saber se conseguiria ficar ali. O cheiro era esmagador, as linhas retas, as paredes brancas, as portas grossas de madeira com o nome dos pacientes escritos em quadros brancos... Era demais para mim. Não queria entrar. Não queria ver o nome da minha mãe escrito ali. Não sabia se teria forças.

Então entendi por que Kelsey e vovó resolveram pular a visita da tarde. Eu também não ia querer voltar ali tão cedo. Bem quando eu estava me torturando por ter ido sozinha, uma enfermeira passou por mim. Quando me viu, parou e deu um sorriso acolhedor.

– Precisa de ajuda? – perguntou, inclinando a cabeça para o lado e me dando um olhar de compaixão.

Abri a boca e logo fechei de novo. Faltaram-me palavras.

– Ahn... – tentei de novo. – Vim visitar minha mãe, Ruth Pearce.

Ao dizer seu nome, senti de novo um aperto no estômago.

– Ah, você deve ser Ellie – a enfermeira respondeu, dando um sorriso largo. – Sua avó me disse que você chegaria hoje. Estava na Inglaterra, certo?

Concordei com a cabeça, em um gesto automático, porque a minha cabeça estava meio anestesiada.

– Venha. Vou lhe mostrar o quarto da sua mãe. Não houve mudanças no estado dela desde hoje de manhã. O doutor a está monitorando. Seus sinais vitais estão bons, o coração está firme. Ela ainda está em coma, mas, devido à gravidade dos seus ferimentos, isso está dentro do esperado. Está respirando com aparelhos, não se assuste com as máquinas.

Então ela segurou no meu braço e entrou comigo na ala, me obrigando gentilmente a andar, e sua voz suave foi me tranquilizando. A enfermeira parou em frente à terceira porta da direita e soltou meu braço.

– Sua mãe está aqui. Quer que eu entre com você? – ofereceu, inclinando a cabeça na direção da porta.

Ali, no quadro branco, com uma letra caprichada, estava escrito o nome de minha mãe.

Parecia que tinham soltado um peso em cima do meu peito, que me apertava, me esmagava. A ficha finalmente estava caindo, tudo aquilo que eu estava lutando para conter... Meu pai tinha morrido, e minha mãe estava dentro daquele quarto, lutando pela vida. Eu corria o risco de perder os dois. E aí? O que iria acontecer com Kelsey, comigo, com vovó?

– Você está bem, querida?

Pisquei algumas vezes, ao me dar conta de que a enfermeira estava esperando uma resposta, então me virei, olhei para ela e obriguei minha voz a funcionar.

– Estou. Prefiro entrar sozinha.

O que era uma mentira. Eu preferia dar meia-volta e sair correndo, correr tão rápido que minha cabeça giraria, e eu deixaria esse terrível pesadelo bem para trás.

– Ok. Pode me chamar se precisar de alguma coisa ou tiver dúvidas. Vou avisar ao médico que você está aqui, sei que ele queria falar com você.

A enfermeira me deu mais um sorriso de compaixão, se virou e saiu em direção ao posto de enfermagem.

Voltei a olhar para a porta, estiquei o braço, hesitante, e a abri. Fiquei sem respirar o tempo todo.

Assim que a porta se abriu, vi minha mãe pela primeira vez. Estava deitada na cama, no meio do quarto. Parecia incrivelmente pequena, de tão imóvel e sem vida. Ao vê-la ali, tão frágil e indefesa, a dor que eu sentia no peito, não sei como, porque parecia impossível, dobrou.

Levei a mão à boca, e um gemido escapou dos meus lábios. Minha mãe parecia uma criança deitada ali, tranquila, até. Tinha tubos e fios saindo da sua boca, ligados ao respirador que a mantinha viva. Um líquido transparente era injetado nas suas veias, por um soro espetado em sua mão. Entrei no quarto, deixando a porta se fechar sozinha, e a olhei de cima a baixo. Hematomas e cortes manchavam sua pele, que costumava ser perfeita. Seu cabelo estava bagunçado, em vez de estar meticulosamente liso e escovado; até suas unhas estavam sujas. Meu corpo foi tomado por um soluço. Se minha mãe pudesse se ver naquele estado, odiaria. Precisava lembrar de trazer uma escova de cabelo e alguns lenços umedecidos da próxima vez que viesse. Quando acordasse, ela ficaria horrorizada se estivesse com as unhas sujas.

Então caiu a ficha do quanto meu pensamento era absurdo: se minha mãe acordasse, ela não ligaria de ter um pouco de sujeira debaixo das unhas, porque ficaria sabendo que meu pai se foi. Segurei a respiração e, com os olhos fixos nela, cheguei mais perto da cama.

O bipe regular do monitor do coração e o ritmo lento do meu peito subindo e descendo com o ar forçado pelo respirador eram os únicos indicadores de que ela estava viva. Se não fosse por eles, eu poderia jurar que minha mãe já se fora deste mundo, que tinha acompanhado meu pai, e os dois estavam observando minha vigília daquele corpo sem vida.

Estiquei o braço e passei o dedo no meu rosto, com a dor me consumindo.

– Ah, mãe – balbuciei. – Sinto muito por não estar aqui. Sinto muito mesmo.

Aquela era a primeira vez que eu via minha mãe em três anos, e naquelas circunstâncias. Onde estava a justiça naquele momento? Claro, a gente se ligava, fazia chamadas de vídeo pelo celular e, algumas vezes, pelo computador, mas aquela era a primeira vez que eu tocava na minha mãe desde que fui para Roma, há mais de três anos atrás. Eu e Toby tínhamos planos de vê-los em breve: eles iriam para a Inglaterra com Kelsey durante as férias da escola para passar uma semana conosco, mas agora...

Engoli o choro e segurei sua mão com cuidado.

– Sinto muito.

Não sei quanto tempo fiquei ali, perdida na minha própria dor, mas deve ter sido bastante, porque, quando a porta se abriu, e um homem de meia-idade usando jaleco branco entrou, com um sorriso de compaixão que todos ali deviam praticar se olhando no espelho, meu pescoço doía de tanto ficar em pé e olhar para minha mãe.

– Ellison? Sou o dr. Pacer. Podemos conversar agora? Tem algumas coisas que preciso falar com você – disse.

Concordei com a cabeça, dei alguns passos para trás, lambi os lábios e respondi:

– Sim. E é Ellie.

Ele balançou a cabeça uma só vez, demonstrando que havia entendido, e fez sinal para as duas cadeiras que havia perto da cama da minha mãe.

– Podemos sentar?

“Sentar? Será que são mais más notícias? O que mais pode dar errado?”

– Ahn... Ok.

Eu me joguei em uma das cadeiras e fiquei analisando o médico com os olhos. Ele cruzou as mãos sobre o colo, sentou inclinado para a frente e ficou me olhando fixamente.

– Há algumas providências que precisam ser tomadas. Não tratei disso com sua avó porque não sabia se ela aguentaria, depois do episódio do desmaio. Não sei como ela vai resistir à pressão, porque me parece que ela já é um pouco... delicada – falou, medindo cada palavra.

“Delicada” era uma boa palavra para descrever minha avó naquele momento. Balancei a cabeça, agradecida por ele não ter feito minha frágil avó lidar com ainda mais pressão.

– Que tipo de providência?

O médico apertou os lábios antes de falar.

– O funeral do seu pai. O corpo está no necrotério neste momento. Já fizemos tudo o que precisávamos fazer, e a polícia já autorizou a liberação do corpo para a funerária, para vocês poderem começar a planejar a cerimônia.

“Funeral. Ai.”

– Ah – murmurei.

– Se você quiser, posso pedir para alguém lhe ajudar com as providências. Ou, se você não quiser lidar com essa situação, posso conversar com sua avó da próxima vez que ela vier. Sei que é muita coisa para encarar; perder um dos pais não é nada fácil, ainda mais sob essas circunstâncias... – falou, então deu uma olhada rápida para minha mãe, ali na cama, e completou: – Fica ainda mais difícil.

Sacudi a cabeça com veemência, já tinha tomado minha decisão.

– Não fala com a vovó. Eu resolvo isso, tomo todas as providências. Não quero que ela faça nada além do indispensável.

CAPÍTULO

7

Jamie

Fazia três dias que Ellie havia voltado para os Estados Unidos, três dias, porra. Os três dias mais longos da minha vida, parecia.

Desde que li aquela notícia, só conseguia pensar nela. Ellie tomava conta de tudo, consumia todos os meus pensamentos. E, agora, ela estava de volta, estava tão perto que chegava a ser tentador, eu ficava remoendo se devia vê-la, dar minhas condolências, perguntar se podia fazer alguma coisa. Quase cedi algumas vezes, mas consegui manter minha resolução. Queria o melhor para ela – sempre quis – e tinha quase certeza de que o melhor para ela não era eu. Mas ainda tinha aquela necessidade egoísta, aquele desejo inacreditável de ficar perto dela, tocar seu rosto, passar os dedos no seu cabelo, trazer seu corpo para perto do meu e abraçá-la tão apertado que nunca mais iríamos nos separar. Uma coisa era ficar longe de Ellie enquanto ela estava do outro lado do mundo, mas ficar longe agora, com ela a apenas quinze quilômetros de distância, era outra, bem diferente.

Soltei um gemido e apertei com força a faquinha que segurava. Olhei para o alvo do jogo de dardos pendurado na parede. Precisava de uma bebida. Precisava ficar tão podre de bêbado a ponto de não conseguir nem ficar de pé. Quem sabe aí não sentiria tanto esse aperto no peito e conseguiria respirar direito. Pela centésima vez nesses três dias, pensei no quanto minha vida seria mais fácil se eu nunca tivesse conhecido essa ruivinha malandra. Ellie entrou na minha vida como uma explosão inesperada que revirou meu mundo, tornando-o algo que nunca ousei imaginar. Se eu não a tivesse conhecido, se não tivesse me apaixonado por ela tão profundamente a ponto de esse sentimento me devorar por dentro, não sentiria esse *vazio* tão grande.

Meu coração partido tinha ultrapassado os limites da dor, da solidão, da perda. Agora era apenas um vazio que, na minha opinião, era pior, caralho. Eu mal conseguia suportar.

Eu precisava de uma distração, de uma fuga, algo que me fizesse pensar em outra coisa que não em Ellie. Já que não eram nem 11 da manhã, não podia encher a cara até esquecer de tudo como tanto queria, então teria que ser outra coisa. Fechei os olhos, pensei nas tarefas corriqueiras que precisava fazer – tinha que responder alguns *e-mails* dos negócios legais que administrava, contratar mais dois seguranças para atender a um contrato novo que tínhamos acabado de assinar, precisava retornar algumas ligações –, mas não tinha vontade de fazer nada disso.

Minhas mãos estavam coçando para fazer algo mais emocionante, eletrizante. Talvez roubar o objeto de orgulho de algum rico besta e transformá-lo em um cubo de metal no ferro-velho, só por diversão. Ultimamente, andava gostando de fazer todo tipo de merda depravada. Estava sempre me desafiando, querendo – não, “querendo” não era a palavra certa, “precisando” era mais adequado –, precisando ser o melhor em tudo.

“Ou tudo ou nada.” Meu mantra.

Mas o fato de ainda ser de manhã limitava minhas opções de distração.

Lutar estava fora de questão. Ainda estava me recuperando da surra que tinha levado na sexta-feira à noite, os hematomas amarelados do meu rosto ainda estavam bem visíveis. Não havia nenhuma entrega de armas ou drogas agendada para antes do fim de semana. Roubar carros era um dos meus passatempos preferidos – uma das poucas coisas que me faziam sentir vivo nesta minha existência sem sentimentos, chata e sem sentindo –, mas isso também não dava para fazer. Gosto de correr riscos, mas roubar carros em plena luz do dia é coisa para ladrões retardados, cuzões, de quinta categoria, que só querem pegar o som ou dar uma voltinha.

Então, no fim das contas, eu era bem inútil naquele momento.

Como se adivinhasse que eu estava sendo sugado pelo buraco negro do tédio, Ray gritou meu nome lá embaixo, na oficina. Dava para ouvir o som de metal batendo em metal através do piso. Pisquei os olhos, dando graças a Deus pela interrupção dos meus pensamentos negativos, levei o braço para trás, atirei a faca, deixei que voasse pela sala, e fiquei observando ela chegar ao alvo e parar no pedaço que valia duas vezes seis pontos, onde ficou bem juntinha das outras duas que eu jogara minutos antes de minha cabeça ir parar em certa pessoa ruiva. Um cara que conheci na prisão adorava facas. Ele me disse que, para dominar uma, primeiro é preciso entendê-la, respeitá-la. Não sei dizer se dominei a arte de atirar facas, mas mando muito bem.

Levantei da cadeira preta de couro e saí da sala que fora de Brett. Lá embaixo ficava a oficina onde passei tantas horas da minha vida, me escondendo das surras que levaria se fosse para casa, ganhando dinheiro que economizava para planos que nunca foram postos em prática. Quando descí o último degrau, o cheiro de suor e graxa me atingiu em cheio. Dei um meio sorriso. Aquela oficina era o lugar que eu mais gostava no mundo.

Ray estava mais para o lado, empoleirado em uma banqueta, trabalhando em uma espécie de placa de circuito. Todas as suas ferramentas estavam espalhadas pela bancada. Com o rádio a todo volume, ele cantava alguma merda de música do Kanye West.

O cara estava comigo desde o começo. Assim que saí da prisão, ele foi me buscar, me levou para a casa onde morava com a mulher e a filha e tentou me convencer a andar na linha. Coisa que ele mesmo fez durante o ano e meio em que fiquei em cana. Quando ficou óbvio, para ele e para todo mundo, que eu não ia mudar de ideia, Ray saiu do seu emprego de mecânico e me ajudou a recuperar o território e os negócios que Brett tinha construído antes de morrer. Ed e Enzo também entraram na jogada, fui atrás de Raposa e o convenci a trabalhar comigo. Juntos, aparamos as arestas do negócio, abrindo mão das coisas que não gostávamos de fazer enquanto trabalhávamos para Brett: os assaltos, extorquir a vizinhança em troca de proteção e a agiotagem. Continuamos com o ganha-pão, o que realmente dava dinheiro: drogas, armas e, é claro, carros. Com certeza não éramos uma organização gigantesca como a que Brett chefiava, com ramificações em todas as áreas, mas éramos uma força formidável nas três áreas em que atuávamos.

Ou tudo ou nada.

Ficamos com tudo.

Outras gangues e organizações da área nos desprezavam porque ficávamos com as melhores paradas, deixando elas se digladiarem pelas migalhas. Eu adorava. O que mais tenho na vida para me orgulhar?

– E aí, cara? – falei, por trás de Ray.

– Fala, Pirralho – ele respondeu, se virando para mim e dando um sorriso carinhoso. Depois limpou as mãos em um trapo. – Achei mesmo que era seu carro parado lá fora. Comprei uma coisinha para você.

– Ah, é? O quê?

Ray apontou para uma caixinha branca em cima da bancada. Peguei-a e levantei a tampa. Dentro dela, havia um pequeno objeto de metal que fez meu coração saltar pela boca.

– É o que estou pensando? – perguntei, surpreso, olhando para ele cheio de esperança.

Ele concordou com a cabeça, dando um sorriso presunçoso e cruzando os braços.

– Com certeza. Cobrei um favor que me deviam. Mandeí vir da China, encomenda expressa para você.

Dei um soquinho no ar, fervendo de animação. Agora teria algo para me manter ocupado por umas duas horas.

– Você é o cara. Valeu.

Dei um sorriso de orelha a orelha, cheguei mais perto e dei um tapinha nas suas costas.

Ray levantou a sobrancelha e disse:

– Acho que você não vai me agradecer quando descobrir quanto custou.

Sacudi a mão, dando a entender que não ligava. Dinheiro não era nenhum problema para mim.

– Fico te devendo mais esta. Te pago uma bebida mais tarde? – sugeri.

Ray concordou com a cabeça, e fui até o objeto do meu orgulho, que estava estacionado na esquina. Com um grande sorriso no rosto, segurei a lona azul que o cobria e a tirei, revelando o Subaru Impreza WRX 2004, da edição limitada de Petter Solberg. Um suspiro de orgulho e deleite escapou dos meus lábios. Era uma coisa linda – funcionando. De todos os carros que já possuí ou dirigi, aquele era um dos meus favoritos.

Era realmente uma obra de arte, na minha opinião: pintura azul gelo, 316 cavalos, ia de 0 a 96 quilômetros por hora em 4 segundos e meio e, além disso, era de uma edição limitada, porque só fizeram quinhentas unidades dele. Tinha mandado vir do Japão no começo do ano quando, acidentalmente, adquiri meu mais novo *hobby*: fazer rachas.

Mas fazia duas semanas que eu não o dirigia. No último racha, tinha quebrado um cabo de embreagem e, desde então, não dava para usar o carro.

– Comprei umas velas novas para o motor também. Você comentou que ele andava meio lento, acho que vai resolver – disse Ray, chegando atrás de mim com mais uma caixa.

Virei para trás e dei mais um sorriso.

– Valeu, parceiro – falei, pegando a chave no bolso e abrindo a porta do carro.

– Quer ajuda para consertar?

Fui logo sacudindo a cabeça.

– Não, deixa comigo. Valeu.

Ainda sorrindo, abri o capô. Um suspiro longo e lento escapou do meu corpo ao ver o belo motor. Senti aliviar um pouco da tensão nos meus ombros, já que minha mente podia se ocupar com outra coisa que não fosse sofrer por causa de Ellie.

Talvez até desse para fazer um racha à noite. Isso com certeza faria eu me sentir melhor. Enfiei a mão no bolso, tirei o celular e mandei uma mensagem para Rodriguez, um dos organizadores dos rachas de que eu participava, perguntando se tinha alguma coisa marcada para aquela noite. Mas, como eu não tinha ouvido nenhum comentário na rua, o mais provável era que não tivesse nada. “Que pena.”

Resolvi deixar o carro em perfeitas condições, só por garantia.

Levei quase a tarde toda para consertar o carro, deixá-lo ronronando como um gatinho. Estava pronto, pedindo para correr, uma coisa linda. Depois de terminar o conserto, sentei na bancada da oficina, e eu e Ray tomamos uma cerveja para comemorar. Eu já estava na metade da garrafa quando Ed chegou, com uma expressão séria e os lábios apertados.

– Fiquei te ligando, Pirralho. Por que você não atendeu? – perguntou, fazendo careta ao ver a cerveja na minha mão, como se esse fosse o único motivo para eu não ter atendido.

Encolhi os ombros, olhei para o celular, que estava do meu lado, na bancada, e vi que tinha três chamadas não atendidas dele.

– Ah, desculpa, devo ter colocado no silencioso sem querer quando tirei do bolso.

Peguei o aparelho e vi que também tinha uma mensagem do Rodriguez, confirmando que não ia ter racha aquela noite e pedindo para eu ficar de olho nas mensagens nos próximos dois dias, ou seja, ia ter racha assim que os caras encontrassem o lugar perfeito.

Ed soltou um suspiro e passou a mão de unhas feitas pelo cabelo castanho lambido para trás. Fiz careta, tomei mais um gole de cerveja e olhei para ele. Parecia mais estressado do que de costume, até estava com o paletó de abotoamento duplo aberto – coisa rara de se ver. Ed tinha orgulho da própria imagem. Gostava de usar ternos caros e um relógio de 30 mil dólares para mostrar a todo mundo que tinha dinheiro e *status*. Para ser bem sincero, o cara era um escroto que trabalhava para mim, alguém que queria ser o número 1, mas jamais seria. Era um safado de um puxa-saco, bajulador, que se achava grandes coisas. Quando trabalhava para Brett, tinha mais influência no que rolava – muitas vezes, era o porta-voz de Brett, seu braço direito. Só que, comigo, seu escalão era bem mais baixo, mas o cara ainda não abria mão da queda que tinha por ternos caros.

– E então, o que está rolando? – perguntei, inclinando a cabeça para o lado e esperando sua resposta.

Ele juntou as sobrancelhas e retorceu os lábios de desgosto para pronunciar duas palavras:

– Os Salazar.

Ao ouvir esse nome, também enruguei a testa. Os Salazar eram meus principais concorrentes na cidade. Os irmãos Salazar, Alberto e Mateo, tinham chegado há uns nove meses, vindos do México, trazendo umas drogas de merda, e se instalado no meu território. No começo, quiseram fazer uma parceria comigo, queriam que a gente comesse a vender o produto deles – uma cocaína de merda misturada sabe lá Deus com o quê. E, quando eu mandei os caras passearem não muito educadamente, nos tornamos rivais. Eles eram a escória da escória, na minha opinião. Não ligavam para o fato de que a droga que vendiam era misturada com veneno de rato ou levamisol, uma droga usada em animais contra vermes que, segundo o que eu ouvi, literalmente apodrece a pele das pessoas. Não eram como nós: não tinham escrúpulos e não se importavam com quantas pessoas ficariam mal ou morreriam por causa da sua mercadoria. Já brigamos muito com eles por territórios, por onde eles “podiam” vender suas drogas de segunda categoria. Tínhamos um acordo.

– O que aqueles palhaços sebosos aprontaram agora? – esbravejei, apertando a garrafa que estava na minha mão.

– Mandaram aquelas vagabundas deles irem em uma das nossas boates para passar aquela merda. Um cara teve um ataque epilético no meio da pista de dança, e agora a polícia anda fuçando para descobrir onde ele comprou a droga. Passei o dia respondendo perguntas. Teria sido ótimo se você tivesse atendido o celular – respondeu ele, com um tom irritado, de acusação.

– Filhos da puta! Por que eles estão mandando aviões venderem nas nossas boates? – disparei, sacudindo a cabeça com raiva. – Liga para o Alberto, diz que quero me encontrar com ele. Hoje à noite – ordenei, atirando a garrafa no meio da oficina de tanta raiva. Ela bateu na parede e espalhou cacos de vidro por todos os lados.

“Vou matar esse filho da puta!”

CAPÍTULO

8

Ellie

Cada hora desses três dias que passei em casa pareceu uma eternidade dolorosa, mas, ainda assim, mal deu tempo de fazer tudo que precisava.

Desde minha primeira visita ao hospital, quando o médico sugeriu que eu tomasse as rédeas da situação e as providências para o funeral de meu pai, não parei um minuto. Não fazia ideia de que havia tanto planejamento e organização envolvidos nem quanto tempo levaria para fazer cada tarefa. Coisas simples, ou coisas que a gente pensa que são simples, como escolher flores, levam horas. Outras coisas, como escolher a diagramação do programa da cerimônia – e até encontrar um lugar decente para imprimi-lo – são ainda mais demoradas. Passei quase todos os instantes livres escolhendo fotos do meu pai, separando suas músicas favoritas e selecionando passagens da Bíblia que seriam adequadas para a cerimônia. Foi um trabalho doloroso, de estraçalhar o coração, e que parecia não ter fim. Cada fotografia ou música significativa era como uma prensa apertando meu coração. Foi difícil não perder a cabeça. Fiquei por um fio, prestes a cair em um precipício de dor a qualquer momento. Eu sabia que, uma hora ou outra, isso iria acontecer. Em algum momento, iria começar a chorar de novo e, quando isso acontecesse, não sabia se ia conseguir parar. Por sorte, estava conseguindo controlar minhas emoções – até então, pelo menos.

Só que, naquele dia, quase aconteceu. A tarefa do dia me deixou quase a ponto de explodir.

Olhei para a agenda telefônica da minha mãe, preenchida com sua linda caligrafia, passei o dedo pela página e parei no último contato. Julie e Peter Watkins. Passei direto pelo endereço, encontrei o número de telefone e digitei no celular. Enquanto chamava, esfreguei a testa, na esperança de que a dor de cabeça que sentia pela falta de sono dos dois últimos dias diminuísse.

– Alô – atendeu uma voz feminina animada.

Fechei os olhos e me preparei para mais uma conversa dolorosa. Incluindo esta, já tinha feito 42 ligações, cobrindo toda a agenda da minha mãe, começando pela letra A até o último casal: os Watkins.

– Olá, é Julie Watkins que está falando?

– Sim.

– Oi, Julie. Aqui é Ellie Pierce. Você não deve se lembrar de mim, acho que eu tinha uns 15 ou 16 anos da última vez em que nos vimos – falei, massageando a testa com um pouco mais de força. Eu sabia que meus pais mantinham contato com a família Watkins, mas a última vez que eu os tinha visto fora no batizado do filho deles, há uns cinco anos. Eram amigos dos meus pais da época da faculdade.

– Ellie! Claro que lembro de você – ela respondeu, com uma voz animada. – Como você está?

Abri os olhos e vi o nome dela na agenda, sabendo que estava prestes a pôr fim no seu tom animado. Franzi a testa e disse:

– Estou ligando para dar más notícias. – Engoli em seco, sem jeito. Não importava quantas vezes eu tinha dito aquela mesma frase, não ficava mais fácil. – Meus pais sofreram um acidente de carro neste fim de semana. Meu pai faleceu, e minha mãe está no hospital, em estado grave.

Do outro lado da linha, ela teve que recuperar o fôlego, houve alguns instantes de silêncio, e então vieram as palavras. Palavras que eu tinha ouvido tantas vezes naquele dia que ficaram sem sentido. Sabia que eram ditas com boas intenções, mas eram apenas palavras em frases que variavam, mas queriam dizer a mesma coisa.

– Ah, Ellie. Sinto muito! – ela gritou.

Sinto muito. Meus sentimentos. Lamento que isso tenha acontecido. Sinto muito. Sinto muito. Sinto muito. Todo mundo me pedia desculpas, como se fosse responsável pelo que ocorreu.

– Obrigada – murmurei. – Sei que você e o seu marido conheciam meus pais há muito tempo, então só queria passar os detalhes do enterro do meu pai, caso vocês queiram ir. Será na sexta-feira, às três da tarde, no crematório da rua Everglade. Depois, haverá uma recepção na nossa casa.

– É claro, obrigada por avisar. Nós dois iremos – respondeu Julie, com a voz trêmula. – Como está sua mãe? Você disse que ela está no hospital...

Balancei a cabeça devagar. Ao fazer todas essas ligações, tentei me manter distante, não pensar no que estava falando nem na reação das pessoas à notícia. Era tão mais fácil me manter anestesiada, fingir que estava falando de outra coisa, de outra família, de outra pessoa que não significava nada para mim. Era o único jeito de eu conseguir fazer isso. Se eu me permitisse sentir as palavras que estava pronunciando, jamais teria conseguido fazer essas ligações. No mínimo, teria ficado um caco depois da primeira.

– Ela bateu a cabeça no acidente, o que resultou em uma hemorragia cerebral. Está em coma. Estamos esperando a evolução do quadro neste momento – minhas palavras eram objetivas, sem nenhuma emoção envolvida.

O hematoma subdural, ou hemorragia cerebral, de acordo com o que me explicaram, foi o pior ferimento que minha mãe sofreu. Os ossos quebrados, a hemorragia interna e os demais ferimentos estavam sob controle, mas o hematoma estava causando uma séria pressão no seu cérebro. Quando fiquei sozinha com o médico, no primeiro dia, implorei para ele ser sincero e ouvi o que não queria. Eles simplesmente não sabiam se ela acordaria e me falaram para ir logo providenciando o enterro e não esperar. O quadro da minha mãe não era bom. Àquela altura, só podíamos esperar. Também havia grandes chances de ela ter sequelas cerebrais permanentes, mas os médicos não saberiam dizer a dimensão até ela acordar... se acordasse.

– Ah, meu Deus. Pobre da Ruth! – Julie balbuciou, fungando. – Ela vai ficar bem?

Mordi o interior da bochecha e fiquei apertando a pele macia entre os dentes.

– Não sabemos. Esperamos que sim.

– Ah, Ellie. Sinto muito.

De novo: “sinto muito”.

– Obrigada. Preciso desligar. Tenho que ligar para outras pessoas. Vejo você na sexta-feira à tarde, se puder vir.

E então ouvi mais frases desgastadas que tinham me dito naquele dia:

– Vou pensar em você e em Kelsey. Se precisar de alguma coisa, é só pedir. Vou rezar pela sua mãe.

Não sou uma pessoa religiosa – ninguém da minha família é –, mas agradeço a intenção. Nessas horas, as pessoas fazem o que acham mais adequado e lhes traz conforto. Deixa a mulher rezar, se gosta disso. Mal não faz.

Não respondi, só desliguei e me encostei na cadeira, soltando um longo suspiro. Tinha acabado. Levei – olhei para o relógio de parede, eram quase quatro da tarde – mais de três horas para fazer todas as ligações. Pus o celular em cima da grande mesa de carvalho do meu pai e fiquei abrindo e fechando a mão, tentando

soltar meus dedos enrijecidos.

Levantei o rosto e fui olhando lentamente o escritório do meu pai. Ele trabalhava ali à noite, de vez em quando, às vezes também no fim de semana. Meu olhar se fixou no tecido desbotado e rasgado da poltrona perto da janela. Minha mãe enchia o saco dele toda vez que entrava ali, pedindo para jogar a poltrona fora, porque era feia, mas era a preferida dele, que lutava com unhas e dentes para mantê-la.

Levantei e fui até ela, fiquei passando os dedos pelo tecido aveludado. Dei um sorriso tímido quando as lembranças daquela poltrona vieram à tona. Meu pai me deixava entrar ali de vez em quando, enquanto trabalhava. Eu sentava na cadeira debaixo da janela e fazia a lição, lia um livro ou uma revista ou ficava desenhando. Às vezes, fingia que estava lendo, mas ficava observando meu pai em segredo, enquanto ele ficava sentado atrás da mesa digitando sem parar no *laptop* ou falando no telefone com algum cliente importante. De vez em quando, quando levantava o rosto e me pegava observando, fazia uma cara boba, se fingia de vesgo, mostrava a língua, depois continuava no telefone como se nada tivesse acontecido. Eu passava horas ali só vendo meu pai trabalhar, fugindo, como ele, à procura de silêncio para ler. Às vezes, ele me sentava no seu colo nesta poltrona, e líamos um livro juntos. Eu e meu pai descobrimos as maravilhas de Harry Potter juntos, nesta poltrona.

Sorri para mim mesma, enfiando o dedo no buraco que havia no braço da poltrona. Eram essas coisinhas bobas que, na época, pareciam tão sem importância que acabam tendo mais significado, as coisas das quais você se lembra todas ao mesmo tempo e fazem você pensar que não deu o devido valor quando achava que seu mundo era indestrutível.

Fiquei ali por mais alguns minutos, depois saí do escritório e fechei a porta. Entrei na sala, vi Kelsey e vovó ali sentadas, e Kelsey se virou para mim. Espremeu os olhos, uma leve ruga se formou entre suas sobrancelhas, e ela saiu, sem dizer uma palavra. Cerrei os dentes com seu gesto. Os últimos dois dias tinham sido assim: ela saía toda vez que eu entrava onde ela estava e passava a maior parte do tempo enfurnada no quarto, deixando bem claro seu desprezo toda vez que me olhava, sempre com um ar de acusação. Não faço a menor ideia do que posso fazer para minha irmã se sentir melhor nem do que posso dizer para consertar nosso relacionamento rompido. Talvez ela nunca me perdoe por não estar aqui quando tudo aconteceu.

Eu me virei e fiquei observando ela passar pelo corredor e subir a escada até seu quarto. Meu coração estava pesado. Eu precisava de Kelsey, será que ela não conseguia enxergar isso? Será que não conseguia enxergar que eu também estava sofrendo e que precisava de um abraço da minha irmã? Será que não conseguia enxergar que meu mundo também tinha caído, assim como o dela? Não sei por quanto tempo ia conseguir fingir que sua indiferença não me afetava. Depois de ficar três horas sentada sozinha naquele escritório repetindo sem parar que meu pai morrera, eu só precisava de um abraço, que obviamente não ganharia de Kelsey, por mais que a ficasse encarando e torcendo para que isso acontecesse.

– Você está bem, querida?

Funguei, me virei e vi vovó no sofá, com o tricô no colo, seu olhar carinhoso e preocupado me observando com óbvia compaixão.

– Estou bem, vovó – menti. – Tudo certo. Liguei para todo mundo na agenda da mamãe e mais algumas pessoas que encontrei na agenda do papai.

Vovó balançou a cabeça, sem tirar os olhos de mim.

– Que bom. Você devia ter me deixado ligar para algumas pessoas.

– Agora já liguei para todo mundo.

Encolhi um ombro, me encostei no batente da porta e fiquei puxando um fio solto na manga do meu suéter para não precisar olhar para ela. Minha avó tinha se oferecido para fazer as ligações – queria ajudar –, mas dava para ver que ela mal conseguia se aguentar. Desde que cheguei, parece que envelheceu dez anos. Não está resistindo muito bem e, na sua idade, quero protegê-la o máximo que puder. Vi como o estresse dessa

situação fez a artrite do seu quadril atacar de novo; via suas olheiras e como seus vestidos estavam folgados no corpo, cada vez mais magro. Já peguei vovó perdida em seus pensamentos, esquecendo do tricô ou do que estava cozinhando, e a vi chorar, achando que estava sozinha na sala.

Apesar de estar dando o máximo de mim para nos manter unidas, minha família estava se despedaçando, e eu estava impotente diante da situação. O mínimo que podia fazer era aguentar todo o peso que pudesse. Os pais da minha mãe não tinham como ajudar. Foram avisados do acidente, mas eram mais velhos, estavam bem mal de saúde e não queriam atravessar o país. Duvidei até que viessem para o enterro.

– Vou fazer um chazinho para a senhora – murmurei. Então fui para a cozinha e pus água para ferver, meio sonâmbula.

Quando voltei para a sala, com duas xícaras ferventes nas mãos, vi que vovó estava dormindo no sofá, ainda segurando o tricô. Soltei um suspiro, pus as xícaras sobre a mesa, tirei com cuidado a lã e as agulhas do meio dos seus dedos ossudos e as coloquei no cesto que estava perto dos seus pés. Vovó precisava dormir. Eu a ouvi à noite, andando aqui embaixo, limpando ou guardando coisas, fazendo comida que ninguém comia, se mantendo ocupada. Ela devia estar passando mais tempo acordada à noite do que eu.

Como não queria me sentar e ficar pensando no que tinha feito a tarde inteira, resolvi ir para o meu quarto deitar um pouco. Subi a escada e fiquei parada na frente da porta de Kelsey, ouvindo, por alguns instantes, para ver se ela não estava triste ou algo assim. Não ouvi nada e fui para meu quarto.

O cômodo estava exatamente do mesmo jeito que eu o deixara, há três anos. Minhas coisas ainda estavam sobre as mesinhas de canto e sobre a bancada da janela – mas sem nada de pó, porque minha mãe jamais permitiria que isso acontecesse. Minha cama ainda estava arrumada, tinham passado aspirador no carpete. Eu ainda não tinha passado muito tempo ali. Simplesmente desfiz a mala e dormi, nada mais.

Parei no meio do quarto e olhei em volta. Era estranho estar no quarto da minha infância. Um estranho legal, mas nem por isso menos estranho.

Fui até a escrivaninha e peguei um dos blocos de desenho que estavam empilhados ali. Virei as páginas devagar, vendo todos os desenhos que fizera, as roupas com as quais sonhara por horas e horas, que ganharam vida naquelas páginas. Franzi a testa, passando a mão pelos croquis. Fazia três anos que eu não desenhava nada, não tinha inspiração nem motivação. Deixei o bloco de lado e peguei umas amostras de tecido, esfreguei-as entre os dedos, lembrando de uma época mais feliz, quando eu transbordava criatividade e ficava desesperada para pôr minhas ideias no papel. Desde então, se passou tanto tempo que sou quase outra pessoa, bem diferente daquela menina que sonhava em ser estilista.

Dei um suspiro, soltei as mãos ao lado do corpo e deixei meus olhos ficarem passeando pelo quarto. Fixei o olhar na parede e, mais uma vez, fiz careta ao ver o que vi.

Era o mapa que eu tinha grudado ali quando planejei minha viagem, onde eu tinha colado fotos dos lugares que queria conhecer com Jamie, mas estava diferente. Cheguei mais perto, cheia de curiosidade.

E foi isso que destruiu a barreira emocional que eu tinha construído.

O mapa. E as fotos e os cartões-postais que meus pais pregaram nele, os que enviava toda vez que conhecia um lugar novo. Em cada um, estava escrito minha data de chegada e de saída. Um soluço escapou dos meus lábios. Os dois estavam acompanhando minha viagem. Tinham mapeado tudo, me seguindo pela Europa com tachinhas e bandeirinhas. Meu queixo tremeu, lágrimas incontáveis começaram a escorrer pelo meu rosto enquanto eu passava os olhos pelos lugares que eles haviam assinalado: Itália, Alemanha, Grécia, Chipre, Espanha, França, Irlanda, Escócia e muito mais. Fixei os olhos na foto pregada em Londres – que eu havia mandado seis meses atrás. Minha e de Toby, nós dois sorrindo, eu estendendo a mão esquerda para a câmera para mostrar a eles a bela adição brilhante no meu dedo anelar. Tinha um post-it colado embaixo da foto, com a letra linda da minha mãe, escrito “Ellie finalmente parou de fugir”.

Fechei os olhos e dei um abraço apertado em mim mesma, deixando as lágrimas caírem, com a respiração

rasa. Foi aí que a raiva se apoderou de mim: uma raiva irracional e arrasadora, que queimava meu estômago. Abri os olhos e vi o mapa. Eu tinha passado esse tempo vagabundeando, me divertindo – “fugindo”, como disse minha mãe –, em vez de estar aqui, passando meu tempo com eles, colecionando novas lembranças. Fui embora sem pensar duas vezes, sem considerar que algo assim podia acontecer. Nunca imaginei que, quando me despedi deles no gramado de casa, seria a última vez que poderia abraçar meu pai e, provavelmente, minha mãe também, caso ela não desperte do coma. Não dei o devido valor a eles, achei que podia voltar quando quisesse e recomeçar do mesmo ponto. Eu estava tão enganada.

Sem pensar, estiquei o braço e peguei todas as fotos, o mapa e os cartões-postais e arranquei tudo da parede com uma fúria louca, sem me importar se as tachinhas voavam por todos os lados, deixando uma cobertura multicolorida sobre o carpete, sem me importar se o papel cortava a ponta dos meus dedos à medida que eu ia rasgando o mapa em mil pedaços. Um grito gutural escapou dos meus lábios. Eu me abaixei e peguei o pedaço maior do mapa, rasguei ao meio, fiz uma bola com os pedaços e joguei no chão, com o resto do lixo que eu havia criado.

As lágrimas rolaram, molhando minha camiseta cor-de-rosa, e fiquei sem ar, chutando as fotos, que voaram para longe de mim. Quando minhas pernas cansaram, fui ao chão, escondi o rosto nas mãos e chorei.

Não sei quanto tempo fiquei sentada ali, provavelmente muito tempo. Uma hora, as lágrimas secaram, e minha respiração voltou ao normal. Não levantei, apenas me arrastei para me encostar na parede e dobrei os joelhos na altura do peito. E foi desse jeito que Stacey me encontrou. Com os olhos vidrados, a cabeça doendo, lembranças de viagem espalhadas pelo quarto inteiro, pensamentos confusos e a raiva ainda fervendo dentro de mim.

– O que foi que aconteceu aqui, Ellie? – ela perguntou, entrando no quarto e observando o caos.

Olhei para cima e encolhi os ombros. Estava sem palavras.

Stacey apertou os lábios. Virei o rosto para não ver seu olhar de compaixão. Ela não falou nada, só chegou perto de mim, desceu escorregando pela parede até ficar sentada do meu lado e passou o braço pelos meus ombros. Inclinei a cabeça, pousei-a no seu ombro e apertei o corpo contra o dela, grata por aquele abraço do qual precisava tão desesperadamente naquele dia.

Ela soltou o ar devagar, passando a mão no meu braço para me confortar.

– Sua avó me ligou e pediu para eu passar aqui depois do trabalho. Ela disse que você teria um dia difícil e precisaria de alguém para te dar uma animada.

– Ah.

Tinha mesmo ficado me perguntando como é que minha amiga tinha aparecido assim, do nada.

Ela se virou de leve e me deu um beijinho na cabeça.

– Você está bem? – sussurrou, com os lábios colados no meu cabelo.

Encolhi os ombros de novo, sem saber se estava bem ou não.

– Não muito – admiti, me afastando um pouco e passando a mão nos meus olhos doloridos. – Acho que não resisti à pressão. Vi o mapa, e minha mãe, ela... – Franzi a testa ao ver uma foto minha e de Natalie, colhendo uvas na França, que sobressaía de um pedaço rasgado do mapa. – Não sei. Acho que fiquei com raiva.

– De quê? – Stacey insistiu.

– De mim, por ter ido embora. Eu deveria estar aqui. Para começar, jamais deveria ter viajado. Ou então deveria ter voltado há dois anos, quando Natalie foi embora. Eu jamais deveria ter ficado em Londres.

Stacey ficou em silêncio por alguns segundos. Depois pegou uma foto minha, sorrindo na frente da torre Eiffel, e me mostrou.

– Quando sua mãe recebeu esta foto, pegou o carro e foi até o centro, no café onde eu trabalhava, só para me mostrar. Ficou falando do quanto estava orgulhosa de você por realizar o próprio sonho e conhecer todos

esses lugares lindos. Ficou no balcão enquanto eu servia os fregueses e não parava de se exhibir, para todo mundo que estava na fila, contando que a filha maravilhosa e inteligente estava tirando um tempo para viajar. Ela tinha tanto orgulho de você, Ellie. Nunca te falou enquanto você morava aqui, sabe lá Deus por que, mas ficava falando maravilhas de você durante a viagem.

Olhei para as minhas mãos e fiz uma careta, porque vi os cortes causados pelo papel pela primeira vez, enquanto absorvia as palavras de Stacey.

– Você tinha que ir, Ellie, era o melhor para você. Precisava passar um tempo longe para curar seu coração, para se reencontrar depois... – nessa hora, minha amiga cerrou os dentes, com raiva – dele.

“Dele.” Jamie. O menino lindo e problemático que me convenceu a me apaixonar por ele só para me deixar completamente arrasada. Engoli o caroço que se formava na minha garganta só de pensar nele. Já fazia três anos, e ainda doía pensar no cara, abria velhas feridas, meu coração ficava sangrando.

Eu sabia que ela tinha razão. A viagem fora necessária. Eu *tinha* que partir. Estava machucada e perdida, tão arrasada que, às vezes, achava que não ia conseguir me reerguer. Mas passar um tempo fora ajudou, Natalie ajudou, conhecer lugares que não me faziam lembrar dele ajudou. Toby ajudou.

– Eu devia ter dado um jeito de vê-los ou ter falado mais com eles. Voltar para uma visita. Trazer Toby para conhecê-los. Devia ter feito diferente – balbuciei.

– Pensar em retrospectiva é uma maldade filha da puta – Stacey respondeu, baixinho.

– E não é que é verdade? – murmurei.

Stacey inclinou a cabeça, me deu um sorriso triste e segurou minha mão.

– Você vai acabar enlouquecendo se continuar pensando assim – disse, traçando um círculo com o dedo nas costas da minha mão. – Precisa se dar um tempo. Tenho uma ideia – falou, com um brilho nos olhos e endireitando os ombros. – Vamos sair hoje à noite. Jantar, só nós duas, e quem sabe tomar umas depois. Você precisa relaxar, senão vai acabar tendo um colapso nervoso. – Então olhou em volta para a bagunça no meu quarto, levantou as sobrancelhas e completou: – Bom, está mais para *mais um* colapso nervoso.

Sacudi a cabeça.

– Não, não estou a fim.

E ela levantou aquela sobrancelha perfeitamente desenhada.

– Você vai. Sem discussão. Faz três anos que você não come um legítimo *cheeseburger* norte-americano. Vou te levar para sair, e ponto-final.

Dei risada, meio sem graça, sabendo que não adiantava discutir com aquela menina – ela sempre conseguia o que queria e sabia disso. Além do mais, ia ser bom mesmo pensar em outra coisa, mesmo que fosse só por uma ou duas horas. Soltei um suspiro, resignada.

– Ok, tudo bem. Você me convenceu quando disse *cheeseburger*.

– Boa menina – disse, sorrindo. – Ah, mas que tal você tomar um banho antes? Sem querer ofender, Ellie, mas você está fedendo – falou e sacudiu a mão de unhas feitas debaixo do nariz, na brincadeira.

– Sua energúmena – falei, dando risada.

– Energúmena? Aunnnn, você está falando aqueles xingamentos britânicos fofos – debochou.

Dei um sorriso e revirei os olhos, depois fiquei de pé. Baixei a cabeça e cheirei minhas axilas. Meu último banho tinha sido em Londres, simplesmente não tinha dado tempo e eu não estava a fim. Quatro dias e uma viagem bem longa de avião. Stacey tinha razão, eu estava cheirando mal mesmo.

– Eca! Vou tomar banho – murmurei, franzindo o nariz, enojada.

CAPÍTULO

9

Jamie

O chão e as paredes da segunda sala que mais uso tremiam no ritmo da batida da música que tocava no andar de baixo. Rubro, minha última aquisição no ramo de boates, tinha passado por uma melhoria no sistema de som e na decoração nos últimos dois meses. Pensei que uma reforma atrairia os riquinhos das fraternidades, que gastam mais com bebida, ou seja, eu poderia aumentar o preço da entrada. Mas, com aquela música fazendo meu uísque vibrar com tremores semelhantes ao do filme *Jurassic Park*, comecei a achar que tinha cometido um grande engano do caralho. Não conseguia me concentrar, e isso significava que eu teria que refazer aquela merda toda na manhã seguinte. O lugar não era só um meio para obter dinheiro – no quesito renda, era um dos que menos dava grana –, mas os oito estabelecimentos, entre boates e bares, que eu tinha espalhados pela cidade serviam a um propósito: lavar um pouco do dinheiro dos meus empreendimentos mais fora da lei. Eu só precisava ser um pouco criativo com a papelada e deixar meu contador, que era extremamente bem pago, cuidar do resto.

Cada música parecia se transformar na seguinte imperceptivelmente. Soltei um gemido, fechei os olhos e massageei as têmporas, com movimentos circulares. No dia seguinte, mandaria fazer um isolamento acústico na minha sala.

Uma batida na porta interrompeu minha ruminação interna.

– Que foi? – berrei, indo para a frente e pegando o copo.

Raposa espiou pela porta e disse:

– Alberto Salazar chegou. O carro dele acabou de parar aí fora.

– Ok. Manda Ed trazê-lo até aqui, sim? – respondi.

Ele franziu a testa.

– Pelo jeito, o cara trouxe Mateo junto.

Raposa praticamente cuspiu ao dizer o nome, deixando seu ódio bem claro.

– Ah, que ótimo – resmunguei, levando o copo aos lábios e mandando o líquido cor de âmbar para dentro. Engoli a coisa toda de um gole só e me delicieei quando ela desceu queimando, me aquecendo até o estômago. Tinha pedido para ter uma reunião com o mais velho dos irmãos Salazar, não com o caçula psicopata. Mateo era um porra-louca e tinha fama de ser impulsivo e impiedoso. Tinha um olhar de louco quase o tempo todo, como se estivesse imaginando vinte maneiras de te matar. Já ouvi muitos boatos sobre ele, uns boatos bem foda, e o mais leve deles era que o cara tinha uma queda por menininhas bem menores de idade. Mateo Salazar era a única pessoa da face da Terra em quem eu adoraria dar um tiro bem no meio dos olhos. E iria para a cadeia feliz por ter feito isso também, porque cuzões como ele não deveriam poder andar por aí, livres, leves e soltos. Só que matá-lo daria início a uma guerra por território na qual eu simplesmente não podia

envolver meu pessoal.

Cruzei o olhar com Raposa, e deu para ver a preocupação refletida em seus olhos. O cara estava com medo daquilo e devia ter razão. A última vez em que cheguei perto de Mateo, o merdinha tentou me matar: apontou uma arma para mim e tudo. Como desta vez estávamos em um lugar cheio de gente, estaríamos, definitivamente, em segurança.

– Olha só, já que aquele drogado filho da puta também veio, vamos fazer a reunião lá embaixo – sugeri, usando o bom senso.

Raposa ficou visivelmente mais calmo com a minha sugestão, seus ombros não estavam mais tão tensos.

– Boa – disse.

Levantei, peguei meu canivete automático preferido e enfiei no bolso da calça social que estava usando, depois cheguei perto de Raposa. Não gosto de andar armado – tenho caras para fazerem isso por mim –, mas não ia chegar perto do Mateo sem nada, de jeito nenhum.

– Então vamos, parceiro. Vamos mostrar para esses vagabundos quem é que manda nesta cidade.

Apertei o ombro de Raposa algumas vezes, para tranquilizá-lo. Ele realmente odeia essa parte dos negócios. O cara gosta de carros, mas já tentou me convencer várias vezes a abrir mão das outras paradas e deixar as outras organizações criminosas cuidarem disso. Só que eu não sou homem de fazer as coisas pela metade.

À medida que descíamos a escada, a música ia ficando mais alta. Assim que entramos no salão, olhei em volta, escaneando a multidão. Carl, um dos seguranças, estava parado na escada que levava ao meu escritório, impedindo que as pessoas subissem. Baixou a cabeça e me cumprimentou:

– Patrão.

Cheguei perto dele e fiz sinal com o queixo para uma mesa mais para o lado do salão, que mal dava para ver de tanta gente que estava ali se divertindo e gastando seu suado dinheirinho. Ficava do lado oposto da cabine do DJ e do palco com as caixas de som de um metro e meio de altura. Estava ocupada por seis mulheres que dividiam uma garrafa do vinho mais barato da casa.

– Carl, libera aquela mesa para mim, sim? Dá para elas umas duas garrafas de champanha pelo transtorno – orientei.

Havia outras mesas livres, mas aquela era a melhor opção. Mais reservada, de canto, mas ainda assim central o bastante para fazer Mateo se controlar.

– Deixa comigo.

– Já, já vêm mais seguranças aqui para cima. Vou fazer uma reunião, então fica de boa, de olho no público como sempre, falou? – ordenei.

Carl era só um segurança, que foi contratado por causa do seu corpo gigante, alguém para evitar que acontecessem problemas nas boates.

Fiquei observando o cara ir até a mesa, dar o seu sorriso mais cativante e dizer para as mulheres liberarem a mesa porque o sr. Cole precisava dela. Não fiquei mais muito tempo por ali, fui me esquivando da multidão, andando pela beirada da pista de dança, cumprimentando todo mundo que conhecia, recusando educadamente as bebidas que alguns fregueses fiéis me ofereceram, de quem eu deveria saber o nome, mas não sabia.

– Quer que eu fique sentado na reunião? – Ed ofereceu-se, ficando do meu lado quando, finalmente, consegui chegar à chapelaria.

Sacudi a cabeça e respondi:

– Eu e Raposa damos conta.

Não pude deixar de perceber que ele repuxou os olhos de decepção e cerrou os dentes. Ed odeia o fato de eu não permitir que ele se envolva muito na organização. Eu tenho quase certeza de que o cara guarda ressentimento de mim por ter assumido o controle do pessoal de Brett e rebaixar ele de posição. O cara tinha idade para ser meu pai, afinal de contas. Provavelmente, devia ficar muito irritado por ter um chefe com a

metade da sua idade lhe dando ordens e o rebaixando. Pior para ele, caralho.

Ed abriu a boca, provavelmente para protestar e me dizer o quanto seria útil e que gostaria de se envolver mais nas paradas, mas a porta se abriu bem na hora, e os irmãos Salazar mais três capangas entraram.

Alberto entrou primeiro – alto, esbelto e confiante – e veio na minha direção com a mão estendida. Levantei a sobrançelha, olhei para sua mão, incrédulo, depois para seu rosto, e não me dei ao trabalho de retribuir seu gesto educado. O cara andava passando droga no meu território. Não tinha chamado ele ali para trocar gentilezas. Depois de alguns segundos, Alberto obviamente chegou à mesma conclusão e baixou a mão.

– Pirralho Cole, prazer em vê-lo – cumprimentou, com seu sotaque mexicano bem carregado.

Não respondi, só olhei para ele e para o irmão. Mateo não era tão alto quanto Alberto, nem tinha seu físico, mas tinha algo nele, no jeito como se comportava, que me deixava com o pé atrás. Sempre soube interpretar muito bem os outros, e meu instinto me dizia que Mateo preferia me matar a olhar para mim. O cara tinha alguma coisa estranha. Se não fosse pela influência do irmão, provavelmente já teria desrespeitado nosso acordo há muito tempo.

Mateo fixou os olhos castanhos nos meus, com uma faísca de prazer. A tatuagem de lágrima preta que tinha no canto exterior do olho direito contrastava com sua pele olivada, e ele ainda tinha mais uma teia de aranha grande tatuada na lateral do pescoço. Quando levantou a mão para coçar o maxilar, vi as finas linhas pretas que ele tem tatuadas nos lados do dedo indicador esquerdo, como marcas de contagem de pontos – no dedo em que aperta o gatilho. Dizem que cada linha representa um assassinato cometido. Contei duas séries de cinco mais uma linha. Pelo jeito, o cara andou ocupado desde a última vez em que o vi. Há uns dois meses, quando apontou a arma para mim, havia nove linhas.

Mateo não disse nada, ficou com os lábios retorcidos de leve, em uma expressão de desrespeito, enquanto eu o olhava de cima a baixo, tentando descobrir se o cara ia me causar problemas. Estava meio inquieto, como sempre, efeito colateral do seu vício em heroína, sem dúvida, mas parecia estar sob controle.

Voltei a olhar para Alberto.

– Você tinha que trazer essa coisa junto? – perguntei, fazendo sinal com o queixo para Mateo, ignorando os rosnados e a série de xingamentos em espanhol que ele falou para mim.

Alberto encolheu os ombros e esboçou um sorriso.

– Não posso deixá-lo sozinho – brincou.

Soltei uma risada. Pelo menos, a gente estava sendo sincero. Eu não gostava de Alberto, nem do jeito como ele comandava seus negócios ou passava seu produto barato. Mas, pelo menos, o cara tinha honra e, normalmente, cumpria sua palavra.

– Ninguém pode entrar armado na boate. Se for o caso de alguém estar, tem que deixar aqui e pegar na saída – afirmei, fazendo sinal para um dos meus seguranças se aproximar.

Mateo fez careta e pôs a mão dentro da jaqueta de couro marrom, em cima da arma que carregava, mas Alberto balançou a cabeça e, na mesma hora, tirou do casaco uma semiautomática preta e colocou na bandeja que o segurança estendeu. Seus capangas fizeram a mesma coisa, colocando as armas na bandeja. E Mateo ainda não tinha se mexido.

Levantei a sobrançelha, pus os ombros para trás e o desafiei a tomar a atitude que seus olhos transmitiam que ele queria tomar.

Raposa interveio.

– Se você preferir, pode brincar com sua arma no carro enquanto os adultos fazem a reunião – sugeriu, com um tom condescendente. Dei um sorriso para ele.

Passaram-se alguns segundos, Alberto falou com o irmão na sua língua nativa, e não entendi nada. Mateo cerrou os dentes de raiva, mas tirou de dentro da jaqueta sua pistola com cabo de marfim e um canivete combinando, colocou em cima das outras armas e ficou observando, com uma ânsia nos olhos, o guarda ir

para a central de segurança com elas.

– Perfeito. Podem vir comigo.

Virei as costas sem esperar por ninguém e passei pelas portas duplas que levavam ao salão principal da boate lotada, indo em direção à mesa que pedira para Carl liberar.

A garçonete, uma menina magra de pele bronzeada e cabelos negros como penas de corvo, chegou quase na mesma hora, se esquivando do público e deixando uma garrafa de uísque e quatro copos servidos na nossa mesa, em silêncio, e depois foi embora.

Olhei para Mateo, que observava a garçonete se afastar da mesa.

– Achei que você tinha ido em cana ontem – falei, pegando um dos copos e tomando um gole de uísque.

Mateo encolheu os ombros, cruzou o olhar com o meu e respondeu:

– Não tinham provas para me manter lá.

Minha fonte na polícia me contou que Mateo tinha sido preso por agressão com agravante no dia anterior. Pelo que me contaram, era um caso simples de provar, com diversas testemunhas para confirmar que o cara tinha enfiado um taco de sinuca na perna do oponente porque perdera a partida.

– Sério? Que pena.

Porra, era uma pena mesmo.

Um sorriso insolente se esboçou no seu rosto.

– Acontece que as testemunhas mudaram de ideia e não vão mais dar depoimento.

Alberto veio para a frente, segurando o copo entre as mãos.

– Olha, a gente pode ir logo ao assunto que fez você nos chamar aqui? Toda essa palhaçada é uma perda de tempo, e tenho certeza de que tanto você quanto nós temos mais o que fazer.

Direto ao ponto. Eu gostava assim.

– Certo – concordei, ficando bem de frente para ele. – Quero que vocês fiquem fora das minhas boates, porra. A próxima vez que mandarem aviões para uma das minhas casas e me desrespeitarem desse jeito vai rolar tanta merda que vocês nem vão entender o que foi que aconteceu. Vocês conhecem os limites. Deixamos que vendam essas merdas nas ruas, dentro do bom senso. – Fui para a frente e olhei bem nos seus olhos para ele saber que eu estava falando muito sério. – Se ultrapassarem o limite de novo, vou pegar tudo o que construíram e derrubar em cima de vocês. Não pensem que não sei onde é que vocês misturam essa merda. É só eu dar um telefonema que vai ter gente lá em questão de minutos para mandar os laboratórios de vocês pelos ares. E aí quero ver como é que vocês vão continuar fazendo negócios.

Os olhos de Alberto ficaram repuxando enquanto eu discursava.

– Ah, Pirralho, sejamos razoáveis.

Eu me encostei de novo na cadeira, peguei meu copo e fiquei observando Alberto por cima dele.

– Razoáveis... – repeti. – Então você acha que, por acaso, não estou sendo razoável?

Ele se encolheu de leve, seus ombros ficaram um pouco tensos com meu tom de ameaça. O cara sabia que eu poderia esmagá-lo em um piscar de olhos.

– Não, não é isso – recuou. – Só acho que você não está nem pensando em como poderia ser bom se a gente fizesse uma parceria.

Tive que dar risada depois dessa.

– E o que, exatamente, tenho a ganhar me juntando a duas chaves de cadeia como vocês?

Servi mais uma dose, sacudindo a cabeça, achando graça.

As hordas de gente perto da nossa mesa estavam ficando mais agitadas, uns caras estavam gritando e brindando, batendo as garrafas. Olhei na direção deles e, quase na mesma hora, um reflexo acobreado em um grupo mais adiante, perto da cabine do DJ, chamou minha atenção. Mesmo dentro da boate escura, aquela cor era como um farol, que me chamava, atraía minha atenção e não me deixava desligar.

“Ah, merda. Não pode ser. De jeito nenhum. Ela não pode estar aqui... Pode?”

O copo ficou parado a caminho dos meus lábios e fiquei observando o público, torcendo para a garota ruiva se virar de frente para mim, nem que fosse só um pouco, para eu poder ver seu rosto. Será que era ela?

“Vira. Por favor, vira...”

– Bom, a gente tem um número bem grande de seguidores fiéis – Alberto disse, me obrigando a voltar à realidade.

Raposa debochou:

– Seguidores fiéis? Você fala de si mesmo como se fosse uma droga de um culto.

Engoli em seco e pisquei algumas vezes, tentando forçar meus olhos a desviarem das costas da garota ruiva com todas as minhas forças.

– Não me interessa o tamanho da sua carteira de clientes. Nós temos nossos próprios clientes, todos de alto nível. Não precisamos perder tempo com gente que compra droga na rua. Já te falei isso.

– Ah, mas aposto que a nossa despesa é bem menor do que a sua. A gente tem o dobro do lucro por grama

– Alberto protestou. – Se você comprasse o nosso produto e repassasse para os seus clientes, nós dois podíamos lucrar.

– Isso porque o seu produto é uma merda barata. Meus clientes não iam continuar comigo por muito tempo se eu tentasse passar para eles pó batizado com levamisol – respondi, calmamente. Nós já tivéramos essa discussão. Minha resposta fora a mesma.

Sem minha permissão, meus olhos se voltaram para a direção da menina de novo. Fiquei observando como seu cabelo balançava enquanto ela dançava, como seu jeans preto era colado no quadril e na curva da sua bunda. Fiquei me remexendo na cadeira, torcendo para ela se virar. E, de repente, como se a garota soubesse que eu estava olhando para ela, esperando ofegante para ver se aquela era a menina por quem eu tinha me apaixonado tão perdidamente, ela e a deusa loira e alta com quem estava dançando deram os braços e fizeram uma pirueta meio bêbadas, dando risada.

O ar saiu todo dos meus pulmões quando meus olhos pousaram na mulher que roubou meu coração com um rubor inocente e um sorriso lindo. Ellie sempre me cativou, desde a primeira vez em que a vi, e, passados três anos, nada tinha mudado. Estava estonteante, tão linda que alegrava meu coração. Para mim, ela é perfeita. Tudo nessa garota era hipnotizante, do seu cabelo ruivo, passando pelas sardas no seu nariz, até seus pezinhos que adoravam usar All Star. Essa menina ainda era tudo o que havia de mais certo no meu mundo.

Não conseguia tirar os olhos dela. Fiquei observando Ellie bater o copo no da amiga, brindando. Amiga que, me dei conta, era Stacey. As duas viraram a bebida. Não consegui controlar o sorriso quando Ellie se encolheu toda e levou a mão à boca, encostando as costas da mão nos lábios e franzindo o nariz, como sempre fazia quando tomava alguma dose de bebida. Eu sentia saudade disso. Era uma coisinha tão pequena, mas até isso me dava uma dor no coração e um aperto nas bolas.

– Pirralho?

A voz de Alberto quase parecia uma lembrança longínqua enquanto eu observava Ellie, enfeitiçado.

Stacey olhou para trás e depois virou de novo para Ellie, sorrindo e pegando sua mão, então puxou a amiga até uma das plataformas da pista. Havia pequenos palcos mais altos onde, de vez em quando, colocávamos alguns bailarinos nas noites de sábado. Mas, durante a semana, ficam vazios, e as meninas gostam de subir neles para ter mais espaço para dançar. Ellie relutou no começo, sacudindo a cabeça e ficando mais do que vermelha, coisa que pude perceber com facilidade mesmo estando do outro lado da boate, com pouca luz. Dei um sorriso. Ela nunca gostou de ser o centro das atenções. Mas Stacey não arredou pé e subiu na plataforma de um metro de altura, encarando Ellie com um olhar de súplica até a amiga finalmente ceder e subir também.

– Pirralho!

A voz foi mais alta dessa vez, então me virei, fazendo careta para Alberto.

– Que foi? – disparei. Será que o cara não via que eu estava ocupado, porra?

Ele levantou uma das sobrancelhas peludas.

– Está tudo bem? Você parece meio distraído – comentou, com um tom seco. Era óbvio que estava bravo por não ter minha total atenção.

Mateo veio mais para a frente, com os olhos fixos em Ellie, que estava dançando na plataforma, com movimentos tímidos, porque estava sendo observada.

– Você conhece aquela garota? – perguntou.

– Não – respondi, na mesma hora, e minha resposta saiu mais dura do que eu pretendia. – Bela bunda, só isso – menti, encolhendo os ombros e torcendo para que acreditassem em mim.

Mateo voltou a se encostar na cadeira, e um sorriso foi se esboçando no seu rosto, bem devagar, realçando a cicatriz branca que atravessava seu lábio inferior.

– Ela tem mesmo uma bunda linda – concordou, pegando o copo e dando um gole, bem devagar. Seus olhos aguçados e perspicazes estavam fixos nos meus, com um brilho que me pareceu de excitação.

Segurei a beirada da mesa com tanta força que meus dedos doeram, na tentativa de não esboçar nenhuma reação. Precisava continuar no controle da situação, sem demonstrar minhas emoções ou o quanto Ellie era importante para mim. Eu mandava naquela cidade porque todo mundo sabia que era melhor não me desafiar – os outros sempre tinham mais a perder do que eu. Como eu não me importava com nada, as pessoas não tinham o que usar contra mim. Não ligava se vivia ou morria, porque não tinha nada que fizesse minha vida valer a pena mesmo. Essa solidão me tornava duro, confiante, convencido e praticamente invencível. Eu tinha menos medo do que as pessoas que tinham algo a perder. E isso não podia mudar.

– Vamos logo com isso, sim? Chamei vocês aqui para dizer que é para vocês manterem suas drogas longe das minhas boates. Acho que fui bem claro, então esta reunião está encerrada – berrei.

Alberto soltou um suspiro profundo e sacudiu a cabeça.

– Olha, Pirralho, peço desculpas se algum dos nossos aviões apareceu na sua boate. Não sei quem foi, mas vou descobrir, e a pessoa será punida. Não fomos nós que mandamos o cara fazer isso. Deve ter sido algum vendedor cabeça-dura querendo ganhar uns trocados a mais passando dentro da boate. A gente pode não permitir que isso estrague o nosso relacionamento?

Mateo não estava nem um pouco interessado na conversa e não parava de digitar no celular, com um sorriso sarcástico no rosto que me dava vontade de arrancar na porrada.

– Nós não temos um relacionamento. Permito que vocês façam os rolos de vocês. Vocês ficam gratos – respondi, curto e grosso. Estava tentando tirar os olhos de Ellie, sem sucesso. Meu corpo inteiro estava inquieto, se remexendo na cadeira, desesperado para levantar e ir até ela. Segurei a mesa com mais força ainda para tentar me controlar.

– Mas poderia ser muito mais do que isso. Podemos ajudar você. Temos clientes e podemos contribuir muito para a sua organização – Alberto insistiu.

– Com muita encheção de saco – Raposa interveio.

– Ah, não fala assim – Alberto implorou.

Pelo canto do olho, vi um homem alto e musculoso atravessar a multidão, na direção de Ellie. Ele parou do lado da plataforma onde ela estava. Retorci os lábios e, inconscientemente, cerrei os pulsos. Como o cara era alto – devia ter mais de 1,95 m –, seu rosto ficava na altura do peito das meninas. Então se inclinou e disse algo para elas. Stacey deu risada e sacudiu a cabeça. Ellie ficou visivelmente sem graça.

À minha volta, eu conseguia ouvir Alberto e Raposa falando, mas não conseguia manter o foco, não conseguia parar de prestar atenção naquele merda de armário cheio de anabolizantes que ainda estava inclinado, tentando chamar a atenção de Ellie.

Meu corpo corcoveou quando o cara esticou a mão gorda e passou no quadril dela. Que foi para o lado,

sacudindo a cabeça, falando algo para deter os avanços dele, dando um sorriso nervoso, como quem diz “por favor, vá embora”.

As pessoas em volta do cara tinham se dispersado e o olhavam meio desconfiadas, como se ele estivesse bêbado e precisasse de um pouco de espaço para respirar melhor. Ele falou de novo com Ellie, que fez careta e sacudiu a cabeça outra vez. Quase dava para ler seus lábios dizendo “não, obrigada”, antes de dar as costas para o cara e continuar dançando com Stacey, com os ombros tensos, os movimentos desajeitados e constrangidos.

Só que o cara não queria desistir. Obviamente não aceitava “não” como resposta. Deu risada, enfiou a mão no bolso e tirou umas notas de um dólar. Franzi a testa, cerrei os dentes, achando que ele ia se oferecer para pagar uma bebida. Mas, em vez disso, bateu no ombro de Ellie. Quando ela se virou, dando um sorriso educado mas incomodado, o cara foi logo esticando o braço e enfiando as notas na cintura da calça da menina, como se ela fosse uma stripper. Depois bateu umas palmas exageradas no ritmo da música e fingia que a elogiava.

E foi aí que eu perdi o controle.

Todo pensamento lógico sumiu da minha cabeça. Só conseguia enxergar as mãos do cara em cima dela, Ellie sendo desrespeitada, o imbecil fazendo pouco dela. Levantei de sopetão da cadeira, que caiu para trás, e fui correndo até lá. Ellie estava distraída, tirando o dinheiro da cintura, com uma careta furiosa, e não percebeu quando me aproximei.

Nem o cara, que continuou debochando e dando risada.

– Anda, peitinho delícia, mostra que você sabe dançar.

Ele mal conseguiu terminar a frase antes que meu punho cerrado acertasse sua nuca, fazendo ele cair para a frente de joelhos e bater o peito com força na plataforma. Minha mão ficou ardendo com a força do impacto, mas nem liguei e dei mais um passo para a frente, batendo com o joelho na lateral do seu corpo duas vezes. Ouvi um grunhido de dor satisfatório escapar dos seus lábios. Tudo à minha volta parecia uma névoa vermelha; era como se só houvesse eu, ele e minha raiva implacável. Queria que o cara sangrasse, queria puxar o canivete do bolso e abrir sua garganta, ficar olhando ele gargolejar, tentando respirar, mas em algum lugar, bem lá no fundo, eu tinha consciência de que estávamos cercados de gente. Então, em vez disso, segurei-o pelo cabelo, puxei sua cabeça para trás e dei um soco bem no meio da cara dele.

O sangue esguichou do seu nariz no primeiro soco, a pele da bochecha rasgou no segundo, ele levantou as mãos, sem força, para se defender do terceiro, e seu lábio se abriu no quarto. Meu sangue fervia de raiva. Eu estava ofegante e acertei meu punho cerrado coberto de sangue no seu rosto uma quinta vez. O corpo do cara ficou inerte, seus joelhos balançaram, os braços caíram para o lado, e seus olhos ficaram vidrados. Soltei seu cabelo, e o cara caiu no chão, com uma pancada seca, sangue escorrendo pelo nariz e manchando o chão de madeira que eu tinha mandado instalar há apenas dois meses.

À minha volta, todo mundo tinha parado de se mexer. As pessoas olhavam, chocadas, observando a cena com uma curiosidade mórbida. Minha raiva começou a passar quando olhei para o corpo machucado e inconsciente do sujeito. Um arrepio incômodo percorreu minha espinha ao ver o sangue no seu rosto. Foi aí que eu o reconheci: era um dos homens que tinham vindo com os irmãos Salazar. Voltei os olhos para o braço dele, para confirmar, e é claro que vi a tattoo da gangue: uma cobra enroscada em uma adaga com a letra “S” gravada no cabo.

Na mesma hora, olhei para a mesa de onde eu tinha acabado de me levantar. Raposa estava de pé, olhando para mim com uma cara de desconfiado. Alberto também tinha se levantado, de olhos arregalados, em choque, mas Mateo... Mateo estava assistindo à cena de braços cruzados com um sorrisinho de deboche estampado naquela cara convencida.

E foi aí que caiu a ficha. Óbvio que Mateo ficou no celular pedindo para o capanga dar em cima de Ellie

para ver se eu perdia o controle. Não acreditara quando falei que não a conhecia. Mateo tinha orquestrado tudo aquilo, e eu tinha caído como um patinho.

Fiz merda. Das grandes.

Virei para Ellie, que ainda estava em cima da plataforma, com o corpo congelado, olhando fixamente para mim, o rosto pálido, de queixo caído. Parecia que ela tinha acabado de ver um fantasma.

– Desce daí! Agora – gritei.

Ela engoliu em seco, com os olhos fixos nos meus.

– Jamie? – sussurrou.

CAPÍTULO

10

Ellie

Sangue, socos, grunhidos de dor, gritos das pessoas à minha volta, e o cara que dois segundos atrás enfiou dinheiro no cós da minha calça *jeans* e me chamou de *ramera*, que tenho quase certeza de que quer dizer “prostituta” em espanhol, caindo no chão, inconsciente.

Stacey apertou os dedos no meu braço, tentando me puxar para trás, para perto dela, mas meu corpo ficou aparafusado no lugar, porque meus olhos tentavam absorver todos os detalhes dele. E, definitivamente, era ele, por mais que eu tenha duvidado do que via por alguns segundos. Mas não, sou capaz de reconhecer aquele rosto em qualquer lugar, apesar de seus belos traços estarem contorcidos de raiva, como se fosse uma espécie de anjo vingador tomado pela ira que veio me salvar quando eu mais precisava.

Ele estava ofegante, olhando para o cara em quem tinha acabado de bater com tanto desprezo que seu corpo estava trêmulo. Então levantou a cabeça de repente e se virou de frente para mim.

No mesmo instante em que cruzei o olhar com o seu, esqueci de respirar.

Jamie Cole.

Naquele momento, pareceu que tudo à minha volta havia parado. Parei de ouvir a música que estava a todo volume. Só conseguia enxergá-lo, ele e aqueles seus olhos, que já fitei por horas e horas, aqueles olhos dos quais eu conhecia cada pontinho de cor, aquele tom de chocolate que me atraía e fazia eu me derreter toda anos atrás. Meus lábios se abriram, minha garganta de repente ficou seca, enquanto eu passava os olhos por ele.

Seu cabelo estava diferente da última vez que o vira; estava meio bagunçado, tinha uns cachos perto da orelha e do pescoço, como se estivesse precisando de um corte. Ele estava com a barba por fazer. Tinha alguns machucados quase sarando no rosto e no lado do pescoço. Uma cicatriz de uns sete centímetros bem acima da sobrancelha – mais uma para a sua grande coleção. Meus dedos coçaram. Mesmo depois de tanto tempo, depois de toda dor que ele me causou, eu ainda tinha vontade de tocar aquela cicatriz, de passar o dedo nela e perguntar o que tinha acontecido.

Mas o que ficava mais aparente era como ele havia mudado.

Aquele homem que estava ali na minha frente, de camisa branca e calça social preta, com os dedos pingando sangue de outra pessoa em cima do piso de madeira, não era o menino que eu conhecia. Alguma coisa o tinha alterado, deixado mais duro, o tinha estragado.

Sua postura era rígida, imponente, agressiva, furiosa, até. Um homem inconsciente estava aos seus pés, todo machucado, e não vi nem uma gota de arrependimento no rosto de Jamie. Nunca o tinha visto com aquela cara. A escuridão refletida nos seus olhos embrulhou meu estômago.

– Desce daí! Agora – berrou.

Engoli em seco, tentando me livrar do caroço que tinha se formado na minha garganta.

– Jamie? – falei, minha voz era quase inaudível, mais parecia um sussurro, mas ele ouviu. Seu maxilar se mexeu de novo, ele se movimentou sutilmente, mas não tirou os olhos dos meus.

Meu corpo estava anestesiado, meu cérebro estava se esforçando para funcionar. Ele estava ali. Eu estava cara a cara com o menino que me fez chorar noites e mais noites, por meses sem fim. Ao vê-lo ali, de modo tão inesperado, foi como se todos aqueles sentimentos viessem à tona ao mesmo tempo, me engolissem e me cuspissem. E me esmagando, me atirando de volta naquele mar de sofrimento contra o qual lutei tanto para sair.

Aquele homem que estava ali, na minha frente, era o motivo de eu não ter voltado para casa. Nunca quis que esse encontro acontecesse, nunca quis olhar aqueles olhos de novo, porque, daí, eu teria que reunir forças para viver sem eles outra vez e não sabia se conseguiria fazer isso duas vezes.

– Desce daí agora! – repetiu, com um tom seco, de ordem.

Meus olhos começaram a arder, cheios de lágrimas, que tentei segurar, porque as lembranças boas de nós dois começaram a me dominar, como um soco na cara. Eu tinha amado aquele menino incondicionalmente. Amara tudo a seu respeito, mesmo seu lado ruim, que eu não entendia. Eu tinha me entregado de corpo e alma a ele, que me jogou fora por causa de um errinho bobo. Senti um aperto de dor no peito.

Sua postura era rígida, e ele olhou rapidamente para trás.

– Ellie, desce daí, por favor. Jesus, dá para você fazer o que estou mandando, porra? – ordenou, esticando a mão para me ajudar a descer da plataforma em que Stacey tinha me obrigado a subir.

Mas ali, olhando para ele, comecei a sentir outra coisa. O choque de vê-lo, de repente, se transformou em raiva.

“Ele encheu o cara de porrada apesar de eu estar me virando bem sozinha e agora tem a audácia de me dar ordens... depois de tudo o que me fez passar?”

Cerrei os punhos e abri a boca para dizer algumas das muitas coisas inteligentes que eu tinha pensado ao longo dos anos, respostas que eu devia ter dado quando falei com ele no telefone aquele dia, em vez de ficar implorando por mais uma chance. Mas, antes que eu tivesse a chance de falar, ele veio, me segurou e me puxou para perto sem o menor esforço. E então fiquei de cabeça para baixo, com o corpo pendurado no seu ombro, a bunda no ar, os braços dele segurando minhas coxas, e bati o rosto nas suas costas.

Soltei um gritinho, chocada, o sangue foi logo descendo para a minha cabeça, e só conseguia enxergar sapatos e o cara machucado ali, no chão. Soltei um suspiro de surpresa, e meu rosto começou a arder de vergonha.

– Ei! – Stacey gritou, de cima da plataforma.

Aquele monte de pés à nossa volta abriu caminho quando Jamie se virou e andou no meio deles, comigo no ombro como se eu fosse um saco de batatas. Meu corpo batia no dele a cada passo que dava.

A raiva ferveu dentro de mim com uma intensidade que eu nem sabia que ainda podia ter.

– Me põe no chão, seu cuzão! – gritei, me sacudindo toda, chutando o ar e socando suas costas. – Me larga! Jamie Cole, me põe no chão agora, porra! – ordenei, segurando tudo o que podia, enfiando as unhas nas suas costas na tentativa de chamar sua atenção.

O cara tinha dado menos de dez passos quando uma das minhas pernas encostou em alguma coisa, que devia ser o lado do seu rosto, e então ele parou de andar. Aproveitei a oportunidade e me debati ainda mais, empurrando suas costas com as mãos em uma tentativa inútil de virar de cabeça para cima e escorregar para baixo.

– Tira as mãos de mim! – gritei, depois belisquei as laterais do seu corpo, corcoveando como um cavalo para me libertar.

– Ai, tudo bem! Porra, se acalma.

Jamie dobrou os joelhos e puxou minhas pernas, para eu sair do seu ombro. Então me soltou um pouco, e meus pés tocaram o chão. Segurei seus ombros e me apoiei neles para ficar de cabeça para cima. Demorei um instante para conseguir ficar de pé direito. Ele ainda estava com as mãos nos meus quadris, me segurando para se endireitar, olhando para mim com uma expressão séria e fogo nos olhos.

“Ele está puto, muito puto.”

Levei os ombros para trás, tirando as mãos dele de cima de mim e me afastando um pouco, para ter uma certa distância. Eu estava com a cabeça confusa e, sem pensar, tentei arrumar o cabelo que com certeza devia estar uma completa bagunça depois daquela cena.

Fiquei olhando feio para Jamie. Eu também estava puta.

– Sério, qual é o seu problema? Você chega chegando e começa a brigar no meio da boate como uma droga de um marginal e aí tem a audácia de encostar o dedo em mim? Você não tem o direito de encostar o dedo em mim, não mais. Você não tem esse direito!

Minhas palavras saíram mais duras do que eu pretendia. Anos de mágoa se concentraram nelas, tornando-as ácidas e rancorosas.

– Ellie – disse, com uma expressão concentrada. Seus lábios se moveram, mas não saiu mais nada. Ele só bufou e passou a mão no cabelo. A carícia suave da sua voz, pronunciando meu nome, deixou meu coração sobressaltado. Nunca pensei que ouviria esse garoto dizendo meu nome de novo. Por mais que eu não quisesse, aquele som fez as borboletas voarem soltas no meu estômago.

Sacudi a cabeça. Ele não tinha direito de causar essa reação, droga, não depois de partir meu coração, e meu corpo traidor deveria ficar do meu lado nesse momento. “Filho da puta.”

– Três anos de silêncio e então você só aparece e acha que pode me pegar e me carregar como uma porra de um homem das cavernas? – falei, apontando o dedo para ele, tentando recuperar o fôlego. A raiva estava passando, e eu conseguia sentir as emoções se avolumando dentro de mim, ameaçando sair de uma vez só. – Você não tem esse direito, Jamie. Você não tem o direito de fingir que nada aconteceu e vir para cima de mim como se fosse um cavaleiro de armadura brilhante. Você não tem o direito de fingir que não partiu meu coração. Você simplesmente não tem esse direito.

Quando pronunciei a última palavra, minha voz já era um sussurro, e meus olhos estavam cheios de lágrimas.

Não podia mais fazer aquilo. Não podia mais ficar ali, na frente dele, e me controlar. As lágrimas iam começar a rolar a qualquer instante, e eu me recusava a permitir que Jamie visse uma delas que fosse. Atrás dele, vi Stacey descendo da plataforma, chegando perto de mim. Dei meia-volta, meus olhos localizaram a saída, sabendo que minha amiga viria atrás de mim. Bem na hora em que eu ia dar o primeiro passo, senti uma mão segurar meu pulso e fui puxada para trás. Meu corpo bateu no dele.

Fiquei sem ar, ao ver o rosto de Jamie. Seus olhos ardiam, seu maxilar estava para frente, e ele chegou ainda mais perto, segurando firme no meu pulso. Pôs a outra mão do lado do meu rosto, passou as pontas dos dedos pelo meu cabelo. Não tive tempo de reagir antes de ele grudar a boca na minha.

Soltei um gritinho, e meu corpo ficou rígido quando ele se grudou no meu. O seu calor tomou conta de mim à medida que foi roçando os lábios de leve nos meus. O beijo terminou em um instante, mas ele não se afastou. Ficou roçando o nariz no meu, e senti sua respiração nos meus lábios e no meu queixo. Ele soltou meu pulso, pôs a mão nos meus quadris, e essa era a minha oportunidade de me afastar, se eu assim quisesse. Mas eu não quis.

Meu corpo reagiu por vontade própria, minha respiração estava rasa, e arqueei as costas, me grudando em cada centímetro dele, duro como uma rocha. Seu corpo era tão rígido, firme, quente e conhecido, que meu coração disparou. Fiquei olhando para sua boca, para aqueles lábios que exploraram cada centímetro do meu corpo com tanto amor, para aquela boca que sussurrava “eu te amo” enquanto me abraçava. Um gemido de

saudade ficou engasgado na minha garganta ao observar aquela boca.

Esqueci de tudo: da dor, da mágoa, das lágrimas, da boate onde estávamos, das pessoas que estavam olhando; tudo sumiu em um instante, e fiquei perdida nele.

Então, quando seus lábios roçaram os meus uma segunda vez, meus olhos se fecharam, e retribuí seu beijo, me deleitando com a alegria que um simples beijo podia me dar. Jamie gemeu, com os lábios colados nos meus, passando a mão nas minhas costas, me abraçando forte. Uma onda de saudade e desespero me atingiu com força total, e segurei sua camisa como se estivesse lutando pela minha própria vida, à medida que o beijo foi ficando mais intenso.

Minhas pernas ficaram bambas, mas Jamie me segurava firme pela cintura, me mantendo no lugar enquanto a paixão foi chegando a níveis que não alcançava há anos. Era uma paixão que me consumia, do tipo “preciso de você dentro de mim agora”, quase dolorosa de tão imensa. Uma paixão que só Jamie tinha despertado em mim.

Quando ele entreabriu os lábios, e sua língua roçou de leve meu lábio inferior, e senti uma dor de saudade no peito, me dei conta de que o Jamie fora a última pessoa que me beijara daquele jeito. Aquele desejo, aquela necessidade absoluta, aquele desespero de ficar mais perto de alguém era uma coisa que eu só tinha experimentado com ele. Toby nunca me fez sentir daquele jeito, nem com um beijo nem com uma hora de exploração dos nossos corpos nus nem nunca.

E, assim que seu nome entrou na minha cabeça, tudo terminou.

Toby. Meu noivo. O cara que me deu emprego e um motivo para ficar na Inglaterra quando eu estava desesperada e não queria voltar para casa, o cara que tinha me curado, que me fez rir quando eu só tinha olhos para a escuridão. O doce, adorável, confiável Toby que não merecia aquilo, não mesmo.

A paixão desapareceu em um segundo, substituída por uma raiva tão clara que as palmas das minhas mãos ficaram coçando.

Enfie os braços entre nós dois e empurrei Jamie para longe de mim, dando alguns suspiros abafados. Eu estava fervendo de raiva, uma raiva que aquecia meu corpo inteiro. Sem saber direito o que estava fazendo, levantei a mão e dei um tapa na sua cara. Com força. A multidão que nos observava soltou um suspiro de surpresa, as pessoas arregalaram os olhos, animadas. Vi Stacey atrás de Jamie, boquiaberta, em evidente estado de choque.

A cabeça de Jamie foi para o lado com a força do impacto, mas, com exceção desse pequeno movimento, ele não teve nenhuma reação. A raiva borrava minha visão, ou talvez fossem as lágrimas, que eu não conseguia mais controlar.

– Seu cuzão! Eu estou noiva! Você não pode mais me beijar assim. Você teve sua chance e a desperdiçou! Desperdiçou, Jamie – gritei. Sacudi a cabeça e fiquei olhando para o chão, porque não podia ver sua expressão de mágoa nem mais um segundo. – Sinceramente, não sei como você tem coragem de chegar perto de mim, muito menos de me beijar depois desse tempo todo – falei. – Me deixa em paz. Já tenho muita merda para lidar e não preciso de você para complicar ainda mais as coisas e remexer no passado.

Dei as costas e saí correndo no meio da multidão, empurrando as pessoas que sacolejavam na pista de dança, obviamente sem ter percebido a cena que tinha acontecido nos fundos da boate, com os olhos fixos na placa luminosa verde com as palavras SAÍDA DE EMERGÊNCIA. Saí correndo do cara e, na minha cabeça, dos meus problemas. Mas, assim que saí pela porta contrafogo e cheguei ao beco escuro e sujo ao lado da boate, me dei conta de que meus problemas tinham raízes profundas dentro de mim e que não adiantava correr, por mais difícil que fosse.

Parei, ainda tomada pela fúria, e me encostei na parede de tijolos gelada, tentando recuperar o fôlego. O ar secava minhas lágrimas, mas novas apareciam, e percebi que não estava com raiva de Jamie. Não de verdade. Estava com raiva de mim. O cara só tinha sido o bode expiatório, porque era mais fácil projetar esse

sentimento do que me responsabilizar por ele.

Eu tinha retribuído seu beijo. Era disso que eu estava com raiva. Eu tinha retribuído seu beijo apesar de estar noiva de outro cara. E tinha adorado cada segundo, droga. Estava me odiando por isso.

CAPÍTULO

11

Jamie

Fiquei observando suas costas desaparecerem no meio da multidão, indo na direção da saída lateral da boate. O lado esquerdo do meu rosto ardia. Ela tinha me dado um belo tapa, mas aquela dorzinha não era nada comparada com o desprezo com o qual me olhou. Não estava preparado para ela me odiar tanto. Ver isso deixava meu corpo gelado.

“Você teve a sua chance e a desperdiçou”, disse. E eu desperdicei, desperdicei mesmo. Desisti da melhor coisa que já aconteceu na minha vida. Mas não pelos motivos que Ellie pensava. Ela achava que eu a tinha traído, achava que eu não a amava, achava que eu não a queria, claro que achava isso; essas foram as palavras exatas que saíram da minha boca. Mas a realidade é que isso não podia estar mais longe da verdade. Eu sempre a amei e sempre a quis. Aquela menina era a minha vida. Eu só estava tentando impedir que ela perdesse seu tempo com alguém que não a merecia.

E, naquele momento, vendo seu cabelo acobreado desaparecer pela porta, fiquei pensando se não tinha cometido um enorme erro tantos anos atrás. Talvez eu devesse ter dito a verdade, ter pedido para Ellie esperar por mim e, então, assim que eu saísse da cadeia, poderíamos ter construído uma vida juntos, se ela ainda quisesse. Talvez eu tenha me enganado ao não deixar a escolha em suas mãos.

Carrei os dentes. Ainda podia sentir o fantasma dos seus lábios nos meus, ainda sentia o calor do seu corpo nos meus braços, seu gosto na minha língua. Meu Deus, tinha sentido sua falta muito mais do que me permitia admitir.

Antes de conseguir pensar, comecei a me mexer, a ir atrás dela.

– Ei! – Stacey gritou, atrás de mim, segurando meu braço. Parei e virei de frente para ela, que estava com um olhar gélido.

– Onde você pensa que vai? Não acha que já arrumou confusão o suficiente? – disparou, ficando na minha frente, me impedindo de ir atrás de Ellie.

Franzi a testa, olhando para trás dela, para a porta que se fechou e fez um clique ao retornar ao seu lugar.

– Só preciso conversar com ela.

A menina cruzou os braços e levantou a sobrancelha.

– Você é muito cara de pau, Jamie. É mesmo. Ela não quer conversar com você!

– Olha, Stacey, você pode me dar esse olhar matador o quanto quiser, mas eu vou lá fora conversar com ela e você vai deixar, se não vou pedir para alguém da minha equipe vir aqui segurar você – avisei.

– Você é mesmo muito imbecil. Eu vi o que rolava entre vocês, quando estavam juntos. Ellie teria feito qualquer coisa por você, e você jogou tudo para o alto e partiu o coração dela. Ellie até pode não querer te falar o quanto você é cuzão, mas eu não tenho problema nenhum em dizer isso na sua cara. O senhor, seu

Jamie Cole, é um grande de um escroto, e Ellie está bem melhor sem você.

Uma risadinha escapou dos meus lábios ao ouvir essas palavras cheias de veneno. Stacey me odiava: isso era bem visível. Mas jamais iria conseguir me odiar tanto quanto eu mesmo me odiava.

– Direto ao ponto, sem medir as palavras. Sempre gostei disso em você – respondi. Eu me abaixei para olhar Stacey nos olhos antes que ela desse a resposta malcriada que, dava para ver, estava pensando. – Olha, você é uma boa amiga, Ellie tem sorte de ter você na vida dela, mas já falei que vou lá fora conversar com ela, quer você queira, quer não.

Fiz sinal para Ed, que já tinha chegado mais perto antes, mas tinha parado a alguns metros de distância, e balancei a cabeça na direção de Stacey.

– Segura essa aqui por cinco minutos. Em cinco minutos, pode soltar – ordenei. Dei um passo para o lado e, na mesma hora, Ed segurou os braços de Stacey com suas mãos grandes, depois assoviou para um dos seguranças vir ajudá-lo.

Ignorando os rosnados de protesto de Stacey e suas tentativas de se soltar, fui em direção à porta, parei ao lado de Carl e peguei a chave do carro no meu bolso.

– Vai buscar meu carro e traz até o beco. Daqui a alguns minutos, você vai encontrar duas meninas que vão precisar de uma carona. Quero que você as leve para casa e garanta que elas cheguem em segurança. Entendeu?

Ele balançou a cabeça, joguei a chave na sua mão estendida, empurrei a porta e saí no beco. Espremi os olhos na escuridão, deixei que se ajustassem à penumbra da noite. Ouvi a voz de Ellie antes de vê-la. Estava do outro lado do beco, encostada na parede, chorando baixinho.

Meu coração ficou apertado ao ouvi-la. Odiei o fato de Ellie estar triste por minha causa. Ela olhou para cima quando a porta se abriu, ficou toda dura e levantou a mão para secar as lágrimas.

– Já te disse para me deixar em paz – disparou, com a voz ainda cheia de raiva.

– Eu só queria ver se você está bem. Não queria que as coisas terminassem assim – falei. – Aconteceu muita coisa entre a gente para essas serem as últimas palavras que trocamos.

Ela fungou e olhou para as próprias mãos, mas não disse nada. Nunca a tinha visto tão para baixo. Ellie era, normalmente, uma pessoa animada, sempre nas nuvens, alegre, mas parecia que alguém tinha cortado suas asas. Eu só queria que não houvesse mais aquela distância nos separando e abraçá-la, protegê-la de todo sofrimento, ficar do seu lado para apoiá-la. Meu corpo inteiro doía de vê-la tão triste.

– Isso é meio estranho. Quer dizer, o que eu posso falar para o cara que me traiu e me deixou abandonada à minha própria sorte em outro país? – perguntou, com um tom de sarcasmo, olhando para o chão.

Suas palavras me cortaram como uma faca, porque nada daquilo era verdade. Limpei a garganta, torcendo para minha voz funcionar.

– Ahn... Que tal “oi, como vai você”? – brinquei, só para melhorar um pouco o clima.

Ela riu baixinho, mas não foi uma risada alegre, não foi uma das suas gargalhadas sinceras nem uma daquelas risadinhas que eu tanto amava. O peso do mundo estava embutido naquela risada, e tudo o que eu queria era poder livrá-la daquele peso.

Soltei um suspiro e cheguei mais perto, me encostei na parede, do seu lado. Queria poder chegar perto de verdade, segurar sua mão, fazer carinho nela, levantá-la e beijar seus dedos. Sentia falta do quanto nós tínhamos sido próximos, mesmo com o mais simples contato. Não tive mais essa intimidade com ninguém. Depois dela, simplesmente não tive vontade. Era Ellie ou nada.

– É estranho mesmo – admiti. – Olha, desculpe por ter te beijado, tá? Fiquei chocado de te ver. Não esperara encontrar você na minha boate e simplesmente... nem sei... você estava lá, e fazia tanto tempo que eu não te via, e você estava tão linda, se afastando de mim, e eu não podia permitir. Eu só... – parei de falar, olhei para o chão e fiz careta, porque não estava conseguindo me expressar direito. Eu sempre ficava

tagarelando e falava a coisa errada quando estava perto de Ellie.

O silêncio tomou conta do ar e durou o que me pareceu uma eternidade, só se ouvia a música abafada que saía pela porta, até que Ellie finalmente falou.

– O Rubro é seu? – perguntou, ignorando de propósito eu ter comentado que ela estava linda.

– É – respondi, fazendo sinal para os pôsteres colados do lado da casa, anunciando as próximas festas temáticas. O logotipo da boate resplandecia na parte de cima: uma menina ruiva de blusa curta branca e short vermelho, segurando uma bandeja de copos e dando uma piscadinha sedutora. Ellie não disse nada, e fiquei me perguntando se ela tinha entendido o significado do nome ou da bela ruiva que eu tinha mandado desenhar.

– Tenho alguns bares espalhados na cidade e mais umas duas boates no Queens, mas esta é a minha preferida – falei.

Ela lambeu os lábios devagar, com cara de quem estava perdida em seus pensamentos.

– Então você não anda mais roubando carros?

– Não hoje – respondi, evitando dizer a verdade.

Ellie franziu o nariz e retorceu os lábios, ainda pensativa.

– O que aconteceu com você, Jamie? Você queria largar essa vida. Disse que queria ser um cara decente... ou isso também era só mais uma mentira? – perguntou, olhando nos meus olhos.

“Você aconteceu. Brett aconteceu. Tudo aconteceu. Nada aconteceu.”

Encolhi os ombros e respondi:

– Acho que perdi o motivo que eu tinha para mudar.

Sua testa franziu, e ela me olhou demoradamente antes de falar de novo.

– Por que você foi lá e bateu naquele cara? Eu estava dando um jeito sozinha. Você não precisava interferir e bancar o machão daquele jeito. Agora vai se encrencar por causa disso.

Encolhi os ombros de novo, sem tirar os olhos dela, e dei uma resposta sincera:

– Fiquei com ciúme.

Ellie ficou de queixo caído.

– Você não tem mais esse direito.

– Eu sei.

– Estou noiva – continuou.

– Eu sei.

Ela engoliu em seco, meio sem jeito.

– Ele é um cara muito legal. Cuida de mim. Eu... eu o amo.

Balancei a cabeça devagar, tentando não demonstrar minha mágoa.

– Sei disso também.

Ellie levantou as sobrancelhas com minha resposta.

– E como é que você sabe disso?

Dei um sorriso pesaroso, sem saber direito como confessar que, basicamente, eu a estava perseguindo e tinha gente atrás dela para garantir que fosse feliz. Ainda bem que, como se alguém estivesse me mandando uma espécie de interrupção, a porta lateral da boate se abriu. Eu me virei e vi Ed parado ali.

– Já se passaram cinco minutos, Pirralho – ele disse.

Levantei o dedo.

– Só preciso de mais dois minutinhos – respondi, dando a entender que queria que Ed segurasse Stacey lá dentro um pouco mais. Ele balançou a cabeça, entrou de novo e fechou a porta.

Virei para Ellie e falei:

– Nunca pensei que fosse te ver de novo. Você ficou viajando por tanto tempo que pensei que não ia mais voltar.

Ellie chutou a parede com o calcanhar, e um pequeno soluço subiu pela sua garganta.

– É, bom, tive que voltar.

Suspirando, passei a mão pelo cabelo, porque tinha que manter minhas mãos ocupadas, estavam coçando para tocá-la.

– É, fiquei sabendo do que aconteceu pelo noticiário. Sinto muito pelo seu pai. – A dor da perda e a tristeza se avolumaram dentro de mim. — Ele era um cara legal.

Ela levantou o queixo, olhou para o céu e piscou algumas vezes, provavelmente para segurar as lágrimas.

– É, é uma merda – balbuciou.

Virei o rosto e fiquei observando Ellie, absorvendo cada hipnotizante centímetro dela, guardando sua aparência na minha memória. Parecia impossível, mas ela estava ainda mais deslumbrante do que era há três anos.

– Como está sua mãe? – perguntei, apesar de já saber a resposta. Tinha dado alguns telefonemas, perguntado por aí, tinha informantes por todos os lados. Estiquei a mão, encostei o dedinho no dela, me deliciando com aquele leve toque de pele contra pele, querendo aproveitar mais, mas Ellie foi logo tirando a mão e enrolando os braços no próprio corpo.

Então fez uma careta e disse:

– Até parece que você liga. Nunca gostou dela.

Eu me encolhi ao sentir sua raiva. Ela parecia uma fera felina, dando o bote, pronta para atacar.

– Eu ligo, sim, Ellie – respondi, com firmeza.

Não, nunca gostei daquela mulher, e o sentimento era mútuo, mas ligava porque ela era importante para Ellie. Sempre vou ligar para tudo que tenha o poder de magoar quem amo.

Ela ficou me encarando por alguns segundos, com os olhos fixos nos meus, depois sua expressão se suavizou, seu lábio tremeu, e ela fechou os olhos.

– Ela ainda está no hospital. Respirando por aparelhos. É grave.

– Sinto muito – sussurrei.

– Todo mundo fala isso. Como se tivesse culpa de alguma coisa. Todo mundo para quem eu liguei hoje e dei a notícia do meu pai me falou “sinto muito”, todo mundo. Estou meio cheia dessas palavras.

Soltei um suspiro e cheguei mais perto, notando que ela não se mexeu dessa vez e que meu braço ficou encostando de leve na lateral do seu corpo.

– Posso ajudar em alguma coisa?

Ellie sacudiu a cabeça, e seu movimento fez nossos corpos se roçarem naquele ponto em que estávamos tão perto.

– Já fiz tudo, já providenciei o enterro. Não tem muito mais o que fazer.

– Foi você que providenciou o enterro? – questionei, odiando o fato de Ellie ter que fazer isso e assumir a responsabilidade por uma coisa tão mórbida.

– Foi.

– Quando é? Gostaria de ir, se for tudo bem para você.

Michael Pearce era muito importante para mim. Sempre foi muito gentil comigo e me tratou como se eu fosse da família. Nunca pensou que eu não estava à altura da sua filha.

Ela soltou um suspiro de surpresa e se afastou da parede, com a fúria refletida nos seus olhos de novo.

– Não. Não é tudo bem. Toby vai estar lá, e tudo já vai ser bem difícil.

– Ellie, por favor? Você nem vai ver que estou lá, só quero prestar minha última homenagem – insisti.

Ellie abriu e fechou a boca algumas vezes, com uma expressão indecisa. Mas, antes que ela pudesse responder, um carro chegou na saída do beco, o meu BMW i8 preto. Eu e Ellie olhamos para o veículo ao mesmo tempo. Fiz sinal com o dedo para Carl, que abaixou o vidro, balançou a cabeça e levantou o vidro de

novo.

– Quem é esse? – Ellie perguntou.

– Meu motorista. Pedi para ele levar você e Stacey para casa, só queria conversar com você antes.

Soltei um suspiro e fui até a porta de metal da boate, bati algumas vezes. Segundos depois, a porta se abriu, e fiz sinal com a cabeça para Ed, que estava do outro lado. Ele se virou e fez sinal com a mão, e então uma cabeça loira passou correndo por mim, batendo o ombro de propósito no meu, com uma expressão furiosa.

– Ellie – gritou, indo direto para junto da amiga, passando o braço pelos seus ombros e se virando para mim.

– Você é um grande de um cuzão. Eu devia era chamar a polícia e dizer que você me segurou lá dentro contra a minha vontade.

Ellie franziu a testa e olhou para nós dois.

– Como assim?

Eu meio que encolhi os ombros e falei:

– Carl, leva essas duas para casa.

Stacey bufou e virou a cara para mim, com uma expressão de desdém.

Peguei os casacos das meninas, que Ed segurava, e entreguei para Ellie, que deu um sorriso agradecido, vestiu o dela e passou o outro para Stacey.

– Valeu – murmurou. Então se virou para o carro e puxou a amiga.

– Ei, Ellie – chamei. Ela se virou, com uma expressão de curiosidade nos olhos vermelhos. – Você não me falou se posso ou não ir ao enterro.

Stacey piorou a careta, mas Ellie soltou um suspiro e balançou a cabeça.

– Você pode ir à cerimônia, mas não quero você na minha casa. Vai ser sexta, às três da tarde, na rua Everglade.

Dei um sorriso, agradecido, e falei:

– Obrigado.

Fiquei observando as duas entrarem no carro em segurança e virei para Ed, que ainda estava parado na porta.

– Os irmãos Salazar ainda estão aqui? – perguntei.

– ãhn-hãn. Raposa está com eles. Pelo jeito, Mateo quis esperar você voltar – respondeu, me oferecendo uma toalha de papel. – Sua mão está sangrando.

Balancei a cabeça, peguei o papel e apertei no pequeno corte que tinha no nó de um dedo, depois entrei atrás de Ed na boate. A música continuava tocando, e as pessoas dançavam e davam risadas, completamente esquecidas do incidente que havia ocorrido há alguns minutos. Passei por um cara abraçado em uma menina, com um sorriso no rosto, e uma onda de inveja me invadiu. À minha volta, as pessoas estavam com amigos ou namorados, e eu estava sozinho, como sempre. Há uma semana atrás – caramba, há apenas quatro dias – eu nem teria notado aquele casal, mas agora eu estava com inveja do cara porque ele tinha namorada, e eu não.

Fomos desviando da multidão, e vi Raposa parado mais para o lado, falando com um dos nossos. Quando me viu, chegou perto, com uma expressão preocupada.

– E aí? Tudo bem, parceiro?

Balancei a cabeça e olhei para os irmãos Salazar, que ainda estavam bebericando uísque, mas a garrafa já estava pela metade. Sentado com eles estava o cara que eu tinha nocauteado. Parecia meio zozinho e segurava um pano no nariz para estancar o sangue.

– Vem comigo – pedi. Raposa e Ed me seguiram até a mesa, e os dois irmãos olharam para mim na mesma hora. Um sorriso foi se esboçando devagar no rosto de Mateo, que ficou me encarando, jogado na cadeira

com uma postura insolente.

– Por que vocês ainda estão aqui? Esqueci de dizer alguma coisa? – disparei, olhando bem para cada um dos irmãos. O cara segurando o pano cheio de sangue se encolheu todo e virou o rosto, com medo de mim. Virei para Alberto e falei:

– A reunião está encerrada. Pega o vagabundo do seu amigo que acha legal desrespeitar as mulheres e sai da minha boate, caramba! Não quero ver os escrotos dos aviões de vocês nos meus estabelecimentos de novo, estão me ouvindo?

Minha voz saiu viva e retumbante. Queria que aquela noite terminasse; queria que o cara que teve a audácia de encostar o dedo em Ellie saísse dali antes que eu terminasse o que havia começado.

Alberto soltou um suspiro e ficou de pé, e os outros dois fizeram logo a mesma coisa. Ele não disse nada, só virou e foi embora, fazendo sinal para os capangas saírem também. Fiquei parado, com o queixo levantado, só observando.

Mateo parou na minha frente, com um sorrisinho insolente.

– Acho que Pirralho Cole tem um ponto fraco, sim, afinal de contas.

Fervi de raiva de novo. Caralho, quase cozinhei. Uma raiva tão extrema que eu quase conseguia sentir seu gosto enquanto fluía pelo meu corpo. Estendi o braço e segurei o cara com as duas mãos, depois o arrastei para perto de mim. Estava com o rosto tão perto do dele que vi suas pupilas se dilatarem e senti seu bafo de uísque.

– Se você sequer olhar demais na direção dela, juro por Deus, vou te encher de porrada – berrei, segurando mais forte. – Não me tenta, caralho. Eu te mato, mas antes mato seu irmão e te faço assistir – prometi.

Alberto tinha chegado por trás de Mateo e puxava seu ombro, com uma expressão de preocupação. Então arrastou o irmão para longe de mim, na direção da saída. Raposa ficou me segurando. Obviamente, também tinha se dado conta de que a situação era instável. O tempo todo fiquei olhando bem nos olhos de Mateo, para o cara saber que eu estava falando sério. Se chegar perto de Ellie, vou acabar com ele. Vou arrancar seu coração, porra.

CAPÍTULO

12

Ellie

– Ellie, querida, você já acordou? – vovó chamou, lá embaixo.

Resmunguei e olhei para o despertador que estava na minha mesinha de cabeceira.

– Já – respondi, apoiada em um dos cotovelos, esperando que ela me ouvisse, apesar de minha voz ser pouco mais do que um sussurro. – Já vou descer.

Não tinha conseguido dormir muito; meu nervos estavam fritando, minhas emoções, confusas. Só tinha conseguido pensar em Jamie e em como me senti ao vê-lo de novo. Foi doloroso. Trouxe à tona muitas lembranças que eu tinha enterrado tão fundo que pensei que jamais voltariam à superfície. Mas, de algum jeito, tinham conseguido ressurgir, no mesmo instante em que cruzei o meu olhar com o dele. Desde então, minha cabeça estava girando, repassando as coisas que ele tinha dito, o jeito como me olhou, a sensação dos seus lábios roçando os meus. Fiquei acordada por horas e horas, pensando em quanto nosso relacionamento era bom e como foi doloroso quando descobri que ele tinha me traído e nós terminamos. Nunca tinha sentido uma dor tão grande. Não sabia que uma pessoa podia acabar com a gente apenas com algumas palavras.

Tudo isso ainda fervia dentro de mim, meus sentimentos rodopiavam à minha volta, em uma grande confusão. Não quis falar do que aconteceu na noite anterior, quando Stacey tentou fazer eu me abrir no banco de trás do carro, mas estava achando que tinha cometido um erro. Talvez conversar em vez de engolir tudo aquilo tivesse me ajudado.

Mas como é que eu poderia expressar meus sentimentos em palavras? Nem sabia direito o que estava sentindo ou por quê.

Antes dessa noite, achei que tinha esquecido Jamie. Achei que, finalmente, tinha chegado ao outro lado desse longo e escuro túnel, mas talvez não estivesse completamente curada. Mas talvez jamais ficaria, porque eu ainda tinha um lado que não queria se abrir. Mesmo com Toby, sempre fiquei meio distante, com medo do que pode acontecer se me entregar por inteiro a outra pessoa. Já passei por isso, amei Jamie incondicionalmente, sem reservas. E ele provocou uma cicatriz irreparável no meu coração, então não sei como acreditar completamente em outro homem. O cara tirou tanta coisa de mim, me deixou com o pé atrás, de tanto medo de me machucar de novo, que até conseguiu estragar meu relacionamento com Toby.

Só de pensar, fui atingida por outra onda de raiva. Nem lembrava a última vez que alguém me deixou tão furiosa. Era como se Jamie conseguisse aumentar tudo o que eu sentia. Pelo jeito, esse nível poderoso de emoção – fosse boa ou ruim – estava limitado a ele.

Soltei um longo suspiro, apertei os olhos e resolvi que simplesmente ia esquecer que esse encontro existiu. Já tinha que lidar com muita coisa. Não precisava ficar pensando em um ex-namorado que fingiu gostar de mim, mas não gostava. Sentei na cama, abri os punhos – nem havia percebido que os tinha cerrado – e olhei

para as marcas em forma de meia-lua que minhas unhas haviam deixado nas palmas das minhas mãos. Jamie já tinha tirado coisa demais de mim. Não permitiria que ficasse com mais um segundo sequer do meu tempo, resolvi.

Tirei as pernas da cama, peguei um robe e saí do quarto, seguindo o agradável aroma de bacon e de café que vinha lá de baixo. Congelei quando vi Kelsey sentada à mesa da cozinha; ela já estava vestida, e sua mochila estava em cima da cadeira ao seu lado. Minha irmã não tinha ido para a aula naquela semana – não queria ir, então liguei para o colégio na segunda-feira e expliquei que não sabia direito quando ela voltaria às aulas.

Limpei a garganta e dei um sorriso quando ela olhou para mim, com o garfo no ar.

– Bom dia – falei, na esperança de ouvir mais do que um resmungo ou ao menos que ela não saísse da cozinha, as duas coisas às quais eu estivera sujeita nos últimos cinco dias.

Ela balançou a cabeça, depois voltou a olhar para a comida e para o iPhone. Vovó se virou, dando um sorriso gentil e pegando o bule de café, depois me serviu uma caneca.

– Bom dia. Está com fome? – perguntou.

Meio que encolhi os ombros e sentei em uma das cadeiras vazias.

– Um pouco – respondi. Então virei para Kelsey e perguntei: – Você vai para a aula hoje?

Minha irmã me olhou nos olhos.

– Melhor do que ficar sentada aqui sem fazer nada – respondeu, com um tom seco.

Balancei a cabeça e dei um sorriso para vovó, que tinha colocado uma caneca de café fervente na minha frente.

– Acho que é uma boa ideia. Pode ajudar você a voltar à normalidade – falei, atenciosa.

– Normalidade? Que parte disso é normal para você? – Kelsey disparou, fazendo careta.

– Não quis dizer “normal” – recuei, com dificuldade para me explicar. – Quis dizer que pode ser bom ficar com seus amigos, voltar à rotina. Se ocupar também ajuda, foi isso que eu quis dizer.

– Que seja – ela bufou, largando o garfo e empurrando o prato pela metade para longe.

Soltei um suspiro.

– Kels, por quanto tempo você ainda vai me tratar assim?

Ela empurrou a cadeira para trás, fazendo um barulho alto e estridente. Seu rosto estava contorcido, o nariz franzido de raiva.

– Até você ir embora e me abandonar de novo!

Então pegou a mochila e saiu da cozinha, sem me dar chance de responder. Fiquei em silêncio, chocada. Meu cérebro não parava de repetir a palavra “abandonada”. Era isso que minha irmã pensava? Que eu a tinha abandonado? Eu sabia que ela não queria que eu fosse embora, mas nunca pensei que guardasse ressentimento por causa disso.

Olhei para vovó, procurando palavras de sabedoria, mas ela só encolheu os ombros e deu um sorriso triste e compreensivo.

– Deixa estar, ela vai entender – disse. Então colocou uma panqueca e duas fatias de bacon em um prato e pôs na minha frente. – Coma. Você precisa continuar forte, querida.

– Obrigada.

– Você pode me levar até em casa agora de manhã para eu pegar umas coisinhas? – perguntou.

– Claro.

– Obrigada, Ellie. Já lavei este vestido três vezes nesta semana. Tentei pegar umas roupas da sua mãe emprestadas, mas elas não me servem. Infelizmente, ela é bem maior no quesito decote do que eu – disse, apontando para o próprio peito magro. – Ruth tem o que, acho, vocês chamam de “peitaria”.

Dei risada e quase engasguei com o café. Ouvir minha avó de 83 anos dizendo “peitaria” é uma coisa que

jamais imaginei que aconteceria na minha vida.

O caminho até Mount Pocono, onde minha avó morava, foi agradável, como sempre. Quando paramos na frente da conhecida casa de madeira, não pude evitar o sorriso. Tinha tantas lembranças boas daquele lugar. Meus avós moravam ali desde que me conheço por gente, escolheram passar a aposentadoria ali, em busca de uma vida mais tranquila. Infelizmente, há mais ou menos seis anos, meu avô faleceu, deixando vovó sozinha. Nós íamos visitá-la sempre que possível, meus pais iam todos os domingos e passavam o dia com ela. Eu e Kelsey também passávamos muitos fins de semana lá, e vovó Betty tinha amigos e clubes que a mantinham ocupada. Ela não era de se contentar com pouco e era presidente de um clube de degustadores de vinho e também presidente do clube de boliche.

– Ah, é tão bom estar longe da correria da cidade – disse, suspirando, ao abrir a porta e sair do carro. Respirou fundo, de um modo exagerado, e completou. – Ai, ai, este cheiro. Estava sentindo falta.

Sorri de novo e também saí, então encostei no carro, porque Nora, uma das suas vizinhas, saiu de casa, acenou e veio conversar. Fechei os olhos, deixei o sol bater em mim e me dei conta de que o ar era mesmo diferente ali, mais fresco, mais limpo. Acho que a gente se acostuma a viver na cidade. Londres era igual, cheio de poluição e de fumaça pelas ruas. Tinha esquecido do cheiro do ar fresco da montanha.

Meus pais sempre sonharam em se mudar para ali também. Meu pai sonhava com um lugar na beira do lago, que pudesse transformar em pousada. Minha mãe tomaria conta dos hóspedes e faria o café da manhã, e ele daria aulas de canoagem em um píer na parte dos fundos. Seria perfeito. “Teria sido perfeito” era a frase correta. Já não tinha mais como acontecer.

Quando meus olhos começaram a arder, por causa das lágrimas, me obriguei a parar de pensar no que poderia ter acontecido e olhei para vovó. Ela estava terminando a conversa cochichada com a vizinha. Eu sabia que estavam falando sobre o acidente dos meus pais, então fiquei para trás e fui andando devagar, de propósito, até a casa. As duas foram atrás de mim e se abraçaram na frente da porta, e Nora disse para vovó ligar se precisasse de alguma coisa.

Quando Nora deu as costas, cruzou o olhar, cheio de compaixão, com o meu. Ela era uma senhora encantadora. Todo verão, a gente assava *marshmallows* na fogueira do seu quintal.

– Ah, Ellie. Você se transformou em uma mulher linda e forte – disse. Então se aproximou e me deu um abraço apertado, e seu perfume de velhinha tomou conta de mim. – Cuide bem da sua avó por mim, sim?

– Pode deixar – respondi, me soltando do abraço meio sem jeito e dando um passo para trás.

Ela foi andando até sua casa, ao lado da casa da minha avó, e observei um esquilo procurando comida no gramado enquanto vovó abria a porta.

Antes de ela entrar, resolvi tocar no assunto no qual passara os últimos dois dias pensando.

– Sabe, vó, a senhora não precisa ficar lá em casa se não quiser. Quer dizer, eu voltei, posso cuidar de Kels. Se quiser ficar aqui, pode ficar – sugeri. Não tínhamos conversado sobre isso, mas sei que ela odeia a cidade e devia estar sentindo falta da própria casa, da própria cama. No começo, ela foi para nossa casa porque ficava mais perto do hospital e por causa de Kelsey. Mas, depois que voltei, não havia mais motivo para continuar fazendo isso.

– Você está tentando se livrar de mim? – brincou, cutucando meu ombro.

– Claro que não, adoro quando a senhora está lá em casa e vou sentir muita falta da sua comida – respondi, com um sorriso envergonhado. – Mas... Sabe, eu e Kelsey vamos ficar bem se a senhora não quiser dormir lá.

Ela me olhou nos olhos, com uma expressão séria.

– Ellie, você sabe que existem grandes chances de sua mãe não acordar do coma. Você precisa se preparar para isso, caso aconteça.

Eu me encolhi toda, chocada com a mudança de rumo da conversa.

– Sei disso.

Vovó balançou a cabeça, esticou o braço e pousou a mão enrugada no meu rosto.

– Se isso acontecer, é preciso tomar providências definitivas em relação a Kelsey. Ela ainda é menor de idade e vai precisar de um tutor. Vou voltar para a sua casa agora porque depois, quando tudo acabar e soubermos o que vai acontecer, vou cuidar de Kelsey. Não é justo você carregar um peso desses quando uma vida nova está à sua espera do outro lado do mundo.

Senti um caroço se formar na minha garganta. Pus a mão sobre a dela, que estava no meu rosto, e dei um sorriso agradecido.

– A senhora é mesmo a melhor avó que uma garota pode querer – falei. – Mas, se o pior acontecer, e mamãe não acordar, vou ficar aqui para cuidar de Kels. A senhora não precisa se preocupar nem comigo nem com ela. Pode deixar comigo, juro.

Era a decisão mais fácil que eu já tinha tomado. Não precisava nem pensar. Eu jamais esperaria que minha avó idosa cuidasse de uma adolescente.

O único som à nossa volta era o de passarinhos cantando. Ficamos em silêncio por alguns segundos, e então os olhos da minha avó se encheram de lágrimas, e eu lhe dei um abraço.

– Não acredito que isso aconteceu. Seus pais eram pessoas tão boas. Por que coisas ruins acontecem com as pessoas boas? – perguntou, baixinho, com a voz abafada pelo meu ombro.

– Não sei, vó – respondi, com toda a sinceridade.

Ela se afastou de mim e fungou, tirou um lenço do bolso e assoou o nariz.

– Você já conversou com seu noivo sobre como vai ser se o pior acontecer?

Olhei para o chão e franzi a testa.

– Mais tarde converso com ele.

Eu iria pegar Toby no aeroporto dentro de algumas horas. Aquela era uma conversa que estávamos evitando até então, nos nossos telefonemas diários, mas não podíamos adiar o assunto para sempre. Eu não sabia como íamos resolver, porque ele tem suas responsabilidades na Inglaterra, e eu tinha as minhas nos Estados Unidos. Estava com medo de não haver muito meio-termo para a gente se acertar.

– Vamos continuar rezando para que isso não aconteça, para que sua mãe acorde, e tudo fique bem. Ela é uma guerreira, é sim, e podemos estar nos preocupando à toa com algo que nunca vai acontecer – vovó disse, apertando minha mão.

Balancei a cabeça, mas suas palavras não ajudaram, porque, bem lá no fundo, eu já estava pensando que queria ficar em casa, acontecesse o que acontecesse. Eu já tinha abandonado minha família uma vez, desperdiçado um tempo que poderia ter passado com eles, e não sabia se teria forças para abandoná-los de novo. Era um dilema real, e meus sentimentos eram intensos. Podia não saber o que o futuro guardava para minha mãe, mas tinha quase certeza do que guardava para mim.

Mais tarde, naquele dia, fiquei parada no portão de desembarque, esperando Toby passar pelas portas de vidro e segurando um café preto forte na mão esquerda e um sanduíche de bacon na direita, conforme o pedido que ele me fizera por mensagem. Pelo jeito, a comida do avião não era nada apetitosa, e ele estava definhando de fome – nas suas palavras, não nas minhas.

Ele foi um dos primeiros a chegar na área de retirada de bagagens, com uma senhora de meia-idade com quem não parava de tagarelar. Quando me viu, deu um sorriso de orelha a orelha.

Mordi o lábio e olhei para ele – de jeans e com a camiseta azul do time de futebol Millwall, tênis Nike gasto (ou, como ele dizia, “pisante”) e um suéter amarrado na cintura. Ainda estava com o travesseiro de viagem em volta do pescoço e a mochila pendurada no ombro e arrastava a mala de mão. Seu cabelo estava desarrumado,

amassado do lado em que, provavelmente, ele tinha dormido, e as suas olheiras denunciavam que já estava sob efeito do *jet lag*.

Toby falou alguma coisa para a senhora que estava com ele, que olhou para mim, acenou e deu um sorriso. Acenei também, meio sem jeito, porque estava com as mãos ocupadas, então foi mais um cumprimento com o café. Dei um sorriso. Toby conseguia conversar com qualquer um. Dava para colocá-lo em uma sala cheia de desconhecidos e, em pouco tempo, ele estaria conversando com todo mundo como se fossem amigos de infância e conheceria a história de vida de cada um.

– Oi – disse, quando parou na minha frente.

Então deu um sorriso, chegou mais perto, me abraçou, me puxou e beijou meus lábios. Soltei um gritinho, chocada, e fiquei com os braços retos, toda sem jeito, tentando não derramar café nas suas costas. Quando ele me soltou e parou de me beijar, seus olhos cansados se fixaram nos meus.

– Você é um colírio para meus olhos doloridos.

– Eu ou o café? – brinquei, oferecendo o copo descartável a ele.

– Mmmmmmm – gemeu, pegando o copo e tomando um grande gole.

Um cheiro ruim de carne rançosa ou algo do tipo me atingiu, e franzi o nariz, enojada.

– Eca. Que cheiro é esse? – perguntei, segurando o nariz e respirando pela boca.

Ele gemeu de novo, dessa vez não porque gostou do café, e sacudiu a cabeça.

– Ai, cara, estou com cheiro de vômito, não estou? – disse. Então abaixou a cabeça e tentou cheirar a própria camisa. – O voo foi péssimo. Vômito. Muito. Consegui mirar quase tudo naqueles saquinhos de papel ridículos, mas tenho quase certeza de que minha camiseta do Millwall vai feder a vômito para sempre.

Dei um sorriso malicioso e falei:

– Pobrezinho.

Toby balançou a cabeça e retorceu os lábios de brincadeira.

– Sou mesmo, né? Falei que não ando bem de avião. Meu pescoço está me matando também. Tive que comprar um travesseiro vermelho ridículo no avião, custou uma fortuna. As coisas que um cara tem que fazer para agradecer a noiva, hein?

Então soltou um suspiro, ainda brincando, e massageou o pescoço – ou “colosso”, dito na gíria.

– Você é parceiro mesmo – respondi, dando um sorriso agradecido. – Estou feliz que você está aqui.

O que não era mentira. Toby sempre teve a habilidade de me tranquilizar e melhorar o humor de qualquer um. É uma característica da sua personalidade animada e brincalhona.

– Senti saudade – ele respondeu, se abaixando para me beijar outra vez.

– Eu também.

Olhei para ele, torcendo para sentir uma faísca de paixão. Não o via há dias, deveria ter vontade de arrancar suas roupas e lambe-lo todo, mas, com exceção de um leve tique-taque no meu coração e da gratidão por ele estar ali, não senti nada. Mas acho que é difícil sentir desejo por um cara que está com cara de morte e cheiro de vômito. Bom, pelo menos foi isso que eu pensei.

– Anda, vamos para casa, aí você pode tomar um bom banho – sugeri, abanando o nariz e indo em direção à saída. – Vamos ter que deixar os vidros do carro abertos – completei, sorrindo.

Toby soltou um suspiro de surpresa, se fingindo horrorizado.

– Não podemos fazer isso. Meu cabelo vai ficar todo fofo – brincou, piscando para mim. Passamos pela porta, ele parou e olhou em volta. – Então é disso que todo mundo fala, hein? *A Big Apple*.

Balancei a cabeça e falei:

– É. Bem-vindo a Nova York. O que achou?

Ele olhou de um lado para o outro, depois para o céu azul cheio de nuvens. Respirou fundo e deu uma tossida dramática.

– O cheiro é igual ao de Londres.

Caí na risada. Pela primeira vez, em muitos dias, eu tinha vontade de rir. Esse era definitivamente um talento de Toby.

CAPÍTULO

13

Jamie

Como é que pode a gente estar cercado de pessoas e se sentir tão sozinho? Era algo quase trágico eu ter me acostumado tanto à solidão que quase nem sentia mais. Mas, depois que revi Ellie, a toquei e a beijei – mesmo que apenas por alguns segundos –, queria mais. Metade da minha equipe estava sentada à minha volta, ouvindo os planos de Raposa para o roubo do fim de semana que tínhamos organizado, mas eu mal conseguia escutar.

– Então, vamos precisar de duas pessoas para trazer os carros para cá depois que eu e o Pirralho arrombarmos – Raposa falou, olhando em volta. – Algum voluntário? Sei que tem gente de folga este fim de semana para ir ao furdunço que vai ser o casamento de Shaun.

Shaun não fazia mais parte da equipe. Assim que saiu da prisão, decidiu tomar jeito na vida. Bom, na verdade, a namorada dele, que teve um filho enquanto ele estava na cadeia, “incentivou com veemência” a decisão. Os dois iam se casar naquele fim de semana. Eu tinha sido convidado e, provavelmente, apareceria na cerimônia mas sairia de fininho no meio da festa.

Raposa tinha concordado em participar do roubo no fim de semana, se esquecendo de que metade dos seus homens de confiança conheciam Shaun há anos e iam querer comparecer ao casamento. E ficou com pouco pessoal.

– Estou dentro – ofereceu-se Chase. Que fazia parte da equipe há pouco tempo, era jovem, meio esquentado para o meu gosto, mas leal.

Raposa concordou com a cabeça e anotou seu nome no bloco, depois ficou olhando para ver se encontrava mais um guerreiro corajoso.

Ed se inclinou para a frente e disse:

– Eu posso. Não estava planejando ir ao casamento mesmo.

Dei um sorriso depois dessa. O cara nem tinha sido convidado.

– Sei que normalmente não participo dos roubos, mas sei dirigir – completou.

– Ótimo – Raposa respondeu, balançando a cabeça feliz e pegando o bloco de novo. – Então já era. Eu e o Pirralho vamos arrombar os carros, Chase e Ed trazem os veículos para cá, e Ray assume por aqui e resolve o carregamento.

Levantei o dedo, fazendo o gesto de “espera aí”.

– Preciso de Ed sábado à noite. Se eu estiver ocupado, preciso de alguém que fique de segurança – falei, encolhendo os ombros para o gemido de frustração de Raposa. Olhei para Ed, que estava fazendo careta para mim, obviamente puto por ter sido excluído do roubo para fazer algo que considerava menor. Só que não havia nada de menor naquilo. Para mim, era a tarefa mais importante que eu já tinha confiado a alguém. –

Pago a mesma coisa que vou pagar para quem participar do roubo. Só preciso que alguém fique de olho e garanta que os irmãos Salazar não cheguem perto dela.

Nos últimos dois dias, tinha mandado gente ficar na frente da casa de Ellie 24 horas por dia, de olho para ver se Mateo não fazia nada imbecil, tipo assinar sua sentença de morte. Eu mesmo tinha ficado de vigia em alguns turnos, a maioria à noite, mas não conseguia fazer isso sozinho. Até então, nada de ruim tinha acontecido. Na verdade, tirando o dia anterior, quando Ellie foi até a casa da avó e ao aeroporto buscar o cara que odeio com todas as minhas forças porque pode tocar algo que quero desesperadamente que seja meu, ela mal saía de casa, a não ser para ir ao hospital ou ao mercado.

Só que eu tinha razão para ser cauteloso, por mais que os caras me olhassem como se estivessem me achando louco. A regra número um desse negócio: jamais demonstre para alguém que você se importa com alguma coisa. Jamais demonstre emoção, jamais demonstre vulnerabilidade, porque sempre tem alguém olhando, querendo explorar qualquer fraqueza sua. Sempre tem gente como Mateo por aí, querendo aproveitar qualquer vantagem. Eu tinha feito uma merda das grandes na quinta-feira à noite, e agora estava tentando desesperadamente corrigir a situação e garantir a segurança de Ellie, garantir que ninguém iria atrás dela para me atingir. Não sabia se os caras iam ou não fazer isso, mas estava de olho, só por segurança.

Raposa soltou um suspiro, mas seu olhar demonstrou que ele entendia a situação. O cara sabia dos meus sentimentos por Ellie e o que ela significava para mim. Ele e Ray eram as únicas pessoas com quem eu tinha me aberto sobre isso.

– Ok, então precisamos de mais um voluntário... – falou, olhando em volta devagar.

Depois de um pouco de persuasão, Enzo concordou em sair mais cedo da festa comigo. A grana era boa, ainda mais para ele, que estava tentando comprar o apartamento dos seus sonhos.

– Então, pronto. Vocês podem cair fora. Não tem nada rolando por aqui hoje – Raposa falou, fazendo sinal para todo mundo sair da sala. E, assim que ficamos sozinhos, se virou para mim e perguntou: – E você, o que vai fazer? Quer sair para comer?

– Claro, por que não? – respondi.

Dentro do meu bolso, meu celular apitou, tinha chegado uma nova mensagem. Peguei-o no mesmo instante em que Raposa pegou o dele, e nós dois lemos a mensagem ao mesmo tempo. Meu coração deu um pulo. Tinha um racha marcado para aquela noite, que começaria dentro de três horas. Raposa fez uma dancinha e socou o ar. Tamborilei os dedos na mesma, animado.

– Já não era sem tempo!

E o momento era perfeito, porque eu tinha conseguido consertar minha belezinha naquela semana.

– Eu vou acabar com você hoje – Raposa provocou, guardando o celular no bolso. – Vou abanar para você lá de cima do pódio, tá? – falou, piscando para mim e se virando para a porta. – Vou pôr gasolina na minha gatinha.

– Então não vamos comer? – perguntei, dando risada.

O lugar combinado era uma cidadezinha tranquila na península de North Fork, em Long Island. Era quase meia-noite quando fui seguindo o Ford Shelby GT500 vermelho de Raposa, bem devagar. Dirigimos o mais discretamente possível até o local da partida.

A animação se avolumava no meu peito, e as palmas das minhas mãos coçavam de vontade durante o período de pouco mais de uma hora que levamos para chegar ao destino. Essa corrida não poderia ter aparecido em um momento melhor para mim. Correr me dava paz interior. A potência do carro, a velocidade... Tudo isso se juntava em uma enorme descarga de adrenalina que eu adorava. Depois das distrações dos últimos dias, eu precisava de algo assim para esvaziar minha cabeça e viver o instante, mesmo que fosse apenas durante os quinze minutos do racha.

Raposa diminuiu a marcha no fim da estrada, e um cara com um *walkie-talkie* se abaixou para falar com ele. Vi a luz brilhante de um celular, e então fizeram sinal para ele prosseguir. Fui atrás, já com a mensagem de texto que tinha recebido na tela. O cara olhou para o convite e fez sinal para eu ir em frente também.

Fui devagar, vendo os carros de cores vibrantes e bem turbinados alinhados no fim da estrada, e os espectadores que se reuniam ali em volta, tietando os carros e os motoristas. Parei no primeiro lugar que encontrei, ao lado de Raposa, e abri o capô do carro. Essas coisas sempre começam com os espectadores e outros corredores inspecionando os motores dos carros, exibindo as modificações que fizeram.

Saí do carro, já sentindo o cheiro de gasolina. Raposa me encontrou ao lado do meu carro e fomos andando em meio ao público, conferindo quem eram os competidores estacionados na beira da estrada. Enxerguei alguns que participavam da maioria das corridas e algumas caras novas.

Gemi quando vi dois carros que se destacavam dos demais por causa da pintura exagerada e dos aerofólios grandes demais presos na traseira. Dois Mitsubishi Lancer Evolution, um deles pintado de laranja com um raio verde-limão na lateral, o outro pintado de verde-limão com um raio laranja. Pertenciam a dois gêmeos idênticos, Regan e Harley. A maioria das pessoas os chamava de Gêmeos camicase, não porque fossem impulsivos, mas porque eram destemidos. Eram meus principais oponentes. Além de mim e de Raposa, um dos dois Gêmeos camicase quase sempre ganha as corridas das quais participa. Seu jeito de dirigir era inteligente, fino e casual. Os dois eram famosos no circuito de *kart*, e ouvi falar que mandavam bem na cena dos rachas de Los Angeles e Miami também. Mas eu gostava deles, apesar de serem dois merdinhos convencidos que, de vez em quando, me faziam perder a corrida. Eram caras legais e sempre vinham me cumprimentar com um aperto de mão depois do racha.

Raposa apontou para os dois carros.

– Também vou acabar com a raça deles – garantiu, confiante.

Dei risada, e fomos até outro grupo de corredores que estava amontoados no fim da fileira de carros. Os competidores que participavam da corrida são de todos os tipos. Os rachas não são limitados a *bad boys* ou caras perdidos na vida. Um dos frequentadores era um advogado de sucesso; outro, um professor que ganhava um salário baixo. Podiam ser qualquer pessoa que você via andando pela rua durante o dia, apenas alguém que se entregava a um *hobby* emocionante à noite. Essa era uma das coisas das quais eu gostava nos rachas: todo mundo estava ali simplesmente porque era apaixonado por carros e por velocidade.

Alguém se esgueirou do meu lado e disse:

– E aí, parceiro?

Virei para ver quem tinha falado comigo e fiquei cara a cara com um dos gêmeos, mas não tinha ideia de qual dos dois era. Para mim, não havia diferença entre os dois, a não ser pelo cabelo – os dois eram loiros e tinham o cabelo do mesmo comprimento, mas um gosta de usá-lo espetado, e o outro, dividido do lado.

– Oi, ãhn... Harley? – tentei adivinhar.

Ele sacudiu a cabeça e deu um sorriso.

– Regan – corrigiu. O irmão, que tinha chegado do meu lado, levantara um soquinho para me cumprimentar, e bati minha mão na dele.

– Um dia ele vai acertar – Raposa falou, chegando perto e cumprimentando os dois com um soquinho também.

– Provavelmente não – respondi.

Os gêmeos encolheram os ombros ao mesmo tempo, com um sorriso igual no rosto.

– Então você veio. Para ser bem sincero, a gente meio que estava torcendo para o seu carro ainda estar detonado e você não aparecer hoje – Regan disse, os olhos brilhando de alegria. – Ah, bom. A grana do prêmio que vou ganhar fica maior.

Abri a boca para responder, mas alguém limpando a garganta alto à minha esquerda me interrompeu. Um

cara de colete fluorescente, com um cigarro pela metade na boca, estava ali parado, segurando uma sacola de lona preta.

– Taxa de participação – grunhiu, derrubando cinza em cima da própria barriga saliente e limpando, distraído, com as costas da mão.

Cada um de nós pegou os 500 dólares da taxa e colocou o dinheiro em silêncio dentro da sacola.

– Agora deem uma olhada no circuito e coloquem os carros na posição para a gente poder andar logo com isso – Rodriguez disse para os corredores. Todo mundo mundo foi olhar o grande mapa onde um anel esquisito tinha sido traçado em vermelho. Uma lista de nomes de ruas e as posições de largada de cada carro, tiradas na sorte, estavam escritas à mão ao lado.

Eu e Raposa voltamos para o carro devagar, esperando o público se dispersar, à medida que os espectadores foram se dirigindo à linha de partida.

– Preparado? – Raposa perguntou, quando soltei o capô do carro e deixei que se fechasse sozinho.

– Sim, ele está ótimo agora. Devo muito a Ray por ter conseguido essa peça para mim – respondi, passando a mão sobre a lataria, com amor.

– Não foi isso que perguntei – Raposa falou, cruzando os braços. – Você anda meio distraído. Só queria me certificar de que está com a cabeça na corrida. Você não pode correr se está pensando em outras coisas, tipo... por que acidentes acontecem e pessoas morrem.

Ele estava falando de Ellie. Não esperava por essa. Será que eu estava preparado? Claro que sim. Precisava daquilo. Assim que começasse a correr, meu cérebro se concentraria na tarefa, em vez de ficar se preocupando e pensando em Ellie. Pelo menos, esse era meu plano.

– Estou bem – falei, depois dei um tapinha no seu ombro. – Mas valeu por se preocupar comigo, um dia você vai ser uma boa esposa para alguém.

Raposa revirou os olhos, depois foi até a porta do seu carro, me deu um sorriso e disse:

– Vamos nessa.

Também sorri e me acomodei no meu banco de couro moldado e dei partida. Meu carro pegou rugindo, o motor barulhento e predador quando girei a chave, soprando vida no veículo. Soltei um suspiro de felicidade, passei as mãos pelo volante. O ronco do motor era tão alto que meu couro cabeludo se arrepiou de excitação. A emoção de saber que, dentro de alguns minutos, eu estaria voando a mais de 160 quilômetros por hora me deu um arrepio na espinha.

Ao ver a rua atrás de mim livre, saí de onde estava estacionado e fui até a linha de partida improvisada, onde os outros corredores já esperavam.

Repassei o circuito na cabeça, imaginando os cruzamentos, as ruas, se as curvas eram fechadas ou não. A adrenalina pulsava na minha corrente sanguínea à medida que eu pisava no acelerador, com os olhos fixos em Rodriguez, que passou a três metros da linha de partida e levantou uma buzina.

Segurei a respiração, com os dentes cerrados de concentração, o pé já coçando, pronto para pisar fundo. E então o som estridente da buzina tomou conta do ar, e meu corpo reagiu no mesmo instante. Mudei a marcha e mandei ver. Os pneus cantaram, os motores roncaram, e nuvens de fumaça branca e de poeira se levantaram atrás dos carros, que foram para frente quase ao mesmo tempo, a força da arrancada fazendo os motoristas irem para trás no banco.

Quando cheguei ao fim da pequena rua, já estava a 130 quilômetros por hora. Continuava com os olhos fixos na rua à minha frente, observando o Mitsubishi laranja e o BMW M3 brigando pela posição enquanto eu derrapava na primeira curva, meus pneus cantando com a tração de um jeito delicioso, que me deu um aperto no estômago de tanta emoção.

À medida que as ruas passavam por mim, feito um borrão, e que eu pisava cada vez mais fundo, senti um pouco da tensão dos últimos dias começar a diminuir. Cada mudança rápida de marcha fazia eu recuperar um

pouco o controle que estava perdendo desde que Ellie voltara.

As ruas estavam desertas. Dei um sorriso quando o carro à minha frente pisou no freio antes da hora ao fazer a curva, me permitindo ultrapassar voando. Eu estava em segundo lugar, atrás do camicase laranja. Dei uma olhada rápida pelo retrovisor, e vi Raposa atrás de mim, ultrapassando o mesmo carro que eu tinha passado, segundos atrás; ele estava pau a pau com o camicase verde, lutando pela terceira posição. Sempre acontecia a mesma coisa: nós quatro brigando para ver quem ficaria em primeiro lugar.

Cerrei os dentes, concentrado, virando o volante e disparando para o outro lado da rua, tentando conseguir espaço para fazer a manobra e ficar em primeiro lugar. Meu velocímetro marcava 195 quilômetros por hora. O camicase laranja acelerou, me deu um sorrisinho, e fomos zunindo pela rua em uma nuvem de barulho, fumaça e vapores da qual os moradores reclamariam a qualquer segundo.

Voltei para o lado certo da rua, mano a mano com o camicase laranja, enquanto Raposa tentava sem sucesso passar por trás de mim. Dei um sorriso, segurei o volante com mais força quando nos aproximamos da curva seguinte a toda velocidade. Esperei até o último segundo, pisei no freio e girei o volante, sentindo os pneus desgrudarem do asfalto por uma fração de segundo antes de derraparem e voltarem para a pista. Os pelos dos meus braços se arrepiaram, minha adrenalina subiu mais um nível e tomei a dianteira, pisando no acelerador com toda a força. Os carros cantavam pneu na curva, atrás de mim, e o som cortava o silêncio noturno como uma faca.

– Mais duas curvas – murmurei, para mim mesmo, me permitindo olhar pelo retrovisor por mais uma fração de segundo. Vi os três na minha cola, lutando para me alcançar. Na curva seguinte, deixei para frear quase tarde demais, porque não me dei conta do quanto ela era fechada. Grunhi e fiquei brigando com o volante para não derrapar antes de corrigir a rota e ir com tudo na reta.

De repente, o rosto de Ellie veio à minha mente e, simples assim, eu já não era mais tão destemido quanto queria acreditar. Esse tempo todo eu participava de corridas e nunca me preocupei se ia me ferir ou morrer. Nunca tive nada pelo qual valesse a pena viver mesmo. Mas, assim que o rosto daquela menina apareceu na minha frente, o medo apertou meu coração com sua mão gélida. Se eu me machucasse ou morresse, não poderia mais cuidar dela, e isso era extremamente importante para mim. Eu tinha, *sim*, algo pelo qual valia a pena viver, mesmo sem *tê-la*, por assim dizer.

Olhei para trás e vi que o camicase verde estava em segundo lugar, quase do meu lado. Dava para ver seu olhar determinado, e ele segurava firme no volante e forçava o motor. A próxima curva já estava no nosso campo de visão, e o gêmeo não estava nem pensando em pisar no freio. Engoli em seco, pensando que Ellie enterraria o pai no dia seguinte. Eu precisava estar presente. Tinha que estar.

Aliviei o pé do acelerador, meu carro diminuiu a velocidade e, quase na mesma hora, o camicase verde e Raposa passaram voando por mim e fizeram a curva quando pisei no freio, controlando o carro completamente dessa vez. Não valia a pena, eu não podia correr esse risco.

Andando em linha reta, mantive o ritmo, cruzei a linha de chegada em terceiro lugar e vi as pessoas filmando e aplaudindo os carros que paravam. Quando parei completamente, fechei os olhos e encostei a cabeça no apoio do banco. Raposa tinha razão, eu não devia ter participado do racha. Minha cabeça estava confusa, e quase tinha perdido o controle do carro. Se meus reflexos fossem um pouco mais lentos, eu teria capotado. E, àquela velocidade, eu provavelmente não teria escapado com vida.

Uma batida forte no vidro me fez abrir os olhos de sopetão. Um dos gêmeos estava parado ali, mostrando os dentes, com um sorriso de orelha a orelha. Baixei o vidro.

– Quase te ultrapassei – falei, dando um sorriso forçado para ele não perceber que havia algo de errado comigo.

Ele encolheu os ombros e passou a mão no cabelo.

– Quase. Até você amarelar na última curva.

– Ah, que seja – respondi, revirando os olhos e fingindo irritação.

O gêmeo sorriu de novo.

– Até a próxima, parceiro. Dirija com cuidado – falou, depois me cumprimentou com um soquinho.

– É, até a próxima – respondi.

Mas não sabia se haveria uma próxima. Pelo menos, não até Ellie sair de vez da minha vida e voltar para a Inglaterra em segurança com seu britânico. Assim que pensei nisso, me dei conta de que não queria que acontecesse. Não queria que ela saísse da minha vida; não queria que ela se casasse com outro cara e tivesse filhos ingleses; não queria que continuasse me odiando, pensando que eu não a tinha amado o bastante.

Não queria aquela vida. Desde que tinha saído da prisão, só tinha me enganado, pensando que estava feliz com o que tinha, quando, na realidade, isso não podia estar mais longe da verdade. Talvez estivesse na hora de eu ser sincero, dar a cara para bater, me dar conta de que talvez valesse a pena correr o risco. Talvez eu ainda possa ser bom para ela. Talvez.

CAPÍTULO

14

Ellie

“Bipe, bipe, bipe.”

O despertador ao lado da cama tocou alto e estridente e, na mesma hora, me arrependi de tê-lo escolhido, e não o barulho suave de passarinhos ou a música tranquila, que poderia ter acionado no celular.

– Ai, me fala que ainda não é de manhã e que essa coisa está com defeito – grunhiu Toby, cobrindo o rosto com o braço enquanto eu desligava o despertador.

– Não, já é de manhã – respondi, esfregando meus olhos cansados. Uma dor de cabeça já martelava a parte de trás do meu crânio. “Como se hoje já não fosse ser um dia difícil o bastante.” A dor de cabeça era resultado de mais uma noite mal dormida. Eu passara a madrugada deitada na cama, olhando para o teto no escuro, repassando tudo o que eu precisava fazer naquele dia, coisas que tinha que fazer ou dizer, imaginando como é que conseguiria me segurar. Naquele dia, nos despediríamos do meu pai, e era para eu ser a pessoa forte da família, que segurava as pontas. Como é que eu ia conseguir fazer isso, caramba? Não fazia ideia.

Virei para Toby, espremendo meus olhos inchados e sonolentos, resultado de eu finalmente ter conseguido dormir depois de tanto chorar em silêncio para não o acordar. Ele me deu um sorriso triste, com os olhos ainda meio fechados, e voltei a deitar, chegando mais perto dele e repousando a cabeça no seu peito. Toby me abraçou, cercando-me com o calor do seu corpo, e me deu um beijo no alto da cabeça. Enrolada ali, naquele casulo de edredon e Toby, eu me sentia segura e confortável. E não estava falando apenas da posição para dormir. Nosso relacionamento era assim: de um companheirismo preguiçoso e descomplicado.

– Tudo bem, amor? – sussurrou.

Soltei um grande suspiro e levantei a cabeça, apoiando o queixo no seu peito para conseguir olhar para ele.

– Como é que eu vou conseguir fazer isso hoje, Toby? Acho que não consigo – confessei. Sentia uma dor no coração, meu corpo inteiro parecia pesado de tanta tristeza.

Ele levantou as mãos e segurou meu pescoço, os olhos verdes e doces fixos nos meus.

– Você consegue. Vou estar bem do seu lado, e você vai vencer essa. Você é mais forte do que imagina.

– É – balbuciei, sem acreditar muito. Enfrentar aquele dia seria a coisa mais difícil que eu já tinha feito na vida, e eu mal tinha conseguido fazer as coisas que vieram antes.

Como poderia dar adeus? Como poderia ficar parada lá ouvindo as pessoas falarem de meu pai, de como ele era um homem maravilhoso, cheio de vida? E como é que eu ia fazer isso sem cair no choro na frente de todo mundo?

– Você pode me fazer um favor?

– Claro – Toby disse, balançando a cabeça, com um ar de tristeza.

Dei um sorriso agradecido.

– Fica de olho na vovó por mim, sim? Eu vou ficar bem, consigo suportar, mas fica perto dela para ver se ela está bem. Sei que todos nós estamos passando por isso, mas ela está dando adeus ao filho hoje, e nenhuma mãe deveria passar por isso.

Toby desceu a mão pelas minhas costas, me puxou mais para perto e me abraçou bem apertado.

– Claro que fico. Vou ficar de olho em vocês três.

– Obrigada – murmurei, grudada em seu ombro, apertando seu corpo contra o meu, desejando não precisar levantar da cama e só ficar escondida ali, longe dos meus problemas. Infelizmente, a vida não é assim, então me afastei, dando um beijinho no seu rosto, e pus as pernas para fora da cama.

Só eram sete da manhã, mas eu tinha muitas providências para tomar antes do enterro. Para economizar, porque eu simplesmente não sabia como essas coisas eram caras, e já estava difícil de pagar, eu e vovó íamos fazer a comida da recepção. Tínhamos feito muita coisa na noite anterior, cozinhado minissalsichas, recheado massinhas de diversos sabores e feito todo tipo de petisco até bem depois da meia-noite. Mas, pela manhã, ainda tínhamos que fazer os sanduíches e os ovos apimentados, separar os frios e picar os legumes. “Pelo menos vamos ocupar a cabeça por algumas horas”, pensei, vestindo o robe e indo para o andar de baixo.

Algumas horas depois, já estava quase tudo pronto, e eu já estava a ponto de jogar a comida pela janela. Nunca mais queria ver uma minipizza ou um *nugget* de frango na minha frente. A mesa da sala estava toda arrumada, como se a gente fosse dar uma festa para pessoas em miniatura ou algo do gênero. Minha avó não parava de dizer que meu pai teria adorado, que ele era louco por salgadinhos. Ela tinha razão. Meu pai sempre dizia que as comidas em miniatura eram mais gostosas.

Enquanto Toby e Kelsey arrumavam a casa, vovó terminou de dispor os frios nos pratos, e eu recolhi todo o lixo e fechei bem o saco.

– Tem certeza de que não quer ir ao hospital? – perguntei, indo até a sala e falando mais alto do que o aspirador que Kelsey arrastava pelo cômodo.

– Não, vou ficar aqui e terminar de arrumar a casa – ela foi logo respondendo, depois de desligar o aparelho.

Kelsey não visita mamãe tanto quanto eu. Não quer falar no assunto, mas tenho a forte impressão de que não suporta bem ver nossa mãe naquele estado. Eu tinha que admitir que não é nada fácil.

– Ok. Já volto – falei. Depois me virei para Toby e pedi: – Você fica de olho na vovó enquanto eu estiver fora?

Ele deu um sorriso, chegou perto de mim e me deu um beijo no rosto.

– Olhos de lince – respondeu.

– De quê? – Kelsey perguntou.

– De lince – repetiu Toby. Quando Kelsey levantou a sobrancelha, deixando óbvio que ainda não tinha entendido, dei risada. Ver minha família tentando se acostumar com seu sotaque era hilário. – Felino grande, rápido, com excelente visão. Olhos de lince.

Virei as costas, deixando os dois se entenderem, peguei o saco de lixo e saí. Ao descer o caminzinho da frente da casa, olhei para as nuvens de chuva que se formavam no céu e torci para que se dissipassem até a tarde. Um enterro na chuva seria a cereja do bolo para mim, apesar de combinar perfeitamente com o meu humor sombrio e depressivo.

– Ah, Ellie, você precisa que a gente faça alguma coisa hoje, querida? – disse a sra. Egbert, nossa vizinha de porta, que veio atravessando o gramado da sua casa com bobes no cabelo, o corpo avantajado ainda coberto pela camisola.

– Está tudo sob controle, obrigada. Mas, deixa eu perguntar, será que alguns carros podem estacionar na frente da sua garagem à tarde? Eu queria ter falado com a senhora ontem, mas passei o dia todo comprando

as comidas e as bebidas da recepção.

– Claro que pode, querida. Vou pedir para Derek tirar nossos carros da garagem, aí você pode usar o espaço todo, se precisar – disse, colocando a mão no meu braço. – O que aconteceu foi tão triste. Sinto muito por todos vocês. E a pobrezinha da sua mãe... – então estalou a língua e sacudi a cabeça, com um ar de tristeza. – Nós dois estamos rezando por ela.

– Obrigada – murmurei. – Tenho que ir. Estou indo visitá-la no hospital.

– Ah, mande lembranças para a sua mãe.

Balancei a cabeça, lhe dei um último sorriso e fui até meu carro. Quando comecei a caminhar, um sedã marrom chamou a minha atenção, e parei para olhá-lo. Estava parado do outro lado da rua. Também estivera lá no dia anterior, mas não era um dos carros conhecidos dos meus vizinhos. Naquele dia, o cara sentado no banco do motorista, um rapaz negro e bonito de vinte e poucos anos, estava olhando para mim e me pareceu ficar um pouco apreensivo quando fizemos contato visual. Franzi a testa. O cara do dia anterior não era branco, mais velho, e de cabelo castanho? “Mas com certeza não pode ser o mesmo carro, com dois motoristas diferentes, parado na frente da minha casa.”

Espremi os olhos e tentei ver melhor o motorista, porque ele me pareceu conhecido, por algum motivo. Quando fiz isso, o carro deu partida e saiu, e o motorista começou a falar no celular. Fiquei observando o carro andar pela rua até sumir de vista. Talvez eu tenha me enganado a respeito do dia anterior. Minha cabeça não andava exatamente no lugar nos últimos dias. Eu estava só dançando conforme a música, meio anestesiada.

Sacudi a cabeça e fui até meu carro, tentando pensar em outra coisa que não aquilo que iria acontecer dentro de quatro horas.

Não importava quantas vezes eu sentisse, simplesmente não conseguia me acostumar com o cheiro característico de hospital. Parecia que o cheiro da morte pairava no ar, coberto por detergente e água sanitária. Eu ia ao hospital visitar minha mãe duas, às vezes três, vezes por dia, e o cheiro, especialmente o da sua ala, deixava minha garganta seca e fazia meu nariz arder.

Como sempre, parei no posto de enfermagem e pedi para me darem as últimas notícias. Como sempre, me disseram que não houvera mudanças.

Já fazia muito tempo. Tinha se passado uma semana desde o acidente, e ela não havia despertado do coma. Seu prognóstico piorava a cada dia. Odiava o fato de ninguém poder fazer nada a não ser deixá-la confortável e esperar. Não gosto de não ter controle sobre as coisas.

A cadeira desconfortável ao lado da cama da minha mãe rangeu quando me sentei nela. Depois pus minha bolsa no chão, fui para a frente e segurei sua mão.

– Bom dia – murmurei. Os médicos e as enfermeiras nos disseram para conversar com ela, falaram que podia ajudar. Eu me sentia meio ridícula fazendo isso, mas a gente tentava mesmo assim, até Kels, de vez em quando. – Não posso ficar muito hoje, só passei para dar um “oi” – disse, depois limpei a garganta. – Então, ahh... – Olhei em volta do quarto, procurando algum assunto para conversar. – Parece que vai chover hoje. – Foi tudo o que consegui dizer. “Patético.”

Soltei um suspiro e fui para a frente, repousando o queixo ao lado da cama, e fiquei observando o peito da minha mãe subir e descer, com a ajuda do respirador.

– Sinto muito não podermos esperar você acordar para fazer o enterro de papai. – E eu sentia muito mesmo. Cheguei a pensar em esperar, mas os médicos foram muito taxativos de que o melhor era fazer isso já. Disseram que, mesmo que ela acordasse, o estresse da situação poderia causar outras complicações.

– Queria que você estivesse lá.

O silêncio no quarto era ensurdecedor.

– Não sei se consigo, mãe. Estou tentando ser forte, por todo mundo, mas sinto que estou aos pedaços por dentro. É tanta pressão, e todo mundo quer que eu faça tudo, porque vovó também está sofrendo, e estou tentando evitar que a pressão recaia sobre ela, mas parece que tudo caiu em cima de mim, e não sei quanto mais vou aguentar.

Engoli em seco e fechei os olhos.

– Mas acho que fizemos tudo. Passei esses dias escolhendo comida, flores e músicas para hoje. E não se preocupe, nós arrumamos a casa, porque sabemos o quanto a senhora gosta de manter as aparências – falei, depois dei uma risada sem graça. – Tudo vai dar certo, espero. Só lamento você não poder estar lá.

Apertei sua mão, fui para trás e de novo fiquei observando seu peito subir e descer. Pensei no que ia acontecer à tarde, e meus olhos se encheram de lágrimas.

Quando voltei para casa, o lugar estava um brinco, mas vazio. Dava para ouvir o barulho do chuveiro no andar de cima, mas não consegui ver ninguém. Pus a sacola no sofá e olhei para o relógio. Uma e meia. Faltava pouco mais de uma hora para o carro chegar e nos levar para o crematório.

Tirei a bolsa do ombro e subi a escada, seguindo os sinais de vida. Parei na frente do quarto de hóspedes, onde vovó estava ficando, e ouvi o ronco de um secador de cabelo. Fui em frente, determinada a ir até meu quarto, tomar banho e trocar de roupa. Quando passei pelo corredor, um som de choro baixinho me fez levantar as orelhas. Franzi a testa, fui, pé ante pé, até o quarto de Kelsey e percebi que a porta só estava encostada. O choro foi ficando mais alto à medida que eu me aproximava. Senti uma dor no coração, queria poder acabar com a dor da minha irmã.

Espiei pela porta e a vi sentada na frente da penteadeira, com a escova de cabelo em uma mão e um grampo na outra. Lágrimas rolavam sem parar pelo seu rosto, e ela torcia a parte da frente do cabelo, tirando-o do rosto, tentando prendê-lo com o grampo. Um gemido de frustração escapou dos seus lábios, e ela atirou a escova longe, que bateu na parede, fazendo um barulho alto.

– Cabelo ridículo, ridículo – gritou, depois se levantou e, com os dois braços, jogou tudo o que havia em cima da penteadeira no chão, com um único movimento brusco, espalhando grampos por todos os lados.

Engoli em seco, sabendo que não era com o cabelo que minha irmã estava chateada.

– Kels, que tal eu te ajudar a arrumar o cabelo? – sugeri, baixinho.

Ela deu um pulo e olhou para mim pelo espelho. Raiva e frustração retorciam seus belos traços, e ela se levantou da banqueta e chegou perto de mim, pisando firme. Quando levantou a mão, segurou a porta e a balançou na minha direção, eu já estava preparada e a segurei antes que batesse. Abri a porta de novo e entrei no meu quarto sem ser convidada.

Aquilo precisava parar. Eu não podia mais permitir que ela me usasse de saco de pancadas para suas emoções. Não aguentava mais.

– Kelsey, para. Para de bater a porta na minha cara e de ser tão cruel. Eu também estou sofrendo, sabia? Você acha mesmo que essa história toda não está me matando? Você acha que é a única pessoa aqui que está sofrendo? Eu também perdi o papai. Sinto falta dele e da mamãe tanto quanto você – gritei, expressando minha própria frustração. – Você não pode continuar me punindo por não estar aqui quando o acidente aconteceu. Não é justo. – Sacudi a cabeça, torcendo para que minha irmã me escutasse e deixasse eu me aproximar dela. – Preciso de você, Kels. Não posso fazer tudo isso sozinha. Você precisa parar de me escorraçar. Neste momento, nós só temos uma à outra. Podemos nos ajudar a enfrentar essa situação, mas não vai dar se você continuar me agredindo.

As lágrimas vieram com toda a força. Era a primeira vez que eu via minha irmã chorar desde que tinha voltado para casa. Soltei um gemido, cheguei mais perto, a abracei e a puxei para perto de mim, e a segurei ainda mais forte quando ela se remexeu, tentando se soltar. Segurei firme, não soltei, e, alguns segundos

depois, seu corpo se aninhou no meu, e ela passou os braços pela minha cintura, retribuindo o abraço.

Fechei os olhos e encostei o rosto no seu cabelo, abraçando minha irmã, que soluçava, colada no meu ombro, finalmente pondo tudo para fora. Passei a mão nas suas costas, dando graças a Deus por esse mínimo avanço, apenas torcendo para que não se limitasse àquele dia.

Depois de alguns minutos, Kelsey se afastou e fungou bem alto, depois limpou o rosto com as costas da mão. Deixei as mãos nos seus ombros e baixei de leve a cabeça, para poder olhar nos seus olhos vermelhos.

– Te amo um montão, tanto quanto feijão. Você sabe disso, não sabe? – sussurrei.

Era um versinho que a gente sempre dizia uma para a outra quando éramos pequenas. Ela tinha inventado porque essa era a sua comida preferida.

Ela balançou a cabeça e disse:

– Eu também.

Dei um sorriso e segurei seu cabelo, puxando-o de brincadeira.

– Que tal você me deixar arrumar seu cabelo, como nos velhos tempos? – sugeri, torcendo para que ela não me rejeitasse de novo, já que o abraço forçado tinha terminado.

– Ok.

Foi um gesto pequeno da parte dela me deixar fazer isso, mas eu o aceitei e o segurei com as duas mãos.

Dei um sorriso agradecido e me abaixei para pegar a escova que tinha ido parar no chão.

– Que tal fazer uma trança na frente e cachos atrás? – ofereci. Um penteado que Stacey tinha feito em mim várias vezes.

– Tem certeza de que dá tempo? Você não precisa tomar banho e se trocar? – ela perguntou, olhando para a minha calça *jeans* e o meu suéter.

Sacudi a mão, dando a entender que não era nada. Estava forçando a barra, mas ia pular o banho e trocar de roupa.

– Dá e sobra – respondi.

Ela se sentou na penteadeira, e não falamos nada enquanto fiz uma linda trança embutida na parte da frente do seu cabelo. Depois peguei as pontas da trança e as escondi no resto do cabelo e, com o *babyliss*, comecei a fazer os cachos na parte de trás.

– Você vai embora com Toby na quarta? – Kelsey perguntou.

Franzi a testa, enrolando outra mecha de cabelo no *babyliss*.

– Não. Por que você está me perguntando isso?

Kelsey encolheu os ombros e ficou cutucando as cutículas.

– Pensei que, assim que o enterro acabasse, você iria embora o mais rápido possível.

Sacudi a cabeça veementemente.

– Estou aqui para cuidar de você.

– Vovó está aqui para isso.

Franzi a testa de novo, coloquei o *babyliss* sobre a penteadeira e me agachei do seu lado, para olhá-la nos olhos.

– Kelsey, estou aqui para cuidar de você, aconteça o que acontecer – prometi. – É por isso que você anda tão puta comigo, porque acha que só vim para o enterro e depois vou sair voando de novo?

Minha irmã encolheu os ombros mais uma vez e pôs a mão na boca para roer a unha. Eu sabia que tinha acertado na mosca. Ela achava que eu iria abandoná-la na primeira oportunidade.

– Não vou embora de novo, prometo.

– E se mamãe não acordar? – sussurrou, com os olhos arregalados, cheios de medo. Dava para ver o desespero no seu olhar.

– Ela vai acordar, sei que vai – respondi, tentando ser mais confiante do que realmente era. A verdade é que

ninguém sabia o que ia acontecer, nem mesmo os médicos.

– Mas e se ela não acordar? – insistiu.

Dei um sorriso para tranquilizá-la.

– Se ela não acordar, eu estou aqui. Isso é tudo que você precisa saber – falei. Então me levantei, dei um beijo no alto da sua cabeça e, enquanto soltava os cachos com os dedos, sorri para ela pelo espelho. – Pronto.

Está linda.

Um sorriso se esboçou nos seus lábios, e ela cruzou o olhar com o meu pelo espelho.

– Valeu, Ellie.

CAPÍTULO

15

Ellie

Quando o carro preto da funerária levando eu, minha irmã, minha avó e meu noivo parou na frente do crematório que escolhemos para o enterro do meu pai, meus pulmões se fecharam, porque aquela era uma situação sem volta.

Kelsey segurou minha mão tão forte que doeu.

– Acho que não vou conseguir – murmurou, sacudindo a cabeça, lágrimas rolando pelo seu rosto de novo. Suas palavras eram as mesmas que eu dissera naquela manhã.

Girei no banco para olhar para ela.

– Você consegue. *Nós* conseguimos – falei, confiante. – Anda, a gente consegue. – Estiquei o braço e pus a outra mão sobre a mão enrugada de minha avó. – Nós todos conseguimos.

Vovó balançou a cabeça, Toby abriu a porta do carro e saiu primeiro, depois a ajudou a descer. Sorri para Kelsey, soltei sua mão, e ela também saiu do carro. Respirei fundo, para me proteger, e repeti o mantra em silêncio que não parei de falar na última hora.

“Não chora. Não chora. Não chora.”

Levantei o queixo e saí do carro, indo direto até o lado de Kelsey, que estava olhando para o alto do horroroso prédio de tijolos e vidro com um pavor evidente. Pus a mão nas suas costas, e ela se virou e me deu um sorriso hesitante, mas dava para ver a dor refletida nos seus olhos.

Um choro baixinho à minha esquerda chamou minha atenção. Virei e vi vovó em frangalhos, chorando e tapando o rosto com um lenço. Toby estava com o braço em volta dos ombros dela, uma expressão solene no rosto. Senti um aperto no estômago ao dar o braço para Kelsey, eu só precisava tirar aquilo tudo da minha frente. Talvez, depois de darmos adeus, poderíamos começar a nos sentir um pouco melhor e reconstruir nossa vida.

– Vem, vó – falei, abrindo meu outro braço e fazendo sinal para ela chegar perto de mim. Toby tirou o braço dos seus ombros e balbuciou “eu te amo” para mim, enquanto vovó vinha na nossa direção. Dei um sorriso e senti meu coração menos apertado quando vi o olhar de orgulho de Toby, que me observava. Vovó chegou ao meu lado, se encostou em mim e passou um dos braços na minha cintura, agarrando o *blazer* preto que eu tinha vestido para a cerimônia. Levantei o queixo, e nós três andamos como se fôssemos uma pessoa só até o arco de entrada, para dar adeus ao melhor homem que já tive o prazer de conhecer.

Toby foi andando um pouco à frente, parou nas pesadas portas de madeira e esperou entrarmos primeiro. Engoli em seco, repetindo o mantra “não chora”, me esforçando para continuar forte por elas. Quando entramos, arregalei os olhos de surpresa. Tinha tanta gente ali, tantos amigos e familiares do meu pai apareceram para prestar sua última homenagem, que os bancos estavam todos lotados. Mais para a esquerda,

mais umas vinte pessoas estavam de pé, todas muito bem vestidas. Algumas reconheci, eram amigos, outras deviam ser colegas de trabalho ou clientes, gente de todo tipo estava ali pelo meu pai. Uma onda de orgulho e gratidão se avolumou dentro de mim. Era uma prova do seu caráter o fato de tantas pessoas sentirem sua falta. Ele ficaria honrado ao saber que influenciou a vida de tantas pessoas.

Paramos na entrada, pegamos um dos folhetos que tinham me custado tanto a projetar, com a pessoa que os estava distribuindo, e, antes que pudéssemos continuar andando, o pastor se aproximou, com um sorriso triste, e segurou a mão da minha avó com suas duas mãos.

– Meus pêsames. Acho que todo mundo já chegou. Está tudo pronto, podemos tocar a primeira música quando quiserem.

– Obrigada – respondi.

Ele deu um sorriso e soltou a mão de vovó, fazendo sinal para irmos para a frente. Enquanto fomos andando pelo corredor, na direção do primeiro banco, reservado para nós, pessoas nos cumprimentavam balançando a cabeça, com sorrisos tristes e muito emocionados.

Mais para o lado, no meio das pessoas que estavam de pé, meus olhos se detiveram em um jovem negro com um terno cinza estiloso e camisa preta. Seu rosto era conhecido, mas levei um minuto para saber de onde. Ele levantou o rosto, nossos olhares se cruzaram e, de repente, caiu a ficha: era o motorista do sedã parado na frente da minha casa.

E de pé, ao seu lado... Jamie Cole.

Fiquei sem ar por um instante. Tinha esquecido como ele ficava lindo de terno. Quando me pedira se podia comparecer à cerimônia, por um lado achei que estava falando da boca para fora e não apareceria. Mas, por outro, fiquei torcendo para que isso acontecesse. E lá estava ele, ao vivo e a cores, impossivelmente lindo.

Eu me forcei a olhar para o outro lado, voltei minha atenção para o caixão apoiado em uma grande plataforma de carvalho. Havia flores em volta e no alto. Dos dois lados da plataforma, havia molduras de madeira com grandes fotos.

Minhas pernas ficaram bambas, mas, de um jeito ou de outro, conseguimos chegar na frente do salão e nos sentar no banco, minha avó na esquerda, minha irmã na direita. Toby se espremeu do lado de vovó. Quase na mesma hora em que nos sentamos, começou a tocar “That’s life”, de Frank Sinatra. Meu pai dizia que essa era uma das maiores músicas que essa lenda já cantou, então a escolhi para abrir a cerimônia.

Quando o volume abaixou, olhei para o pastor, em uma tentativa de me preparar para o que estava por vir.

Durante a cerimônia, tentei me concentrar, mas meus olhos não paravam de pousar na rachadura do piso de cerâmica perto dos meus pés, e me segurei para não chorar. Fiquei segurando com força as mãos das duas mulheres ao meu lado, enquanto os presentes cantavam hinos de louvor que eu mal conseguia acompanhar e dois dos amigos mais íntimos do meu pai liam passagens da Bíblia que eu mal conseguia ouvir. Quando o pastor leu a eulogia, conseguiu arrancar algumas risadas, e essa havia sido minha intenção quando a escrevi. Queria que fosse bem-humorada e graciosa, como meu pai foi.

Mas, durante toda a cerimônia, só fiquei ali sentada em silêncio, anestesiada e arrasada. Sentia um aperto tão grande no peito que ficou difícil de respirar, como se uma prensa apertasse meu torso. A luta para ser forte estava sendo perdida; minha força se desfazia à medida que eu olhava para a foto do meu pai, dando aquele seu sorriso que sempre se refletia em seus olhos. Não aguentava mais, precisava sair dali, queria sair daquele lugar, fugir das flores, dos hinários, de todas aquelas pessoas sentadas. Queria gritar, berrar que aquilo era uma grande injustiça, jogar coisas, quebrar coisas, perguntar por quê? Por quê? Por quê? Meu coração batia com força nos meus ouvidos. Quase dava para sentir minhas têmporas latejando no seu ritmo.

Mas, bem quando eu estava prestes a perder o controle, Kelsey fungou e apertou minha mão, depois pousou a cabeça no meu ombro. Seu outro braço estava enrolado no meu, na frente do meu corpo, como se o fato de estar escondida atrás dele pudesse, de algum modo, protegê-la do que estava acontecendo. E, naquele

instante, uma calma me invadiu, e meu peito ficou menos apertado. Ela precisava de mim. Era simples assim. Eu não podia perder o controle, porque minha irmã precisava que eu tomasse conta dela.

Levantei os olhos para o caixão de madeira escura e prometi silenciosamente para meu pai que sempre cuidaria de Kelsey. Sempre. Não importava o que acontecesse com minha mãe. Depois lhe disse, em silêncio, que estava tudo bem, que ele podia descansar em paz sabendo que vamos ficar bem. Juntas.

Respirei fundo pelo nariz e soltei o ar pela boca devagar algumas vezes, tentando, com a respiração, controlar o ataque de ansiedade que estava se formando dentro de mim, até me sentir melhor.

A cerimônia estava quase acabando. A última leitura já tinha sido feita, só faltava o encerramento e a última música.

– Então, falem sobre ele com frequência, contem histórias das coisas bobas que fazia, lembrem-se sempre dele. Porque, quando fazem isso, o espírito da pessoa vive através de nós, e ela nunca morre – o pastor disse e depois sorriu para nós. – A família de Michael gostaria que eu avisasse que haverá uma recepção em sua casa e que todos vocês são bem-vindos. Tenho certeza de que a família, assim como eu, agradece muito a presença de todos aqui hoje, que vieram dar adeus a Michael. Para a saída, a família escolheu uma música que, segundo me disseram, era a preferida de Michael.

O pastor, então, se virou, parecendo um pouco hesitante, e fez sinal para um dos seus ajudantes, que devia estar com a música pronta para tocar.

Uma alta e bela harmonia de vozes tomou conta do ambiente.

A pessoa atrás de mim abafou a risada quando se deu conta de que música era.

Segundos depois, entraram as guitarras e a bateria de “Fat bottomed girls”, do Queen, e as palavras sobre meninas bundudas reverberaram nas paredes. Meu pai tinha um repertório bem ousado. Essa, por mais que fosse inapropriada para um funeral, era sua preferida, de sua banda preferida. Eu não podia deixar de tocá-la para ele uma última vez.

Ao meu lado, vovó deu risada, soltou minha mão e começou a bater palmas no ritmo da música. Sorri para ela ao ver que mais gente estava fazendo a mesma coisa, sorrindo, batendo os pés no chão, acompanhando o ritmo, sacudindo os ombros de leve, algumas até cantando a letra. Todos nós devíamos ter visto meu pai fazendo *air guitar* nessa música uma vez na vida. Ninguém saiu do salão antes de ouvir o último acorde.

Quando tudo finalmente terminou, e as pessoas começaram a levantar, o clima estava mais leve, assim como meu humor.

Os amigos do meu pai, nossa família, os vizinhos e colegas dele começaram a passar devagar por nós em direção à porta lateral, que dava no jardim do crematório. Algumas pessoas pararam para nos dar os pêsames, outras davam os parabéns pela escolha da música, e um amigo do meu pai até deu risada e disse que podia enxergar meu pai batendo a cabeça com essa música lá no céu. Eu fiquei só sorrindo e balançando a cabeça, agradecendo a presença das pessoas, falando que as esperava em casa para comer e beber.

– Que cerimônia linda – minha tia-avó Shelly comentou. – A eulogia foi perfeita para Michael. Lembro dele criança, um menino tão levado, mas ele tinha o sorriso mais encantador, a gente nunca conseguia ficar zangada.

Ela deu risada, e minha avó balançou a cabeça, concordando.

Pus a mão no braço de Shelly, porque suas pernas idosas pareciam meio bambas.

– Obrigada pela presença. A senhora vai lá em casa comer um pouco?

– Ah, sim. Vou, sim. Mas preciso pedir para Errol seguir o carro de vocês até lá. Não lembro do caminho, e ele nunca foi na sua casa – respondeu, fazendo sinal para o novo namorado. Bom, “novo” ele não era, devia ter pelo menos 80 anos.

Olhei para a esquerda, enquanto a tia me contava como Errol dirigia devagar e quanto tinham demorado para chegar. Jamie estava na fila, atrás de um grupo de colegas de trabalho do meu pai. Mordi a língua quando

nossos olhares se cruzaram, e todo mundo que estava ali me parecia insignificante, porque toda a minha atenção estava voltada para o homem que partiu meu coração. Ele balançou de leve a cabeça, mas eu percebi e foi o suficiente para entender o que queria dizer. Estava me agradecendo em silêncio por eu ter permitido que viesse. Balancei a cabeça também, rezando para Jamie não vir falar comigo. Com Toby ali, a poucos metros de mim, seria muito estranho, algo para o qual eu não estava preparada, não naquele dia. Mas, cumprindo sua palavra, Jamie passou reto por mim, em silêncio, e foi para a porta junto com as demais pessoas.

Soltei um suspiro de alívio e tentei ignorar uma pontada inapropriada de decepção. Um lado meu queria que ele fosse na minha casa, queria ficar perto dele a ponto de sentir seu perfume e o calor que seu corpo irradia. Outro queria que Jamie me abraçasse e sussurrasse no meu ouvido que estava tudo bem e que estaria do meu lado me apoiando. E outro, ainda, o desejava da mesma maneira que eu o desejava quando tinha 18 anos. E esse meu lado, por mais que eu quisesse, não diminuía com o tempo.

Eu me obriguei a parar de olhar para Jamie e senti minhas bochechas ficarem quentes, meus pensamentos foram parar naquele beijo, na quinta-feira à noite, que criou faíscas de desejo que ameaçam queimar nós dois.

Vírei e vi Toby, que estava dando o braço para vovó e tia Shelly, uma de cada lado, para ajudá-las a andar no caminhezinho tortuoso que levava ao estacionamento. Senti um aperto doloroso no coração ao ver essa cena, e uma onda de tristeza e culpa tomou conta de mim, como um balde de água fria. Toby era um cara tão legal, eu queria que as coisas fossem diferentes. Queria que eu fosse diferente. Não estar tão arrasada quando nos conhecemos, não ter me permitido acreditar que estava curada, porque, realmente, ao rever Jamie, me dei conta de que estava enganando a nós dois. Eu não o tinha esquecido, nem de longe, e me desprezava por isso.

CAPÍTULO

16

Jamie

O casamento de Shaun estava a todo vapor. A cerimônia transcorrerá sem maiores problemas, e tinha chegado a hora da festa. Eles optaram por fazer algo mais descontraído, sem jantar à francesa, só um grande bufê e um *open bar*. Eu faria meu casamento bem desse jeito: dando mais ênfase à comemoração do que às formalidades. Alguns integrantes da minha equipe já tinham aproveitado os drinques gratuitos e estavam meio bêbados. Mas, afinal de contas, todo mundo estava, principalmente Shaun.

– Então você não sente falta? – perguntei para Shaun, que se apoiava no balcão e virava o copo.

Ele encolheu os ombros.

– Sinto falta de algumas coisas. Dos caras. E da grana – respondeu, dando um suspiro melancólico. – Mas não sinto falta da prisão.

– Tem certeza de que não quer voltar? Porque eu bem que preciso de você na equipe – ofereci.

Shaun deu risada e se virou para mim, os olhos vidrados de tanto álcool.

– Não posso. É difícil ficar sem grana, ter que viver de holerite em holerite, mas não trocaria isso por nada neste mundo. Quero acordar todos os dias e viver com meu filhinho e minha linda namorada... ops, esposa – corrigiu, olhando para a aliança de ouro no dedo. – São duas coisas que o dinheiro não compra, então vou continuar me esforçando e economizando para comprar as merdas que quero.

– Que bom. Fico feliz por você.

Dei um sorriso e um tapinha no seu ombro. Respeitava isso. Para ser bem sincero, quando Ellie fazia parte da minha vida, coisas como carros e dinheiro também não tinham importância para mim. Acho que, quando a gente ama alguém mais do que qualquer coisa, tudo se torna meio sem valor. Eu sentia falta disso.

– Valeu, cara – Shaun disse, com a língua enrolada.

Ray e Enzo apareceram. Ray passou o braço pelo ombro de Shaun e falou:

– É melhor você pegar leve com a bebida, Shaun. Você quer consumir esse casamento, não quer?

– Posso consumir a qualquer hora e em qualquer estado – Shaun exibiu-se, dando um sorriso bobo.

Ray virou para mim:

– Vamos indo, Pirralho? Tenho que acordar cedo amanhã – mentiu.

Entendi a indireta. Estava na hora de ir embora. O roubo nos esperava.

– É, claro. Obrigado pelo convite, Shaun. E parabéns mais uma vez pela bola com corrente – brinquei, estendendo a mão para cumprimentá-lo. – Aparece na boate qualquer hora dessas. Você e a patroa não pagam entrada.

– Valeu, Pirralho. Pode deixar.

Depois que Ray e Enzo se despediram, fomos até meu carro e voltamos para o galpão para dar início ao

roubo da noite. Era perto e, durante todo o trajeto, Ray ficou falando de como Shaun parecia bem. Tive que admitir, o papel de homem de família lhe caía bem. Tentei ignorar a pontada de inveja que senti na boca do estômago. Se eu não tivesse sido preso, eu e Ellie poderíamos estar nos casando naquele dia. Se eu não tivesse feito a porra daquele esquema, minha vida seria muito diferente.

Raposa, Chase e Ed já estavam no galpão, prontos para sair. Raposa e Chase estavam colocando três contêineres no devido lugar, deixando tudo pronto para quando trouxéssemos os carros.

Peguei meu *kit* de arrombamento na bancada e fui falar com Ed enquanto Ray e Enzo trocavam de roupa.

– Escuta, quando você estiver na casa de Ellie, toma muito cuidado. Ela viu Raposa ontem, e tenho quase certeza de que o reconheceu no enterro, porque estava olhando para ele de um jeito esquisito. Não quero que Ellie fique sabendo disso. Para o carro um pouco mais longe e toma o máximo de cuidado – falei. Depois pus a sacola no chão e verifiquei se tudo o que eu precisaria estava ali. – Ah, e não vai com o sedã. Pega outro carro no estacionamento – completei, fazendo sinal com a cabeça para a porta da frente, onde havia cinco carros disponíveis. Eu os comprara para minha equipe usar quando precisasse. Não eram nada demais, mas tinha esquemas em que era melhor usar um carro que não chama atenção do que um que pode ser rastreado. Prudência era a alma do negócio, e os veículos acabaram sendo úteis para a vigilância de Ellie também.

– Ok, Pirralho. – Ed suspirou e se jogou na banquetta que estava do lado da bancada. – Tem certeza de que não quer encerrar a vigilância em cima dessa menina? Se os irmãos Salazar fossem fazer alguma coisa, já teriam feito a uma altura dessas.

– Ainda não – respondi, tirando os alicates da sacola e pondo sobre a bancada, para poder lubrificá-los e deixá-los no jeito, caso eu precisasse deles. – Você teve alguma notícia deles? O que Mateo anda aprontando? – perguntei, olhando de lado para Ed.

– Ainda estão no México – respondeu, encolhendo os ombros.

Eu também tinha mandado vigiar os irmãos Salazar. Mateo tinha voltado para o vilarejo mexicano onde nasceu e estava visitando a família, pelo que me disseram.

– E Alberto? – indaguei.

Ed revirou os olhos.

– Alberto não teria a ousadia de fazer algo assim. Pelo que eu entendi, foi ele que despachou Mateo para dar uma sossegada depois daquela encrenca com você lá na boate. Acho que a família Salazar não está muito unida neste momento.

– Que bom. Isso é bom.

Enzo apareceu, já de calça jeans e moletom, soprando as mãos para aquecê-las.

– Que noite fria – murmurou. – Você está pronto? Raposa disse para eu ir com você, que ele vai com Chase.

– Só preciso trocar de roupa, aí estou pronto – respondi, guardando tudo de volta na sacola. Virei para Ed e falei: – Vai render Spencer na casa de Ellie. Vou render você assim que terminarmos o roubo.

Ele balançou a cabeça, se virou para a porta e disse:

– Espero que dê tudo certo com o roubo.

– Vai dar – respondi, confiante. Sempre dá.

Os dois primeiros carros foram bem fáceis de arrombar. Dois lindos Rolls-Royce Dawn que exalavam elegância e grana.

Dois já eram, faltavam sete.

Chegamos ao terceiro carro, um Jaguar F-Type azul-escuro estacionado na frente de uma casa, quase às duas da manhã.

– Te vejo no galpão – falei para Enzo, pegando a sacola e dando uma conferida na rua antes de sair e correr

até o carro. Quando pisei na frente da garagem, uma luz do sistema de segurança acendeu bem em cima da minha cabeça e ficou brilhando em cima de mim como um holofote. Congelei e olhei em volta. Era um sensor automático, mas cautela nunca é demais. Carros parados na frente das casas são sempre mais difíceis de roubar, mas não tanto quanto seria se eu tivesse que arrombar a garagem de alguém para pegá-los.

Olhei para a lâmpada: estava bem em cima da garagem, ao alcance da mão. “Essa gente nunca pensa!” Revirando os olhos, tirei a sacola das costas e peguei um par de luvas de látex, calcei-as e depois tirei um saco plástico preto também. Fui até a lâmpada na ponta dos pés e pus o saco em cima dela. Tinha conseguido o que queria, tornado a maior parte da luz difusa, deixando a rua na escuridão de novo. Ainda saía luz na parte de baixo e pelos buracos de cima do saco, mas não o suficiente para me mostrar roubando um precioso carro esportivo, se alguém olhasse pela janela.

Dei um sorriso para Enzo, que me mandou um sinal de positivo, e fui até o carro. Pus a mão na sacola de novo, tirei dela a ferramenta mais valiosa que um arrombador pode ter e enfiei a barra fina de ferro no vidro. A trava se abriu dentro de alguns segundos, e pulei para dentro do carro, cortei os fios do alarme e o re programei rapidamente. Assim que o alarme estava no papo, tirei a coluna de direção e cortei os fios. Quando os encostei, soltaram faíscas, e o carro pegou. Soltei um suspiro feliz.

– Facinho – murmurei, pondo a primeira marcha e saindo devagar da frente da casa, para não levantar suspeitas acionando o que, tinha certeza, deveria ser um ronco de motor bem alto e sensual.

Ao voltar para o galpão, passei por Raposa e acenei para ele. Era óbvio que tinha acabado de entregar um carro. Parei na frente de um dos contêineres e saí. Quando fechei a porta, um grande arranhão branco na lateral chamou minha atenção.

– Caralho! – resmunguei, fazendo careta. Aquilo não estava no carro na manhã anterior, eu mesmo o tinha prospectado. O imbecil do dono devia tê-lo arranhado nas últimas 24 horas. – Ray! – gritei e fiquei observando meu parceiro sair da oficina, limpando as mãos em um pano. – Tem uma porra de um arranhão enorme na lateral deste aqui. E, antes que você me pergunte, não, não fui eu.

Ele espremeu os olhos e chegou perto, então passou o dedo no arranhão.

– Parece que é superficial. Acho que consigo tirar só com polimento. Não esquentar – disse, por fim, bem quando eu já estava ficando com medo de não conseguir entregar a lista toda ou de ter que entregar aquele carro com uma avaria.

– É?

Ray balançou a cabeça e ficou de pé.

– É, de boa. Vai pegar o último. Raposa também já está no último dele.

Raposa ia roubar mais carros do que eu, mas todos os dele estavam mais próximos uns dos outros. Esperávamos terminar tudo em uma hora.

– Tá bom, até já.

– Ah, Pirralho. Tenta não arranhar o próximo – Ray gritou, dando uma piscadinha maliciosa e voltando para o galpão para pegar o *kit* de reparos.

– Muito engraçado – resmunguei, entrando no carro com Enzo de novo. Meu humor já não estava tão bom, o barato tinha quase passado. Só queria terminar logo e ir ver se Ellie estava bem.

Minha quarta aquisição seria um pouco mais complicada. Era uma garagem subterrânea de um prédio de apartamentos de luxo. Havia câmeras na entrada e na saída, e só os proprietários tinham permissão para estacionar ali. Felizmente, não foi difícil pôr as mãos em um crachá de proprietário. Tudo é possível quando a gente oferece a quantia certa.

Quando vi o carro, minhas mãos coçaram de tanta animação. Era um Audi R8 V10 Plus Coupé novinho em folha, vermelho com faixas pretas. Uma coisa linda, com menos de uma semana de uso: 180 mil dólares em carro bem ali, pronto para ser levado. Um grunhido animado escapou pela minha garganta enquanto fui até ele,

olhando para todos os lados para ter certeza de que estava sozinho.

Não vi ninguém e pus as mãos na massa: abri a porta e re programei o alarme em menos de um minuto. Então tirei a coluna de direção, fiz a ligação direta, já ansioso por ouvir o ronco do motor, mas nada aconteceu. Franzi a testa e tentei de novo. Nada. Arregalei os olhos, me encolhi no banco e passei a mão por baixo do painel, procurando o interruptor de arranque. Muitos carros bacanas têm um. Um interruptor de arranque é, essencialmente, um simples botão que impede a gasolina de chegar ao motor. Eu não conseguiria roubar aquele carro se não o encontrasse. E isso não estava descrito no *briefing*.

Ao não encontrar nada, concluí que o botão deveria estar debaixo do capô. Eu acionei a trava, saí do carro, não sem antes ver se tinha alguém. Peguei a lanterna na sacola, levantei o capô e passei a mão dentro do chassi. “Achei!” Apertei o botão e baixe o capô com cuidado. Interruptores de arranque são muito eficazes, desde que estejam escondidos.

Dei um sorriso e voltei para o lado do motorista. Fechei a porta sem fazer barulho, fiz a ligação direta de novo e dei risada quando o motor deu a partida. Joguei a sacola no banco do passageiro, abaixei o boné e fui até a cancela, tirando o crachá falso do bolso. Foi só passar o crachá na catraca que a cancela preta e amarela se levantou.

Apesar de estar muito a fim de comemorar, continuei de cabeça baixa e virei o rosto para a câmera ao dirigir até a rua. Quando cheguei à avenida, livre, leve e solto, não conseguia parar de sorrir e resolvi testar a que velocidade aquela belezinha chegava. Pisei fundo, fundo mesmo. Não havia ninguém, as ruas estavam desertas.

O trajeto até o galpão dirigindo uma belezinha dessas foi inebriante, parecia que tinha um demônio debaixo do capô, que tentava escapar toda vez que eu pisava no acelerador. Resolvi, no curto caminho de volta, que ia comprar um desses para mim.

Não demorou muito para concluir o serviço depois que voltei. Conversei com todo mundo, paguei pelo roubo, então Chase, Enzo e Raposa foram dirigindo um caminhão cada um até o ponto de encontro com o cliente. Ray foi atrás e traria os três de volta para pegarem seus carros. E eu tinha outros planos para o restante da noite. Nada de dormir.

– E aí, como foi o esquema? – Ed perguntou, quando fui rendê-lo.

– Sem maiores problemas, como sempre – respondi, encolhendo os ombros. Fiz sinal com o queixo para a casa de Ellie e perguntei: – E por aqui?. Vi que, dentro do carro, tinha um iPad, algumas revistas sobre o banco e papéis de chocolate espalhados pelo chão no lado do passageiro.

– Problema nenhum. Ela ficou em casa a noite toda, todos eles ficaram. Aquela amiga loira gostosa apareceu, mas foi embora lá pelas onze. As luzes estão apagadas há umas duas horas.

Ed bocejou e olhou para o relógio, depois pegou uma lata de refrigerante e tomou um gole.

Balancei a cabeça, pus a mão na maçaneta e abri a porta.

– Ok, valeu. Você pode ir, é só levar meu carro de volta para o galpão.

Ele saiu do carro, se espreguiçando e gemendo.

– Alguém vem te render amanhã ou você quer que eu dê um jeito? – perguntou, apontando para o iPad. – Você pode me alcançar isso, por favor?

– Spencer vem me render – respondi, passando o *tablet* e depois sentando no seu lugar. Odiei o fato de o banco ainda estar quente da sua bunda.

Ed bateu no vidro e disse:

– Tá bom. Divirta-se.

Quando seus faróis desapareceram na escuridão da noite, foquei minha atenção na casa de Ellie, me acomodando no banco do carro e pegando o energético que tinha trazido. A casa estava mesmo muito

tranquila. Nenhuma luz acesa, nenhum sinal de vida. Comecei a pensar em Ellie, no que estaria fazendo lá dentro. Será que estava dormindo bem ou se revirando na cama, preocupada com a mãe? Será que estava falando enquanto dormia? Será que estava de conchinha com o noivo, ou o cara não era desses? Soltei um suspiro, querendo estar no lugar dele, querendo que Ellie fosse minha e que eu estivesse aninhado no calor do seu corpo, no seu quarto *pink*, e não sentado ali naquele carro frio e desconfortável. Minha vida era uma merda mesmo.

CAPÍTULO

17

Ellie

Era o último dia que Toby ficaria comigo em Nova York. Ele não queria ir embora, e eu não queria que ele fosse, mas meu noivo só tinha conseguido alguém para cuidar do *pub* por uma semana. Tinha sido ótimo: o cara tinha me distraído – bem, distraído nós três – da situação horrível em que nos encontrávamos. Ter Toby a meu lado, me apoiando, aliviou um pouco da pressão.

É claro que ele conseguiu deixar vovó encantada a ponto de ela cozinhar suas comidas preferidas todos os dias, e ele até conseguiu fazer minha irmã sair da concha, ensinando algumas gírias. Toby tem um coração de ouro, e eu não queria que ele pegasse o avião e me deixasse de jeito nenhum.

No tempo limitado que tivemos depois do funeral, tentamos mostrar para ele alguns pontos turísticos. Na segunda, fomos ao Empire State, à Times Square, ao Rockefeller Center e ao Central Park. Na terça, vimos uma peça na Broadway. Aquele seria o grande dia, o que ele realmente estava esperando: Estátua da Liberdade. A gente fez uma lista de todas as coisas que Toby podia fazer, e o primeiro item absoluto foi a estátua. Não porque era um ponto de interesse histórico nem nada disso. Não, era porque os Caça-Fantasmas fizeram essa coisa ganhar vida com uma gosma cor-de-rosa e andar pelas ruas da cidade ao som de “(Your love keeps lifting me) Higher and higher”. Meu noivo era um *nerd*.

Chegamos bem cedo ao Battery Park e ficamos na fila da checagem de segurança, esperando o *ferryboat* que leva até a ilha onde fica a estátua começar a funcionar. Infelizmente, porque não fizemos reserva com semanas de antecedência, não íamos poder subir até a coroa, mas, mesmo assim, Toby estava animado como uma criança que espera na fila da loja de departamentos para conhecer o Papai Noel.

– *Selfie* na fila! – disse, já sacando o celular. – Vou mandar para minha mãe, ela vai se morder de inveja.

Dei um sorriso, me encostei nele e mostrei a língua no último segundo. Ele ficou me cutucando, e dei risada. Toby passou o braço no meu ombro e ficou olhando para a água.

– Está tão bom aqui. Estou arrasado por ser o último dia. Não queria sair do seu lado – disse.

Então se virou para mim, retorcendo os lábios, e me puxou para perto dele.

– Também não quero que você vá embora – resmunguei, encostando o rosto no seu pescoço e sentindo seu cheiro. O voo de Toby era às seis da tarde e, como ele tinha que chegar três horas antes, só íamos passar mais algumas horas juntos. E eu estava fazendo de tudo para que essas horas valessem a pena.

Assim que o *ferryboat* começou a funcionar, a fila foi andando bem depressa, e chegamos à ilha rapidinho. Toby foi ficando cada vez mais animado. Seu rosto se acendeu quando chegamos perto da estátua, ele protegeu os olhos do sol com a mão e foi para trás, para conseguir enxergar até o topo. Tiramos *selfies* sem parar. Depois de passar um tempão conhecendo todos os cantos, só nos sentamos e ficamos apreciando a beleza majestosa da estátua. Toby começou a cantarolar a música-tema do filme *Os caça-fantasmas*, e o cara

de quarenta e poucos anos que estava ao lado dele, com uma câmera cara pendurada no pescoço, deu risada e começou a cantarolar também.

Era oficial: Toby conseguia fazer amizade em qualquer lugar, sem precisar dizer uma palavra.

– Quantas vezes você já visitou a Estátua da Liberdade? Já deve estar cansada dela, não? – Toby perguntou, encostando a cabeça no meu ombro, me abraçando pelas costas.

Dei um sorriso.

– Muitas e muitas vezes – respondi, virando para ficar de frente para ele. – Mas posso dizer, com toda a sinceridade, que nunca foi tão bom quanto hoje.

Ver a estátua através de seus olhos, como ele ficou animado e impressionado, me fez aproveitar a experiência de um jeito totalmente novo.

Meu estômago roncou, acabando com o momento romântico, e Toby sorriu.

– Que tal a gente passar correndo na lojinha e depois almoçar? Não posso te deixar com fome.

Balancei a cabeça.

– Você não ia gostar de mim se me visse com fome.

– Já vi, amor. É de dar medo.

Assim que ele fez um carregamento de globos de neve que nunca iriam chegar inteiros na Inglaterra, chaveiros, abridores de garrafa e caderninhos decorados com a Estátua da Liberdade, subimos no *ferryboat* e voltamos para o continente. Levei Toby a uma ótima pizzaria que eu conhecia e aonde sempre ia com Stacey.

Ao pôr o pé no restaurante, fiquei com água na boca por causa dos aromas deliciosos no ar. Era pouco antes do meio-dia, e o lugar já estava cheio de gente. Segurei a mão de Toby e o arrastei até o balcão, para fazermos o pedido. Ele arregalou os olhos quando viu as pizzas pré-cozidas na vitrine aquecida.

– Deus meu! São enormes de grandes!

Dei risada e fui para o lado, porque a pessoa na minha frente saiu, carregando sua comida.

– O que você quer? – perguntei para Toby, depois me virei para o garçom jovem e cheio de espinhas na cara e falei: – Oi, você me dá uma fatia de *pepperoni* e uma Coca Zero? – Então me virei para Toby e fiquei esperando ele fazer seu pedido.

– Mesma coisa, valeu – murmurou e ficou observando o garçom pegar duas fatias gigantes de pizza e colocar no forno para esquentar, depois foi buscar nossas bebidas. As duas fatias quentes foram servidas em pratos de papel e colocadas na nossa frente, e o desejo nos olhos de Toby me deu vontade de sorrir.

– Deixa que eu pago, ainda tenho muitos dólares para gastar – disse, quando comecei a procurar dinheiro dentro da bolsa.

Dei um sorriso e peguei os dois pratos de comida, tomando cuidado para que os pratos de papel moles não dobrassem no caminho até uma mesa vaga nos fundos do restaurante.

Me sentei, e o estofamento de plástico do sofazinho guinchou ao entrar em contato com meu traseiro. Segundos depois, Toby chegou com as bebidas, deu uma para mim e sentou-se do outro lado.

– Você já tinha vindo aqui? – perguntou, puxando um dos pratos para perto.

Balancei a cabeça, peguei meu copo e abri o canudinho.

– Sim, eu e Stacey passamos aqui quando fazemos compras e tal.

Toby balançou a cabeça, meio perdido, depois pegou o porta-guardanapos e olhou atrás dele, fazendo careta.

– Onde ficam os talheres?

Dei um sorriso e sacudi a cabeça.

– Você está em Nova York, vai ter que comer como a gente. Pega com a mão, seu fresco.

Ele franziu ainda mais a testa. A mãe de Toby o educara direitinho, e o cara nunca tinha visto ninguém comer pizza sem garfo e faca.

– Sério?

Toby pegou a pizza com uma mão e, na mesma hora, ela se dobrou, caindo em cima do prato. Ele franziu a testa, ajeitou a fatia com a mão e deu uma mordida na ponta.

– Vocês, britânicos, não entendem nada de pizza – brinquei, piscando para ele. – Dobra.

Peguei minha fatia, dobrei ao meio e dei uma mordida bem grande. O queijo gorduroso encostou na minha língua, e eu soltei um gemido de prazer.

Ele grunhiu.

– Americanos esquisitos.

E então me imitou, dobrando a fatia ao meio, dando uma mordida enorme e fechando os olhos para degustar o sabor. Dei um sorriso, mastigando devagar e olhando em volta do lugar lotado.

– É oficial: depois de provar a pizza de Nova York, não vou mais conseguir comer a inglesa. Daqui para a frente, vou comparar todas com esta aqui – Toby anunciou, dando mais uma mordida gigante. – Está tão boa – murmurou, ainda de boca cheia, com os ombros encolhidos de deleite.

– Muito melhor do que aquela torta nojenta com purê e umas coisas verdes que vocês, londrinhos, chamam de comida – concordei.

Nunca achei graça naquele lugar de torta com purê do qual Toby vivia falando. O purê era pesado e não tinha manteiga, a torta era chata e tinha uma massa esquisita e, para completar, eles cobriam tudo com um tipo de molho estranho de salsinha que chamam de *licquor*. E, como se isso não bastasse para revirar o estômago, a maioria das pessoas ainda põe vinagre na comida. Nojento.

– Ei, não fala mal da torta com purê – Toby respondeu, levantando uma sobrancelha para me repreender, de brincadeira.

Dei um sorriso e fiquei mastigando em silêncio, e então tocamos no assunto inevitável: o fato de ele voltar para casa. Nós dois tínhamos passado a manhã inteira ignorando isso.

– Ellie, sinto muito mesmo por não poder ficar mais. Me sinto um imbecil de voltar para casa e deixar você sozinha – disse, dando uma grande mordida na pizza.

– Não estou sozinha. Vou ficar bem. Juro.

Ele balançou a cabeça, pôs a casquinha da pizza na mesa, jogou o corpo para trás e passou a mão na barriga, feliz.

– Então, por quanto tempo você acha que vai ficar por aqui? Devo procurar outro voo e procurar alguém para cuidar do *pub* por umas duas semanas ou você acha que já vai ter voltado? – perguntou, me olhando com atenção.

Eu não sabia direito se estava preparada para conversar sobre isso ou se estávamos preparados para lidar com a situação assim que falássemos dela.

– Não sei, Toby – respondi. Então engoli e olhei para o prato, limpei os dedos no guardanapo, porque tinha perdido o apetite. Senti um aperto no estômago, uma sensação de medo e sobressalto. – Não sei o que vai acontecer. Se minha mãe não acordar... – fechei os olhos, me odiando por duvidar que isso pudesse acontecer, mas já tinha se passado uma semana e meia. As chances eram pequenas. – Preciso pensar em Kelsey – completei.

Ele balançou a cabeça e ficou batendo um dedo na mesa, obviamente nervoso com o rumo da conversa, assim como eu.

– Se o pior acontecer, e sua mãe não acordar, o que você vai fazer?

Odiando seu tom de nervosismo, olhei para ele e sussurrei:

– Vou ser tutora de Kelsey.

Não ia abandonar minha irmã de novo. Prometi isso a ela.

Toby balançou a cabeça devagar e se encostou no sofá. Sua postura parecia relaxada de propósito, como se

ele estivesse se forçando a ficar assim.

– E você acha que ela gostaria de morar na Inglaterra?

Soltei o ar devagar. Não tinha conversado com Kelsey sobre isso, porque significaria admitir que tinha dúvidas de que nossa mãe sobreviveria, mas achava que ela não ia querer. Teria que abrir mão dos amigos, da sua casa, da sua educação, tudo isso para ir atrás da irmã, morar em outro país, onde não conhecia ninguém. Eu tinha quase certeza, sem precisar perguntar, de que isso não era algo que Kelsey gostaria de fazer, de jeito nenhum. E eu jamais a obrigaria. A casa dela era nos Estados Unidos. Eu não tinha o direito de fazer minha irmã abandoná-la em meu próprio benefício.

– Acho que não – murmurei.

Toby repuxou o olho, seu pomo de Adão se mexeu, e ele engoliu em seco.

– Também acho.

– Você moraria aqui? – perguntei, mas, lá no fundo, já sabia a resposta. Toby tinha os filhos na Inglaterra, era um ótimo pai, adorava ficar o máximo de tempo com eles e jamais moraria em outro país. E, para ser bem sincera, eu não ia querer que o cara fizesse isso. Amava os filhos dele também e jamais gostaria que ficassem sem o pai.

Ele se remexeu no sofá, encolheu os ombros e segurou minha mão por cima da mesa. Espremeu os olhos, com uma expressão de culpa, os lábios duros.

– Ellie, eu... eu tenho os meninos – sussurrou.

Fui logo balançando a cabeça e dizendo:

– Eu sei.

Toby deu um grande suspiro e passou a mão no cabelo, nervoso.

– Não sei em que ponto ficamos. Precisamos encontrar um meio-termo, se é que existe.

Não havia meio-termo. Nós dois sabíamos disso, mas nenhum dos dois queria admitir.

– Relacionamentos a distância... não dão certo – murmurei, com a voz falhando. Senti um aperto no coração, a tristeza já se avolumava no meu peito.

Toby engoliu em seco, e minhas palavras ficaram pairando no ar por um longo minuto, enquanto só nos olhamos em silêncio. Ele era um cara inteligente, sabia o que isso significava.

De repente, sacudiu a cabeça e apertou minha mão de leve.

– Olha, não vamos pôr a carroça na frente dos bois. Estamos nos preocupando com algo que pode não acontecer. Sua mãe pode acordar a qualquer momento e, assim que melhorar, vai poder cuidar de Kelsey, e você vai poder voltar para casa.

“Casa.” Essa palavra me fez sentir ainda pior porque, depois que tinha voltado, sabia que estava *em casa*. Eu só estava me enganando na Inglaterra, fugindo dos meus problemas, tentando ser outra pessoa. Desde que voltei, depois de perder meu pai e de tudo o que estávamos passando com minha mãe, eu tinha certeza, bem lá no fundo, de que não queria abandoná-las de novo, mesmo que minha mãe se recuperasse. Eu já tinha ido embora uma vez e perdido um tempo que poderia ter passado com minha família. Queria ficar perto dela de novo, estar do seu lado, sempre. Mas isso significava que eu não podia ficar com Toby. Era uma decisão terrível, mas meu coração e minha alma já tinham escolhido, por mais que doesse. E acho que Toby também sabia. Ele me olhou nos olhos, com compreensão, mas dava para ver a dor refletida neles.

Toby limpou a garganta, sem jeito.

– Vamos deixar quieto por enquanto. Tocaremos nesse assunto se for preciso. Sua mãe vai ficar bem, e aí vamos ter nos preocupado muito por nada. É um problema para lidar outro dia.

Seu tom de voz tinha uma animação forçada que eu poderia reconhecer a quilômetros de distância.

Ele sabia, só não queria admitir. Nenhum de nós dois queria. Nós tínhamos algo bom e, com um acidente e um telefonema, nosso relacionamento foi, basicamente, destruído. Jamais poderíamos voltar ao que éramos

antes, e isso era como levar um soco no estômago.

Dei um sorriso forçado também, tentando fazer parecer verdadeiro, e balancei a cabeça.

– É, vamos nos concentrar no aqui e agora e ver o que acontece – concordei. Olhei para o relógio, vi que era quase uma e disse: – É melhor irmos andando.

Toby tomou mais um gole de refrigerante, balançou a cabeça e se levantou, pegando a sacola com os suvenires e estendendo a mão para mim. Dei um sorriso e segurei sua mão, maior do que a minha, fui até seu lado, saí com ele do restaurante, e andamos pela rua movimentada até o ponto de ônibus.

O caminho de volta para a minha casa foi silencioso, com exceção do ronco baixo do motor e das conversas dos outros passageiros. Foi um pouco estranho. Nós dois estávamos sofrendo e, em vez de confiar um no outro, escolhemos cada um lidar com a situação a seu modo.

Quando chegamos em casa, Toby guardou os globos de neve e as demais lembrancinhas na mala e se despediu da minha família. Minha avó parecia bem chateada de vê-lo partir. Ele realmente a tinha conquistado naquele curto período de tempo. Kelsey lhe deu um abraço apertado e falou que era para Toby ligar, senão “a casa ia cair”. Minha irmã definitivamente tinha aprendido algumas gírias. Fiquei observando tudo isso com um nó na garganta. Fiquei vendo a facilidade com que ele conversava com meus entes queridos, a camaradagem que havia entre Toby e minha irmãzinha, e meu coração se partiu. Pisquei para segurar as lágrimas, o pesar e o desânimo embrulhavam meu estômago.

– Pronto? – perguntei, limpando a garganta.

Toby se virou para mim, balançou a cabeça e respondeu:

– Ähn-hãn.

Depois se virou para minha avó e deu aquele sorriso sem graça encantador, que o deixa com ruguinhas nos olhos.

– Obrigado por me receber. E por fazer comida para eu levar no avião – completou, batendo na mala de bordo e sorrindo.

– De nada, querido. Você vai voltar logo, não vai? – vovó perguntou, se abaixando e dando mais um beijo no rosto de Toby.

Saí de casa e fui até meu carro. Precisava me afastar daquela cena de adeus. De certo modo, eu já estava tentando me distanciar. Toby tinha me ajudado tanto a me reencontrar depois de Jamie. Eu devia tanto ao cara, mas estava tudo chegando ao fim, e eu não queria que isso acontecesse.

Ele me encontrou no carro um minuto depois, colocou a mala no banco traseiro e entrou.

– Sua avó me fez levar mais bolo de banana para comer no avião.

Dei um sorriso, segurei o volante com força e dei partida no motor.

– Você sabe que não pode passar com comida pela alfândega, não é?

Toby balançou a cabeça.

– Eu sei. Acho que ela só quer se sentir útil. Gosta de cuidar dos outros, não fica feliz se não estiver todo mundo alimentado.

Meu noivo tinha acertado em cheio as características da personalidade de minha avó em apenas uma semana. Dei um sorriso e balancei a cabeça, e o silêncio se fez de novo. Tentei me manter animada, mas, quando chegamos ao aeroporto, eu estava prestes a chorar e mal conseguia me controlar.

Sáimos do carro, Toby olhou para o lado e tirou da mochila o saco de papel lotado de sanduíches, bolo, batatinhas fritas e caixinhas de suco.

– Já volto – resmungou, depois saiu correndo.

Protegi os olhos com a mão e fiquei observando ele falar com um sem-teto que estava vasculhando as latas de lixo. Quando ele entregou o saco, a gratidão do sem-teto sem dentes era tão clara que dava para ver mesmo a cem metros de distância.

Meu coração palpitou e, mais uma vez, desejei que as coisas pudessem ser diferentes, que eu pudesse ficar com ele.

Quando Toby voltou para o meu lado, deu um sorriso, segurou minha mão e, arrastando a mala, entramos no aeroporto movimentado. Franzi a testa, meio sem jeito de estar naquele terminal de novo. A última vez que tinha pegado um voo ali, eu estava sozinha e de coração partido. Naquele momento, estava me preparando para dizer adeus à pessoa que ajudou a me curar, e meu coração estava se despedaçando mais uma vez.

Depois de fazer o *check-in*, fomos para a fila da segurança, onde eu não podia entrar. Toby se virou para mim e deu aquele sorriso sem jeito, e perdi a luta que estava travando com as lágrimas, que começaram a rolar sem parar pelo meu rosto. Ele gemeu e me abraçou, me puxou bem para perto, quase me esmagando. O abraço durou bem mais do que um abraço tranquilizador duraria. Parecia que Toby também não queria partir. Ficamos ali, juntos, enquanto as pessoas à nossa volta continuavam levando a vida, sem saber da dor que nós dois sentíamos.

Ele, finalmente, se afastou, passou as mãos nas minhas costas e segurou meu rosto. Seus olhos verdes cheios de lágrimas olharam nos meus e pude ver neles: compreensão, aceitação, angústia. Aquele término sem palavras estava presente no seu olhar. De algum modo, Toby sabia que eu não ia voltar para a Inglaterra e entendia o porquê.

– Eu te amo de verdade, sabia? – murmurou.

Balancei a cabeça, meu corpo tremia, de soluçar.

– Eu também te amo.

E eu amava mesmo. Podia não ser aquele amor que consome a gente, nos deixa de perna bamba, quase desmaiando, que senti no passado, mas eu amava Toby profundamente.

Ele deu um sorriso fraco e se abaixou, dando um beijo suave e demorado nos meus lábios. Leve como uma pluma, mas carregado de tanta emoção que quase perdi o eixo. Gemi, com a boca grudada na sua, segurando sua camisa e apertando meu corpo contra o seu, saboreando cada detalhe, catalogando, guardando na memória para eu nunca me esquecer de como foi aquele último e lindo beijo. Não foi um beijo repleto de desejo, mas um doce beijo de despedida.

Fiquei olhando até perder Toby de vista, com a sensação de que tinha acabado de dar adeus ao meu melhor amigo. Eu me sentia sugada, vazia, carregando o peso do mundo nas costas.

Mas não podia me dar ao luxo de cair em depressão, senão jamais sairia dessa de novo. Além do mais, manter-me ocupada ia preencher meus pensamentos. Teria tempo de chorar depois, quando estivesse sozinha na cama. Não podia me permitir sentir tudo aquilo naquele instante.

Em vez de ir direto para casa, resolvi fazer uma parada rápida na funerária para dizer que tinha recebido o boleto. Só precisava de mais uns dias para conseguir o dinheiro e queria explicar por quê.

Parei no pequeno estacionamento ao lado da Funerária Mortimer e Witcombe, peguei minha bolsa e fui até a entrada. Quando passei pela porta, um sininho anunciou minha presença, e uma senhora avantajada de cabelo azulado olhou para cima, dando um sorriso caloroso.

– Boa tarde. Em que posso ajudá-la?

– Será que consigo falar rapidinho com o sr. Mortimer? Meu nome é Ellie Pierce. O sr. Mortimer cuidou do meu pai na semana passada – falei, torcendo as mãos, porque estava um pouco nervosa. Não gostava daquele lugar. Exalava um cheiro de morte e tristeza. Só de estar ali já fui ficando mais para baixo, mais do que quando me despedira de Toby, há menos de uma hora.

– É claro. Ele está esperando o próximo cliente. Venha comigo, vou mostrar sua sala – ela respondeu, levantando-se e ajeitando a saia do conjunto rosa-claro. Fui atrás da senhora devagar e parei na frente da porta da sala que eu sabia ser do sr. Mortimer, porque tinha estado lá várias vezes na última semana. Ela bateu de leve e disse:

– Maurice, a srta. Pearce está aqui e quer falar com você.

– Ah, faça ela entrar, Beryl.

A senhora se virou e fez sinal para eu entrar, abrindo bem a porta. Agradei com um sorriso e entrei na sala, olhando para o sr. Mortimer, que estava sentado atrás da mesa. Ele ficou de pé e veio me cumprimentar, com a mão estendida.

– Oi, Ellie, como tem passado?

Ele apertou minha mão com uma de suas mãos e segurou meu braço ao mesmo tempo com a outra, um cumprimento que, sem dúvida, tinha aperfeiçoado ao longo dos anos e que transmitia a quantidade exata de compaixão – se é que um aperto de mão podia fazer tal coisa.

– Estou bem. Queria agradecer pessoalmente por toda a sua ajuda com o funeral. Correu tudo muito bem – falei, mas ele já sabia disso, porque tinha inspecionado tudo pessoalmente.

– Também queria lhe informar que vou pagar o boleto em breve. As coisas estão meio difíceis, porque acabei de voltar do exterior. Estamos meio apertadas, mas prometo que vou resolver tudo dentro de dois dias. Já pedi para meu banco na Inglaterra transferir o dinheiro para a minha antiga conta nos Estados Unidos para eu poder sacar, mas isso levará alguns dias. Não esperava que fosse tão difícil tirar dinheiro de uma poupança na Inglaterra estando aqui – expliquei.

Por sorte, eu estava economizando para o casamento. Mas, pelo jeito, teria que gastar o dinheiro de outra maneira.

Ele levantou as sobrancelhas, confuso.

– Mas o boleto já foi pago.

Sacudi a cabeça.

– Eu não paguei.

O sr. Mortimer deu um sorriso, o tipo de sorriso que dá a entender que ele sentia pena de mim por algum motivo ou pensava que estava falando com alguém que não estava em seu estado normal.

– O boleto foi completamente pago na sexta-feira de manhã, pelo telefone.

Fui para trás.

– Como?

Ele balançou a cabeça.

– A sua conta está zerada. Um homem ligou na manhã do enterro para garantir que estava tudo pronto para a cerimônia. Pagou à vista no cartão de débito. Disse que era um amigo da família e que você tinha pedido para ele tomar conta disso.

Fiquei de queixo caído, de espanto. Eu devia milhares de dólares. Não tinha como alguém simplesmente ter ligado e pago tudo. A menos que... será que foi Toby? Que fez isso e não me contou, para eu ter uma coisa a menos com que me preocupar? Mas por que não me contou? Mas aí me dei conta de que não podia ter sido ele, porque estava do meu lado quando liguei para o banco, na segunda-feira, pedindo para transferirem o dinheiro para a minha conta nos Estados Unidos.

– E quem foi que pagou? – indaguei.

O sr. Mortimer franziu a testa, levantou e voltou para trás da mesa.

– Acho que foi um tal de sr. Colt, Cole, algo assim. Não lembro assim, de cabeça. Deixe eu verificar – respondeu, já abrindo uma gaveta do arquivo e procurando.

Sr. Cole. Jamie Cole. Meu corpo inteiro enrijeceu, e meus olhos ficaram arregalados ao ouvir seu nome. Jamie pagou o funeral do meu pai? Será que ele sabia que eu estava mal de dinheiro e mal tinha como pagar a entrada? Fiquei em silêncio, estarecida.

Esse pensamento e a emoção me acertaram em cheio, e senti um aperto no peito. Era por causa desse tipo de coisa que eu tinha me apaixonado por ele. Aquele seu lado atencioso, compassivo, que era tão claro.

– Ah, aqui está – o sr. Mortimer disse, puxando um papel verde-claro e lendo. – Sim, um tal sr. J. Cole. Pagou à vista – completou. Então pôs o papel sobre a mesa e o empurrou na minha direção. – Não agi certo ao aceitar? Você não sabe quem é essa pessoa? – perguntou, parecendo um pouco preocupado, espremendo os olhos.

– Conheço – respondi, baixinho.

Apertei os lábios, sem saber por onde começar a processar essa informação. Engoli o caroço que se formou na minha garganta e olhei para minhas mãos, com a cabeça girando. Será que ele tinha feito isso de propósito, sabendo que eu ia descobrir, para eu ficar lhe devendo um favor? Não, Jamie não era assim. Mas de uma coisa eu tinha certeza: eu teria que ir vê-lo e descobrir o que é que ele estava pensando, interferindo desse jeito em assuntos que não eram mais da sua conta. E eu não estava nem um pouco a fim de fazer isso.

– Está tudo bem, Ellie? – o sr. Mortimer perguntou, encostando no meu cotovelo.

Dei um pulo. Não tinha percebido que ele tinha voltado para o outro lado da mesa e estava agachado ao meu lado, com uma cara de preocupação.

Dei um sorriso forçado e balancei a cabeça.

– Está tudo bem, obrigada. Eu só não tinha noção que o sr. Cole havia pago tudo, só isso. Fico feliz que o senhor tenha recebido e peço desculpas por tomar seu tempo.

Fiquei de pé, porque precisava sair dali.

Ele se apoiou no braço da cadeira e se levantou também.

– Tem certeza de que está tudo bem? Você parece meio perturbada.

Balancei rápido a cabeça, estampeei um sorriso e estendi a mão para ele.

– Obrigada, mais uma vez, pela bela cerimônia.

Apertei sua mão gorducha rapidamente e me virei para a porta, andei depressa pelo corredor e saí pela porta da frente sem parar, apesar de a recepcionista ter me dado “tchau” quando passei por ela.

Só parei quando já tinha passado pela porta e fui para o lado, para a recepcionista não me ver. Fiquei encostada na parede, respirando fundo. Meu peito estava apertado de novo, eu estava prestes a ter outro ataque de ansiedade. Por quê? Por que ele tinha feito isso comigo? Por que não podia simplesmente me deixar em paz, em vez de me obrigar a remexer em sentimentos do passado que deviam ficar exatamente onde estavam: no passado?

CAPÍTULO

18

Ellie

Sentada na cadeira incômoda do hospital ao lado de minha mãe, eu não sabia mais quanto conseguiria aguentar.

Tudo estava caindo na minha cabeça: perder meu pai, o funeral, a perspectiva de precisar ser tutora de Kelsey se o pior acontecesse, dar adeus a Toby no dia anterior e me dar conta de que nosso relacionamento tinha basicamente acabado por uma decisão que, de modo inconsciente, eu já tinha tomado, e, para completar, Jamie pagar minhas dívidas. Pelo jeito, os diamantes nascem sob pressão, mas eu tinha quase certeza de que a pressão ia acabar me transformando em pó. Não, nenhum diamante por aqui.

Soltei um suspiro, fui para a frente e segurei a mão da minha mãe com cuidado.

– Mãe, não sei se a senhora está me ouvindo, mas, se estiver, por favor acorde – sussurrei. Fechei os olhos e encostei sua mão no meu rosto. – Preciso da senhora, Kelsey precisa da senhora. Não sei se consigo seguir em frente assim. Tem muita coisa acontecendo, muita tristeza e muita mágoa. Estou tentando ser corajosa, mas é muito difícil lidar com tudo isso. Parece que estou me afogando, e não sei o que fazer. Estou tentando continuar tendo esperança, mas, toda vez que sento aqui, tenho medo de que a senhora também se vá e acho que não vou conseguir suportar. Não tenho muito mais forças, então, por favor, se a senhora está me ouvindo, por favor, volta.

Abri os olhos e olhei para o pulsar regular do monitor cardíaco. Nenhuma mudança. Nada. Se ela pudesse me ouvir, com certeza demonstraria algo, daria algum sinal.

– Mãe, por favor. Não consigo providenciar mais um enterro, não posso perder mais um dos meus pais, e Kelsey também não. Precisamos da senhora, então, por favor, luta contra isso. Por favor, acorda – implorei, olhando de novo para o monitor cardíaco. Nada.

Engoli em seco, e a decepção se avolumou no meu estômago. Eu só queria sentar em um quarto escuro, abraçar meus próprios joelhos e ficar em silêncio. A depressão estava avançando sobre mim devagar, jogando seu feitiço e me arrastando para baixo. Se eu permitisse, tomaria conta de tudo e me cobriria de escuridão. Mas eu não podia permitir. Eu tinha que continuar firme, por Kelsey. Continuar animada, ou pelo menos fingir, era a coisa mais difícil que eu já fizera na vida, mas devia isso à minha irmãzinha: continuar lutando e não desistir.

– Preciso ir. Mais tarde volto, com Kels e vovó. – Me levantei, me inclinei sobre minha mãe e beijei seu rosto. – Dorme bem, mas acorda logo.

Então me afastei, peguei minha bolsa e as revistas que tinha levado e saí do hospital, pensando quantas vezes mais teria que ir ali até saber qual seria seu destino.

A caminho do carro, peguei o celular na bolsa e tirei do modo avião. Bem na hora em que ia guardá-lo,

chegou uma mensagem de vovó.

Por favor, você pode pegar carne moída, tomate e ovos quando voltar para casa?

Respondi um rápido sim e entrei no carro. Fechei os olhos e segurei o volante com tanta força que meus dedos doeram.

– Não quero mais ser adulta – murmurei, para o silêncio do carro.

Respirei fundo algumas vezes para acalmar meus nervos em frangalhos, virei a chave na ignição, pisei no acelerador e fiquei ouvindo a luta do motor para pegar. Meu carro, na melhor das hipóteses, nunca foi muito confiável. Pelo jeito, esse era o preço a ser cobrado do pobrezinho por ter sido tão usado nas últimas duas semanas. Na segunda tentativa, o motor pegou, e uma grande nuvem de fumaça preta que não parecia nem um pouco saudável passou pela minha janela. Provavelmente, logo teria que comprar um carro novo. Se tivesse que ser a responsável por Kels, não poderia ter um carro no qual não dava para confiar.

“Mais uma coisa para eu me preocupar...”

Fui até a loja de conveniência que ficava no meio do caminho entre o hospital e a minha casa e saí do carro. Peguei as coisas que vovó tinha pedido e escolhi uma barra de chocolate para ir comendo no caminho. Precisava de uma injeção de açúcar.

Enquanto esperava na fila do caixa, notei um cara alto, de pele olivada, parado do lado de fora. Devia ter trinta e poucos anos, usava um *jeans* escuro, uma camiseta de manga comprida preta e um colete de couro estilo motoqueiro por cima. Parecia estar me encarando. Quando olhei, cruzamos o olhar, e ele foi logo virando o rosto, jogando a bituca de cigarro no chão e pisando nela com a bota preta pesada. Alguma coisa na sua postura, no jeito que parecia estar me observando, e o fato de ter virado o rosto tão rápido fizeram os pelos da minha nuca se arrepiarem de incômodo.

– Nove e oitenta e cinco.

Dei um pulo, estarecida, e olhei para a caixa, uma menina que mascava chiclete bem alto e esperava com a mão estendida e uma expressão de tédio. Não tinha me dado conta de que havia chegado minha vez de pagar. Abri a bolsa, tirei uma nota de dez, dei para ela e empacotei minhas coisas depressa. Quando olhei para a porta de novo, o cara tinha sumido, e aquele meu mal-estar passou.

Eu estava sendo ridícula.

Pus a bolsa no ombro, peguei a sacola e abri a embalagem da barra de chocolate com os dentes, feito uma selvagem. Fui até o estacionamento, nos fundos da loja, dando grandes mordidas, sem nem saborear. Só precisava do açúcar. Parei do lado do meu fusquinha e tentei pegar a chave no bolso, equilibrando as compras e o chocolate.

Senti um empurrão vindo de trás, mas nem vi de onde saiu. Bati com o peito e a barriga na lateral do carro. O ar saiu dos meus lábios com um “unf” abafado, e tudo o que eu estava segurando escorregou dos meus braços e caiu no chão. Alguma coisa apertava minhas costas, me grudando no carro.

– O quê? – gritei, com um aperto de pânico no coração.

Senti uma mão agarrar um punhado do meu cabelo e abaixar minha cabeça. Só conseguia enxergar pés, concreto, o conteúdo da minha bolsa espalhado por todos os lados, e os ovos quebrados se esparramando para fora da sacola de papel.

– Fica quieta! Se você fizer um barulhinho, corto a sua garganta – um cara berrou, no meu ouvido, pressionando o corpo com mais força contra o meu, me segurando no lugar.

Eu estava ofegante, tentando entender o que estava acontecendo e que droga tinha que fazer. O instinto de autopreservação entrou em cena, e fui para trás, me debatendo para tentar me soltar. Quando abri a boca, para gritar a plenos pulmões, uma coisa fria e afiada apertou a pele do meu pescoço, chegando a arder, mas não a doer. Choraminguei, fechei os olhos e parei de resistir.

“Vou morrer, vou morrer.” Era tudo o que eu conseguia pensar, sem parar.

Um carro entrou no estacionamento a toda velocidade e parou, cantando pneu atrás de mim. Fui puxada com força para trás, e a faca arranhou a pele da minha garganta. Soltei um suspiro de espanto e, na mesma hora, segurei a mão do cara, tentando tirar seu braço da minha garganta, com os olhos cheios de lágrimas. Olhei para os dois lados, em busca de ajuda, rezando para ter mais alguém no estacionamento que pudesse me salvar. Mas, pelo que vi, estava deserto. Como ficava nos fundos da loja, não tinha como as pessoas que passavam na rua verem que eu estava sendo atacada.

– Põe ela lá atrás – outro homem ordenou, atrás de mim. Ouvi o “clique” de uma porta de carro sendo aberta. O pânico estava tomando conta de mim, meu coração latejava, o cara me agarrou pelo meio do corpo, praticamente tirando meus pés do chão, e fui meio que arrastada até um carro azul-escuro que acabara de chegar. Eu sabia que não podia deixar aquele cara me enfiar dentro do carro, chutei o ar com força, arranhei, sacudi os braços – tentei de tudo para me libertar.

Ouvi o cara novo sussurrar:

– Ah, caralho. É o...?

E, de repente, o homem que estava me segurando soltou minha cintura, tirou a mão da minha garganta, e meus pés bateram no chão de novo. Caí para a frente, de cara no chão, esfolando as mãos e os joelhos. Tinha alguma coisa pressionando minhas pernas, me segurando com força.

Tentei respirar e virei a cabeça para ver o que tinha acontecido, enquanto me preparava para sacudir o corpo até conseguir me soltar, ficar de pé e correr até a rua o mais rápido possível.

Levei alguns segundos para entender o que vi. O cara que estava me segurando, o qual, naquele momento, reconheci ser o mesmo que me observava do lado de fora da loja, estava caído na parte de trás das minhas pernas. De olhos fechados, com o corpo inerte. Saía sangue devagar da sua nuca, descendo pela orelha até o rosto.

Meus olhos enxergaram algo se movimentando a mais ou menos um metro de distância. Quando me dei conta do que era, o pânico diminuiu um pouco. Jamie. Eu o reconheci imediatamente, apesar de ele estar de boné vermelho. Podia reconhecê-lo em qualquer lugar. Estava ali parado, tranquilo, girando um taco de beisebol, como os jogadores fazem quando querem se exibir. Mas não estava olhando para mim. Seus olhos estavam fixos no segundo cara, que tinha chegado de carro.

– Você fez merda das grandes – berrou, indo na direção do outro homem e levantando o taco.

O cara sacudiu a cabeça, levantando as mãos em um gesto de rendição. Mas Jamie não deu bola ou então não viu, porque deu uma tacada mesmo assim. Um “bam” ensurdecedor de madeira batendo em músculos e ossos fez eu me encolher toda: o taco tinha acertado o joelho do cara. Um grito de dor ecoou no ar. Ele caiu no chão imediatamente e levou uma mão para trás, procurando algo, enquanto protegia o rosto com a outra. Vi Jamie descer o taco de novo, dessa vez batendo no braço do cara com toda força, gerando mais um grito agonizante.

Sacudi o corpo e me soltei do homem inconsciente, depois fiquei de pé. Só não contava que minhas pernas iam cooperar tão pouco. Fui para a frente de novo, cambaleando, bati na lateral do carro, mas consegui me manter em pé. Virei para trás e vi o segundo cara deitado de lado, com o braço em uma posição estranha, apavorante, que fez um gosto de bile subir pela minha garganta. A mão que não estava machucada ainda Tateava suas costas. Meu coração disparou quando vi a cena e fiquei hipnotizada de um jeito mórbido.

O cara soltou o braço que não estava machucado, empunhando um revólver preto, e o movimentou tão depressa que parecia um borrão, depois apontou para Jamie.

– Cuidado! – gritei.

Mas, é claro, Jamie já estava preparado e deu um chute certo na mão estendida do cara, lançando-a para o lado antes que ele conseguisse puxar o gatilho.

Quando o homem se endireitou e tentou apontar a arma de novo, Jamie levantou o pé e pisou com força no seu pulso, segurando-o no chão. Então se abaixou e pegou o revólver, que estava na outra mão dele. Jamie ficou de costas para mim, mas dava para ver, pela sua postura, que estava furioso. Seus ombros estavam rígidos; os músculos, flexionados. Levantou a arma e bateu com ela bem na cara do homem, e imediatamente saiu sangue do seu nariz, e seu corpo parou de se mexer.

Jamie não se virou para mim. Em vez disso, se abaixou, levantou a manga do cara e deixou à mostra seu braço tatuado. Ouvi ele respirar fundo.

– Filho de uma puta – murmurou, baixinho. Depois ficou de pé e colocou a arma na parte de trás da calça.

Olhei e vi dois homens inconscientes, sangue, os corpos machucados ali no chão, ao lado de uma poça de ovos quebrados, e minha visão começou a ficar borrada. Eu me encostei no carro, senti meu sangue ferver, minhas mãos começaram a pinicar.

Meu corpo inteiro parecia pesado quando Jamie se aproximou, parando para pegar a grande faca prateada que estivera grudada na minha garganta. Também a guardou no cós da calça. Minhas pernas ficaram bambas, e tentei respirar fundo. Estava sentindo que ia desmaiar. Sabia que estava em pânico, mas não podia fazer nada a respeito, estava em um estado de crise total.

– Está tudo bem, Ellie – sussurrou Jamie, atirando o taco manchado de sangue aos meus pés, que fez um barulho alto ao cair

no chão. Então chegou perto de mim, segurou meu rosto com as duas mãos, levantou minha cabeça, me fazendo parar de olhar para aqueles corpos machucados e olhar para ele. Seus olhos castanhos tinham uma expressão carinhosa e preocupada. – Está tudo bem, garotinha. *Shhhh*. Estou aqui. Está tudo bem agora – balbuciou, chegando ainda mais perto e passando o braço pelo meu corpo para me manter em pé, porque minhas pernas estavam bambas, e eu quase caí.

Minha cabeça caiu para a frente, minha testa ficou encostada no seu pescoço. Fechei os olhos. Seu cheiro me rodeou como se fosse uma capa protetora invisível, um cheiro tão conhecido que parecia que eu nunca tinha ficado longe dele. Isso, mais os seus sussurros, foram fazendo minha respiração voltar ao normal aos poucos, e o ritmo do meu coração passou de um pinote a um rápido galopar.

Ficamos assim por mais ou menos um minuto, até que ouvimos um gemido vindo do chão, e Jamie se afastou de mim. Sua expressão mudou na mesma hora. Não estava mais carinhosa e preocupada, mas era a própria personificação da fúria. Nunca tinha visto alguém com uma raiva tão assassina: os olhos apertados, os lábios retorcidos de desprezo. Vi que o cara que tinha me atacado estava acordando. Ele estava claramente grogue e piscava os olhos depressa, tentando ficar de quatro.

Assim que Jamie se afastou de mim, senti frio, e um arrepio percorreu minha espinha. Ele cerrou os punhos com tanta força que os nós dos seus dedos ficaram brancos. O homem nem se deu conta quando levou o primeiro soco. Jamie deu um chute certo no seu estômago, fazendo-o rolar de costas e soltar um grito gutural de dor.

O que aconteceu depois parecia cena de filme. Nunca tinha visto tamanha violência na vida real e jamais queria ver de novo. Jamie se sentou no peito do sujeito, dando socos e mais socos na sua cara, e a cabeça do homem voava a cada golpe. O sangue começou a jorrar dos cortes e machucados, seus olhos ficaram tão inchados que quase fecharam, seu rosto ficou todo roxo, e ele parou de se mexer, seu corpo caiu, inerte.

– Jamie? – falei, sacudindo a cabeça, sem conseguir parar de olhar. – Jamie, para – implorei, quase sussurrando. Apoiei as mãos no carro e me endireitei, rezando para que minhas pernas suportassem meu peso. – Jamie?

Como se tivesse me escutado, ele pôs fim ao seu ataque de selvageria e ficou de pé. Dei um suspiro de alívio que acabou ficando engasgado na minha garganta, porque Jamie pegou a arma da calça e apontou para o rosto do homem inconsciente. Choringuei e fui cambaleando para a frente, pus a mão no seu ombro e o

puxei com toda a força que consegui reunir.

– Não! – gritei, desesperada. Jamie, não, não faz isso. Por favor.

Eu conhecia seu passado. Sabia que ele já havia matado uma pessoa, Jamie me contara que perdera o controle quando sua irmã fora assassinada. Mas aquilo era outra coisa, completamente diferente. Dava para ver que ele estava sob controle, aquilo seria apenas um assassinato a sangue frio, motivado por vingança, e eu não podia permitir que acontecesse.

Quando Jamie se virou para mim, estava com um olhar assassino, uma expressão de ódio. Ele queria matar aquele homem, provavelmente aqueles dois homens. Estava tão diferente do menino que eu conhecia – mas tão, tão diferente. Doía só de olhar.

– Ellie, eu preciso. Tenho que garantir a sua segurança – falou. Então apertou os olhos, e pude ver sua angústia, seu desejo desesperado.

Sacudi a cabeça e cheguei mais perto dele, com os olhos fixos nos seus.

– Não faz isso, Jamie. Você não é assim. Você não pode ser assim – choraminguei.

Ele cerrou os dentes e olhou para o homem que estava no chão, com um ódio vil estampado no rosto.

Engoli em seco, sem saber se podia vencer aquela batalha.

– Estou em segurança agora – garanti, passando a mão no seu rosto, obrigando-o a olhar para mim. – Estou bem, viu?

Fiz um olhar de súplica, pedindo, de forma silenciosa, que ele não jogasse fora o bem que eu sempre enxergara em seu coração, que eu *ainda enxergava*, apesar de estar encoberto por uma nuvem de ódio.

Jamie fechou os olhos, balançou a cabeça e soltou a mão do lado do corpo. Dei um suspiro de alívio. Cheguei mais perto, passei meus braços pesados e descoordenados pela sua cintura e grudei meu corpo no seu.

Ele me abraçou apertado e encostou os lábios na minha cabeça.

– Quase cheguei tarde demais. Não sei o que eu seria capaz de fazer. Não sei... – murmurou, com os lábios encostados no meu cabelo, me apertando de um jeito quase desesperado.

– Estou bem – repeti, sabendo que ele também precisava ser reconfortado.

Ficamos assim um bom tempo. Eu me agarrei no seu corpo como se ele fosse um bote no meio de águas turbulentas, até ele se afastar, me mantendo à distância de um braço.

– É melhor a gente ir. Meu carro está bem ali – falou, fazendo sinal com a cabeça para a BMW preta que tinha me levado para casa naquela noite em que o vi, na boate.

Balancei a cabeça, e fui atrás dele, cegamente. Jamie parou perto do meu carro e pegou minha bolsa no chão, enfiando as coisas de volta lá dentro de qualquer jeito. Quando pegou tudo, seguimos até seu carro, com ele me segurando firme pela cintura, porque minhas pernas ainda tremiam, e eu não conseguia me equilibrar direito. Jamie abriu a porta do lado do passageiro, me ajudou a entrar e colocou minha bolsa nos meus pés.

– E o meu carro? – balbuciei, encostando a cabeça no apoio do banco e fechando os olhos por alguns segundos. Jamie segurou minhas mãos e deu uma olhada nos esfolados que, com certeza, apareceram ali quando caí.

– Não se preocupa. Eu resolvo isso.

Jamie soltou minhas mãos de repente. Abri os olhos e vi que ele estava abrindo o porta-luvas e tirando o revólver e a faca das costas, guardando-as ali.

Então se virou para mim, prendeu meu cinto de segurança, saiu do carro e fechou a porta. Enquanto foi até a outra porta, pude ouvir uma conversa abafada, mas não consegui me concentrar nela. Jamie entrou no carro, tirou o celular do ouvido e o desligou, depois jogou o aparelho no porta-copos. Eu não tinha energia nem para perguntar com quem ele estava falando.

Ele deu partida no carro e começou a sair do estacionamento. Olhei para trás, para os corpos no chão.

– E eles? – murmurei. Será que a gente não devia chamar uma ambulância e tal?

– Sério que você se importa? – respondeu, seco, olhando pelo retrovisor e cerrando os dentes ao ver os dois corpos.

Sério que eu me importava?

– Não – respondi, sendo sincera, sacudindo a cabeça.

– Exatamente.

Enquanto Jamie dirigia, as ruas passavam pelo meu vidro como um borrão, minha cabeça não conseguia se concentrar em nada. Olhei para minhas mãos, que formigavam. Estavam tremendo visivelmente. Eu as abri e fechei algumas vezes, tentando fazer o tremor parar, mas não consegui. Desisti e as coloquei debaixo das pernas, para não ficarem à vista.

Os minutos foram passando em silêncio, e eu não parava de pensar no que tinha acabado de acontecer. Aqueles homens haviam tentado me empurrar para dentro do carro. Tentei não pensar no que teria acontecido comigo se Jamie não tivesse aparecido. Ele tinha salvado minha vida. Tinha enchido os dois de porrada, de um jeito de dar gosto.

Virei para ele e vi seus nós dos dedos ensanguentados segurando o volante, os músculos tensos dos seus braços, os bíceps salientes de estresse, sua postura alerta. Ondas de ódio emanavam dele. Engoli em seco, pensando na intenção assassina que vi brilhar nos seus olhos.

E se eu não tivesse segurado seu braço e pedido para ele parar, será que teria matado os dois? Será que teria mesmo puxado o gatilho? Seus olhos diziam que sim. Nunca tinha visto Jamie daquele jeito. Tinha sido assustador testemunhar aquela tempestade assassina se formando nos seus olhos. Eu sabia que devia ficar com medo, sabia que devia questionar por que tinha deixado o cara me pôr dentro do seu carro depois do que eu tinha acabado de ver, mas nunca tive medo de Jamie. Ele jamais me faria mal. Tive um vislumbre da sua alma machucada e perturbada. Conhecia seus demônios e também sabia que não havia maldade em seu coração.

Bom, pelo menos era isso que eu pensava a respeito do Jamie que eu conhecia. Aquele homem sentado ali, no carro comigo, era diferente. Tinha algo de descontrole, de radical, alguma mudança na sua personalidade que o tinha tornado alguém duro e insensível à violência. Eu sabia que ele fazia coisas violentas quando trabalhava para Brett, já o vira com os nós dos dedos daquele jeito, até já os tinha limpado, mas Jamie sempre lamentava quando isso acontecia. Já tinha visto seu arrependimento no modo como ficava quieto e distante, às vezes, com um olhar mortificado no rosto. Agora não havia arrependimento nem remorso, só um ódio implacável. O que teria acontecido com o menino que amei? Onde ele teria ido parar?

– Ei, você está bem?

Dei um pulo, minha mente voltou para o momento presente, e me virei para Jamie. Seu olhar de preocupação cruzou com o meu, e ele colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha e ficou passando os dedos no meu rosto de leve, por um breve segundo. Senti um calor subir pelo meu rosto, que ardia de um jeito agradável, e minha pele ficou formigando onde ele me tocou.

Levei alguns instantes para me dar conta de que Jamie estava com o corpo virado para mim e que o carro havia parado. Franzindo a testa, olhei em volta. Estávamos em um estacionamento subterrâneo.

– Onde estamos? – perguntei, com a voz rouca, porque minha garganta estava seca.

– Ahn... esta é minha nova casa – respondeu, pousando as mãos no colo. Essa versão de Jamie estava mais parecida com a que eu conhecia. A que conheci primeiro, antes de ficarmos à vontade um com o outro. O cara nervoso e tímido que achava que não merecia ser bem tratado. Deu uma dor no coração ver que ele ainda se sentia assim.

– Ah – respondi, mas fiquei confusa. – Por que você me trouxe aqui? Por que você simplesmente não me

levou para casa?

E por que esse pensamento só estava me ocorrendo naquele instante?

Então outro carro entrou no estacionamento e parou ao lado de Jamie.

– Que bom, ele chegou – murmurou, quando alguém alto saiu do carro. Jamie não respondeu minha pergunta, só saiu do carro, fechou a porta e ficou conversando com o cara.

Meus instintos pediam que eu ouvisse essa conversa, então comecei a mexer no cinto de segurança com as mãos trêmulas e, finalmente, consegui tirá-lo depois de algumas tentativas. Saí do carro, me virei e fiquei olhando para os dois homens. Eu conhecia aquele cara, o tinha visto algumas vezes: Ray O que tinha ido ao aeroporto no lugar de Jamie e me forçado a enxergar a realidade.

– Jamie? – murmurei, me apoiando na porta do carro, porque minhas pernas estavam bambas e eu não conseguia me equilibrar direito. Sabia que devia estar em estado de choque. Já tinha lido sobre o assunto, mas nunca havia passado por isso.

Jamie falou mais alguma coisa para Ray, tirou uma chave do chaveiro e entregou para ele. Depois se virou para mim e deu um sorriso que não se refletiu nos seus olhos.

– Ellie, você se lembra de Ray? – perguntou.

Balancei a cabeça, olhei para Ray de novo, sem querer reviver as lembranças daquele dia no aeroporto e da imensa decepção que senti ao vê-lo no lugar de Jamie. Parecia que meus pés estavam colados no chão, e Jamie chegou perto e mim.

– Só preciso resolver uma coisa, não vou demorar. Ray vai te levar lá em cima e ficar de olho em você enquanto eu estiver fora – disse, se inclinando para dentro do carro, pegando minha bolsa e entregando-a para Ray.

– Eu só quero ir para casa. Não preciso que ninguém fique de olho em mim – respondi, tentando fazer um tom de autoridade sem ter o menor sucesso, porque minha voz tremia de emoção.

Jamie soltou um suspiro profundo e chegou mais perto de mim. Muito perto. Se eu desse um passo, poderia me derreter no seu corpo, abraçá-lo e me esconder ali até que tudo passasse. Minha vontade de fazer isso era quase esmagadora.

– Não posso te levar para casa. Ainda não, Ellie. Aqueles caras foram atrás de você por minha causa, por isso preciso que alguém te proteja enquanto vou resolver essas coisas. É importante – explicou.

Aqueles dois caras estavam atrás de mim? Não tinha sido um ataque aleatório? E era por causa de Jamie? Nada daquilo fazia sentido. Olhei para o painel do carro, pensando no revólver e na faca guardados dentro dele, e engoli em seco, incomodada, com um arrepio percorrendo a minha espinha.

Senti algo tocar meu ombro, dei um pulo e olhei para Jamie de novo.

– Volto logo e explico tudo, juro. Por favor, vá lá para cima com Ray, para eu não precisar me preocupar com você. Preciso estar cem por cento concentrado agora. Por favor? Você pode fazer isso por mim?

Seus olhos imploravam, e sua cor inebriante me hipnotizou, me deixando submissa, como Jamie sempre conseguia que eu ficasse.

Balancei a cabeça. Não tinha muita escolha. Era óbvio que Jamie não recuaria, e eu não tinha mais forças nem para continuar em pé, muito menos para discutir.

Jamie deu um sorriso.

– Obrigado. A gente se vê já, já, e vou explicar tudo.

Ray veio mais para a frente, segurou meu braço para equilibrar um pouco do meu peso, e fui andando com as pernas bambas.

– Vamos subir, faço um chá para você. Vá acalmar seus nervos – disse, baixinho, e deixei que me levasse sem resistir.

Ray parou perto do elevador e apertou o botão. Olhei para trás e vi que Jamie já tinha entrado no carro.

Cruzamos o olhar através do para-brisa. Engoli em seco ao vê-lo. O Jamie assustador e assassino do estacionamento havia voltado e, dessa vez, eu não estaria lá para impedi-lo de realizar seus planos.

CAPÍTULO

19

Jamie

Eu mal conseguia ficar quieto no banco do carro ao sair da minha casa e deixar Ellie com Ray. Fiquei flexionando as mãos no volante e fazendo careta para fora do vidro, pensando que, por pouco, não conseguiria salvá-la. Havia parado o carro na rua lateral do estacionamento. Achei que ela não corria perigo, por isso deixei que estacionasse sozinha, para não ser visto. Se aquele segundo cara não tivesse passado por mim a mil por hora e entrado correndo no estacionamento, eu jamais teria percebido que havia algo errado.

– Imbecil, imbecil, imbecil – berrei, batendo no volante de tanta frustração.

Eu estava fervendo de raiva só de lembrar daquele cara com as mãos em Ellie, quando entrei no estacionamento. Gemi, cerrei e soltei os dentes, me remexi e pisei mais fundo no acelerador. Meu ódio parecia um monstro, me arranhando por dentro, exigindo sair de mim. E, se eu permitisse, não importava o que Ellie diria. Mateo ia morrer por causa disso.

Dirigi em silêncio por um tempo, esperando a raiva baixar. Apertei alguns botões no painel e liguei para Raposa no viva-voz. Ele atendeu na terceira chamada.

– Oi, Pirralho – disse, com a voz animada de sempre. Às vezes, isso me deixava puto ao extremo.

– Raposa, dois capangas dos Salazar acabaram de atacar Ellie, tentaram sequestrá-la – falei, quase cuspidando, sentindo o gosto horrível de ácido na minha língua.

– Que porra! Ela está bem?

– Está. – “Graças a Deus”. – Mas os dois cuzões que a atacaram não estão.

– Quem são?

– Não sei. Mas, definitivamente, são da gangue dos Salazar. Tinham a tatuagem. – Meus pensamentos voltaram àquela cena, à imagem da tatuagem de cobra com uma adaga da gangue que vi no braço do cara. – Escuta, preciso que você faça umas cosinhas para mim.

Olhei pelos retrovisores, liguei o pisca e segui na direção sul, onde ficava a minha boate mais próxima.

– Claro. O quê?

Dava para ouvir Raposa se movimentando, devia estar procurando um lugar mais tranquilo para a gente conversar.

– Preciso que você ligue para o detetive Lewiston, fale que tem umas informações interessantes para ele, mas que ele precisa encontrar uma fonte oficial que corrobore a história.

Eu já tinha pensado em tudo. Não podia sair atirando para todos os lados, mas queria que os irmãos Salazar ficassem arruinados, fugissem da cidade ou morressem. E, para conseguir isso, eu precisaria de ajuda. O detetive Lewiston já tinha me sido útil e viria muito a calhar nas próximas horas.

– Ok, e eu falo o quê?

– Diz que você sabe de três laboratórios de droga ligados aos irmãos Salazar. Passa o endereço dos laboratórios em Greenwich Village, no Lower East Side e no Bronx. Fala que a polícia precisa invadir esses lugares assim que possível, porque você ouviu falar que eles vão mudar as coisas lá dentro em umas duas horas – orientei, parando no estacionamento de uma das minhas boates menores, que só funcionava à noite e aos fins de semana e estaria fechada àquela hora do dia. “Perfeito.”

– Enquanto isso, vou para o laboratório de metanfetamina deles em Long Island. Tenho um pressentimento de que Mateo pode estar lá.

Peguei minha mochila da academia que estava no banco de trás, abri e tirei dela uma camiseta velha que deixo lá para quando resolvo malhar. Enquanto falava, rasguei a camiseta pela metade, depois rasguei pela metade de novo, já focado no que faria em seguida.

– Se você vai para lá, então vem me buscar – Raposa sugeriu. – Vou com você, caso dê algum problema.

Dei um sorriso pela sua boa intenção, mas sacudi a cabeça, dispensando.

– Não vai ter muita gente lá, e quem estiver vai estar chapado.

– E Mateo? – Raposa completou, com um tom preocupado.

– Com certeza dou conta daquele bosta – falei. – Olha, tenho que ir nessa. Liga para Lewiston, mas fala que ele vai ter que pagar alguma puta ou um viciado para corroborar a história e deixar registrado que foi essa pessoa quem deu a dica. Essa informação não pode ter vindo da gente – instruí, impaciente, porque queria partir logo para a ação.

– Tudo bem, pode deixar. Passa o endereço em que você largou os caras – disse Raposa. Dei o endereço de onde havia deixado os dois, e Raposa perguntou: – Eles estão mortos?

Fechei os olhos, desejando que estivessem, que Ellie tivesse me deixado acabar com aquilo.

– Não.

– Ok, vou mandar alguém encontrá-los também.

– E pede para alguém levar o carro de Ellie para a casa dela. É um Fusca verde.

– Deixa comigo. E onde Ellie está, quer que eu peça para alguém buscá-la?

– Está lá em casa, com Ray. Ele vai ficar de olho até eu voltar.

– Ok, que bom. Vou ligar, então. E, Pirralho, toma cuidado, hein?

– Tá.

Desliguei, saí do carro e fui para a porta dos fundos da boate. Entrei, subi as escadas, fui direto para o bar e peguei quatro garrafas de uísque. Como eu suspeitava, não havia ninguém ali àquela hora do dia.

“Acho que vai dar”, pensei, preparando as garrafas para o meu objetivo e guardando-as na mochila, na vertical. Assim que consegui tudo o que precisava, fui para o galpão e troquei de carro, pegando um dos mais discretos, registrados com nome e endereço falsos, para não poder ser localizado. Também troquei depressa de roupa, coloquei um moletom de capuz e pus o capuz por cima do boné, só para garantir.

De lá, fui para o prédio abandonado onde os irmãos Salazar preparam aquela merda que vendem, torcendo para Mateo estar lá, para que tudo acabasse rápido. Queria voltar logo para Ellie e dizer que ela estava em segurança – e que isso fosse verdade, porra.

Parei o carro no fim da rua, saí e corri até o laboratório, depois me escondi atrás de um muro pequeno e caindo aos pedaços do outro lado da rua. Dei uma boa olhada no lugar, depois parei do lado de um grande pedaço chamuscado na grama. Era a fogueira, onde eles se livravam dos produtos químicos. Levantei o nariz, enojado, e olhei por cima do muro, fazendo um reconhecimento da área.

O grande edifício na minha frente tinha uma aparência decrépita. Basicamente, era um galpão de lata velho, com as paredes cobertas de pichações e janelas tapadas. Em algum momento, deve ter servido de estoque para alguma indústria e tal, mas estava sendo usado para fazer centenas de quilos de metanfetamina, ou “cristal”, como a droga era conhecida nas ruas.

Ainda escondido, olhei para os dois lados, e vi outras construções naquele pequeno conglomerado industrial. Um estava meio caído, sem um dos lados e com pedaços do teto pendurados precariamente, como se fossem cair a qualquer instante. A única outra construção na área era uma pequena cabana de tijolos que pode ter servido de guarita para os seguranças que cuidavam do local. Tinha buracos no teto, e as janelas estavam quebradas. Era óbvio que ninguém mais a usava. Havia três carros estacionados no terreno abandonado mais para a minha direita, e nenhum deles era caro o suficiente para pertencer a um Salazar.

Fiquei parado, sem fazer barulho, observando, esperando a oportunidade aparecer e resolvendo se eu iria simplesmente chegar chegando. Menos de três minutos depois, a oportunidade apareceu. Um cara andava no canto do prédio, olhando para a tela do celular, visivelmente entretido com o que estava assistindo. Era o segurança, fazendo a ronda. Dei um sorriso, puxei a tira da mochila, para ela não cair do meu ombro, e peguei a arma que tinha confiscado do cara que atacara Ellie. Eu tinha armas quentes que podia usar, mas achei engraçada a possibilidade de matar Mateo com um revólver da sua própria gangue. Adorei a ironia.

O segurança parou, de costas para mim, colocou uma mão na maçaneta e baixou até o lado da porta, depois se encostou na parede, resolvendo terminar de assistir ao programa no celular, em vez de voltar ao trabalho.

Levantei, segurando a mochila com o quadril e corri a curta distância que nos separava. Ele estava tão entretido pelo programa que nem ouviu eu me aproximar e encostar a arma na parte de trás da sua cabeça. Seu corpo ficou todo tenso, suas mãos levantaram por reflexo, e pude ver que ele estava assistindo *The walking dead*.

– Não se mexe que você sai dessa vivo – ordenei, apertando mais a arma contra seu couro cabeludo. Peguei seu celular, desliguei o vídeo e joguei na mochila. – Põe as mãos atrás da cabeça – instruí, dando um passo para atrás e posicionando o revólver no meio dos seus ombros. O cara obedeceu, entrelaçando os dedos atrás da cabeça e deixando à mostra a tatuagem dos Salazar no braço. – Ótimo. Quantos guardas mais tem aqui? – perguntei. Tateei seu corpo e encontrei uma faca e uma pistola pequena presas na sua cintura. Peguei as duas e guardei com cuidado na mochila.

– Só eu – respondeu, com uma voz que parecia bem mais jovem do que seu rosto.

– Se você estiver mentindo... – falei, apertando mais a arma contra a sua espinha.

– Não estou, não, juro – ele foi logo respondendo. Então virou a cabeça e arregalou os olhos. – Ah, merda. Você é o Pirralho Cole.

“Mais uma vez, minha fama me precede.”

Balancei a cabeça devagar.

– Ähn-hân. Mateo está aí dentro? – quase berrei, fervendo de raiva de novo.

O guarda sacudiu a cabeça.

– Não, faz uns dois dias que ele não aparece aqui.

Um gemido de frustração escapou dos meus lábios. Eu tinha muita esperança de que o cara estivesse ali.

– Quantas pessoas tem lá dentro?

– Três, só três.

– E vocês estão esperando alguma entrega ou busca logo mais? – perguntei, olhando para a rua e vendo que ainda estava vazia, não havia ninguém à vista.

– Não, recebemos uma entrega hoje de manhã – o cara respondeu. Acreditei em parte. Mas, mesmo assim, precisava ter cautela. Não sabia o que nem quem estava lá dentro.

– Qual é o seu nome?

– Stan.

– OK, Stan. Abre a porta devagar para eu conseguir ver lá dentro – falei, fazendo sinal com a cabeça para a porta por onde ele ia passar, mas desistiu. – E não se esqueça: se alguém começar a atirar, você vai ser o

primeiro a morrer.

Ele engoliu em seco e balançou a cabeça.

– Não tem ninguém lá dentro, só os cozinheiros.

O cara abriu a porta devagar o suficiente para eu ver que dava em uma pequena sala de segurança com uma mesa e um monitor em cima.

– Entra – mandei, empurrando o cara para a frente, para ele começar a se mexer, porque seus pés não queriam cooperar. Ele entrou na sala, e olhei em volta com atenção, vendo que estava vazio. – Vai até a mesa.

Ele obedeceu de novo, foi até a mesa comigo na sua cola, a arma nas suas costas todo o tempo.

No monitor, havia três imagens granuladas se movendo: uma do lado de fora, que estava completamente vazio; outra da frente, de onde a gente havia acabado de sair; e a última de dentro do laboratório propriamente dito. Três pessoas usando jalecos brancos de laboratório, luvas de borracha, óculos de segurança e máscaras estavam lá dentro, exatamente como Stanley dissera.

– Ok, vamos entrar bem de boa, devagar. Você vai na frente.

Pus a mão no seu ombro e o mantive a um braço de distância de mim. Levantei a arma e apontei para seu ombro, preparado para tudo.

Stan balançou a cabeça, foi até a porta devagar, para eu poder acompanhá-lo, e abriu a porta de metal, que parecia ser bem pesada, empurrando-a para dentro e nos dando acesso ao vasto laboratório. Assim que a porta se abriu, o cheiro de amônia e solventes fez meu nariz arder e minha garganta coçar.

Os cozinheiros nem levantaram os olhos do trabalho quando entramos. Dei uma olhada rápida em volta e vi pilhas altas de diversas coisas: antigripais, frascos e mais frascos de água sanitária, sacos grandes de sal, garrafas vazias de refrigerante, latas de limpador de ralo e cilindros de gás comprimido com tantos outros itens domésticos que mais parecia o corredor de produtos de limpeza do Walmart.

Havia manchas de produtos químicos nas paredes e mesas largas e compridas no centro da sala, onde os cozinheiros realmente “cozinham”. Em outra mesa, mais para a direita, o produto final estava embalado em sacos de plástico, bem vedados. Devia ter, fácil, centenas de milhares de dólares em cristal ali naquela mesa. Fui mais para a frente, usando Stan como escudo, e meus olhos começaram a arder por causa do fedor de desinfetante. Fiquei imaginando como é que os caras aguentavam ficar ali o dia inteiro. Estavam só com umas máscaras de pano toscas, que não iam impedir que as queimaduras químicas atingissem sua garganta, com certeza. Stanley também sentiu, porque tossiu bem alto e cuspiu no chão, fazendo um ruído de nojo.

Isso chamou a atenção dos cozinheiros, e dois deles olharam na mesma hora. O outro continuou trabalhando, cantarolando uma musiquinha suspeita que parecia “Somente o necessário”, do filme Mogli, da Disney, enquanto sugava ingredientes com um injetor de temperos e colocava em um refratário.

– Ninguém se mexe, porra – ordenei, apontando a arma para cada um deles.

O terceiro cara parou de cantarolar quando olhou para cima e viu o revólver.

Os três ficaram congelados, de olhos arregalados e aterrorizados. Não eram membros da gangue nem nada sinistro, apenas drogados que fabricavam droga para poder consumir.

– Ponham as mãos na cabeça e abram as pernas. Ninguém mexe um músculo – falei. Então pus a mão dentro da mochila, peguei o celular de Stan e entreguei para ele. – Quero que você ligue para Mateo. Fala que estou aqui e quero conversar com ele.

Stan engoliu em seco e pegou o celular devagar, depois destravou e procurou o contato. Quando colocou o celular na orelha, apertei a arma contra seu corpo de novo e fiquei alerta.

– Mateo, estou no laboratório de Long Island. Pirralho Cole acabou de aparecer com uma arma e quer falar com você.

Ele empalideceu com o que Mateo disse e estendeu o celular para que eu pegasse.

Dei um sorriso, peguei o celular e pus na orelha, mantendo o revólver apontado para Stan e olhando para os

outros, para garantir que ficassem com as mãos na cabeça e as pernas abertas, como eu instruíra.

– Mateo! – berrei.

– O que você está fazendo, Pirralho? – perguntou. Deu para sentir o pânico na sua voz.

Ouvi-lo fez meu ódio ferver dentro de mim. A raiva prejudicava minha visão, e tive que me segurar para não perder o controle.

– Você entrou na minha lista negra quando mandou seus caras atrás de Ellie. Estou prestes a explodir a porra do seu laboratório, como prometi. E, em seguida, vou atrás de você. Vou te caçar e te matar tão devagar que você vai me implorar para eu terminar logo. É melhor você cair fora das minhas ruas e correr, Salazar. Estou te dando uma pequena vantagem, mas não vai adiantar. Eu vou te encontrar.

Era uma promessa. Já tinha matado um homem na vida. Mateo seria o segundo, por teu ousado fazer mal a Ellie. Desliguei sem esperar resposta e atirei o celular para Stan.

Todo mundo me observava de olhos arregalados enquanto eu abria a bolsa e pegava a primeira garrafa de uísque com um pedaço de camiseta rasgada no gargalo. Pus em cima da mesa, com um isqueiro do lado.

Stan respirou fundo, chamando a minha atenção.

– O que você está fazendo, droga? O lugar inteiro irá pelos ares. Tem propano aqui! – gritou, olhando para os tanques de gás e aquele monte de produtos químicos.

– Eu sei – respondi. Acendi o isqueiro e encostei no pano. Pegou fogo em um instante. Segurei a garrafa, dando um sorriso maldoso. – Se vocês quiserem viver, é melhor comecem a correr – falei, levando o braço para trás e atirando o coquetel molotov no laboratório. A garrafa se espatifou, espalhando líquido em chamas por toda a parede dos fundos. Não havia nenhum produto químico armazenado ali, e foi por isso que a escolhi para ser meu primeiro alvo.

Dei um passo para trás, sorrindo, e os quatro deram meia-volta e começaram a correr até a porta. Peguei a segunda garrafa, acendi o pavio improvisado e atirei direto na mesa onde estavam as drogas. Fiquei observando o fogo ganhar vida, tomar conta da mesa e da parede, se espalhar pelo chão, engolindo as drogas dos irmãos Salazar. Atirei a terceira na parede também e fiquei vendo o fogo se expandir rapidamente, as chamas já estavam chegando ao teto. O calor era quase insuportável. Senti minha pele se enruguar e tive que apertar os olhos para protegê-los da claridade das chamas.

Dei risada, estava mesmo me divertindo. Peguei a próxima garrafa, fui andando de costas até a porta, sabendo que aquele tinha que ser o golpe de misericórdia, que acabaria com o lugar.

Olhei para trás e vi o último cara desaparecer pela porta e correr até a saída. Acendi a garrafa e joguei nos cilindros de ar comprimido e em todos os líquidos altamente inflamáveis que estavam empilhados no canto. Depois me virei e corri o mais depressa que consegui, saindo do prédio em busca de ar fresco, atrás dos quatro homens que atravessavam o terreno e iam para o montinho de mato onde eu havia me escondido.

Quando estava na metade do caminho, uma explosão vinda de trás me atirou para a frente. Pedacos do prédio e entulho voaram pelos ares e aterrissaram à minha volta, ardendo em chamas.

Caí no chão, virei a cabeça e vi que o lugar estava praticamente arrasado. As chamas subiam a uns três metros de altura. Uma nuvem de fumaça preta se erguia pelos ares, cobrindo o céu azul com um véu negro.

Pus as mãos embaixo do corpo e me levantei. Tirei o pó da calça e olhei para o prédio em chamas com um sorriso de satisfação no rosto.

“Um já foi. Espero que o detetive Lewiston acabe com os outros três.”

Os irmãos Salazar iam ter que sair do ramo, ficariam sem dinheiro e sem ter onde se esconder. Comecei a rir, uma gargalhada meio maligna, virei e fui para o carro. Os quatro homens estavam parados na grama, do outro lado, me observando de olhos arregalados e queixo caído.

Acenei para eles enquanto caminhava.

– Pirralho Cole está de saída – brinquei, dando uma piscadinha.

Aquilo ia contribuir para a minha fama, mais uma coisa para as pessoas comentarem quando mencionassem meu nome.

Meu próximo e único pensamento a entrar no carro era em Ellie.

CAPÍTULO

20

Ellie

Eu e Ray saímos do elevador e fomos até a porta do apartamento, e eu não conseguia parar de pensar no olhar vingativo de Jamie. Será que voltaria para o estacionamento e faria o que eu havia implorado que não fizesse? Que outras coisas ele poderia ter para “resolver”?

Ray abriu a porta e entrou, depois me cutucou com o cotovelo para eu fazer o mesmo.

– O que Jamie tinha para fazer? – perguntei, sem querer ceder.

Ele devia ter se explicado e dito para o amigo o motivo pelo qual precisava ficar ali bancando a babá. Só não queria que eu soubesse.

Ray espremeu os olhos e respondeu:

– Entra logo. Jamie disse que vai te explicar tudo quando voltar, então não vou me meter.

Ele puxou meu braço de novo e, como eu estava em um estado de fraqueza e nervosismo, meu corpo obedeceu, apesar de meu cérebro ainda estar na dúvida.

Ray fechou a porta e a trancou, depois olhou pelo olho mágico, por algum motivo bizarro, porque não tinha ninguém ali além de nós dois.

Abracei meu próprio corpo e coloquei as mãos embaixo das axilas, em uma tentativa de parar de tremer. Ray ficou de guarda no olho mágico, me virei e andei pelo apartamento, olhando para tudo sem enxergar nada.

O apartamento era bonito, muito melhor do que aquele que Jamie podia pagar quando estávamos juntos. Tinha um janelão do tamanho da sala e da cozinha aberta, mostrando uma bela vista que, aposto, seria incrível ao pôr do sol ou à noite, quando as luzes da cidade brilham na escuridão.

Finalmente, Ray saiu de perto da porta, seus ombros relaxaram um pouco, e ele se virou para mim.

– Certo. Chá com muito açúcar. Senta – mandou, apontando para um sofá grande e caro de couro marrom em volta de uma lareira incrível, com a maior TV que eu já tinha visto pendurada na parede.

Segui seu conselho e me sentei antes que caísse dura no chão. Ray pôs minha bolsa perto dos meus pés e foi para a cozinha. Soltei um suspiro e fiquei olhando em volta, com a mente girando, imaginando o que aquele apartamento lindo e caro podia me dizer sobre Jamie Cole, porque eu não conseguia ver uma gota da sua personalidade expressa ali. Era tudo elegante, asséptico, frio, com ênfase no dinheiro. A menos que esse fosse o novo Jamie...

Ray voltou alguns minutos depois e colocou uma caneca de chá e um prato de biscoitos na mesinha de centro.

– Acho que você precisa comer alguma coisa. Vai ajudar a passar o choque.

Ele ficou me olhando, preocupado. Peguei a caneca, em um gesto mecânico, e tomei o chá até terminar, depois peguei um biscoito e fiquei mordiscando, sem sentir gosto nenhum. O chá acabou ajudando, e parei de

tremer.

Não sabia quanto tempo havia se passado – tempo suficiente para eu tomar uma caneca inteira de chá quente. O celular de Ray tocou, ele olhou para o aparelho, depois para mim e foi atender no corredor do apartamento.

Quando voltou para a sala, estava todo tenso. Pegou um biscoito e ficou mastigando, sem me olhar nos olhos.

– Era Jamie? – perguntei.

Ray sacudiu a cabeça.

Bufei de raiva, estava começando a ficar de mau humor.

– E quanto ele vai demorar? Por quanto tempo ele acha que vou ficar aqui esperando? Quero ir para casa. Por que você não me diz o que está acontecendo? Você sabe quem eram aqueles caras? Jamie vai se encrencar por causa disso? Eles estavam armados e...

Era coisa demais. Já que eu tinha parado de tremer, e meu cérebro parecia ter voltado a funcionar, comecei a pensar direito, e minha raiva voltou. Eu precisava de explicações.

Ray deu um suspiro profundo e, finalmente, olhou para mim.

– Ellie, você não pode voltar para casa agora. Por favor, espera o Pirralho voltar e te explicar tudo. Não vou me envolver nisso, para de me fazer perguntas, por favor.

Fiz uma careta brava, mas ele só encolheu os ombros e sacudiu de leve a cabeça. Eu sabia que ele não ia voltar atrás tão cedo. Bufei, furiosa.

– Tudo bem. Posso ir ao banheiro? – perguntei, porque precisava fazer outra coisa além de ficar sentada, ruminando.

Ele balançou a cabeça e fez sinal com o queixo para a única outra porta do apartamento.

– É depois do quarto, à esquerda.

Quarto. Senti um aperto no estômago ao pensar no lugar onde Jamie dormia. Mas aí outra coisa me ocorreu. Jamie devia levar outras mulheres para a sua cama.

Assim que esse pensamento surgiu, uma sensação muito incômoda se aninhou no meu estômago. Eu me recusei a admitir que era ciúme, mas, assim que entrei no quarto e fechei a porta, meus olhos ficaram procurando sinais de uma namorada: almofadas, roupas de mulher, maquiagem, qualquer coisa.

Fiquei muito aliviada ao ver que o quarto era tão frio e asséptico quando a sala, com uma exceção. Tinha alguns porta-retratos na mesinha de cabeceira e sobre a cômoda.

Sem que eu desse permissão, minhas pernas me levaram até lá, e peguei o porta-retrato ao lado da sua cama: era uma foto da irmã dele, Sophie. A mesma foto que eu tinha consertado para ele, porque havia sido rasgada. Ao vê-la, esbocei um sorriso. Ela era mesmo linda.

Fui até a cômoda e olhei a próxima: Jamie segurando uma bebê com uma roupinha branca de batizado. Estava com a mesma aparência de agora, um pouco mais desarrumado do que quando o conheci. Estava sorrindo, mas isso não se refletia nos seus olhos. A última foto era de um grupo de pessoas. Jamie também estava segurando a bebê, mas havia mais duas mulheres, e Ray também estava na foto. Estendi a mão, mas congelei quando meus olhos pousaram sobre a mais nova das duas.

Seu rosto me era conhecido.

E então caiu a ficha: Natalie.

Mas não podia ser, podia? Como é que Natalie conhecia Jamie? Nós duas nos conhecemos em Roma. O mundo não podia ser tão pequeno. Podia?

Peguei a foto, com o cérebro rodando, e olhei mais de perto. Mas, sim: definitivamente, era ela. Natalie Rowson. Minha companheira de viagem. Estava com o cabelo mais curto, com um corte *pixie*. E sorria para a menina nos braços de Jamie.

Espera. Será que Jamie estava namorando Natalie? E aquela era... filha deles?

Senti um aperto no estômago, ainda mais forte, e uma queimação.

Eu e Natalie continuamos mantendo contato depois que ela voltou para os Estados Unidos, e eu resolvi ficar na Inglaterra. Não éramos mais amigas íntimas, mas conversávamos pelo Messenger às vezes e curtíamos os tuítes e posts uma da outra e tal. Nunca ouvi ela comentar que estava namorando, muito menos Jamie. Isso seria algo que, com certeza, ela teria postado, contado vantagem, até... E, com certeza, ela teria reconhecido o nome. Eu tinha chorado muito por causa de Jamie, não tinha? A gente brindou muitas vezes pelo fim do namoro, para Natalie saber o nome dele e se dar conta de que era o cara que partiu meu coração, não? Mas, mesmo assim, ali estava ela, na foto, ao seu lado, com um sorriso orgulhoso na cara.

Minha garganta se fechou, e apertei o porta-retratos de prata. Então me virei e voltei para a sala. Enfie a foto na cara de Ray, que levantou os olhos.

– Quem é essa? – perguntei, apontando para a garota de cabelo curto, tentando não levantar a voz e rezando para estar enganada. Se não estivesse, nada daquilo faria sentido. Não tinha motivo para ela estar naquela foto, pelo menos não um motivo que viesse à minha cabeça.

Ray sorriu e respondeu:

– É Nat, minha cunhada.

“Nat. É ela! Espera, ele acabou de dizer ‘cunhada’. Ca-ram-ba.”

Respirei fundo ao ouvir suas palavras. Cunhada de Ray. Então Jamie a conhecia? Ele e Ray eram amigos há muito tempo. Será que Jamie não havia encontrado Natalie antes? E, por acaso, eu trombei com ela naquele mercado de Roma? Não podia ser só uma coincidência. Meu cérebro estava com dificuldade para entender, porque mil coisas passavam pela minha cabeça.

A julgar pelo jeito como Ray arregalou os olhos e o músculo do seu maxilar ficou tremendo, o cara se arrependeu de ter dado uma resposta tão casual. Ele levantou, tirou a foto da minha mão e a pôs na mesinha, virada para baixo.

– Olha, não vou falar nada sobre isso também, nem se dá ao trabalho de perguntar. É mais uma explicação para você pedir para o Pirralho. Só não pega muito pesado com ele, tá?

– Só me responde uma coisa antes de fechar o bico – barganhei. – Os dois estão namorando? Essa aí é filha deles? – perguntei, apontando para as costas da foto e segurando a respiração.

“Por favor, diz que não. Por favor, diz que não.”

Ray deu um sorriso quase triste.

– Não, eles não estão namorando. É minha filha caçula. Pirralho é padrinho dela.

– Então por que... – comecei, mas Ray me cortou.

– Você não tem a menor noção, não é? – disse. Depois sacudiu a cabeça, endireitou os ombros e completou: – Não vou dizer mais nada. Conversa com o Pirralho quando ele voltar.

Seu tom era definitivo, e ele me olhou bem nos olhos.

E foram as últimas palavras que trocamos sobre o assunto. Tentei perguntar muitas vezes, mas Ray me cortou em todas, me deixando confusa, estarrecida, sem conseguir falar, com a cabeça a mil, pensando um monte de coisas. A preocupação com o que Jamie estava fazendo, se estava se metendo em encrenca, era a principal. Um pensamento me confortava: Jamie e Natalie não estavam namorando. Aquele bebê não era filho dele. Eu me odiei por dar tanta importância a essa informação.

Passamos bem mais de uma hora em silêncio, e uma batida na porta fez Ray se levantar correndo e ir atender. Girei no sofá, e vi que Ray conferiu quem era pelo olho mágico e foi logo escancarando a porta. Jamie entrou no apartamento, olhando direto para mim. Senti um leve alívio na sua expressão antes de ele se virar para Ray. Os dois conversaram de novo em voz baixa, depois Ray balançou a cabeça e saiu, fechando a porta, e deixando nós dois em silêncio.

Jamie entrou na sala e passou a mão suja, coberta de fuligem, no cabelo.

– Oi. Desculpa a demora – falou. Então sentou na outra ponta do sofá, de frente para mim, com os olhos espremidos de preocupação. – Você está bem?

Ele tinha um cheiro muito forte de fumaça, que agrediu meus sentidos, me fazendo franzir o nariz, incomodada. E, quando detectei que ele estava cheirando a outra coisa, minha raiva foi às alturas. Álcool. Ele estava fedendo a álcool, parecia que tinha tomado banho disso.

– Por acaso você estava em um bar enquanto eu ficava aqui plantada, esperando? – disparei, sem acreditar naquilo.

Jamie ficou visivelmente constrangido, com a testa enrugada.

– Quê? Não!

– Ah, fala sério. Dá para sentir seu cheiro de álcool! – gritei, levantando e pegando minha bolsa. – Não acredito que fui ingênua a ponto de ficar sentada aqui, preocupada com você, enquanto você estava por aí bebendo, desgraça! – disparei, com plena consciência de que o “desgraça” era um termo britânico. – Quero ir para casa. Já. Você vai me levar ou vou ter que chamar um táxi?

Ele se levantou e sacudiu a cabeça, então tentou segurar minha mão enquanto eu abria a bolsa e procurava o celular.

– Eu não estava bebendo, Ellie, juro. Por favor, quer me ouvir?

Cerrei os dentes, levantei o rosto e vi que ele estava dando aquele olhar de súplica que sempre me deixou boba.

Tirei a mão da sua, dei um passo para trás e falei:

– Tá.

Jamie sentou na beirada do sofá e continuou fazendo olhos de súplica.

– Os caras que te atacaram trabalham para os irmãos Salazar. Que são tipo uma gangue daqui. Não são boa gente. Foram os Salazar que mandaram aqueles dois atrás de você.

Franzi a testa, tentando entender, mas não fazia nenhum sentindo.

– E por que esses caras se preocupam comigo?

– Por que eu me preocupo com você.

Bufei e sacudi a cabeça com veemência, então cruzei os braços, adotando uma postura defensiva.

– Não se preocupa, não. Nunca se preocupou.

Jamie gemeu e segurou a cabeça com as mãos.

– Por favor, Ellie, não pensa assim. Não pensa nunca que não me preocupo com você.

Eu me encolhi, fervendo de raiva.

– Foi praticamente isso que você me disse aquela noite, Jamie! Lembra da noite de que estou falando? Aquela, quando você me traiu, depois me ligou e partiu a porra do meu coração, no dia em que a gente deveria começar nosso futuro juntos? – vociferei, apontando o dedo para ele, expressando com essas palavras três anos de mágoa e amargura.

Ele fechou os olhos e curvou os ombros.

– Eu menti – sussurrou.

– Quê? – perguntei, tomada pela confusão. – Mentiu sobre o quê?

– Tudo – respondeu. Depois me olhou bem nos olhos. Segurou minha mão na sua, calejada e áspera, e me puxou de leve, para eu me sentar do seu lado. – Eu não te traí, jamais faria isso. Você era tudo para mim, Ellie.

“Você era tudo para mim.” Era exatamente assim que eu me sentia em relação a ele. Suas palavras me deram um aperto no estômago e arrepiaram meu couro cabeludo. Fiquei com a boca seca.

– Eu não... q-q-quê? – gaguejei.

Jamie soltou um suspiro. O músculo do seu maxilar tremia, e ele ficou cerrando os dentes sem parar.

– Não fui sincero com você e me odeio por isso, mas ainda acho que fiz o que fiz pelos motivos certos – falou. Então chegou mais perto de mim, tão perto que nossos joelhos se roçaram, e ele ficou passando o dedão no dorso da minha mão, que ainda segurava. Eu não tinha notado que Jamie não a soltara. – Aquela noite... Eu tinha que fazer mais um esquema para Brett, lembra?

Balancei a cabeça, boquiaberta.

– Era um encontro com uns traficantes de outro estado, os Lazlo. Era, basicamente, uma negociação de termos para uma cooperação entre as duas organizações. Só que a polícia estava no encalço da família Lazlo há tempos. Ouviram tudo o que foi dito e invadiram o lugar. Houve um grande tiroteio, e algumas pessoas morreram. Brett morreu – explicou. A tristeza ao dizer essa última frase ficou evidente no seu tom de voz. – E todo mundo que sobrou foi preso – completou e depois olhou para mim, com uma expressão desolada.

– Você foi preso? – murmurei, com a cabeça a mil.

– Fui. Eu estava armado, só para parecer durão na reunião. Nem disparei nem nada. Fui acusado de porte ilegal de arma. Meu advogado conseguiu me livrar de quase todas as outras acusações, mas eu ainda teria que ir para a cadeia por causa disso, mais o restante do tempo da minha sentença anterior, porque fui liberado antes por bom comportamento.

Sacudi a cabeça.

– Você está mentindo para mim, Jamie? Não sei mais diferenciar.

Ele soltou um suspiro, e seus olhos me imploraram para acreditar.

– Eu não estou mentindo! Estou falando a verdade. Liga para o meu advogado, se você não acredita em mim. É o pai de Miles, Arthur Barrington. Confirma com o departamento prisional e tal, dá um Google, porra. A batida contra os Lazlo foi manchete em tudo quanto é lugar, saiu até que Brett foi morto durante o tiroteio. Dá um Google. Toma – falou, me oferecendo seu celular.

Não peguei o aparelho. Seus olhos me contavam tudo o que eu precisava saber. Dava para ver a sinceridade refletida neles. Quando eu disse que não conseguia diferenciar se ele estava mentindo ou não, não tinha dito a verdade. Sempre consegui ler as entrelinhas de Jamie.

A sua confissão fazia tanto sentido. Eu nunca tinha conseguido entender direito por que ele tinha terminado comigo.

Nunca consegui aceitar o fato de que Jamie me traíra. Ele não era esse tipo de cara. Sempre achei que havia algo a mais nessa história, mas nunca consegui entender o que. Ao ouvir essas palavras da sua boca, tudo se encaixou e, finalmente, fez sentido.

Minha cabeça estava a mil, tentando ligar os pontos, tentando me livrar de tudo o que eu pensara a respeito de Jamie nos últimos três anos. Jamie foi preso. Jamie mentiu para mim. Jamie não tinha me traído.

– Por que você não me contou nada? Você estava na cadeia e usou o único telefonema a que tinha direito para partir meu coração, em vez de dizer a verdade?

Ele me olhou nos olhos e disse:

– Não. Eu resolvi usar meu único telefonema para libertar você.

– Não consigo entender – sussurrei. – Por que você fez isso? Por que você mentiu para mim? Você me magoou tanto.

As lágrimas começaram a rolar pelo meu rosto, molhando meu moletom.

Jamie gemeu e apertou tanto minha mão que fiquei incomodada.

– Eu ia ficar preso por, pelo menos, um ano, Ellie. Era inevitável, cartas marcadas. Eu te amava tanto, mais do que tudo, e não queria que você ficasse esperando por mim. Você merecia coisa melhor, sempre mereceu.

Foi tudo uma mentira. Toda a dor que senti, o sofrimento, a mágoa esmagadora de o homem que eu amava ter me traído voltaram com tudo. E tudo isso poderia ter sido evitado. O cara tinha partido meu coração, porque não queria que eu esperasse por ele, porque eu merecia coisa melhor? Será que eu merecia ficar me

sentindo como se meu coração tivesse sido arrancado de mim? Será que eu merecia chorar todas as noites por um ano, até pegar no sono? Será que eu merecia viver com o sentimento de que sempre estava faltando alguma coisa dentro de mim, mesmo naquele momento?

A raiva, fervendo como lava, queimava minhas veias.

– Será que não era eu quem deveria ter tomado essa decisão? – gritei, tirando a mão da sua e ficando de pé, porque precisava de um espaço para respirar. Jamie tinha me magoado tanto, e minha mão estava coçando para dar um soco na sua cara, só para eu poder causar uma fração da dor que ele me fez passar. – Você fez a mesma coisa quando escondeu seu passado e não me contou nada sobre o que aconteceu com a sua irmã. Mais uma vez você me impediu de tomar uma decisão, achando que estava fazendo o melhor para mim. Você estava enganado, Jamie! Vivi um inferno por causa daquele telefonema. Levei séculos para esquecer de você e do que você me disse!

E talvez ainda não tivesse esquecido – parecia mesmo que não. A dor ainda estava lá. Olhando para Jamie, dava para sentir ela tomando conta de mim. E saber que eu nem precisava ter passado por isso... Fiquei tão lívida que mal conseguia me manter de pé. Por três anos, eu acreditara que era tudo culpa minha, que ter achado que Jamie matara sua irmã, Sophie, o tinha feito se dar conta de que não queria ficar comigo. E então descubro que não tinha nada a ver com algo que eu fiz ou deixei de fazer. Não sabia o que fazer com aquela informação.

Jamie também se levantou, erguendo as mãos em um gesto de “calma!”.

– Desculpa. Eu achei mesmo que estava fazendo o que era melhor para você.

– Bom, não estava! – gritei, atirando a bolsa no sofá para descontar um pouco a raiva. Apontei o dedo para ele e disse: – Você não quis lutar pelo nosso relacionamento, foi isso que aconteceu. Ficou com medo de me pedir para te esperar. Que foi? Não valia a pena lutar por mim?

Então minha voz falhou, e comecei a soluçar.

Ele mudou de expressão, uma determinação feroz brilhou nos seus olhos. Então chegou perto, segurou meu rosto com as duas mãos, nossos corpos se roçaram de tão próximos, e meu coração ficou sobressaltado. Jamie ficou passando os dedos no meu rosto, secando minhas lágrimas.

– Vale a pena morrer por você – sussurrou, me olhando nos olhos com uma expressão carinhosa.

Senti um caroço na garganta. Eu me derretia toda quando ele falava esse tipo de cantada fofa e cafajeste. E, para ser bem sincera, continuava me derretendo.

Suas palavras ficaram pairando no ar enquanto nos olhávamos, a centímetros de distância, ele segurando meu rosto. Eram tantos pensamentos e sentimentos implícitos sendo transmitidos ali, enquanto eu olhava nos seus olhos, que me perdi, as necessidades do meu corpo voltaram ao passado, ansiando que ele chegasse mais perto, colasse aqueles lábios macios nos meus e me desse um daqueles beijos ardentes que faziam meu corpo pegar fogo.

– Então você queria viajar comigo? – perguntei, finalmente entendendo o que havia acontecido.

Jamie foi logo balançando a cabeça.

– Mais do que tudo – respondeu.

Soltei um suspiro.

– Você me magoou tanto...

E essas palavras eram pouco para expressar toda a dor e o sofrimento que passei.

– Eu sei, lamento muito por isso. Se eu pudesse voltar atrás... – disse, então sua voz falhou, e ele olhou para o chão.

– Você voltaria?

Ele meio que encolheu os ombros.

– Não sei. Meu lado egoísta diz que sim, sem pensar duas vezes. Meu lado que te ama tão profundamente

que chega a doer, que morreria por você aqui e agora, quer voltar no tempo e te contar a verdade, implorar para você esperar para podermos levar a vida que planejávamos quando eu saísse da cadeia. Mas meu lado racional, que se preocupa e quer o melhor para você, provavelmente teria feito o mesmo telefonema. Eu não te mereço, Ellie. Nunca mereci. Mesmo que eu tivesse mil anos para me arrepender de todas as merdas que fiz, *mesmo assim*, eu não te mereceria.

Então olhou para mim, e a sinceridade transparecia nos seus olhos.

E, Deus me defenda, simples assim, eu me derreti toda.

– Isso foi tão meloso – falei. Não estava conseguindo me controlar.

– Ainda mando bem, hein?

Jamie sorriu de orelha a orelha, aquele sorriso lindo que sempre acreditei ser reservado só para mim, e uma covinha se formou na sua bochecha. E, ai, como eu sentia falta daquela covinha. Meu dedo estava coçando, ansiando por acariciá-la, mas resisti. Apesar de tudo, sorri e revirei os olhos.

Eu sabia que precisava me controlar e parar de deixar Jamie me transformar em uma menininha pateta. Fui para trás, e suas mãos caíram nas laterais do meu corpo. Mas ele não parou de me olhar nos olhos, acabando com minhas defesas, derretendo minha raiva e minha mágoa. Queria continuar com raiva dele, culpá-lo por ter me magoado tanto quando poderia ter deixado essa escolha nas minhas mãos.

Mas eu conseguia entender por que ele tinha feito isso. Jamie era abnegado. E também nunca tinha enxergado seu lado bom nem achado que merecia ter algo de bom nessa vida. Não querer me pedir para esperar por ele remontava à sua infância terrível, a não se sentir merecedor de amor ou afeto. Ele mesmo já havia dito: achava que não estava à minha altura. Mas estava enganado. Ah, muito enganado. Achei que eu tinha conseguido convencer Jamie de que ele era digno de amar e ter seu amor correspondido, mas ficava óbvio que não tinha conseguido. Se não, ele jamais teria tomado essa decisão por mim.

– Mas ainda não entendi por que aqueles caras tentaram me sequestrar. O que eles são seus? – perguntei.

Jamie soltou um suspiro e se sentou, batendo no lugar ao seu lado.

– É uma história meio longa. Você não quer se sentar?

Suspirei também e me sentei na beirada do sofá, mantendo uma distância segura entre nós, que me permitisse continuar concentrada no que Jamie estava falando e não ter *flashbacks* do tempo em que ficávamos suados e com calor.

Ele limpou a garganta e olhou para as próprias mãos, como se não quisesse olhar para mim.

– Fiquei preso por um ano e meio e, no começo, tinha a intenção de te procurar e contar a verdade assim que eu saísse da cadeia. Eu me agarrei a isso por muito tempo até finalmente aceitar que as coisas nunca aconteceriam do jeito que eu queria. Mas, à medida que o tempo foi passando, e fiquei lá preso, com toda aquela gente, me dei conta de que você ficaria melhor sem mim. Você estava viajando, vivendo a sua vida, e eu não tinha direito de aparecer e fazer parte disso de novo. Quando saí da cadeia, me dei conta de que não tinha mais motivo para ser um cara bom. Você se fora, Sophie se fora, e eu não tinha nenhuma qualificação, nada em vista, a não ser minha fama. Acho que, quando fui solto, só fiz o que sabia fazer de melhor. Brett tinha me deixado uma grana no seu testamento, o que me ajudou, e, por causa da minha fama, as pessoas estavam dispostas a se arriscar trabalhando comigo. No último ano e meio, fiz da minha organização uma das maiores do ramo em Nova York. Os irmãos Salazar são meus rivais. Estavam na boate semana passada quando nos... *encontramos* – disse, escolhendo com muito cuidado a última palavra. – Acho que eles pensaram que poderiam me atingir usando você.

Minha boca ficou seca. Jamie era líder de sua própria organização, apesar de ter lutado tanto para deixar tudo isso para trás? Não esperava mesmo ouvir essas palavras da sua boca. Eu sabia que ele havia mudado, isso era bem visível. Mas abandonar tudo o que havia me dito e mergulhar de cabeça na vida que ele dizia odiar? Eu não tinha me dado conta de que ele estava tão diferente.

Jamie levantou o rosto, seus olhos suplicavam que eu o entendesse. Também dava para ver neles remorso e vergonha, parecia que estava envergonhado de admitir aquilo tudo para mim.

– Essa gente, os irmãos Salazar, não tem moral nenhuma. Não ligam se fazem mal a alguém para conseguirem o que querem.

– E você é diferente? – perguntei, quase sussurrando.

Ele franziu a testa e balançou a cabeça.

– Sou. Quer dizer, a maior parte do meu trabalho não tende a ser violenta. Tem horas em que preciso fazer coisas que não quero, mas não somos *nem um pouco* parecidos com eles. Os carros sempre foram nossa prioridade.

Sacudi a cabeça, sem acreditar no que estava ouvindo.

– Esse não pode ser você de verdade, Jamie. Você não pode ter mudado tanto em tão poucos anos.

Jamie deu aquele sorriso de menino.

– Adoro quando você me chama de Jamie. Ninguém mais me chama assim – falou, dando um sorriso triste. – De certa forma, Jamie foi para a prisão, mas quem saiu de lá foi Pirralho Cole. É isso que sou agora.

E então encolheu os ombros, resignado, mas seus olhos o traíram. Dava para ver a tristeza refletida neles, a ânsia de ser diferente, que ele se esforçava tanto para esconder – até de si mesmo.

– Não acredito nisso, posso ver nos seus olhos. Você tem um lado bom. É uma boa pessoa, sempre foi. As circunstâncias é que sempre estiveram contra você – protestei. – Antes, você tinha um motivo para lutar contra o que os outros pensavam de você. Acho que você simplesmente se perdeu. É mais fácil se conformar com o que esperam da gente do que mudar. Sei disso. Minha vida inteira, até terminar o Ensino Médio, tentei ser alguém que não era, só porque era isso que esperavam de mim. Então conheci você e me dei conta de que poderia ser quem eu quisesse, fodam-se as expectativas e a reputação. Eu podia fazer o que bem queria.

Jamie franziu ainda mais a testa.

– E o que você queria que era tão contra as expectativas dos outros?

Encolhi os ombros e respondi:

– Você.

Ele ficou em silêncio e levantou as sobrancelhas, surpreso.

– Lutei por você. Lutei contra as pessoas que achavam que era melhor eu ficar com o esportista da escola. Lutei contra minha mãe, que me disse um milhão de vezes que você não estava à minha altura, porque eu via a bondade no seu coração. Ainda vejo, por mais que você não consiga enxergar. Você também devia ter lutado por mim. As coisas podiam ser bem diferentes. Eu te amava. Teria entendido e esperado você sair da prisão. Poderíamos ter uma vida juntos, Jamie.

Doeu dizer tudo isso, porque era verdade. E teria esperado até o fim dos dias por ele, e então poderíamos ser felizes para sempre.

– Agora é tarde demais, certo? – perguntou me olhando nos olhos com um ar esperançoso.

Eu não estava esperando por essa resposta, e meu corpo se encolheu todo, em choque.

– Eu... Eu estou... – não sabia nem como eu queria terminar essa frase.

– Noiva. Eu sei. E ele é um cara bom.

Jamie terminou a frase por mim, e então sua expressão mudou, para uma de pura determinação.

– Mas você ama esse cara como me amava?

Será que amava? Não. Eu sabia, bem lá no fundo. Nunca amei ninguém como amei Jamie, e provavelmente jamais amaria.

– Não.

Senti como se estivesse traindo Toby por dizer isso em voz alta.

Jamie, cavalheiro como sempre, não contou vantagem da minha confissão. Vi um sorriso se esboçar em

seus lábios, mas ele logo o disfarçou e mudou de assunto.

– Eu cheguei a comprar um anel para você. Ia te pedir em casamento. Cheguei a pedir sua mão para o seu pai, mas aí... – falou, franzindo a testa. – Aí toda aquela merda aconteceu.

Não consegui disfarçar minha expressão de choque. Fiquei de boca aberta, fazendo barulho, com os olhos arregalados.

– Quê?

Meu pai nunca havia me revelado essa informação. Fui viajar, de coração partido, e ele nunca me contou que Jamie havia conversado com ele sobre casamento.

– E o que meu pai disse?

Por algum motivo, isso era importante. Como tinha acabado de perdê-lo, precisava saber sua opinião. Será que ele concordaria com o casamento?

Jamie deu um sorriso triste.

– Seu pai disse que, desde que eu te fizesse sorrir, ele dava permissão. Mas me fez prometer esperar alguns anos para te levar até o altar.

Minhas emoções tomaram conta de mim de novo, e comecei a chorar, escondendo o rosto com as mãos. E lá estava Jamie de novo, me abraçando com seus braços fortes, me apertando contra seu corpo, com o rosto colado no meu cabelo, sua respiração soprando no meu pescoço. Chorei ainda mais, agarrada nele, sofrendo pela perda do nosso relacionamento e do meu pai.

– Você teria dito “sim”? – ele perguntou, passando a mão de leve pelas minhas costas, enquanto meu corpo tremia de tanto soluçar.

Balancei a cabeça, sem jeito, grudada no seu ombro, fechando os dedos nas suas costas e o puxando mais para perto. Eu, com certeza, teria dito “sim”, teria praticamente arrancado o anel da sua mão e gritado “sim”. E teria usado o anel que ele me desse com muito orgulho.

Jamie aninhou o corpo no meu e soltou um longo e profundo suspiro, depois deu um beijinho no meu ombro. Meu corpo inteiro ficou arrepiado de carência, e meu coração se sobressaltou com o desejo que se acendeu dentro de mim. Engoli em seco e fechei os olhos, me deliciando com as sensações que se avolumavam dentro de mim em um ritmo alarmante.

Não me mexi, com medo do que poderia acontecer se fizesse isso. Jamie poderia se afastar e pedir desculpas, ou talvez não fizesse nada disso, talvez me puxasse para mais perto ainda, e as chamas da paixão fariam nós dois pegarmos fogo. E eu não sabia qual dessas duas coisas eu queria mais.

– Por que você está cheirando à fumaça? – perguntei, depois de mais ou menos um minuto, quando consegui acalmar meu corpo e minhas lágrimas. O cheiro das suas roupas estava me dando coceira no nariz.

– Ahn... eu fui falar com a gangue dos Salazar – respondeu, envergonhado.

Eu me afastei de sopetão e limpei o nariz com o dorso da mão.

– Quê? O que isso quer dizer?

Ele encolheu os ombros, coçou a nuca e virou o rosto.

– Não podia deixar os caras encostarem em você e se safarem.

– O que foi que você fez? – perguntei, sem saber se queria ouvir a resposta.

Jamie levantou, ajustou a camiseta e encolheu os ombros.

– Você quer beber alguma coisa? Comer, quem sabe? Continuo sem saber cozinhar, mas tento, de vez em quando.

Então se virou e foi para a cozinha, me deixando ali sentada em silêncio, estarecida. Ele se recusou a me responder, na maior cara dura. O que eu devia pensar depois disso?

Também me levantei, me virei e o vi encostado na geladeira, de costas para mim.

– O que foi que você fez, Jamie? – repeti, hesitante.

Ele ficou com uma postura rígida, mas não olhou para mim.

– Muito menos do que eu gostaria de ter feito.

Vi que não tinha como vencer aquela batalha. Jamie não ia responder, por mais que eu insistisse. Frustrada, olhei para a mesa, para a foto virada de cabeça para baixo, e, de repente, outras perguntas vieram à minha cabeça.

– Jamie, Natalie é o que sua? – perguntei. Ele ficou com a mão no ar, perto do pacote de pão.

– Quê? – falou, limpando a garganta, sem jeito. – Não conheço nenhuma Natalie.

Então se virou para mim, com uma expressão desconfiada e defensiva.

– Mais mentiras – murmurei, franzindo a testa. Peguei a foto, mostrei-a e pude ver a resignação tomar conta da sua expressão.

Jamie soltou um suspiro profundo e coçou a nuca de novo. O silêncio ficou pairando no ar, quase palpável, até ele finalmente falar.

– Ela é cunhada de Ray. Não queria que você viajasse sozinha. Como eu não podia ir junto e sabia que você ia estar chateada... – disse, depois engoliu em seco. – Paguei a viagem de Nat, para ela te fazer companhia e te animar um pouquinho.

Arregalei os olhos. Não esperava por essa. Essa possibilidade nem tinha passado pela minha cabeça quando fiquei imaginando todos os cenários possíveis, esperando ele voltar para o apartamento.

– Você o quê? – perguntei, estupefata.

Ele apertou os olhos e ficou tenso.

– Eu queria cuidar de você, mesmo que não pudesse estar ao seu lado. Eu simplesmente não podia cortar relações. Precisava saber se você estava bem – explicou.

Não sabia como reagir. De certo modo, saber que Jamie ainda estava cuidando de mim, estava me protegendo, mesmo de dentro da prisão, diminuiu minha mágoa. Jamie sempre foi superprotetor, mas aquilo era uma medida extrema, até para ele. O gesto me deu uma dor no coração, mas também me deixou meio brava.

– Não acredito – falei, baixinho. – Fiquei viajando com ela por quase um ano. Natalie nunca me falou nada sobre você, achei que era minha amiga.

Foi aí que entendi como ela podia ter uma quantidade sem fim de dinheiro. Era dinheiro sujo da vida de gangster de Jamie, pelo qual ele tinha dado tão duro. Descobrir isso a respeito de Natalie foi como levar um soco no estômago. Eu tinha feito confidências a ela, contado sobre o fim do namoro, e aquele tempo todo a menina ficou só me enganando para ganhar uma viagem grátis?

Jamie sacudiu a cabeça e chegou perto de mim. Segurou minha mão e a apertou de leve.

– Ela é sua amiga. Só mentiu quando te conheceu, só isso. Tudo o que veio depois é verdade. Não fica brava com Natalie por causa disso, Ellie. Ela te ajudou a enfrentar um momento difícil, ficou do seu lado.

“Verdade. Não sei o que eu teria feito sem ela.”

Jamie se abaixou, me olhando nos olhos, e a bela cor deles me pegou desprevenida, fazendo meu coração palpitar.

– Ela também me ajudou a enfrentar um momento difícil. Natalie me dava notícias suas – continuou. Então deu um sorriso triste. – Sem isso, não sei se eu teria resistido, para ser bem sincero.

Ele pôs uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha, passou os dedos na pele sensível do meu pescoço, me deixando toda arrepiada.

Abri a boca, sem saber direito o que queria dizer. Queria agradecer por ele ter tomado conta de mim, queria xingá-lo por invadir minha privacidade, queria chegar mais perto e me grudar no seu corpo, queria dar um tapa na sua cara. Não sabia o que queria.

Resolvi ser sincera.

– Quando vi essa foto no seu quarto, achei que ela podia ser sua namorada – falei, tremendo um pouco ao dizer “namorada”.

Jamie deu um meio sorriso triste.

– Natalie não é minha namorada. Não fiquei com ninguém depois de você.

Fiquei de boca aberta, em estado de choque.

– Ninguém?

Isso não podia ser verdade. Três anos tinham se passado, e um cara como ele não devia ter pouca oferta!

Antes que Jamie pudesse responder, meu celular começou a tocar, livrando-o de mais perguntas constrangedoras. Nós dois olhamos para minha bolsa, e cheguei a pensar em deixar tocar, para a gente poder pôr tudo às claras de uma vez por todas. Mas aí pensei que deveria ser vovó querendo saber onde eu estava, porque eu deveria ter voltado para casa há horas com a comida que ela havia me pedido para comprar.

Eu me afastei dele, peguei a bolsa e tirei o celular lá de dentro. Soltei um gemido quando vi que a tela estava toda rachada. Ainda bem que o aparelho continuava funcionando, a tela ainda se iluminava e vibrava na minha mão, e consegui ver que a ligação vinha de um número privado. Apertei o botão de atender, com cuidado para não cortar o dedo, e coloquei o celular no ouvido.

– Alô?

– Ah, boa tarde. É Ellison Pearce que está falando? – uma senhora perguntou, com um tom seco, mas educado.

Franzi a testa, tentando imaginar quem era.

– É, sim.

– Olá, Ellison. Aqui é a enfermeira Partridge, da UTI onde sua mãe está internada.

Meu coração parou, minha boca ficou seca, porque imaginei que o pior tinha acontecido.

– Está tudo bem? – balbuciei.

– Na verdade, estou ligando para dar boas notícias. Sua mãe acabou de acordar – ela respondeu, animada.

Soltei um suspiro de surpresa.

– Sério? Ai, meu Deus – murmurei, levando a mão à garganta. Não conseguia conter o sorriso. – Ela está bem?

– Está. Sua pressão está boa, e ela está respirando sem os aparelhos. Até bebeu água. Acabou de pegar no sono, mas isso está dentro do esperado. Deve ficar dormindo e acordando pelos próximos dois dias – a enfermeira explicou. – Sei que você já esteve aqui pela manhã, mas quis ligar, caso queira voltar para vê-la.

Balancei a cabeça com veemência, com o coração mais leve. Talvez minha mãe estivesse mesmo me ouvindo naquela manhã. Talvez esse papo dos médicos de conversar com pacientes em coma realmente funcionasse.

– Já chego aí. Muito obrigada por ter ligado.

Sorri de orelha a orelha, desliguei e olhei para Jamie, que estava me observando com uma expressão de curiosidade.

– Minha mãe acabou de acordar – contei, toda animada.

Seu rosto se iluminou com um sorriso, e ele tirou a chave do carro do bolso.

– Que ótima notícia. Anda, eu te levo para o hospital.

Balancei a cabeça, agradecida, e esqueci completamente da nossa conversa, porque só conseguia pensar em abraçar minha mãe e dizer que eu a amava.

Quem sabe, talvez, as coisas começavam a dar certo para a família Pearce.

CAPÍTULO

21

Ellie

Saindo do apartamento de Jamie, liguei para casa e dei a boa notícia sobre mamãe. Como era de se esperar, vovó ficou nas nuvens e quase furou meu tímpano com seu grito de alegria. Por sorte, eram mais de três da tarde, e Kelsey também estava em casa. Jamie ia me levar para casa, para a gente se encontrar e ir juntas para o hospital. No caminho, não consegui parar de sorrir de orelha a orelha. Depois de tudo o que a gente havia passado, essa notícia fazia toda a diferença e aqueceu meu coração.

Quando chegamos perto de casa, vi meu amado monstrinho verde e enferrujado estacionado na frente da garagem. Franzi a testa, confusa.

– Como é que meu carro veio parar aqui?

– Pedi para alguém buscá-lo na loja de conveniência e trazer de volta para você – respondeu, Jamie, com um tom casual.

Tateei meus bolsos e senti que a chave estava ali, perto dos meus quadris,

– Mas como? A chave está comigo...

Me virei para ele, que deu um sorriso.

– Eu e meus sócios não precisamos de chave para dar partida em um carro, lembra? – brincou.

Fiz uma careta de reprovação.

– Certo – murmurei, baixinho. Jamie parou na frente da minha casa e desligou o motor. – Bom, obrigada pela carona e por, enfim, ter me salvado daqueles caras, apesar de ser culpa sua eles terem vindo atrás de mim – falei, dando um sorriso sem graça. – A gente se vê por aí.

Não sabia o que mais poderia dizer, e isso saiu muito mais definitivo do que eu queria. A gente ainda precisava conversar, Jamie tinha explicações para me dar, mas eu não sabia se queria ouvir. Seria muito mais fácil eu tocar a vida e não remexer no passado.

Quando fui tirar o cinto de segurança, Jamie pôs a mão no meu joelho.

– Ellie, os irmãos Salazar ainda podem estar atrás de você. Tenho gente atrás deles, que não devem fazer a burrice de tentar te atacar de novo. Mas, só para garantir, vou deixar meu pessoal de olho em você por enquanto.

Virei e fiquei olhando para ele, com uma expressão de curiosidade.

– Como assim, de olho em mim? Tipo alguém me seguindo? Não quero isso.

Ele deu um meio sorriso sugestivo.

– Você não se importou até agora.

“Até agora? O que isso queria dizer?”

– Hein?

Então Jamie ficou olhando para a minha casa, através do para-brisa.

– Desde aquela noite na boate, semana passada, tenho gente vigiando você vinte e quatro horas por dia, só para garantir sua segurança, que não tem ninguém te seguindo e tal.

Quando caiu a ficha, dei um suspiro de surpresa.

– O cara do sedã! Ele estava no enterro do meu pai também!

Ele balançou a cabeça uma vez só, admitindo.

– Era meu amigo, Raposa. Eu mesmo fiquei de guarda vários turnos, mas a gente precisa dormir e comer...

Jamie estava parado na frente da minha casa. Estava perto de mim esse tempo todo sem eu saber? Senti uma ponta de algo que não consegui definir no estômago.

– Você estava na frente da minha casa me vigiando?

– Bom, dito dessa forma, nem parece que eu estava te perseguindo – brincou, dando um sorriso sem graça.

Também sorri e sacudi a cabeça. Não podia lidar com tudo isso naquele momento. Eu tinha que ir ao hospital.

– Bom, que seja. Obrigada de novo pela carona – falei, abrindo a porta.

– Espera, deixa eu gravar meu número no seu celular – pediu, estendendo a mão para pegar o aparelho.

Fiz careta, mas peguei meu celular quebrado na bolsa e passei para ele. Que digitou seu número e ligou para si mesmo, para ficar com meu número gravado.

– Sabe, caso aconteça alguma coisa, e você precise entrar em contato comigo – completou.

– Ok – concordei. – Tchau, Jamie.

– Posso te levar para o hospital se você quiser – ofereceu, enquanto eu colocava a bolsa no ombro e saía.

Apontei para meu Fusca verde parado na frente da garagem.

– Tenho meu próprio meio de transporte.

Fechei a porta e acenei, esperando que ele fosse embora, mas Jamie não deu a partida no carro. Ficou ali parado, observando eu correr até a porta, toda animada.

– Cheguei. Quem está pronta? – gritei, ao entrar pela porta.

Kelsey desceu a escada na mesma hora, com um grande sorriso no rosto, e vovó saiu da cozinha, já de casaco e tudo. Levantei a sobrelanceira para minha irmã.

– Vou contar para a mamãe que você estava de tênis lá em cima – brinquei, olhando para seus pés.

Ela não respondeu, só se atirou em mim e me abraçou tão apertado que quase cortou minha circulação. Dei um sorrisão e retribuí o abraço.

– Então vamos.

Saí de casa de novo e percebi que Jamie ainda estava parado lá fora. Fiz careta para ele, mas não consegui enxergar dentro do carro, por causa da película nos vidros, então não sei se ele me viu. A gente entrou no meu carro e foi para o hospital. Percebi, com um certo incômodo, que Jamie estava me seguindo. Será que estava falando sério quando disse que precisava mandar alguém ficar de olho em mim? Será que realmente achava que os tais irmãos Salazar podiam me atacar de novo?

Quando chegamos, fomos correndo pelo caminho já bem conhecido dentro do hospital, vovó fazendo *tsk*, *tsk*, irritada com a vagareza do elevador barulhento para nos levar até o andar certo.

Minha animação para ver minha mãe diminuiu um pouco quando entrei no seu quarto e descobri que ela estava dormindo. Kelsey fez careta, segurando minha mão bem apertado.

– Você não disse que ela tinha acordado?

Olhei em volta do quarto, notando as sutis mudanças que haviam ocorrido desde a manhã. Apesar de o monitor cardíaco continuar bipando no seu ritmo regular, como sempre, não havia mais um saco de soro no suporte, que estava encostado na parede. O acesso na mão de minha mãe estava tapado, e não havia mais

tubos saindo da sua boca e do seu nariz.

– Ela só está dormindo – sussurrei, chegando mais perto, puxando Kelsey.

Como minha irmã estava agarrada em mim, pude sentir que seu corpo relaxou ao ouvir minhas palavras. Sorri para ela e fiz sinal com a cabeça para as cadeiras do quarto.

– Senta com a vovó. Eu fico de pé.

Fui para o outro lado da cama, deixando que as duas ocupassem as duas cadeiras destinadas às visitas. Esperamos em silêncio por uns cinco minutos, depois começamos a sussurrar, discutindo modos de acordar minha mãe sutilmente e pesando as consequências. E daí seus olhos se abriram e fecharam em seguida, e foi uma das coisas mais lindas que já vi na vida. Cheguei mais perto da cama, e ela acordou de vez, com os olhos fixos em mim.

Minha mãe piscou algumas vezes e franziu a testa, como se estivesse confusa, depois abriu a boca e soltou um suspiro de surpresa.

– Ellison?

Balancei a cabeça, olhando para ela.

– Oi, mãe.

Um grito abafado escapou dos seus lábios, e ela ergueu a mão, trêmula, e tocou no meu rosto.

– Ah, Ellison! É tão bom ver você. Estou muito feliz por você estar aqui.

Sua voz estava fraca e rouca, por causa dos tubos do respirador.

– É bom ver a senhora também – respondi, com toda a sinceridade.

Ela tirou a mão do meu rosto e passou pelo meu cabelo, segurando uma mecha entre o polegar e o indicador.

– Você cortou o cabelo desde nossa última chamada de vídeo – disse, com um sorriso carinhoso e terno. Seus olhos tinham um brilho de afeição que nunca tinha visto na minha mãe quando eu era mais nova. – Está mais curto do que o meu. Acho que você não usava o cabelo assim, tão curto, desde que era bebê. Sempre gostou dele mais comprido.

Kelsey foi para o outro lado da cama e segurou a mão de mamãe. Que se virou para ela, sorrindo ainda mais.

– Kelsey – sussurrou, e então pousou os olhos em vovó, que tinha se levantado, mas ficou um pouco mais para trás, para minha irmã conseguir chegar até a cama. – Oi, Betty.

– Oi, Ruth. É muito bom ver você acordada. A gente já estava se perguntando por quanto tempo você ainda ia dormir – vovó respondeu, baixinho.

Mamãe puxou minha mão e a de Kelsey até sua barriga e ficou apertando.

– O que foi que aconteceu? Disseram que eu sofri um acidente de carro – falou, franzindo a testa, visivelmente confusa. – Mas não lembro de acidente nenhum.

Balancei a cabeça, dando graças a Deus, porque ninguém deveria lembrar desse tipo de coisa.

– A senhora e o papai sofreram um acidente. Você estava em coma, mãe.

Ela engoliu em seco, ainda mais confusa.

– Por quanto tempo?

– Quase duas semanas – Kelsey interveio. – Os médicos não sabiam se a senhora ia acordar ou não.

Mamãe olhou para mim, buscando confirmação, e balancei a cabeça.

– A senhora teve ferimentos graves na cabeça e uma hemorragia cerebral.

Ela pareceu chocada ao ouvir isso. Arregalou os olhos e apertou ainda mais minha mão. O silêncio pairou no ar por alguns segundos, depois mamãe olhou em volta, para nós três e levantou as sobrancelhas.

– Onde está Michael? – perguntou.

Uma pontada imediata de dor me acertou como se fosse um soco no estômago. Os médicos não tinham

contado para ela. Minha mãe não sabia. Dormira o tempo todo e não sabia que seu marido há vinte e dois anos, seu namoradinho da faculdade, se fora. Lembrei de como tinha sido difícil receber essa notícia. Com certeza, para ela, seria dez vezes pior.

Engoli em seco e abri a boca, e minha mãe levantou a voz, com um tom de alarme, olhando para vovó.

– Betty, onde está Michael?

Kelsey começou a chorar, grandes lágrimas rolaram pelo seu rosto. Limpei a garganta, querendo que minha voz parecesse forte, olhando para vovó. Seu olhar de pânico cruzou com o meu, e ela apertou os lábios enrugados.

– Vó, por que a senhora não leva Kels para tomar um café, quem sabe comprar umas revistas e um chocolate para mamãe? – sugeri.

Vovó balançou a cabeça, com uma expressão quase de gratidão, então chegou perto de Kelsey e passou o braço pelo seu ombro.

– Boa ideia. Vamos comprar umas coisas que sua mãe gosta, sim?

Kelsey olhou para mim, depois para mamãe, que estava com os olhos arregalados, uma expressão de pânico, olhando para nós duas. Ela mordida o lábio com tanta força que começou a sangrar.

– Anda, Kels – incentivei, fazendo sinal com a cabeça em direção à porta.

Minha irmã saiu do quarto com minha avó, e um presságio muito ruim e intenso embrulhou meu estômago.

– O que foi que aconteceu? – minha mãe disparou, assim que a porta se fechou.

Engoli em seco, sem saber como expressar aquilo em palavras.

– Mãe, sinto muito – balbuciei, colocando a mão no seu ombro e apertando de leve. – Papai, ele...

Sacudi a cabeça, com a visão levemente borrada por causa das lágrimas que me vieram aos olhos.

Minha mãe respirou fundo, e seu corpo inteiro ficou tenso.

– Não – gritou. – Não, não pode ser. Michael não me abandonaria, não. Deve haver algum engano, alguém deve ter se confundido, não pode ser verdade.

Sua voz falhou várias vezes ao dizer essas palavras. Ela continuou com os olhos fixos nos meus, e deu para ver uma vasta gama de emoções transparecendo no seu rosto, enquanto suplicava, em silêncio, que eu lhe dissesse que aquilo não era verdade.

– Sinto muito, mãe. Sinto muito mesmo – sussurrei, baixando a cabeça e lhe dando um beijo no rosto.

Ela abriu a boca e sacudiu a cabeça com violência.

– Não – resmungou. – Ele morreu? Seu pai morreu?

Balancei a cabeça uma vez só, e vi que ela ficou de coração partido. Seu queixo tremia, e seu rosto se contorceu todo.

– Mas eu não posso... Ele não pode ter... – O monitor cardíaco deu vários picos, e ela cobriu o rosto com as mãos e chorou tanto que seu corpo tremia. – Eu também quero morrer. Por que não morri? – lamentava, com a boca coberta pelos dedos, sua voz perturbada e gutural.

Soltei um gemido, senti uma pontada no coração e fiz carinho na sua testa.

– Mãe, está tudo bem. Eu estou aqui, Kels também, vamos cuidar de você.

Eu não conseguia encontrar as palavras, nada que eu pudesse dizer aplacaria a dor que ela estava sentindo. Eu só podia ficar ali ao seu lado, olhando. Odiei a sensação de impotência.

– Ai, Michael – gritou.

Olhei para o monitor cardíaco, preocupada, porque vi que os números no canto não paravam de aumentar. Mamãe precisava se acalmar. Tinha acabado de despertar do coma. Não deveria estar tão nervosa, não ia lhe fazer bem. O silêncio pairou no ar, só se ouvia seu choro baixinho e o bater descompassado do meu próprio coração.

Mamãe tirou as mãos do rosto, levou uma ao peito e continuou chorando. Então seus olhos vermelhos e

inchados pousaram nos meus.

– Seu pai era minha alma gêmea, minha cara metade. Queria ter lhe dito isso antes que fosse tarde demais. Seus lábios tremiam, e ela os mordeu com força, respirando com dificuldade.

– Ele sabia disso, mãe.

Disso eu tinha certeza. Por causa de todos os olhares de adoração que vi meu pai dar para minha mãe ao longo dos anos, todos os sorrisos secretos, todos os “eu te amo” apaixonados que ele dizia quando achava que ninguém estava olhando. Meu pai beijava o chão onde minha mãe pisava, mesmo quando ela estava de mau humor, e sabia que minha mãe sentia a mesma coisa por ele.

– Eu devia ter demonstrado mais, às vezes eu o tratava tão mal – choramingou. E começou a se debulhar em lágrimas. Como eu não fazia ideia do que dizer ou fazer para ela se sentir melhor, só me abaixei e lhe dei um abraço desengonçado, encostando o rosto no seu pescoço, abraçando-a o melhor que pude, apesar de ela estar deitada. Ela levantou a mão até meu cabelo e apertou minha mão com tanta força que quase doeu.

Seu corpo inteiro tremia. Suas lágrimas molharam meu cabelo e pingaram no meu rosto, e ela permaneceu ali, grudada em mim, perdida em sua dor. Engoli em seco, tentando controlar minhas emoções, porque seu sofrimento ameaçava me engolir. Nunca me senti tão próxima da minha mãe quanto naquele momento, em que compartilhamos o luto. Era a primeira vez na vida que a via chorar – o choro “cisco no olho” do dia em que viajei não era nada comparado àquele lamento absoluto, de rasgar a alma.

Uma hora, sua respiração se normalizou. Continuei com os olhos colados no monitor cardíaco o tempo todo, vendo os números no canto diminuírem devagar até chegarem a um ritmo lento e constante. Então me afastei dela com cuidado, e a olhei. Ela estava dormindo profundamente, com a testa e o rosto manchados de vermelho de tanto chorar.

Engoli em seco e passei a mão no meu próprio rosto, que também estava inchado e molhado de lágrimas. Sentei na cadeira ao lado de sua cama e segurei sua mão. Ali, vendo minha mãe dormir, morri de medo do momento em que ela acordaria de novo e teria que lidar com a dor de perder sua alma gêmea. No silêncio do quarto, cheguei a pensar se não teria sido melhor, mais justo com ela, se tivesse morrido.

Alguns minutos depois, a porta se abriu. Levantei o rosto e vi o médico.

– Ela voltou a dormir. Isso é normal? – perguntei, baixinho, com a voz rouca e seca.

Ele balançou a cabeça, pegou seu prontuário e fez algumas anotações.

– Perfeitamente normal. Seu corpo se recupera melhor enquanto está dormindo. Sua mãe passou por muita coisa, é uma mulher de sorte. Ficou por um fio por um bom tempo.

– Eu sei – respondi.

Não queria admitir que cheguei a perder a esperança de ver esse momento.

– Em quanto tempo ela poderá voltar para casa? – indaguei, passando a mão na testa da minha mãe.

O médico sorriu.

– A estrada é longa, e acho que será um pouco esburacada. Sua mãe vai precisar ficar internada por, pelo menos, mais uns dias. Depois, provavelmente vai ter que ficar em uma cadeira de rodas por umas duas semanas, por causa da extensão dos seus ferimentos. Terá que fazer muita fisioterapia antes de poder voltar à vida normal, mas ela vai se recuperar. Quando há qualquer ferimento no cérebro, podemos esperar alguns dias bons, de lucidez, e outros piores. Ela vai precisar de muito apoio físico e mental.

Balancei a cabeça, para demonstrar que havia entendido, levantei a mão da minha mãe e dei um beijinho no seu dorso.

– Tudo bem. Estou aqui.

E sempre estaria.

CAPÍTULO

22

Ellie

O clima na volta do hospital foi bem mais sombrio do que na ida. Nós ficamos tão animadas quando recebemos a notícia de que minha mãe tinha acordado... Estava todo mundo tão feliz que nem nos ocorreu que ela não tinha acompanhado os eventos das duas últimas semanas e não sabia da morte de papai. No mínimo, ficamos mais chateadas do que já estávamos, porque todas compartilhamos do luto recente de minha mãe.

Ela dormiu e acordou mais algumas vezes durante a visita e, a cada vez, era de partir o coração, como da primeira, porque se lembrava do fato e caía no choro, histérica. O pior foi contar que meu pai já tinha sido enterrado. Mamãe ficou arrasada por não ter podido se despedir e ficou choramingando, perguntando o que Michael pensaria dela por não estar presente. Não havia o que a consolasse. A culpa tomou conta de mim, se retorcendo nas minhas entranhas como uma faca. Mas meu lado racional sabia que eu estava me castigando por nada. Os médicos disseram para a gente não esperar, que não sabiam se minha mãe ia acordar ou não. Poderíamos ter esperado em vão por algo que jamais aconteceria, ninguém poderia prever o futuro.

Meu outro lado achou que foi até bom mamãe não ter ido ao enterro. Suas últimas lembranças de papai permaneceram intactas, ela não lembrava do acidente. A última coisa de que ela tinha lembrança era meu pai cantando – mal – uma música da banda Spandau Ballet no rádio, tentando fazê-la rir.

Fiquei com inveja. Sempre que pensava no meu pai, só conseguia imaginar o funeral, os grupos de pessoas chorando, e o caixão em cima daquela plataforma. Então talvez tenha sido bom minha mãe estar dormindo quando isso aconteceu. Eu gostaria de ter feito a mesma coisa.

Deixar minha mãe no hospital foi difícil. Ela estava tão arrasada e fraca, muito distante da mulher forte e controlada que eu conhecia e amava. Parecia uma criancinha perdida em uma tempestade. O pessoal do hospital acabou lhe dando um sedativo para ela conseguir dormir, porque seu coração ficou muito acelerado de novo. Assim que pegou no sono, nós três entramos no meu carro e voltamos para casa.

Quando parei na frente da garagem, vi um carro parar na rua e desligar os faróis. Jamie. Saí do carro, olhei para trás e vi que ele havia estacionado obviamente mais perto, logo na frente do nosso gramado, e não algumas casas mais para baixo, como o outro carro. Talvez porque eu sabia que ele estava vigiando, então não precisava mais disfarçar.

Kelsey olhou na sua direção e franziu a testa. Segurei a respiração, torcendo pra ela não reconhecer meu ex-namorado nem fazer perguntas. Eu não precisava nem um pouco de mais emoção naquele dia. Para ser bem sincera, tudo o que eu mais queria era uma bebida forte. Ainda bem que Kels não disse nada. O carro de Jamie só chamou a sua atenção por uns dois segundos e depois ela foi até a porta de casa atrás de vovó.

Dei um aceno rápido – admitir que ele estava ali era uma questão de educação, afinal de contas – e entrei

em casa.

– Vou fazer o jantar para nós – vovó disse, indo para a cozinha e abrindo a geladeira.

Ao ouvir falar em comida, meu estômago roncou, e lembrei que não havia trazido os ingredientes que ela me pedira. Ainda deviam estar espalhados no estacionamento da loja de conveniência. Por sorte, na excitação do momento, vovó não tocou no assunto. Olhei para o relógio e vi que passava das oito horas. Aquele dia tinha sido extremamente longo.

Eu e Kelsey nos sentamos na sala, fingindo assistir TV para não precisar conversar, enquanto vovó batia as panelas na cozinha. Quando ela voltou, quinze minutos depois, com três pratos cheios de *quesadillas* de queijo e tomate, fiquei com água na boca. Só que comer era outra história, completamente diferente. Não conseguia me concentrar e fiquei só brincando com a comida, enquanto repassava o que minha mãe havia dito. Uma hora, desisti de tentar.

– Vou tomar banho – anunciei, ficando de pé e levando os pratos de vovó e de Kelsey, quase cheios, para a cozinha. Depois de jogar a comida no triturador de lixo, subi a escada e fui para o banheiro. Abri a torneira, joguei sais de banho que estavam em um vidro na lateral da banheira e sentei na beirada, olhando para a parede enquanto a água fluía e embaçava o espelho.

Tirei a roupa e entrei na banheira. Fechei os olhos e deixei a água quente bater no meu pescoço e no meu queixo. O aroma floral dos sais de banho fez cócegas no meu nariz. Fiquei lá deitada por muito tempo, até a água ficar quase fria, pensando na minha mãe e no que o futuro guardava para ela e, por consequência, para mim. As conversas que tive com Toby se infiltraram nos meus pensamentos, as palavras implícitas que ficaram pairando entre nós no aeroporto, seu olhar de compreensão ao me dar um beijo de despedida.

Soltei um suspiro, me sentei, tirei o cabelo molhado do rosto e fiquei olhando para o teto. Precisava falar com Toby. Aquela incerteza estava acabando comigo, e eu não ia aguentar mais tanta pressão. Queria ficar com a minha família, e ele precisava ficar com a sua família, o que nos deixava diante de um impasse que só causava mais dor, sem necessidade.

Depois de lavar a cabeça e me ensaboar depressa, saí da banheira, me enrolei em uma toalha felpuda e fui para o quarto. Sequei o corpo, passei o pente no cabelo molhado, pus meu pijama mais confortável, aquele, estampado com ursos pandas dorminhocos, e tirei um moletom de capuz dos tempos do colégio do armário. Assim que o passei pela cabeça, me dei conta de que não servia mais, mas resolvi vesti-lo mesmo assim, remexendo o corpo e puxando para caber. Estava muito justo, principalmente no peito e na barriga. Lembrei de um tempo, no Ensino Médio, em que caía bem na minha barriga reta e ficava perfeito no quadril. Enruguei o nariz e pensei em fazer regime para perder os sete quilos que tinha engordado nos últimos anos, mas aí lembrei do quanto gostava de chocolate e de bolo e desisti da ideia. Não estava acima do peso, só não tinha mais aquele corpinho perfeito de líder de torcida.

Dei um sorriso e peguei meu celular quebrado, mexendo na tela com cuidado até encontrar o número de Toby. Foi só quando já estava ligando que lembrei do fuso horário. Eu me encolhi toda quando ele atendeu, com a voz rouca e sonolenta, e olhei para o despertador. Eram quase dez da noite nos Estados Unidos, ou seja, lá deviam ser quase três da manhã.

– Desculpa! Esqueci do fuso horário – fui logo falando, sentada na beirada da cama.

Ele limpou a garganta, e ouvi o som das cobertas ao fundo.

– Tudo bem, não se preocupa.

– Desculpa, Toby – sussurrei.

– É sério, tudo bem. Adoro falar com você, está tudo certo – respondeu, com a voz baixa e sensual de quem havia acabado de acordar. – Como você está?

– Minha mãe acordou – contei, sorrindo.

– Caramba! Que ótima notícia!

– É – concordei. Mas até eu percebi o tom de tristeza na minha voz, não foi surpresa nenhuma ele também ter notado.

– O que foi? Cadê a menina animada que eu conheço?

Soltei um suspiro e inclinei o corpo para a frente, apoiando a testa na mão e o cotovelo no joelho.

– Foi difícil, só isso. Ela não sabia do meu pai, e eu tive que contar.

Fiquei mordendo minha própria bochecha, para não me lembrar da expressão arrasada de mamãe.

– Caramba, que difícil – respondeu, com um tom de compaixão. – Você está bem?

“Preciso estar.”

– Vou ficar.

Nós todas vamos, juntas.

– Então, se sua mãe acordou, você vai voltar logo para casa, né? – Toby perguntou.

Fechei os olhos. Era o começo da conversa. Era a minha deixa para contar que eu não ia voltar para a Inglaterra. Por mais que eu soubesse que tinha que dizer essas palavras, não queria pronunciá-las. Não esperava que tudo fosse terminar desse jeito. Na verdade, não esperava que fosse terminar. Se nada disso tivesse acontecido, teria vivido o resto da vida com ele, feliz por ser uma mãe para seus dois filhos, quando viessem passar o fim de semana conosco, cuidar do *pub* com Toby e ir dormir com um homem bom todas as noites. Mas o destino tinha outros planos.

– Disseram que ela vai ficar no hospital mais alguns dias e, quando sair, vai precisar de muito tratamento para se recuperar do acidente – limpei a garganta e respirei fundo. – Toby, precisamos conversar... – comecei a falar, sem conseguir encontrar as palavras – Eu... Eu...

“Ai, meu Deus, por que é tão difícil fazer o que é certo?”

Ele soltou um suspiro profundo, causando estática na linha.

– Eu sei o que você vai dizer.

Fiquei sem ar.

– Sabe? – falei, quase sussurando.

Toby suspirou de novo.

– Sei. Pude ver nos seus olhos. Você não quer sair de perto da sua família. Quer ficar aí e não vai voltar aqui para casa.

Balancei a cabeça. Ele tinha acertado, com exceção de uma coisa: eu estava em casa. Londres nunca fora minha casa de verdade, nem mesmo com ele. Eu só não queria admitir.

– Desculpa – balbuciei.

E era verdade. Nunca quis magoá-lo, mas não tinha como. Cada um vivia de um lado do mundo.

– Tudo bem, Ellie. Eu entendo, entendo mesmo. Estou arrasado, não pense que não, mas entendo. Sei o quanto sua família é importante para você, e, depois de tudo o que aconteceu, entendo por que você teve que tomar essa decisão.

– Nunca quis magoar você – falei, com um tom solene.

– Eu sei, amor. É só a geografia, que resolveu nos foder. Não teríamos chance, não mesmo – ele estava se fazendo de corajoso, se forçando a parecer animado, mas eu consegui ouvir a tristeza implícita nas suas palavras. Ele entendia, mas, mesmo assim, estava magoado – Eu te amo. Queria que as coisas pudessem ser diferentes, mas, sabe, quando a geografia fala, todo mundo abaixa as orelhas – brincou.

– Eu também te amo.

E era verdade, do fundo do meu coração. De certo modo, Toby tinha me salvado. Eu era outra pessoa antes de conhecê-lo, e ele me ajudou a me reerguer e me apoiou enquanto eu tentava me reencontrar. Eu lhe devia algo que jamais poderia pagar. Sempre achei que isso era o suficiente para servir de base para um relacionamento, mas me dei conta de que não era verdade.

– Vou sentir tanto a sua falta – falei.

Sentiria falta de suas piadas, de seu riso contagiante, da sua bondade espontânea e do seu jeito de londrino despachado.

– A gente pode manter contato, conversar, contar as notícias. Não quero perder você.

Suas palavras eram sentidas e pude perceber no seu tom de voz a tristeza que ele tentava disfarçar.

Concordei com a cabeça. Não continuaríamos sendo amigos, disso eu tinha certeza. Toby era amigo de todo mundo, até da ex-mulher, eu tinha certeza de que iríamos manter contato.

– Você não vai me perder – prometi.

– Que bom, porque eu ia odiar se isso acontecesse. – Então, ele limpou a garganta e disse: – Olha, é melhor eu dormir, preciso acordar cedo amanhã. Conversamos mais para o fim da semana, tá?

Eu sabia que ele estava só tentando pôr um fim na ligação, terminar um relacionamento pelo telefone não era a mais agradável das conversas.

– É – concordei. – Eu te ligo daqui a uns dois dias.

– Ok, mas se acontecer alguma coisa ou você precisar conversar antes disso, liga para mim. Ainda estou aqui se você precisar de alguém para conversar.

Dei um sorriso. A bondade de Toby era uma das coisas que eu amava nele. Isso e sua habilidade de transformar qualquer coisa em piada, mesmo que fosse um trocadilho completamente sem graça no supermercado.

– Obrigada. O mesmo vale para você. Manda “oi” para os meninos da próxima vez que os vir – respondi.

Só de pensar que não veria Toby nem seus filhos de novo, meu coração acelerou. Foi doloroso. Mas não tanto quanto eu imaginava.

Ele desligou, e me deitei na cama, sabendo que tinha tomado a decisão certa. Eu tinha tomado a decisão certa para mim, que até podia não parecer certa para Toby naquele momento, mas ele acabaria enxergando que era o certo para ele também. Eu o amava, mas não era apaixonada por ele, e Toby merecia isso. Ele era um cara tão bom, merecia alguém que ficasse com o coração palpitando ao vê-lo entrar no quarto só de toalha, uma mulher que ficasse com as coxas tensas de excitação ao ser tocada, alguém que se derretesse com seu sorriso. E essa mulher simplesmente não era eu – nunca foi – e, por muito tempo, achei que não havia problema nisso, mas estava enganando a nós dois. A gente estava se contentando um com o outro, e pessoas como Toby merecem mais do que só se contentar.

Fiquei feliz por, finalmente, ter posto isso pra fora. Agora poderíamos cada um viver sua vida, e eu poderia me concentrar em consertar minha família, um pedacinho por vez. Pus as pantufas de pelúcia cor-de-rosa que Kelsey me deu quando fiz 18 anos, saí do quarto e desci a escada, decidida a fazer um chocolate quente.

Quando cheguei ao fim da escada, fui até a porta, abri a cortina e espiei pela janela. O carro de Jamie ainda estava parado lá fora, no mesmo lugar. Franzi a testa, pensando quanto tempo ele ainda ia ficar acampado na frente da minha casa, observando cada movimento meu. Era meio estranho, mas dava para entender por que ele estava sendo protetor.

Pensei no meu apartamento, em como ele tinha secado minhas lágrimas e contado que planejava viver comigo. E que tinha perguntado se era tarde demais para nós dois.

Engoli em seco, meu coração doeu só de lembrar. Minha decisão de continuar nos Estados Unidos e não voltar para a Inglaterra não tinha nada a ver com Jamie. Eu já a tinha tomado, inconscientemente, mesmo antes de vê-lo naquela boate. Queria ficar perto da minha família, queria ficar na minha casa, e não no lugar onde eu morava com Toby. Jamie não tinha influenciado em nada... Pelo menos, não no começo. Depois eu já não tinha tanta certeza.

Tentei me livrar desses pensamentos, entrei na sala e vi Kelsie e vovó enroladas no sofá assistindo TV.

– Alguém quer chocolate quente? Acho que vi uns *marshmallows* no armário – provoquei. As duas

balançaram a cabeça, animadas, e fui para a cozinha. Peguei o leite na geladeira e coloquei numa panela. Quando me abaixei para guardá-lo, vi o frango que havia sobrado do jantar do dia anterior. Na mesma hora, pensei em Jamie de novo. Será que ele tinha comido? Mordi a bochecha e peguei frango e maionese na geladeira e resolvi fazer um sanduíche para ele enquanto o leite fervia na panela.

Quando ficou tudo pronto, levei o chocolate das meninas para a sala e pus na mesa. Depois voltei para a cozinha e peguei o sanduíche e o chocolate que tinha feito para Jamie. Fiz o mínimo de barulho possível, porque não queria ter que justificar minhas ações. Saí de casa na ponta dos pés, fechando a porta com cuidado.

Enquanto eu atravessava o gramado, com o cabelo voando por causa do vento, Jamie baixou o vidro do carro. Dei um sorriso fraco e estendi o prato e a caneca, que ele aceitou de bom grado.

– Achei que você podia estar com fome. Não te vi sair para comer ainda – falei.

Ele pegou o sanduíche e deu uma mordida enorme.

– Estou morrendo de fome – resmungou, de boca cheia. – Obrigado.

Seus olhos brilharam na escuridão, e eu me abaixei do lado do carro para poder ver melhor.

– Jamie, por quanto tempo você vai ficar me vigiando?

Ele encolheu os ombros, colocando a caneca no painel, o que, com certeza, deixaria uma mancha no interior do seu carro caro. Eu me xinguei mentalmente por não ter trazido um porta-copos ou algo assim. – Vou ficar mais umas duas horas. Mandei outra pessoa ficar aqui à noite, mas volto amanhã.

– Não é disso que estou falando.

Ele deu um suspiro profundo e se virou, ficando de frente para mim.

– Não sei. Tenho gente tentando encontrar o cara que mandou sequestrar você, mas não sei quanto tempo isso vai demorar.

Ele espremeu os olhos de raiva e preocupação.

– Ah – murmurei. Odiei o fato de ele ter que bancar minha babá. Enfie as mãos no bolso do moletom, entrelaçando os dedos sobre a barriga.

– Precisamos conversar mais sobre, você sabe, aquele assunto de antes.

E ele balançou a cabeça, colocando o prato no painel, ao lado da caneca.

– Agora? A gente podia ir tomar um café – sugeriu com a voz ridiculamente animada.

Tentei ignorar o frio que senti na barriga. Adorei, em segredo, que ele quisesse ficar mais tempo comigo.

Olhei para minhas pantufas de pelúcia cor-de-rosa, meu pijama e moletom apertado e levantei a sobrancelha.

– Não estou arrumada – falei, encolhendo os ombros.

Ele esboçou um sorriso, me olhando de cima a baixo, tão devagar que senti meu rosto arder com aquela inspeção tão íntima.

– Não ligo. Acho que você está linda.

Tive que sorrir depois dessa. “Cafajeste.” Soltei um suspiro e sacudi a cabeça porque meu corpo estava acabado de cansaço.

– Hoje não, tudo bem? Estou exausta – olhei para trás, levantei a mão e tentei colocar um pouco do meu cabelo molhado, que voava, atrás da orelha. O vento gelado fez ele sair na mesma hora. – É melhor eu entrar. Boa noite, Jamie. – Virei as costas, sem esperar uma resposta, e fui andando.

– Ellie...

Eu só tinha dado alguns passos quando Jamie me chamou. Parei, virei e o vi saindo do carro, com aquele corpo alto e forte simplesmente maravilhoso vindo na minha direção. Ele não disse nada, só me abraçou forte e me puxou para perto. Soltei um longo e profundo suspiro e me derreti toda agarrada nele, fechei os olhos e passei os braços em volta da sua cintura. Estávamos tão perto, que dava para sentir seu coração batendo encostado no meu peito, e uma sensação de segurança tomou conta de mim quando senti seu cheiro.

Encaixei meu rosto na lateral do seu pescoço, roçando o nariz na sua pele, fazendo um gemido baixinho escapar dos seus lábios. Ele apertou minhas costas de leve, me puxou mais para perto, e simplesmente me delíciei na maravilhosa sensação de estar em seus braços de novo. Parecia tão certo. Era como se, naquele momento, eu finalmente tivesse voltado para casa. Jamie enconstou o rosto do lado da minha cabeça, ficou roçando os lábios no meu cabelo, fazendo células dentro de mim que eu achava estarem mortas há muito tempo acordarem e formigarem. O desejo que se avolumou na minha barriga passou de uma chama para uma ardência deliciosa que tensionou minha pele e me deixou com água na boca. Queria ficar mais perto dele, queria derreter junto com seu corpo e ficar assim para sempre, meus problemas, uma lembrança distante.

Ele foi se afastando devagar, ainda me abraçando. Pude ver o desejo refletido nos seus olhos, sua ânsia talvez tão grande quanto a minha. Dei um sorriso agradecido. Eu precisava desesperadamente daquele abraço e nem sabia disso.

Fazendo um esforço hercúleo, porque queria ficar ali, nos seus braços, para sempre, dei um passo para trás, separando nossos corpos.

– Boa noite, Jamie.

A covinha apareceu, seu sorriso se refletiu nos seus olhos e ele soltou os braços ao lado do corpo.

– Boa noite, garotinha.

Sua voz estava rouca e cheia de desejo, e senti um aperto no ventre. O apelido de tantos anos só fez a sensualidade ardente daquele momento aumentar ainda mais.

Dei um sorriso de orelha a orelha, torcendo para que a escuridão escondesse minhas bochechas vermelhas, para que Jamie não ficasse sabendo o quanto eu ainda adorava aquele apelido. Virei as costas e fui para casa, pensando que, pela primeira vez em duas semanas, eu ia conseguir dormir.

CAPÍTULO

23

Ellie

Enquanto colocava os tênis e o casaco perto da porta da frente, dei uma espiada pela cortina e vi o mesmo Astra azul estacionado na frente da garagem, com um cara loiro e jovem sentado atrás do volante, parecendo entediado. Senti um aperto no coração, como das três últimas vezes que olhei para fora, para ver se era Jamie que estava ali, vigiando. Ele tinha ido embora de manhã, e esse cara que eu não sabia quem era o substituiu. A decepção de não ser Jamie me atingiu mais do que eu imaginava. Não conseguia parar de pensar nele desde que me abraçara, na noite anterior, no gramado, a apenas três metros de onde eu estava. Peguei no sono, tranquila, pensando como era bom estar nos seus braços de novo, como seu cheiro era incrível, e como meu coração se derretia com aquela covinha que aparecia na sua bochecha quando ele sorria.

Suspirando, dei “tchau” para vovó e saí pela porta, fui até o carro, ignorando o fato de o tal cara também dar partida no Astra, pronto para me seguir até meu destino: o hospital.

A gente estava tentando coordenar as visitas, para minha mãe sempre ter alguém com ela nos horários programados. Vovó tinha ido pela manhã, enquanto Kelsey estava na aula, eu iria à tarde e, provavelmente, iríamos todas juntas à noite.

Quando cheguei, mamãe estava sentada na cama, com a TV ligada em volume baixo, mas ela não a estava assistindo, só olhando para a parede, com uma expressão vazia. Vovó me contara que ela estava se sentindo um pouco melhor, que não havia pegado no sono tantas vezes nem chorara tanto quanto no dia anterior. Era a primeira vez que eu a veria desde que tive de contar para ela que meu pai se fora.

– Oi, mãe – disse, entrando no quarto e colocando as uvas que vovó mandara sobre a mesinha.

Mamãe me olhou, deu um meio sorriso e respondeu:

– Boa tarde, Ellison.

Cheguei perto da cama e lhe dei um beijo na testa.

– Como a senhora está se sentindo hoje? – perguntei, sentando na cama e a observando, preocupada. Seus olhos estavam vermelhos, o rosto também, parecia que tinha acabado de chorar.

Ela levantou a mão trêmula e tirou o cabelo do rosto.

– Estou melhor. Hoje me deram um remédio diferente para dor. Que me deixa meio zonza, mas a dor no quadril e na perna não está mais tão ruim.

Balancei a cabeça.

– Que bom. Quer dizer, não a senhora estar zonza, mas estar com menos dor.

– Sim – disse, me olhando com uma expressão de curiosidade. – E *você*, está bem?

– Claro que estou – respondi, como um robô, abrindo o pacote de uvas e pegando algumas. Olhei para a TV e perguntei:

– O que está assistindo?

Mamãe deu um suspiro profundo.

– Uma novela horrível. Tinha esquecido o quanto odeio a programação que passa durante o dia.

Dei um sorriso, olhando para a tela, meus pensamentos se voltando para Jamie de novo sem minha permissão. Mamãe tocou de leve no meu braço, chamando a minha atenção, e me dei conta de que ela devia ter falado comigo enquanto eu estava com a cabeça longe, no meu mundinho.

– Algum problema, Ellison? Você parece um pouco distraída.

Encolhi o ombro e tirei mais algumas uvas do cacho.

– Problema nenhum. Desculpa, o que a senhora estava falando?

Ela soltou um suspiro, me olhando com uma expressão de preocupação.

– Perguntei quando você vai voltar para Londres.

Sacudi a cabeça devagar.

– Não vou voltar. Resolvi que quero ficar aqui. Meu lugar é aqui, com vocês.

Mamãe ficou chocada, de queixo caído.

– Você vai ficar aqui?

Balancei a cabeça e pus uma uva na boca.

– Vou. Conversei com Toby ontem à noite, já está tudo resolvido.

– Mas o que vai acontecer com vocês dois? – ela insistiu, me olhando nos olhos.

– Nós terminamos – respondi. – Foi amigável. Não tem muito o que fazer, na verdade. Eu quero ficar aqui, e ele não pode vir para cá por causa dos filhos.

Minha mãe ficou alguns segundos em silêncio, como se não conseguisse encontrar as palavras certas.

– Ellison, não pense que não estou feliz de ouvir que você vai ficar aqui, porque eu estou. Senti tanto a sua falta, parecia que tinham tirado um pedaço de mim. Mas se é por causa de mim, do acidente, vou voltar para casa logo, logo, e posso cuidar de Kels. Você não precisa fazer isso. Só quero que você seja feliz, não quero que você deixe sua vida de lado.

Soltei um suspiro e fiquei brincando com a ponta do lençol. Não tinha conversado com mais ninguém sobre esse assunto. Não tinha nem processado direito.

– Acontece, mãe, que não sei se é isso que quero para a minha vida. Fiquei pensando se não estava fugindo das coisas e me contentei em ficar lá porque era mais fácil do que voltar e enfrentar tudo.

– Como assim?

Engoli em seco e, na mesma hora, Jamie veio à minha cabeça. Como é que eu podia achar que devia ficar com Toby, se ainda havia um espaço no meu coração reservado só para Jamie? Franzi a testa, pronunciando a pergunta que tinha feito a mim mesma um milhão de vezes naquela manhã.

– Mãe, a gente consegue esquecer do nosso primeiro amor?

– Você está falando de Miles?

Dei uma risada abafada, sacudindo a cabeça, e respondi:

– Não.

Ela apertou os lábios e perguntou:

– De Jamie?

Concordei com a cabeça. Ele foi meu primeiro amor e, eu tinha me dado conta, também o único.

– É. Eu o vi outro dia, e nós conversamos. Os sentimentos de anos atrás vieram à tona. Conversamos sobre o que aconteceu, sobre por que terminamos. Ele me contou algumas coisas que me fizeram ver a situação de outro modo.

Mamãe se acomodou nos travesseiros, me observando com olhos de lince.

– Como o que, por exemplo?

Fiz careta, olhando para os lençóis. Não podia contar para minha mãe o que Jamie havia dito. Ela não sabia nada sobre o passado dele. Sempre mantive isso em segredo, porque ele não queria que mais ninguém soubesse. Eu não podia admitir que o cara fora preso naquela noite. Mordendo minha própria bochecha, fiquei pensando no que poderia dizer para explicar sem ter que falar a verdade.

– Ele disse que cometeu um grande erro ao terminar comigo, que queria ter viajado comigo, mas ele... – tentei encontrar as palavras para completar a frase que não fossem “foi preso”– ficou com medo. As coisas entre a gente foram ficando sérias tão rápido que ele ficou com medo e por isso terminou comigo. Ele se arrependeu, mas aí já era tarde demais, porque eu já tinha viajado e não voltei mais, então...

Minha mãe ficou em silêncio. Olhei para ela, esperando que estivesse brava, mas ela só parecia pensativa.

– Sempre achei tudo isso muito estranho. Aquele menino era tão apaixonado por você, até eu percebia. Nunca imaginei que vocês iam terminar. Achava que vocês dois tinham um relacionamento sério. Seu pai até disse que achava que vocês iam se casar dentro de um ou dois anos. Sempre fiquei imaginando o motivo do rompimento, e você nunca nos contou a história toda – disse, ainda com ar pensativo. – Você ainda o ama?

Engoli em seco.

– Sempre vou amá-lo, isso é o mais difícil – admiti.

Ela balançou a cabeça e perguntou:

– E Toby?

– Nosso relacionamento era diferente. Eu o amo, amo mesmo, mas... era diferente. Estou começando a achar que eu posso ter me agarrando a ele só porque me tratava bem, porque foi o primeiro cara com quem me envolvi depois de Jamie. Acho que nunca esqueci Jamie de verdade.

E eu não estava nem um pouco confusa em relação a isso. Eu não tinha esquecido e, provavelmente, jamais esqueceria.

Minha mãe limpou a garganta, sem jeito.

– E Jamie sente a mesma coisa por você?

Encolhi os ombros.

– Não sei. Acho que sim, talvez, é.

Jamie não havia dito que ainda queria ficar comigo, mas algumas coisas que disse me levaram a acreditar que tínhamos uma chance.

Ela soltou um suspiro profundo, puxou o lençol e ficou com uma expressão vaga nos olhos.

– Ellison, eu já te contei como foi que conheci seu pai?

Retorci os lábios e sacudi a cabeça.

– Sei que a senhora o conheceu na faculdade, mas só isso.

Mamãe deu um sorriso triste, com os olhos cheios de lágrimas.

– Quando conheci Michael, jamais poderia imaginar que me casaria com ele dois anos depois. Ele era tudo o que eu não queria em um homem, tudo que sempre pensei que odiava e jamais me atrairia.

Fiquei ali sentada, hipnotizada, porque nunca tinha ouvido minha mãe falar do meu pai desse jeito.

Ela deu um sorriso e continuou:

– Como você deve estar imaginando, eu era toda certinha, usava roupas passadas e estava sempre com o cabelo arrumado. Seu pai era meio largado, não existe outro termo. Era guitarrista de uma banda simplesmente terrível. Passava três ou quatro dias com a mesma camiseta de *Star wars* surrada, sem lavar, e mal penteava o cabelo. E, ainda por cima, gostava de ir a festivais de música e acampar, meu Deus.

Mamãe deu risada e sacudiu a cabeça.

– Acho que, antes disso, eu era um pouco reservada. Os meninos que conhecia do colégio eram muito diferentes do seu pai. Eram esnobes, mimados, herdeiros que pensavam que tinham direito a tudo só por causa do seu sobrenome. Seu pai abriu meus olhos para possibilidades sobre as quais eu nunca havia parado

para pensar, me fez ver um lado mais leve da vida que eu nunca havia aproveitado. Nunca tinha conhecido ninguém assim. Dentro de algumas semanas, me apaixonei tão perdidamente por ele que abri mão de tudo para ficarmos juntos. Meus pais nunca aprovaram Michael. Nunca enxergaram o que eu via nele, mas isso não me impediu. A gente não escolhe por quem se apaixona. Quando encontra a pessoa com quem deve ficar, tudo se encaixa, e a gente faz qualquer coisa por ela.

Seu sorriso triste me deu uma dor no coração. Sempre suspeitei que havia algo estranho entre minha mãe e seus pais. Tinha sempre um clima constrangedor quando a gente os visitava – o que não acontecia com muita frequência. Agora eu sabia o por que. Meu coração se encheu de amor por minha mãe, porque ela amava tanto meu pai que, praticamente, deu as costas à vida da alta sociedade que deveria ter levado. Essa informação também explicava por que meus avós não vieram visitar a filha, que estava no hospital em estado crítico, nem apareceram no enterro do genro. Eles usaram a saúde frágil como desculpa, mas, se realmente quisessem, teriam movido montanhas para estar com ela, com ou sem saúde frágil. Talvez os velhos ressentimentos ainda permanecessem, meus avós só não admitiam. Pior para eles, não para nós.

Minha mãe secou uma lágrima que escorreu pelo seu rosto.

– Acho que o que estou querendo dizer, Ellison, é que sei que nunca vi seu relacionamento com Jamie com bons olhos e peço desculpas. Acho que esqueci como é se apaixonar por alguém e não atender às expectativas dos seus pais. Desculpa por ter te pressionado tanto para ser alguém que você não queria ser. Eu deveria ter confiado nos seus instintos e te tratado com mais respeito do que meus pais me trataram. Você é uma boa menina, Ellison, e eu só quero a sua felicidade.

– Obrigada, mãe – balbuciei, começando a chorar também.

Ela deu um sorriso, segurou firme minha mão e me olhou bem nos olhos.

– Se você ama alguém, não tenha medo de demonstrar. Grite para o mundo inteiro ouvir, se é isso que tem vontade. A vida é breve, Ellison. O amor verdadeiro é algo raro. Então, quando a gente o encontra, deve segurá-lo com as duas mãos e não deixar nada nem ninguém interferir.

Amor verdadeiro. Era isso que sempre achei que existia entre mim e Jamie.

– Então a senhora acha que eu devo falar com ele? – perguntei, sem saber como essa conversa tinha começado e chegado tão rápido a esse ponto.

Mamãe balançou a cabeça.

– Segui meu coração e nunca me arrependi, nem por um dia sequer. É isso que desejo para você. Só quero que você encontre alguém que a faça sentir aquele amor épico, de palpar o coração, mesmo quando ele não faz a barba nem baixa o assento da privada ou não consegue guardar a caixa de leite na geladeira depois de tomar. Esse tipo de coisa não tem importância, porque, quando a gente se apaixona por alguém, ama essa pessoa incondicionalmente. Com defeitos e tudo.

Ela tinha razão. Eu sabia que mamãe tinha razão. Jamie era minha cara-metade, assim como meu pai era a dela.

– Mas e se ele não sentir a mesma coisa por mim? E se Jamie me magoar de novo? – falei, sem pensar nas minhas palavras.

Minha mãe deu um sorriso triste e deu uma batidinha no dorso da minha mão.

– Isso pode acontecer, mas, se você não tentar, nunca vai saber o que está perdendo. Se você ama esse rapaz, Ellison, precisa ter coragem de lhe dar uma chance.

Mais uma vez, minha mãe tinha razão. Só tinha dito verdades, e isso refletia meus sentimentos dos últimos dias. O problema era que a situação era mais complicada do que eu podia explicar para ela. Eu podia lidar com os defeitos de Jamie, mas sua nova carreira de gangster era outra história. Não sabia se podia ficar com ele, tendo sempre que pensar que poderia perdê-lo por causa do seu trabalho. Não queria viver para sempre com esse medo. Uma hora ou outra isso ia acabar me enlouquecendo, eu sabia que sim. Teríamos que conversar

sobre isso antes mesmo de pensar em voltar. Se é que ele queria voltar. Jamie já quis deixar essa vida uma vez; talvez pudesse querer de novo. Como minha mãe disse, eu só precisava ter coragem de tocar no assunto e ver aonde a conversa chegaria.

Soltei um suspiro.

– A senhora tem razão. Preciso conversar com ele – concordei. – Desde quando a senhora ficou tão sábia?

– Deve ter sido a batida na cabeça – brincou, passando a mão sobre a cicatriz que tinha acima da orelha direita. – Seja qual for a sua decisão, sempre vou apoiá-la. Só lamento ter levado todo esse tempo para enxergar isso com clareza.

Eu me inclinei e a abracei bem forte, e a tensão dos meus ombros diminuiu. Não tinha me dado conta do peso que estava carregando e de como eu precisava conversar sobre isso com alguém. Minha mãe tinha razão. Em nome das nossas lembranças, eu devia ter coragem e dar uma chance a Jamie.

Mamãe retribuiu meu abraço apertado. Senti sua respiração no meu pescoço, e suas lágrimas molharam minha pele.

– É sério, fale logo com ele. Não desperdice um minuto sequer. Aproveite cada segundo precioso da sua vida, faça valer a pena, porque nunca se sabe quando tudo pode ser arrancado de você.

Eu me afastei, lhe dei um beijo no rosto e fui tomada por uma onda de adoração pela minha mãe. Nunca tivera esse tipo de conversa com ela, e o fato de mamãe ter aberto o coração sobre meu pai me fez ver um lado seu completamente diferente do que eu conhecia.

– Eu te amo – falei, baixinho, de todo o coração.

Deve ter sido a primeira vez que eu disse isso para a minha mãe com todas as letras, mas me pareceu a coisa certa a fazer naquele momento.

Ela esboçou um sorriso e fez carinho no meu rosto.

– Eu te amo também, desculpe se nunca te disse isso. Daqui para a frente, isso vai ser diferente. Eu vou ser diferente. E sempre vou te apoiar, aconteça o que acontecer. Tenho muito orgulho de você, Ellison, da bela mulher que você se tornou. Você me lembra tanto o seu pai... – disse, fungando e sorrindo ainda mais. – E, um segredo: estou nas nuvens de saber que você vai ficar.

– Eu também – admiti, dando mais um abraço nela.

CAPÍTULO

24

Jamie

Quando parei o carro na frente da casa de Ellie, no sábado, já era quase meia-noite. Só que alguém ainda estava acordado. Dava para ver o brilho da TV pela cortina. Será que era Ellie? O que estaria assistindo?

Fazia uns dois dias que eu não a via, desde quando lhe contei a verdade sobre o que tinha acontecido no dia em que terminamos. Tentei ficar longe, deixá-la em paz. Achei que ela ia precisar, depois de eu ter soltado essa bomba. Torci para ela me ligar, mas, até então, nada.

O motor do carro parado na minha frente deu partida, e Spencer, o cara que eu tinha mandado vigiar Ellie, acenou para mostrar que tinha me visto e começou a dirigir, me deixando ali para cumprir o próximo turno. Spencer andava cobrindo vários turnos para mim, era um dos meus funcionários mais confiáveis, e eu tinha certeza de que ele levaria a tarefa a sério. Entre ele, Ed, Enzo, Raposa e eu, a gente deu um jeito de vigiar Ellie 24 horas por dia. Não que ela sáísse muito, a não ser para ir ao hospital, ao mercado ou à casa de Stacey. Nos últimos dois dias, deixei sua segurança a cargo dos meus três homens, enquanto me ocupei em tentar achar Mateo. Até então, minha busca fora inútil. O cara não estava em lugar nenhum. Tinha desaparecido na noite como um fantasma.

Enquanto eu observava a casa, notei um movimento leve das cortinas, a luz atravessou o vidro por uma fração de segundo, alguém olhou para fora e então se foi. Abri o porta-luvas e peguei meu iPod e, bem na hora em que ia pôr os fones no ouvido, a porta se abriu. Ellie saiu e fechou a porta sem fazer barulho.

Franzi a testa, atirei o iPod no banco e saí do carro, pensando se havia alguma coisa errada para Ellie aparecer assim, de repente. Enquanto ela atravessava o gramado, usando uma regata *pink* apertadinha que mostrava todas as suas curvas deliciosas e um *short* da Miss Piggy que terminava poucos centímetros abaixo da sua bunda, não consegui parar de olhar para o seu corpo. Mordi o lábio e fiquei passando os olhos pelos seus peitos e pelas suas coxas, imaginando a sensação de tocar sua pele macia. Ellie era incrível, mesmo com o cabelo todo bagunçado pelo vento.

Ela olhou para o chão e esboçou um leve sorriso. Talvez gostasse do fato de ainda ter o poder de me enlouquecer. Talvez tenha saído de casa com aquela roupinha curta e sensual só para eu ver o que estava perdendo. Mas abandonei esse pensamento na mesma hora. Ellie não sabia que eu é que ficaria de vigia naquela noite. Aquilo era só seu pijama que, por acaso, era uma das coisas mais sensuais que eu via em muito tempo.

– Oi – murmurou, abraçando o próprio corpo e se esfregando para se aquecer.

Limpei a garganta, torcendo para que minha voz não denunciasse meu desejo, abrindo o zíper do casaco e tirando-o imediatamente.

– Oi, você não devia ter saído sem casaco. Vá ficar com pneumonia – a repreendi, colocando meu casaco

sobre seus ombros.

Ela deu um sorriso agradecido e o fechou, encolhendo os ombros.

– Valeu – disse, fazendo sinal com a cabeça em direção à casa. – Só queria saber se você não quer entrar e tomar alguma coisa. Posso te dar comida, se você estiver com fome.

– Ahn... sim, claro – falei, sem saber do que aquilo se tratava. Assim que respondi, ela se virou e foi andando, e meus olhos baixaram, por instinto, até suas pernas, que apareciam debaixo do meu casaco. Nunca mais poderia usá-lo sem pensar nelas, tive certeza.

Fui atrás de Ellie, apertando o botão para trancar o carro, e entrei na casa. Fiquei parado, porque uma porção de lembranças veio à tona de uma só vez. Fazia muito tempo que eu não entrava ali, mas o lugar continuava igualzinho. Ellie tirou os sapatos, e eu fiz a mesma coisa e fiquei observando ela pendurar meu casaco em um dos ganchos na parede.

Meus olhos pousaram na foto de família sobre o aparador, e senti uma pontada de dor quando vi o rosto sorridente de seu pai.

– Sua casa não mudou nada – comentei, sem saber o que dizer, indo atrás dela até a sala. Vi o sofá, parei e pousei a mão nas costas do móvel. Só de sentir o tecido, minha pulsação acelerou. Levantei a sobancelha e dei um sorrisinho malicioso. – Lembro muito bem desse sofá.

O tom sugestivo da minha voz era evidente. A gente tinha dado muitos amassos ali nas manhãs de domingo, quando o resto da família ia visitar a avó.

Ellie ficou vermelha e mordiscou o lábio.

– Sim, é um ótimo sofá.

Não consegui disfarçar meu sorrisinho cafajeste. Ellie me olhou nos olhos, e as lembranças das safadezas que eu tinha feito com ela naquele sofá vieram à tona. Eu queria tanto aquela mulher que o desejo quase doía, de tão intenso. Ela engoliu em seco e sacudiu a cabeça, como se quisesse se livrar dos próprios pensamentos.

– Você quer um café, um refrigerante ou outra coisa? – ofereceu. Um leve tremor transpareceu na sua voz, e tive certeza de que ela estava tendo os mesmos *flashbacks* safados que eu.

Dei um sorriso e respondi:

– Café está bom, valeu.

Ellie balançou a cabeça e foi para a cozinha. Sua bunda balançava de um jeito tão apetitoso que meu pau quase ficou duro. Tive que disfarçar o gemido.

– Sua mãe está bem? – perguntei, querendo mudar de assunto e me livrar daqueles pensamentos obscenos. Fui atrás dela até a cozinha e me sentei em uma das cadeiras.

Ela foi logo pegando a chaleira e pondo água para ferver.

– Ela está bem, melhora a cada dia.

– Fico feliz. Não consigo nem imaginar como deve ter sido estressante para você ficar esperando sua mãe acordar.

– É, não foi nem um pouco divertido.

– Aposto que não.

O silêncio tomou conta do ambiente, e fiquei balançando o pé. Estava nervoso, pois não sabia direito por que Ellie me convidara para entrar e aonde aquela conversa ia parar.

– Jamie, quero te perguntar uma coisa. Que não tive a oportunidade de perguntar naquele dia, com todas as suas revelações – disse, se virando de frente para mim, apoiada no balcão. – Por que você pagou o enterro do meu pai?

Ela apertou os olhos ao dizer isso, e ficou evidente que ainda sofria pela morte dele.

Encolhi os ombros. Não estava esperando essa pergunta. Tinha quase esquecido que pagara, para falar a verdade, com tudo o que estava acontecendo.

– Quis garantir que você não precisasse se preocupar com dinheiro. Você já tinha muita coisa para lidar, e o boleto não havia sido pago, então paguei – expliquei. Não havia outro motivo. – Só queria facilitar as coisas para você, tirar um pouco do peso dos seus ombros. Achei que não havia outra maneira de ajudar.

Ellie engoliu em seco, curvou os ombros e olhou para o chão.

– Você não precisava ter feito isso. Mas foi um belo gesto, obrigada. Agradeço a atenção. Você sempre foi muito atencioso – disse, virando-se para a chaleira, que começou a apitar em cima do fogão. – Eu vou te pagar, claro. Tenho dinheiro – completou, olhando para traz, tímida.

Dei um sorriso e sacudi a cabeça.

– Pode ficar. Não preciso. Dinheiro não é problema para mim.

– É, dá para perceber pelo seu carro caro e pela sua cobertura – murmurou, pegando uma caneca no armário.

Abri a boca para responder, mas ela levantou o braço, e sua blusa se levantou de leve. Uma faixa de pele ficou à mostra, e fiquei com água na boca, querendo passar a língua ali e mais para baixo, sentir seu gosto, e fazer Ellie gemer dizendo meu nome, daquele seu jeito ofegante.

“Jamie, se concentra.”

Ellie então olhou para trás, seus olhos brilharam, e ela deu um sorrisinho convencido. Ela tinha me pegado olhando. E eu nem liguei.

– Desculpa, quê? – perguntei, com a voz rouca e cheia de tesão.

– Peguei você olhando para a minha bunda – ela provocou, levantando a sobrancelha.

– É uma bela bunda – respondi.

Seus olhos brilharam com o elogio, e ela pegou duas canecas, levou para a mesa e sentou na cadeira ao meu lado.

– Bom, obrigada. Pelo elogio e por ter pago o boleto.

– De nada, pelas duas coisas. – Virei a cadeira de leve, e nossos joelhos ficaram a milímetros de distância.

– Então, como você tem passado nestes últimos dois dias? – perguntei, porque não queria mais falar de dinheiro. Eu tinha a impressão de que Ellie não havia me chamado ali para isso.

Ela pegou a caneca, soprou para esfriar o café e ficou me olhando por cima dela.

– Terminei com Toby.

Meus olhos se arregalaram, e fiquei de queixo caído, em estado de choque.

– É?

Eu podia sentir o sorriso querendo aparecer no meu rosto, tentei controlá-lo e não demonstrar que eu estava feliz para caralho com a notícia. Não precisava mais ficar imaginando as mãos do cuzão pelo corpo da Ellie, sua boca a beijando. Fiquei em êxtase.

Ellie balançou a cabeça.

– É, percebi que ia deixar muita coisa para trás se voltasse para a Inglaterra.

– Ah, bom. Lamento muito que as coisas não tenham dado certo para vocês.

Eu não lamentava nem um pouco, mas achei que precisava dizer isso de todo jeito.

Ela deu um sorriso sugestivo e disse:

– Mentiroso.

Sorri, olhando para minhas mãos, e encolhi os ombros. “Óbvio que não consegui disfarçar minha felicidade tão bem quanto imaginei.”

– Tudo bem, eu confesso. Eu gostava de ver você com outro homem? Claro que não, caramba. Era difícil para mim não dar um soco na cara dele toda vez que eu via vocês dois juntos? Sim, era, muito. Mas lamento se terminar com ele te fez sofrer.

Isso era verdade. Não queria que Ellie sofresse. E, se o cara a fazia feliz, era só isso que eu queria para ela.

Ellie pôs a caneca sobre a mesa.

– Por que você odeia me ver com outro homem? – perguntou, inclinando a cabeça para o lado, daquele seu jeito encantador, e olhando para mim com uma expressão curiosa. Fiquei com a clara impressão de que estava sendo testado. Tomara que eu passasse no teste.

– Você sabe por que, Ellie.

“Porque sou louco por você, é por isso.”

Ela sacudiu a cabeça e se endireitou na cadeira.

– Não, não sei.

Pareceu que Ellie ficou segurando a respiração quando me olhou nos olhos. Deu para perceber uma faísca de esperança, que fez meu coração disparar.

– Porque você deveria ser minha namorada. E era, até eu foder com tudo. E deveria ter pedido para você ficar e esperar por mim.

Sinceridade é sempre a melhor saída.

Ellie arregalou os olhos de leve, esboçando um sorriso.

– Deveria mesmo – concordou.

Limpei a garganta e resolvi pôr tudo para fora. Era óbvio que Ellie estava tentando me fazer admitir que eu ainda era louco por ela.

– Então você acha que, de repente, posso ter outra chance? Te levar para sair um dia desses?

Então ela deu um sorriso de orelha a orelha, com um olhar brincalhão.

– Só um dia? – perguntou.

– Tá, talvez vários dias.

Ellie soltou um suspiro profundo, como se quisesse se recompor, colocou a caneca na mesa e se virou de frente para mim,

– Olha, por que a gente não para de brincar? Só precisamos ser sinceros um com o outro, porque, até agora, um monte de mentiras nos separaram. Você ainda me ama, Jamie?

Assim que as palavras saíram da sua boca, ela olhou para baixo. Cerrou os dentes e franziu a testa, parecendo insegura.

Estiquei a mão e pousei um dedo no seu queixo. Levantei sua cabeça, obrigando-a a olhar para mim. Queria olhar nos olhos de Ellie para dizer o que queria dizer, para que ela visse que era verdade.

– Nunca vou deixar de te amar, Ellie. Vou te amar até o dia em que eu morrer. Se você deixar, vou cuidar de você para sempre. Tudo o que eu sempre quis foi ficar com você, viver com você – falei, com toda a sinceridade.

Sua expressão se suavizou, pareceu menos estressada, e ela me olhou nos olhos. Mas a felicidade desapareceu do seu rosto tão rápido quanto apareceu.

– O que foi? Não era essa a resposta que você queria ouvir? – perguntei.

Ela sacudiu a cabeça, afastando minha mão com delicadeza.

– Não é isso. Essa era a resposta que eu queria ouvir – falou. Então engoliu em seco, me olhou com uma expressão desolada e disse: – Eu poderia amar você. Eu amo você. E quero ficar com você de novo.

Meu coração foi às alturas por um segundo, mas caiu de volta na Terra quando ela disse a próxima palavra.

– Mas...

Soltei um gemido e tirei a mão do seu queixo.

– Sempre tem um “mas”...

Ellie balançou a cabeça, como quem pede desculpas.

– Mas... a vida que você leva, eu não posso... – falou. Então franziu a testa, e parecia que estava escolhendo as palavras com muito cuidado. – Como é que eu posso pensar em um futuro, se existe, todos os

dias, a possibilidade de você ser ferido ou morto, se a polícia pode aparecer e te levar preso? Não posso viver desse jeito. Eu te amo, amo mesmo, mas...

Era isso? Era esse o seu “mas”? Mas isso não era “mas” nenhum, não era nem um “m”... Se meu trabalho era a única coisa que a deixava com o pé atrás, estava fácil. Sem pensar duas vezes, segurei seu rosto com as duas mãos, me inclinei e grudei a boca na sua. Ellie gemeu, com os lábios grudados nos meus, retribuindo meu beijo na mesma hora, passando os braços pelo meu pescoço. Quando seus lábios se entreabriram, meu corpo inteiro se deliciou, e o beijo ficou mais intenso, fazendo minha alma pegar fogo. Eu precisava ficar mais perto dela, tão perto que derreteríamos e formaríamos uma coisa só, para nunca mais termos que nos separar. Desci as mãos pelas laterais do seu corpo, até a cintura, segurando firme, e a levantei com facilidade, sentando-a no meu colo. Seu peito apertou-se contra o meu, seu cheiro tomou conta de mim, e ela foi apertando o meu pescoço à medida que o beijo ficava mais forte, mudava e se transformava em algo mágico que nos consumia.

Eu me afastei quando nós dois ficamos ofegantes e repousei a testa na dela. Meu coração estava pulando no peito, comemorando, e ela se apertou mais contra mim, me olhando nos olhos com uma expressão de felicidade.

– Você não precisa se preocupar com o meu trabalho – prometi. Desci as mãos até sua bunda. O tecido do seu *short*, sedoso e sensual, fez minha excitação chegar a outro nível. – Vou parar com tudo. Vou parar com todas as merdas ilegais. Faço o que for preciso. Vou deixar tudo para trás, arrumar um emprego normal, ser um cara comum, como a gente sempre planejou. Só entrei nessa vida porque não tinha mais motivos para ser bom, ninguém por quem ser bom. Agora tenho.

Então mexi seus quadris, sua virilha roçou na minha de um jeito delicioso, que me deixou com água na boca. Ellie sempre teve a habilidade de me deixar de pau duro em um segundo.

– Você está falando sério? – ela perguntou, me olhando nos olhos. – Olha, eu sei que não estou sendo racional, que eu deveria te amar completamente e não me importar com o que você faz da vida, mas não posso amar uma coisa que, um dia, pode te tirar de mim outra vez. Não posso me permitir ficar com você de novo só para um dia receber a notícia de que você levou um tiro ou foi esfaqueado ou alguma outra coisa horrível que vai arrancar meu coração do peito. Não posso fazer isso.

Tive que sorrir depois dessa.

– Só preciso de você, mais nada. Isso tudo nunca significou nada para mim. Mesmo.

Ellie sacudiu a cabeça, era óbvio que não estava convencida, e ficou brincando com o cabelo da minha nuca, fazendo minha pele ficar arrepiada de tanto desejo.

– Mas não deve ser assim, tão fácil, tomar essa decisão. Estou pedindo para você abrir mão da sua vida por mim, Jamie.

– Não está, não. *Você* é a minha vida, garotinha. Todo o resto é só existir, não é vida.

Balancei a cabeça, passando os dedos de leve pelas suas costas, tão feliz que mal conseguia conter a euforia, porque aquela menina ainda me amava e queria me dar mais uma chance. Queria *nos* dar mais uma chance.

Ela ficou boquiaberta, em estado de choque, e seus olhos ficaram com um brilho intenso. Então soltou um gritinho e grudou os lábios nos meus, em um beijo quase desesperado. Meu corpo inteiro se deliciou, maravilhado ao sentir seu peso no meu colo, com a sensação de tê-la nos meus braços, com seu calor. Tudo isso junto incendiou meus sentidos e me deixou tão excitado que eu mal conseguia parar quieto.

Passei as mãos nas suas costas, no seu cabelo, a segurei perto de mim à medida que o beijo se intensificava e, dessa vez, se transformou em algo mais obscuro, desesperado, ávido.

O clima foi ficando mais quente, e Ellie rebolou em cima de mim, roçando seu corpo em lugares que já estavam alerta, implorando por atenção. Ela segurou meus cabelos, e me afastei da sua boca, dando vários

beijinhos no seu pescoço, mordiscando sua pele macia, sentindo seu cheiro.

– Eu te amo – murmurei, grudado no seu pescoço.

Ela ficou sem ar e levou a cabeça para trás, para eu conseguir beijá-la ainda mais.

– Eu também te amo – sussurrou.

Essas palavras... Eu achava que nunca mais iria ouvi-las na vida. Essas quatro palavras fizeram meu desejo pegar fogo. Passei as mãos pelo seu corpo, segurei seus peitos por cima da blusa e não consegui segurar um gemido de deleite. Tinha esquecido como era bom, como era incrível estar com ela, sentir seu gosto. Ellie mexeu os quadris, se esfregando na minha virilha por cima da minha calça *jeans*. Gemeu de prazer, e esse gemido foi meu fim. Eu queria mais, queria tudo. Estava prestes a perder o controle, consumido pelo desejo. Ela também devia estar sentindo a mesma coisa, porque sussurrou meu nome, descendo as mãos pelo meu peito, roçando os dedos no meu pau por cima da calça.

– Caralho, eu te quero tanto – gemi, baixando a cabeça e mordiscando seu ombro, pondo a mão por baixo da sua blusa e sentindo sua pele macia e quente.

Ellie começou a mexer no meu cinto com as mãos trêmulas de excitação.

– Então me pega – disse, se esfregando em mim.

Fiquei de pé, levantei meu corpo e coloquei sua bunda na beirada da mesa. Fiquei entre suas pernas, lhe dando um beijo que me deixou com dor nas bolas. Sem parar de beijá-la, tirei suas mãos de mim e abri meu zíper. Ellie ficou ofegante e passou as pernas pela minha cintura, me puxando para perto do seu corpo. Paramos de nos beijar, e seus olhos seguiram minha mão quando baixei a calça, libertando meu pau, que estava doendo de tão ereto.

Quando ela fechou a mão sobre meu membro, fechei os olhos e soltei um longo gemido.

– Caralho – sussurrei, me roçando na sua mão e lhe dando mais um beijo de tirar o fôlego.

Pus o *short* de Ellie para o lado e enfiei os dedos nas suas dobrinhas. Meu pau ficou ainda mais duro quando senti o quanto ela estava molhadinha, pronta para mim. Fiquei com água na boca só de pensar em me abaixar e sentir seu gosto, mas isso ia ter que esperar. Precisava ficar dentro dela, sentir seu corpo em volta do meu enquanto eu metia e mostrava que os três anos que ficamos separados não significavam nada, que eu a amava mais do que tudo e que éramos feitos um para o outro.

– Caralho, tão molhadinha... – Fiquei sem ar, pus dois dedos dentro dela devagar e fiquei olhando seu rosto se contorcer de prazer. – Ellie, preciso de você. Tenho que usar camisinha?

“Por favor, diz que não. Por favor, diz que não!”

Eu queria senti-la, todinha, sem nada que nos separasse.

Ellie foi logo sacudindo a cabeça.

– Implante – sussurrou, mexendo o braço para me mostrar uma pequena cicatriz na parte de dentro.

Dei um sorriso e tirei os dedos de dentro dela, segurei meu pau e coloquei-o perto da sua entrada.

– Tudo bem? – perguntei, só para me certificar de que era isso mesmo que ela queria.

Seus olhos brilhavam de impaciência.

– Você quer que eu implore, por acaso? – perguntou, dando risada e apertando as pernas contra mim, me puxando ainda mais para perto, se é que era possível.

Levantei a sobrancelha.

– Implorar ia ser divertido – provoqueei.

– Jamie! É sério, droga, só...

Sorrindo de orelha a orelha, meti enquanto Ellie ainda estava falando, e suas palavras morreram em seus lábios. Ela jogou a cabeça para trás e fechou os olhos, soltando o ar em um longo gemido. Cerrei os dentes com a sensação e gemi com o prazer de sentir as paredes da sua vagina me apertando. Tinha esquecido como era bom transar com ela.

Ellie enterrou os dedos na minha pele quando comecei a me mexer, primeiro devagar, mas depois perdi o controle. Fazia muito tempo que a gente não fazia isso. Ellie me olhou nos olhos e me beijou com avidez, seu corpo me levou a lugares que eu nem ousei imaginar nos últimos dois anos. Foi uma transa louca, rápida e intensa, nós dois buscando desesperadamente o clímax. Era só uma união dos nossos corpos, uma necessidade desesperada de ficar perto um do outro, para consolidar nosso relacionamento recém-reatado.

Ela foi para trás na mesa, mexendo os quadris no mesmo ritmo dos meus, acompanhando cada metida, porque nossa paixão tinha nos tornado um pouco animais. Quando gozou, Ellie arqueou as costas, levantando-as da mesa, arranhando a pele das minhas costas por cima da camiseta. Sua vagina apertadinha me fez chegar ao clímax logo em seguida.

Enquanto nós dois recuperávamos o fôlego, a apertei contra a mesa, cobrindo seu corpo com o meu, inspecionando cada centímetro do seu rosto vermelho. Meu amor por aquela menina era esmagador, sempre fora poderoso, mas parecia ter crescido ainda mais. Essa segunda chance que ela tinha me dado elevava o sentimento a outro nível. Não achei que era possível amá-la ainda mais. Seus olhos brilhavam de emoção, e ela tirou o cabelo da minha testa com um sorriso satisfeito nos lábios.

– Eu te amo – sussurrou, e a verdade transparecia nos seus olhos. Eu estava nas nuvens, ainda voando depois do orgasmo, e suas palavras me fizeram voar ainda mais alto.

– Te amo mais – falei. Baixei a cabeça e dei um beijinho de leve nos seus lábios. – Posso te levar lá para cima? – perguntei, passando o dedo na sua clavícula. – Quero aproveitar bem o tempo com você. Não consegui fazer tudo o que eu queria – murmurei.

Definitivamente, não tinha feito nem um décimo do que queria fazer com Ellie. Não tinha nem conseguido tirar sua roupa, de tão desesperado que estava, caramba!

Ellie balançou a cabeça e passou as mãos em volta do meu pescoço. Dei um sorriso de orelha a orelha, segurando-a enquanto ia para trás, levando seu corpo comigo porque não queria me separar dela. Ela soltou um gritinho, apertou os braços e as pernas em volta de mim, enquanto eu saía da cozinha em direção a escada.

Seus olhos brilhavam de excitação.

– Não podemos fazer barulho. Vovó e Kelsey estão dormindo.

Balancei a cabeça, para mostrar que havia entendido, subi a escada e entrei no seu quarto. Parei para trancar a porta, para não sermos perturbados – como nos velhos tempos. Não acendi a luz. As cortinas estavam abertas, havia uma claridade suave no quarto, então a levei até a cama e a coloquei sobre ela, já tendo outra ereção. Torci para conseguir demorar um pouco mais dessa vez.

Tirei a camiseta com um único movimento rápido, e Ellie ficou me olhando. Quando comecei a tirar a calça, ela acendeu o abajur. Uma luz suave tomou conta do ambiente, e eu congelei, meu corpo ficou todo tenso, e minhas antigas inseguranças voltaram com força total. Cerrei os dentes e olhei para o seu rosto, observando seus olhos percorrerem meu corpo devagar, vendo minhas cicatrizes de novo, depois de três anos. Senti um aperto no estômago, esperando para ver qual seria sua reação. Na verdade, fiquei apavorado – Ellie era a única pessoa que tinha o poder de me apavorar desse jeito. E se ela não me aceitasse como me aceitara, e se perdesse o tesão, e se mudasse de ideia? Como é que eu poderia aguentar?

– A luz precisa ficar acesa? – perguntei, engolindo a ansiedade.

Ellie inclinou a cabeça para o lado, a sobancelha levantada, com uma cara de interrogação. Mas aí as rugas desapareceram da sua testa, e sua expressão foi de compreensão. Então esboçou um sorriso triste, ficou de joelhos em cima da cama e segurou minha mão.

Ela me puxou para perto, me olhando nos olhos, e disse:

– Sim, a luz precisa ficar acesa.

Com a outra mão, tocou meu peito, e olhei para baixo. Ellie ficou passando a mão em mim devagar,

sentindo as elevações e bordas das minhas cicatrizes e machucados, que jamais sairiam da minha pele. Tremi todo, cerrando os dentes de nojo pelo meu próprio corpo.

– Por favor, não comece de novo. Já te falei, suas cicatrizes fazem parte de você. Você não tem nada do que se envergonhar – falou, baixinho. Então baixou a cabeça, cruzando o olhar com o meu. – Eu te amo, Jamie Cole. Amo cada parte do seu corpo, com cicatrizes e tudo.

Aí passou os dedos pela maior cicatriz de todas, que atravessava minha barriga e ia até o quadril, sem tirar os olhos dos meus.

– Com cicatrizes e tudo? – repeti, esfregando a nuca.

Ela passou a mão pelas minhas costas, segurou minha bunda e esfregou o corpo no meu. Os bicos durinhos dos seus seios roçaram no meu peito através da sua blusa.

– Com cicatrizes e tudo – confirmou, e pude ver a verdade estampada nos seus olhos.

E isso era exatamente o que eu precisava ouvir. Uma nova onda de amor tomou conta de mim, com força total, e grudei minha boca na sua, prometendo ir devagar, ser mais sensual, ao fazer amor com ela na sua cama desta vez.

Quando, finalmente, nos separamos, meu corpo estava brilhando de suor, e foi difícil recuperar o fôlego. Eu estava completamente saciado e tinha quase certeza de que Ellie também estava, porque ela caiu para o lado, com o cabelo todo bagunçado, os lábios inchados de tanto beijar, e as bochechas vermelhas, com um brilho pós-orgasmo.

– Ai, meu Deus. Estou exausta. Tinha esquecido de como você manda bem – murmurou, cobrindo os olhos com o braço, ofegante. – Quantas calorias transar queima mesmo?

Dei risada do seu comentário aleatório e rolei para o lado, esticando o braço sobre a sua barriga.

– Não sei. Por quê?

Ellie encolheu os ombros.

– Engordei um pouquinho nos últimos tempos. Se a gente continuar desse jeito, não vou nem precisar fazer dieta, posso perder esses sete quilos trepando.

Franzi a testa e me afastei um pouco, para ver se ela estava brincando, mas não tinha nada de graça na sua expressão.

– Quê? Você não precisa perder peso! Você é perfeita.

E, para demonstrar meu ponto de vista, baixei a cabeça e passei a língua bem devagar pelo seu corpo, começando pela garganta, descendo pelos seus peitos e indo até sua barriga, com uma paradinha para morder seu quadril. Para mim, Ellie era a mais absoluta perfeição, e não mudaria nada nela.

– Se você pensa assim, acho que o bolo de chocolate pode continuar na minha dieta – falou, dando uma risadinha e se fazendo de envergonhada, olhando para mim com um ar brincalhão.

Subi no seu corpo e fiquei do seu lado, com uma mão no seu cabelo e a outra deslizando pelas suas curvas, guardando cada uma delas na memória. Ellie sorriu para mim, com um brilho de adoração nos olhos que quase fez meu coração explodir.

– Amo tudo em você, garotinha. Nunca pense que você não é a coisa mais linda que meus olhos tiveram a sorte de conhecer – jurei. Depois lhe dei mais um beijo ardente.

O beijo foi tão bom e profundo, que meu corpo inteiro ficou tenso de excitação. Quando Ellie se afastou de mim, me deu um sorriso, com uma expressão de absoluto contentamento no rosto, e se aninhou no meu corpo.

– Dorme, garotinha. Você parece exausta.

Então a abracei, protegendo-a, e dei um suspiro de alívio por ela estar nos meus braços de novo.

Ellie fez biquinho, levando a cabeça para trás para poder olhar para mim.

– Não quero dormir.

Franzi a testa e acariciei seu rosto.

– Por quê?

Ela engoliu em seco e virou o rosto.

– Por que tenho medo de acordar de manhã e descobrir que você foi embora e que tudo isso não passou de um sonho.

Um sorriso se esboçou nos meus lábios.

– Você não precisa ter medo. É um plano a longo prazo.

Ellie sorriu com meu comentário tranquilizador, seus olhos se animaram, perdendo a expressão de medo.

– A longo prazo? Defina longo para mim – perguntou, levantando a sobrancelha.

Apertei os lábios, fingindo pensar.

– Pelo menos oitenta anos.

Ela chegou mais perto de mim e disse.

– Oitenta anos? Você acha que ainda vai querer ficar comigo quando eu estiver sem dentes, de cabelo branco e pisando nos meus próprios peitos no banho?

Na luz tênue do abajur, dava para ver que seus olhos brilhavam de alegria.

Concordei com a cabeça.

– Acho. Mas você acha que ainda vai querer ficar comigo quando eu for careca, tiver um barrigão de cerveja e pisar nos seus peitos no banho? – respondi, encostando a testa na dela. Então demos risada baixinho por alguns instantes.

Em segredo, fiquei torcendo para que as coisas acontecessem exatamente assim, com barrigão de cerveja, peitos caídos e tudo. Eu queria envelhecer ao lado de Ellie, era tudo o que eu queria da vida.

– Falando sério agora. Não vou a lugar nenhum. Sou da equipe Jellie para sempre – completei.

Ela deu risada e revirou os olhos.

– Equipe Jellie? Por acaso você acabou de inventar isso?

Ellie esticou a mão e passou os dedos pela cicatriz da minha sobrancelha, que ganhei na prisão.

– Não, inventei faz séculos. Só estava esperando o momento perfeito para usar.

Ela deu um sorriso malicioso e disse:

– Esse não era o momento, amor.

Revirei os olhos, dei um beijo na sua testa e já ia me preparar para dormir quando, de repente, lembrei que não tinha pedido para ninguém me render pela manhã. Soltei um gemido, me afastei de Ellie, sentei na cama e peguei minha calça *jeans*. Achei o celular e mandei uma mensagem rápida para Ed, falando que estava dentro da casa de Ellie, que era por isso que não tinha ninguém dentro do meu carro, e pedi para ele vir às nove da manhã.

Ellie rolou para o lado e ficou acariciando minhas costas.

– Para quem você está mandando mensagem? Para sua outra namorada, avisando que não vai para casa hoje? – provocou, mordendo meu quadril, me fazendo dar um pulo.

Virei para trás e sorri, depois enviei a mensagem e pus o celular na mesinha de cabeceira.

– Não, já te falei. Não tenho nenhuma outra namorada, juro. Estava falando com um cara da minha equipe, Ed. Pedi para ele vir para cá às nove e ficar de vigia amanhã de manhã. Preciso resolver umas coisas e não quero que você fique desprotegida.

– Achei que você tinha saído dessa – falou, enrugando a testa.

Balancei a cabeça e encostei no seu biquinho.

– Saí. Não faz bico – brinquei, tirando o dedo e lhe dando um beijinho. – Mas não posso simplesmente virar as costas e ir embora. Preciso me explicar para o pessoal, passar os negócios para alguém, passar o bastão, tudo isso. Mas larguei todos os negócios ilegais, juro para você. Não vou colocar nosso

relacionamento em risco agora que acabei de te reconquistar. Você é tudo para mim, Ellie.

Ela deu um suspiro de felicidade e balançou a cabeça, demonstrando que havia entendido. Dei um sorriso de orelha a orelha e me acomodei ao seu lado, apagando o abajur antes de abraçá-la. Ter Ellie nos meus braços, saber que ela me amava e que nós dois enfrentaríamos o mundo juntos era tudo o que eu queria desde que a conheci. E, naquele momento, parecia que todos os nossos planos para o futuro estavam, finalmente, começando a se tornar realidade. Peguei no sono aninhado no seu corpo, com um grande sorriso nos lábios.

CAPÍTULO

25

Ellie

Quando acordei na manhã seguinte, eu e Jamie éramos um emaranhado de braços e pernas, nossos corpos nus estavam tão intimamente colados que as lembranças da noite anterior me deixaram vermelha, com o rosto pegando fogo, e meu corpo fervendo por dentro de desejo. Foi lindo: carinhoso, sensual, ardente, tudo o que eu queria e mais, muito mais. Tinha esquecido como era bom transar com Jamie, o quanto ele era atencioso. A noite anterior fora uma prova de que, mesmo depois de tanto tempo, ele ainda tinha uma sintonia com meu corpo. Senti cada toque e cada beijo na alma. Não consegui largar dele e achei que jamais conseguiria.

Acordei com a cabeça em cima do seu braço, aninhada no seu pescoço, de frente para ele. Sorrindo, cheguei mais perto e dei um beijinho em seu pescoço. Um suspiro de contentamento escapou dos meus lábios, fechei os olhos e fiquei só aproveitando o fato de estar perto de Jamie de novo. Fazia tanto tempo que não acordava ao seu lado... E aquilo realizou todas as fantasias que eu tinha criado nos últimos três anos.

As palavras que ele dissera na noite anterior giravam na minha cabeça, e eu não consegui conter o sorriso.

“Equipe Jellie para sempre.”

Eu tinha debochado, falado que era bobo, mas, na verdade, adorei.

Jamie soltou um gemidinho ofegante, passou a mão nas minhas costas e parou na minha bunda. Seu toque deixou uma trilha ardente na minha pele, que chegou até meus dedos dos pés. O desejo que se avolumou dentro de mim foi tão intenso que tive que apertar as coxas para aliviar um pouco a tensão. Eu lembrava muito bem dessa sensação: Jamie sempre me deixou assim, louca e desesperada. Fiquei feliz de ver que, três anos depois, o cara ainda me causava o mesmo efeito. Cheguei mais perto, e ele tensionou os braços, passou a mão na minha coxa e segurou atrás do meu joelho, puxando de leve, para minha perna ficar por cima do seu quadril. Fiquei sem ar, porque a posição fazia partes do meu corpo que já estavam deliciosamente doloridas da noite anterior se roçarem nas dele.

– Quando você se remexe assim, em cima de mim, traz boas lembranças – ele murmurou, esboçando um sorriso sonolento.

Dei um sorriso e me remexi um pouco mais, desfrutando o modo como seus olhos se fecharam, de prazer.

– Ah, é? Que tipo de lembrança? – provoquei, dando um beijinho nos seus lábios.

– Do tipo ardente e suado – ele respondeu, sorrindo e rolando na cama, ficando com a parte superior do corpo em cima de mim, acariciando meu rosto e meu pescoço, descendo as mãos pelo meu peito e acompanhando o movimento com os olhos. Então soltou um suspiro profundo e me deu um beijinho no ombro. – Queria ficar aqui na cama com você o dia inteiro – murmurou, com os lábios colados na minha pele.

– Eu também – falei, segurando seu rosto com as duas mãos, obrigando-o a olhar para mim. – Mas você não pode. Preciso me arrumar e ir visitar minha mãe – expliquei. Olhei para o despertador na mesinha de

cabeceira e vi que já eram mais de nove e meia. Eu precisava mexer logo a minha bunda e tomar banho, senão não ia sobrar muito tempo do horário de visitas da manhã. – Você não falou que o seu amigo vinha para cá às nove, para te substituir como babá? Já passa das nove e meia.

Jamie gemeu, levantou as sobrancelhas e sentou na cama. Na mesma hora, senti sua falta, meu corpo ficou ansiando pelo seu toque.

– Falei, ele já deve estar lá fora.

Ele pegou o celular, que estava na mesinha de cabeceira, mandou uma mensagem rápida e olhou para mim.

Um sorriso se esboçou no seu rosto enquanto ele se inclinou novamente sobre mim.

– Muito obrigado por nos dar mais uma chance. Prometo que não vou te decepcionar. Vou te fazer tão feliz que você vai cagar arco-íris pelo resto da vida.

Caí na gargalhada, sacudindo a cabeça com o absurdo do seu comentário. Mas, quando Jamie grudou a boca na minha, engolindo minha risada e me deixando sem ar, pude sentir a verdade das suas palavras. Eu poderia até não cagar arco-íris, mas com certeza aquele cara ia me fazer feliz pelo resto da vida. Jamie me beijou até minha cabeça ficar girando, então se afastou.

– Eu te amo tanto, tanto, tanto – sussurrou, com os lábios encostados nos meus.

– Eu também te amo.

Dizer essas palavras era algo natural e sincero. Parecia algo tão certo a fazer que meu coração ficou palpitando. Mas, de algum modo, parecia que uma única palavra, “amor”, não chegava nem perto de descrever o que eu sentia por aquele homem.

Quando nós dois nos vestimos, dei uma espiada pela porta, rindo sozinha, porque era igualzinho aos velhos tempos, quando Jamie tinha que sair escondido do meu quarto. Ele ficou atrás de mim, bem perto, enquanto descíamos a escada e íamos até a porta sem fazer barulho. Jamie pegou o casaco e calçou os sapatos, e eu entreabri a porta, só o suficiente para ele conseguir passar. Tinha um carro parado atrás do dele, com um cara de meia-idade atrás do volante, nos observando com um cigarro na boca. Jamie o cumprimentou com a cabeça e se virou para mim. Então passou os braços pela minha cintura e me deu um último beijo antes de ir para o seu carro.

Soltei um suspiro, com um ar sonhador, e fiquei encostada no batente, com os dedos nos lábios, vendo Jamie ir embora. Nunca imaginei que podia ser feliz desse jeito de novo, não depois de ter passado os últimos três anos tão para baixo. Engraçado como uma pessoa pode aparecer na sua vida e virar tudo de cabeça para baixo.

Quando estava quase chegando ao carro, Jamie se virou.

– Ei, quer almoçar ou algo assim depois de sair do hospital? – perguntou, andando de costas.

Balancei a cabeça bem rápido.

– Claro.

– Eu te ligo – respondeu.

Dei um tchauzinho e fechei a porta, e Jamie foi falar com Ed. Quando me virei, dei de cara com Kelsey, que estava parada na escada, de braços cruzados, a sobrancelha levantada e um olhar sugestivo.

Dei um pulo e soltei um gritinho de susto. Achei que a gente tinha sido incrivelmente cauteloso. Mas, pelo jeito, não.

– Bom dia – falei, torcendo para minha irmã ter acabado de chegar e não ter visto nada.

– Foi o Jamie que eu acabei de ver saindo de fininho do seu quarto?

“Ah, que merda.”

– Ähn... foi – respondi, porque não queria mentir. – A gente voltou.

Minha irmã franziu a testa, olhou para o chão e fiquei imaginando o quanto ela sabia ou tinha ouvido falar sobre nosso rompimento. Kelsey só tinha 10 anos na época, mas entendia e ouvia muito mais do que deixava

transparecer. – Ele me faz tão feliz, Kels. Eu amo Jamie, sempre amei.

Ela apertou os lábios, pensativa, depois balançou a cabeça e disse:

– Ele é o seu *zing*.

Levantei a sobrancelha, confusa.

– Meu *zing*?

Kelsey balançou a cabeça, sorrindo.

– É. Você não viu o filme *Hotel Transilvânia*?

Sorri, porque tinha entendido tudo. Vira esse filme com os filhos de Toby, que tinham o DVD. Eles chamavam de *zing* quando alguém encontrava seu par perfeito, sua alma gêmea. De acordo com o filme, a gente só tem um *zing* na vida.

– Ele é *mesmo* meu *zing* – confirmei, balançando a cabeça.

Kelsey fez a mesma coisa.

– Fico feliz por você, se ele te deixa feliz.

– Deixa, sim – jurei, apesar de “feliz” não ser bem a palavra. “Completa” era mais adequado. Cheguei perto da minha irmã e passei o braço pelo seu ombro, fazendo sinal com a cabeça para a cozinha, de onde vinha um aroma enlouquecedor de *bacon*.

– Bom, vamos comer e visitar a mamãe, sim?

Quando chegamos ao hospital, mamãe já estava acordada, sentada em uma cadeira de rodas ao lado da cama, olhando com uma expressão vazia pela janela, que dava para a parede de tijolos do prédio ao lado. Senti um aperto no coração ao vê-la tão quieta, perdida em seus pensamentos. Ela nem percebera ou olhara para nós quando entramos no quarto.

– Mãe? – disse Kelsey, chegando perto dela e se abaixando do seu lado.

– Oi – falou, seca, virando o rosto, olhando para cada uma de nós e se ajeitando na cadeira, com a perna quebrada esticada sobre o apoio.

Parecia tão diferente da mulher com quem eu tivera uma conversa franca há apenas dois dias. Tão perdida e triste que até doía só de olhar. O médico havia dito que mamãe teria dias melhores e piores, mas eu não esperava vê-la se transformar de mulher amorosa e sincera para aquele vazio meio grogue em questão de dias.

– Bom dia, Ruth. Está com fome? – vovó perguntou, remexendo na sacola e tirando as embalagens de comida que havia preparado. Tirou a tampa de uma delas e estendeu para mamãe, oferecendo um dos pãezinhos de canela recém-assados. – Sei que a comida do hospital não é lá grandes coisas, então fiz umas coisinhas de que você gosta – disse, dando um sorriso terno para a nora.

– Obrigada, Betty.

Mamãe pegou um dos pãezinhos, com os olhos ainda vidrados e vagos. Esboçou um sorriso, que não foi sincero. Parecia que ela estava tentando se fazer de forte, fingir que estava bem, mas qualquer um podia perceber que não era verdade. Seus olhos não brilhavam mais, estavam sem vida. E eu não fazia ideia de como ajudá-la.

Enquanto minha mãe partia o pãozinho em pequenos pedaços e os colocava em cima de um guardanapo que vovó havia lhe dado, a porta do quarto se abriu, e o médico entrou. Ele deu um sorriso e chegou perto dela, pegando seu prontuário.

– Bom dia, Ruth. Como você está se sentindo hoje? – perguntou.

– Bem – ela respondeu, com um tom seco.

O médico não se afetou com a resposta fria. Pegou sua lanterninha em forma de caneta e checkou a dilatação das suas pupilas, pedindo para mamãe seguir a luz com o olhar. Depois mediu sua pressão, verificou o ferimento na sua cabeça e contou que minha mãe estava se recuperando muito bem.

Ele tinha razão: minha mãe ficava mais forte a cada dia que passava. Todos os machucados haviam sarado, só faltavam os ossos quebrados e o dano emocional causados pelo acidente. Balancei a cabeça e fiquei observando o médico tomar notas no prontuário.

Então ele se virou para mim e sorriu.

– Estava conversando com a sua mãe hoje de manhã e acho que ela poderá ter alta amanhã ou, no máximo, um dia depois de vocês prepararem a casa para a circulação da cadeira de rodas – disse, pendurando o prontuário ao pé da cama e se virando para minha mãe. – Tenho certeza de que você deve estar louca para voltar para casa e dormir na sua própria cama, não é, Ruth? – perguntou, com um tom carinhoso. Depois piscou para ela e se virou para a porta.

Fiquei olhando o médico sair do quarto, com o coração feliz, porque minha mãe voltaria para casa logo, e eu poderia cuidar direito dela, não a deixar mais ali, sozinha.

– Que ótima notícia – falei, virando e sorrindo para minha mãe, esperando que ela ficasse feliz também. Mas, quando a vi, fiquei de olhos arregalados, surpresa.

Ela estava sacudindo a cabeça com veemência, com os punhos cerrados, e grossas lágrimas escorriam pelo seu rosto.

Soltei um suspiro de surpresa, corri para perto dela e ajoelhei do seu lado.

– Ei, o que foi? – perguntei, secando suas lágrimas com a minha mão.

– Eu não quero – murmurou, sem parar de sacudir a cabeça. – Não quero! – repetiu, levantando a voz, em tom de pânico.

Engoli em seco, confusa, pus as mãos nas suas pernas e dei um aperto para confortá-la e tentar tirá-la daquele surto.

– A senhora não quer o quê?

Mamãe arregalou os olhos, olhando fixamente para mim, as feições retorcidas de angústia.

– Casa. Não quero ir para casa.

Franzi a testa, olhei para vovó, em busca de ajuda ou de alguma explicação para aquele ataque, mas ela parecia tão perdida quanto eu.

– Por que não? – perguntei, inclinando a cabeça para o lado e olhando para minha mãe, preocupada.

– É coisa demais, lembranças demais. Michael.. – e então chorou ainda mais, desesperada, segurou minhas mãos, apertando com força, fazendo olhos de súplica. – Não posso. Não posso ir para lá. Não quero! Por favor, Ellison.

Sua explicação me atropelou como um caminhão desgovernado. Senti um aperto no coração, entendendo seus sentimentos. Mamãe não queria voltar para a nossa casa, onde estavam todas as coisas do meu pai, suas roupas, seus pertences. As lembranças relacionadas a ele seriam fortes demais para que pudesse lidar com elas, no seu estado de fragilidade. Minha mãe até poderia estar se recuperando bem fisicamente, mas ainda estava muito machucada no que dizia respeito ao emocional.

– Tudo bem. Tudo bem, mãe – falei, tentando confortá-la. Me levantei do chão e a abracei, sentindo que seu corpo tremia de tanto soluçar. – Ninguém vai obrigar a senhora a ir para casa se ainda não se sente bem para isso, ok? – sussurrei, passando a mão no seu cabelo, como ela costumava fazer comigo, quando eu estava doente.

– Não quero voltar para lá. Como posso morar lá sem ele? Não posso – falou, soluçando no meu ombro.

Olhei para vovó, desesperada, tentando pensar no que poderíamos fazer. Mamãe não podia ficar no hospital se os médicos lhe dessem alta, deviam precisar do leito para acomodar outra pessoa. Mas eu não podia obrigá-la a voltar para casa se ela não estava preparada para enfrentar isso.

Vovó se aproximou, com os olhos cheios de lágrimas, e pôs a mão sobre o ombro da minha mãe.

– Você não precisa voltar para casa – falou, confiante. – Pode ficar comigo o tempo que quiser. Tem lugar

para todo mundo. Fico lá naquela casa enorme sozinha, vai ser ótimo ter companhia.

Mamãe virou para vovó de olhos arregalados, os lábios tremendo.

– Sério? – perguntou.

Minha avó se abaixou e deu um beijinho na sua testa.

– Claro. Vou adorar te receber. Você não precisa voltar para casa nunca mais, se não quiser.

Mamãe se encolheu, aliviada, e deu uma batidinha na mão de vovó, que ainda segurava seu ombro. A gratidão ficou visível nos seus olhos, que também ficaram um pouco mais vivos. Talvez fosse a perspectiva de voltar para a casa que a estivesse deixando tão preocupada e deprimida.

Depois da sugestão de vovó, o clima do quarto mudou, ficou menos sufocante, e todo mundo ficou mais relaxado, incluindo minha mãe, que ficou segurando a mão de Kelsey, ouvindo ela falar de um trabalho de ciências que estava fazendo para o colégio.

Ficar em Mount Pocono com vovó ia dar um trabalhinho, porque Jamie estaria a uma hora e meia de distância, mas eu tinha certeza de que a gente ia dar um jeito. Eu não o perderia de novo por causa de uma bobagem dessas, ter que viajar, por um tempo, para que pudéssemos nos encontrar. Afinal de contas, não era do outro lado do mundo.

Quando o horário de visitas terminou, nos despedimos, e percebi que mamãe parecia bem melhor do que nos últimos dois dias.

– Vamos almoçar? – vovó sugeriu, quando entramos no carro.

Fiquei constrangida, porque já tinha combinado de almoçar com Jamie.

– Ahn, não posso. Combinei de encontrar um amigo – falei, olhando feio para Kelsey, que sorriu de orelha a orelha quando eu disse “amigo”.

– Ah, de repente nós podemos ir, Kels – vovó sugeriu, virando para o banco de trás para ver a neta, que colocava o cinto de segurança.

– Claro, seria demais – respondeu. – A gente podia ir naquele chinês e depois tomar um sorvete?

– Combinado – vovó concordou.

Meu estômago roncou só de pensar em *yakisoba*, e imaginei o que Jamie ia sugerir para o nosso almoço. Então tive uma ideia: eu poderia sugerir pegarmos algo e comer na cama dele! Um suspiro de desejo escapou dos meus lábios só de pensar. Dei partida no motor e saí do estacionamento. Um pouco mais para trás, Ed fez a mesma coisa, e me seguiu com cara de tédio.

Deixei minha avó e minha irmã no restaurante e fui para casa. Como Jamie ainda não tinha ligado, eu não sabia a que horas íamos nos encontrar. Resolvi que, quando chegasse em casa, mandaria uma mensagem dizendo que estava com fome. Talvez mandasse uma foto safada, tirada por baixo da blusa e, quem sabe, usasse uns saltos matadores para encontrá-lo. Será que ele ainda tinha aquele fetiche por sapatos? Fiquei com as bochechas vermelhas só de pensar e ri sozinha.

Parei em um sinal vermelho, liguei o rádio e comecei a cantar a música de Sia que estava tocando, aquela, sobre o coração elástico. Fiquei balançando a cabeça no ritmo e, quando o sinal ficou verde, engatei a marcha e fui em frente, fazendo sinal para entrar à esquerda.

Se eu estivesse prestando atenção, teria notado uma *van* branca que veio correndo na minha direção naquele cruzamento deserto. Teria visto o motorista furar o sinal. Teria visto o cara virar a direção sutilmente para bater no lado do meu fusquinha. Mas eu não estava prestando atenção. Estava distraída cantando, pensando em Jamie, em comida e em minha mãe.

Tudo aconteceu tão depressa que eu nem tive tempo de reagir ou de temer pela minha vida. A *van* bateu do lado do passageiro do meu carro com tanta força que todo o ar saiu dos meus pulmões de uma só vez, e meus dentes rangeram. Ouvi o som de metal batendo em metal, dos pneus cantando na rua, de cascalho voando.

Meu para-brisa se espatifou com a força do impacto, espalhando cacos de vidro pelo meu rosto e pelo meu corpo. Bati com a cabeça na porta do carro, e minha visão ficou borrada.

A dor tomou conta do meu corpo inteiro de uma só vez. O cinto de segurança travou, cumprindo sua função, mas forçando ainda mais meus pulmões. Eu me agarrei ao volante, porque a força da colisão arrastou meu carro diversos metros para o lado. Meu cérebro não funcionava.

Tive uma sensação de leveza. Tudo o que estava no chão do carro, de repente, foi parar no teto, depois no chão, no teto de novo, porque o carro capotou diversas vezes. O barulho era o pior: os arranhões, as pancadas e os estilhaços me fizeram ranger os dentes, deixaram meus ouvidos zunindo.

Quando o carro finalmente parou, eu estava em uma vala do lado da rua, e tudo estava de cabeça para baixo. Meus braços estavam pendurados, tocando o teto, que estava onde o chão deveria estar.

Pisquei algumas vezes, virei a cabeça e vi as coisas que estavam dentro da minha bolsa espalhadas pelo teto do carro, misturadas com cacos de vidro e pedaços do meu amado fusquinha. Gemi de dor, a pressão no meu peito e na minha cintura era imensa. Eu mal conseguia respirar. Parecia que meus pulmões estavam sendo esmagados pelo cinto de segurança que me mantinha presa no banco, de cabeça para baixo.

Escorria sangue na lateral do meu rosto, fazendo cócegas por onde passava, pingando e fazendo *plóp, plóp, plóp* no teto do carro, embaixo de mim.

Gemi e tentei levantar os braços, mas eles pareciam pesados e sem coordenação. Fiquei me sacudindo, toda desajeitada, tentando alcançar o cinto de segurança para me libertar. Quem sabe, assim, conseguiria respirar. Só que meus dedos cutucavam a fivela sem sucesso.

Senti um acre cheiro de gasolina, que queimava minha garganta à medida que eu ofegava, tentando encher os pulmões de ar.

“Preciso sair daqui!”

– Socorro – balbuciei, piscando os olhos, porque tudo ficou cinza de repente, voltando ao foco em seguida. Tentei mexer as pernas, que me obedeceram, mas percebi que o painel esmagava meus joelhos, o que dificultaria minha tentativa de sair dali, mesmo que eu conseguisse soltar o cinto. – Socorro – tentei, de novo, quase sussurando.

Virei a cabeça, ignorando a pontada aguda que senti no pescoço, e pude ver um par de pés se aproximando do carro. Não estavam correndo, só caminhando na minha direção, usando botas pretas pesadas e gastas. Pisquei de novo. Minhas pálpebras ficavam mais pesadas cada vez que eu fechava os olhos. Pude ouvir alguém arranhando a porta do lado do motorista, o farfalhar de algo sendo aberto à força. Lambi os lábios e senti um gosto de sangue. Eu estava prestes a desmaiar, podia sentir. Quando a porta finalmente se abriu, um homem se inclinou para dentro do carro, jogando o pé de cabra que segurava no chão, então pôs o braço para trás e tirou uma faca grande e prateada das costas. Ele começou a cortar o cinto de segurança, e abri a boca para lhe dizer “obrigada”, mas nada saiu. A última coisa que vi antes de desmaiar foi uma grande tatuagem de aranha no pescoço do homem que me salvou.

CAPÍTULO

26

Jamie

Quando a porta da casa de Ellie se fechou, soquei o ar, triunfante. Nunca imaginei que ela me aceitaria de volta. Nunca achei que merecia a primeira chance, muito menos a segunda, que ela acabara de me dar. Não esperava acordar ao lado do seu corpo maravilhoso e do seu lindo sorriso naquela manhã. Eu estava nas nuvens, e assim fui até o sedã e comecei a falar com Ed.

– E aí, parceiro? – perguntei, com um sorriso de orelha a orelha.

Ele levantou a sobrancelha, com um ar de interrogação.

– Você está bêbado?

Dei risada e passei a mão no cabelo.

– Não, só levantei com o pé direito hoje – “com o pé direito de alguém, mais especificamente”. – Preciso ir nessa. Volto depois do almoço para te render.

O cara balançou a cabeça, olhando para a casa de Ellie.

– É, deu para ouvir.

– Te ligo depois – falei, já indo para meu carro, sem esperar por sua resposta. Sentei no banco e dei partida sem conseguir controlar meu sorriso convencido. Antes de sair dali, mandei uma mensagem rápida para Ray e Raposa, pedindo que me encontrassem no galpão assim que possível. Eu não estava nem um pouco a fim de contar para eles que ia abandonar o barco, mas os dois eram meus grandes amigos, tinha esperança de que me entendessem.

Quando cheguei ao galpão, já eram mais de dez horas, e não havia ninguém. Abri a porta, liguei as luzes e um aquecedor, porque o lugar estava um gelo, e resolvi passar o tempo mexendo no meu carro. Estava pilhado demais para fazer outra coisa e não podia pedir para darem início à papelada de transferência sem antes falar com os caras. Sabia que eles ainda iam demorar. Ray respondera dizendo que estava no treino de futebol da filha mais velha, só ia chegar depois das onze. Raposa ia aparecer ainda mais tarde. Não tinha respondido minha mensagem, mas o cara era notívago e dormia até tarde. Só começava o dia depois do almoço.

Então foi assim que passei as duas horas seguintes: enfronhado no meu Subaru, dando uma turbinada nele. Não que fizesse alguma diferença. Eu não ia mais participar de rachas. Havia prometido para Ellie que largaria essa vida, e isso significava abrir mão de todos os seus elementos. Agora que ela tinha voltado para mim, eu não precisava mais arriscar minha vida correndo quando preferia ficar enroscado nela, vendo filme. Isso era mais forte do que tudo, até do que a adrenalina que os carros velozes e os roubos me faziam sentir. Eu só precisava de Ellie.

Ray chegou primeiro, tagarelando sobre a filha, dizendo que ela mandava bem na canhota e tinha um talento

natural para o futebol. Raposa chegou alguns minutos depois, esfregando os olhos e bocejando, apesar de serem mais de onze e meia.

– Bom dia – cumprimentei, todo animado.

Raposa só soltou um grunhido e foi direto até a cafeteira. Passou um café e se serviu de uma caneca bem grande. Então se virou para mim, espremendo os olhos e falou:

– Espero que seja importante. Deixei uma bailarina sozinha na minha cama. As pernas mais flexíveis que já vi na vida.

Dei um sorriso, limpei as mãos em um pano e fiz sinal com a cabeça na direção da escada.

– Vamos lá para cima. Preciso conversar com vocês.

Chegando à minha sala, sentei no sofá de couro preto e fiquei esperando os dois se sentarem também. Quando abri a boca, Raposa me interrompeu:

– Sei que você vai me pedir notícias, mas não tem muita coisa para contar. Não aconteceu nada desde ontem à noite. Lewiston disse que Alberto não vai ser solto tão cedo.

Infelizmente, para ele, felizmente, para mim, Alberto estava no laboratório de cocaína dos Salazar na quinta-feira, quando o detetive Lewiston e dez dos seus homens de confiança deram batidas simultâneas em pontos dos irmãos Salazar. Tinham prendido quase todos os seus homens e apreendido todas as suas drogas. Tinham evidências para mantê-los em cana por muito tempo. O mais velho dos irmãos Salazar passaria a maior parte da vida na cadeia, pelo que eu tinha ouvido falar. Mas ainda restava o problema do irmão caçula, e eu queria o seu coração em uma bandeja de prata.

– Nada de Mateo?

A gente estava com todos os nossos informantes na rua, gente procurando pelo cara em todos os cantos, mas ninguém o via nem ouvia falar dele desde quinta-feira, quando eu conversara com ele pelo telefone e dissera para o cara fugir.

Raposa sacudiu a cabeça, tomou mais um gole de café e respondeu:

– Nada. Ele sumiu.

Fiz careta, irritado.

– Continuem procurando. Preciso ter certeza de que Ellie não corre perigo.

Raposa foi para a frente, pôs a caneca em cima da mesa e olhou para mim.

– Ela não corre perigo. Mateo não ia se arriscar a voltar agora. O cara perdeu tudo, o irmão está na cadeia, e a gente sabe muito bem que Alberto é que era o cérebro da organização. O pessoal do Mateo foi quase todo em cana, ele perdeu tudo. O que o cara teria a ganhar voltando para cá? Sabe que você está atrás dele, não vai ser imbecil a ponto de tentar fazer alguma coisa contra Ellie de novo. Não teria coragem.

Olhei feio para a mesa e fiquei observando o vapor subir da caneca. Raposa achava que tinha razão, e talvez tivesse. Mas, lá no fundo, eu não conseguia perder o medo de que Mateo estivesse só enrolando. A gente tinha que se preocupar com os caras que não tinham nada a perder, porque eles é que eram os mais perigosos. Eu nunca ia conseguir ficar tranquilo enquanto não tivesse cem por cento de certeza de que Ellie não corria perigo, ou seja, eu tinha que achar aquele filho da puta e matar o cara.

– Só continua procurando – orientei. – Sei que posso estar sendo meio superprotetor, mas quero alguém de olho em Ellie até Mateo ser encontrado.

Ray foi logo balançando a cabeça, com um olhar compreensivo. Ele sabia melhor do que ninguém o quanto eu amava aquela mulher; tinha visto eu mover montanhas depois de ser preso, e foi uma pessoa da sua família que mandei viajar, com todas as despesas pagas, para animar minha garotinha. Também fora Ray que encontrara o detetive particular que me mantinha informado a respeito de Ellie enquanto ela morava na Inglaterra com Toby. O cara sabia que ela era tudo para mim. Talvez estivesse se colocando no meu lugar, pensando em como se sentiria se sua esposa estivesse em perigo. Raposa não entendia direito, porque nunca

teve uma namorada séria, só um casinho ou outro que largava de mão quando perdia o interesse.

Raposa bocejou alto, cobrindo a boca com a mão.

– Foi por isso que você me acordou? Passei a noite acordado, só vi sua mensagem por acaso, porque levantei para mijar. Senão, a uma hora dessas, ainda estaria na cama com a bailarina – resmungou.

Sacudi a cabeça, me acomodei no sofá e torci para os dois não ficarem muito putos comigo.

– Não, não foi por isso. Queria contar primeiro para vocês... Eu e a Ellie voltamos ontem à noite – falei, dando um sorriso de orgulho, sentindo um aperto no peito.

Ray ficou boquiaberto e aí deu um sorriso de orelha a orelha. Raposa deu um soquinho no ar e estendeu a mão para eu fazer um “toca aqui”.

– Que demais, mano. Isso quer dizer que você vai parar de andar por aí com cara de bunda?

Dei risada e encolhi os ombros. Fiz um “toca aqui” com Raposa depois apertei a mão de Ray, em um gesto muito maduro. Seus olhos brilhavam de alegria, e ele sorriu para mim.

– Estou tão feliz por você, Pirralho. Você merece coisas boas, e sei o quanto gosta dela e o quanto ficou arrasado quando vocês terminaram.

Senti uma pontada de arrependimento no estômago. Eu deveria ter sido sincero com Ellie desde o começo. As coisas teriam sido muito diferentes, e nós não teríamos desperdiçado os últimos dois anos tentando fingir que estávamos felizes.

– Valeu, parceiros. Eu não podia estar mais feliz. Mas isso significa que vou ter que fazer algumas mudanças – anunciei. Os dois olharam para mim com cara de expectativa. – Vou sair da organização.

Raposa caiu na gargalhada, sacudindo a cabeça, incrédulo.

– Essa foi boa.

Mas Ray espremeu os olhos e se acomodou no sofá, com uma postura rígida. Ele havia entendido. Eu fiquei em silêncio, esperando cair a ficha de Raposa de que eu estava falando sério. Devagar, ele foi parando de rir, olhou para mim, depois para o Ray e então para mim de novo.

– Ah, merda. Não foi uma piada? – perguntou, franzindo a testa.

Sacudi a cabeça.

– Não, lamento – falei. Limpei a garganta e olhei para os dois como quem pede desculpas. – Quero passar minha vida com ela, o que significa deixar tudo isso para trás – completei, abanando a mão pelo escritório, para dar um exemplo.

– Você vai parar de roubar carros também? – Ray perguntou.

– Vou parar com tudo. Ellie merece que eu seja o cara que pensa que eu sou, o cara que eu era quando ficamos juntos pela primeira vez. E eu também quero isso – expliquei. – Vou pedir para os advogados providenciarem a papelada dos contratos das empresas de transporte e de segurança transferidos para vocês dois, divididos igualmente. Vou vender uma das boates do centro para conseguir um capital e vou ficar com o Rubro, porque, vocês sabem, é uma homenagem a ela. Fora isso, vocês podem ficar com as outras boates também. Podem fazer o que quiserem com os negócios: vender, falir, o que quiserem.

Era meu presente de despedida, um empreendimento multimilionário que eu havia herdado e que estava entregando em boas mãos.

Raposa levantou a mão.

– Espera aí, espera aí. Por que você está dando tudo para a gente? Podia vender, comprar um iate gigante e ficar velejando pelo mundo com a sua namorada. Não entendi.

Encolhi os ombros. Cheguei a pensar nisso, mas não precisava daquilo tudo e tinha quase certeza de que Ellie não se sentiria à vontade de usar o dinheiro sabendo de onde ele vinha. Eu ia vender uma das boates, com certeza. A mãe de Ellie teria um monte de despesas médicas, e eu queria ter condições de pagá-las, para aliviar o estresse da família. Continuaría dono do Rubro, porque tinha valor sentimental para mim – e, é claro, porque

eu ia precisar de uma fonte de renda. Mas não precisava do estilo de vida luxuoso que eu tinha no momento.

Eu só precisava de Ellie.

Nós dois merecíamos recomeçar do zero. Nunca teríamos um grande futuro se continuássemos nos alimentando do passado.

– Só quero recomeçar, nos meus próprios termos – expliquei.

Raposa apertou os lábios, pensando no que eu disse, mas Ray entendeu. Balançou a cabeça e soltou um suspiro profundo.

– Então você está falando sério mesmo? O que vai fazer da sua vida? – indagou.

Encolhi os ombros e senti que tirei deles um enorme peso de responsabilidade. Eu podia fazer o que quisesse.

– Não sei direito. Talvez abra minha oficina. Conserte carros em vez de roubá-los, para variar. Quando era novo, eu queria ser mecânico.

As possibilidades eram infinitas, e eu tinha a vida toda para descobri-las, com Ellie ao meu lado. Para começar, nunca quis entrar naquela vida, mas aquela era a minha oportunidade de sair, e eu iria agarrá-la com unhas e dentes.

– Mas você não vai sentir falta? Da emoção, do barato? – Raposa perguntou, com um tom cético.

Sacudi a cabeça, dando um sorriso imbecil.

– Não vou ter tempo de sentir falta. Vou estar ocupando idolatrando Ellie.

“Começando por essa tarde!”

Raposa esboçou um sorriso e disse:

– Você está tão encolirado...

Encolhi os ombros, sem a menor vergonha.

– Quando a gente encontra a pessoa certa, tudo faz sentido – falei, sorrindo para Ray, que balançou a cabeça, concordando comigo. O cara tinha encontrado a pessoa certa há muito tempo. – Ellie é tudo para mim. É uma aventura completamente nova, e eu mal posso esperar – completei. – Então vocês dois precisam decidir qual vai ser o futuro da organização. Agora é com vocês.

Eu me acomodei no sofá e entrelacei os dedos atrás da cabeça, completamente à vontade, enquanto os dois se olhavam e começavam a fazer planos.

Duas canecas de café depois, os dois ainda estavam confabulando, e o número de Ellie apareceu na tela do meu celular.

– E aí, garotinha?

Ouvi um som abafado, e então ela falou:

– Jamie?

Sua voz parecia estranha, o jeito com que disse meu nome, quase como uma súplica, me fez endireitar as costas. Ouvi ela gritar de dor, e meu corpo inteiro ficou gelado.

– Me ajuda – implorou.

Essas duas palavras foram uma facada no meu coração. Meu estômago se revirou.

– Ellie? – falei, quase sussurrando, e então ouvi outra voz na linha, uma voz que eu conhecia, um sotaque espanhol que me fez cerrar os dentes e ferver de raiva.

– Se você quer essa menina, vem buscar. Estou nas docas, do lado de onde eu *tinha* uma porra de um negócio de sucesso antes de você foder com tudo. Você tem exatamente meia hora antes de eu cortar a garganta dela e a deixar sangrando até morrer – Mateo Salazar instruiu.

Meu corpo corcoveou. Segurei o telefone com tanta força que quase o esmaguei. Meu cérebro girava. As docas. Eu sabia de que lugar ele estava falando, e ficava a pelo menos quarenta minutos de carro.

– Vou demorar um pouco mais para chegar!

– É melhor você acelerar, então, figurão – disparou. – Vem sozinho. Se eu vir qualquer outra pessoa que não você, ela morre. Se você se atrasar um minutinho que seja, ela morre. Se você contar para alguém, ela morre.

CAPÍTULO

27

Jamie

Estacionei nas docas 27 minutos depois, segurando com força o volante da minha BMW. Só Deus sabe como consegui chegar a tempo. Só sabia que faria qualquer coisa. Não podia deixar que machucassem Ellie.

Manter a calma foi muito difícil. Dentro de mim havia uma guerra, e eu estava me segurando para não perder o controle. Desliguei o motor, respirei fundo algumas vezes, na tentativa de disperçar a nuvem de raiva que tinha tomado conta de mim no instante em que ouvi a voz de Ellie abafada no telefone. Precisava estar com a cabeça no lugar. Precisava pensar, não apenas estar tão furioso a ponto de entrar lá com tudo, destruir a porra do lugar e matar qualquer coisa que se mexesse.

Quando senti que tinha alcançado o máximo de controle possível das minhas emoções, peguei minhas armas, que estavam embaixo do banco do carona. Prendi uma nas costas, pus o moletom por cima e segurei outra na mão, pronto para atirar.

Quando saí do carro, fui surpreendido pelo silêncio. Aquele pedaço das docas estava sempre deserto, mas era óbvio que isso não significava que eles não estavam ali, escondidos nas sombras, me observando. Levantei o revólver e fui andando até o portão, com um objetivo claro em mente: tirar Ellie dali e matar todo mundo.

Cerrando os dentes, eu tinha consciência de que o tempo estava passando e de que o *deadline* imposto por Mateo estava chegando ao fim. Meus pés se mexiam sozinhos, me levando para a frente, até atravessar o portão lacrado com a fita amarela da polícia e chegar ao pátio cheio de contêineres enferrujados e equipamentos abandonados. Mantive a arma apontada, os olhos em busca de pessoas, qualquer pessoa, mas não havia ninguém.

Continuei procurando, me esgueirando em volta dos contêineres, de orelha em pé, atento a qualquer sinal de vida. Depois de alguns minutos, cheguei a um espaço aberto. De costas para um contêiner, espiei no canto, achando que tinha encontrado o local. Ele devia estar no meio da doca, onde não poderia ser visto, caso alguém passasse por ali, onde ninguém poderia escutar o que não deveria. Se eu tivesse marcado esse encontro, seria ali. Meus olhos percorreram a área vazia, escaneando, perscrutando cada sombra em busca de alguém escondido. Mas nada.

Engoli em seco e saí do meu esconderijo, ficando no espaço aberto, sabendo que estava me expondo, mas o pânico estava começando a se avolumar no meu peito. Será que eu tinha ido ao lugar errado? E se eu devesse estar em outra doca, e Ellie estivesse lá me esperando para salvá-la? Cenas horríveis vieram à minha cabeça, imagens de Mateo cortando a garganta delicada de Ellie, que eu beijara há poucas horas. Imagens do sangue dela jorrando, como um rio escarlate, cobrindo suas roupas enquanto seus olhos se arregalavam, seu brilho se apagava, e ela sangrava até morrer.

– Mateo! – gritei, a plenos pulmões. – Mateo! Seu escroto filho de uma puta! Cadê você?

– Estou bem aqui.

Meu corpo inteiro ficou tenso, e levantei a arma, apontando na direção da sua voz. Fui tomado pelo alívio de estar no local certo, mas foi um alívio que não durou muito, porque o cara saiu de trás de um contêiner, na minha frente, usando Ellie como escudo.

Senti um aperto no peito ao vê-la. Mateo a segurava pelos cabelos, e ela choramingava, com a boca tapada por *silver tape*. Estava com as mãos amarradas com uma corda azul na frente do corpo. Havia sangue seco em seu rosto e em seu cabelo, um dos seus olhos estava vermelho, e seu rosto estava todo machucado. Seus braços estavam cobertos de pequenos cortes, e sua calça *jeans* estava rasgada e imunda.

Fervi de raiva e fiquei indo de um pé para o outro no mesmo lugar, tendo pensamentos assassinos. Eu estava tão furioso que quase podia sentir o gosto da ira.

– O que foi que você fez com ela, porra? – berrei, em um tom de ameaça. Eu ia arrancar a cabeça do filho da puta.

Mateo deu um sorriso, ainda usando Ellie como escudo, e deu alguns passos para a frente.

– Ela sofreu um acidentezinho de carro, não foi, querida? – ele disse, chegando perto de Ellie e enfiando o nariz no seu cabelo.

Ellie franziu o nariz de nojo, e meu dedo tremeu no gatilho da arma. Acidente de carro. Eles devem tê-la forçado a sair da estrada e aí a sequestrado. Será que Ellie estava sozinha? Será que sua família também estava no carro? Será que estariam ali também, esperando ser resgatadas daquela situação desoladora?

– Dá para ver por que você gosta dela, essa menina é uma coisinha briguenta. Tive que amarrar a vadia, porque ela tentou fugir duas vezes. Até consegui socar um dos guardas – Mateo falou, dando risada, quase orgulhoso, olhando para Ellie.

Eu o ameacei, levantando o revólver.

– Solta logo ela. Você não precisa dela – implorei. Quem sabe conversar racionalmente funcionasse. Àquela altura, eu tentaria qualquer coisa. – Você está bem, Ellie? Está bem, garotinha?

Ela me olhou nos olhos, e o medo e o pânico que vi refletidos ali fizeram minha raiva dobrar. Ellie só conseguiu balançar de leve a cabeça, já que Mateo estava segurando seu cabelo.

Então me dirigi a Mateo de novo:

– Solta ela logo. Tira essas suas mãos imundas e escrotas de cima dela, talvez, eu deixe você viver.

Eu estava com a arma apontada para a cabeça dele. Com um único tiro, poderia pôr fim em tudo, mas Ellie estava muito perto, e eu não queria acertá-la. Estava pensando seriamente em atirar quando uma movimentação dos dois lados de Mateo chamou minha atenção. Quatro dos seus capangas saíram das sombras, apontando suas armas para mim. Deviam ser os últimos homens que restaram do seu pessoal, que não haviam sido presos nem abandonaram o barco quando Alberto foi em cana.

Mateo deu risada, uma gargalhada maligna que arrepiou os pelos da minha nuca.

– Não é você que dá as cartas por aqui, Pirralho. Sou eu.

Então tirou a faca de cabo de marfim da cintura e a aproximou de Ellie, que fechou os olhos e cerrou os punhos.

Quando a faca encostou na sua garganta, sacudi a cabeça e cerrei os dentes, tentando manter o foco e não perder o controle.

– Não! – gritei.

Minha cabeça estava girando, tentando encontrar uma maneira de resolver aquela situação. Eram cinco contra um, e Ellie ficaria no meio do fogo cruzado. Aquilo não estava saindo como planejado. Há quanto tempo eu estava ali? Três minutos, quem sabe quatro? Parecia uma eternidade.

– Se você machucá-la, juro por Deus que vou arrancar suas tripas com você ainda vivo – prometi.

Mateo sorriu e fez sinal com o queixo para um dos seus homens. Olhei para a esquerda, para o cara que se

aproximava de mim, com a arma em punho, dando passos hesitantes. Era o capanga que tinha desrespeitado Ellie na boate, o cara que eu tinha enchido de porrada. Não era para menos que se aproximava de mim com relutância.

– Deixa eu ver suas mãos – ordenou.

Dei um sorriso sarcástico e, com a mão livre, fui logo tirando minha segunda arma das costas e apontando para o cara que se aproximava de mim, enquanto mantinha Mateo na mira da outra.

– Minhas mãos estão bem aqui – respondi, sarcástico, olhando para Mateo. – Solta a menina, que a gente resolve isso. Mano a mano. Não seja covarde, Salazar. É assim que você resolve as coisas, se escondendo atrás de uma mulher? – provoquei. Então cuspi no chão, enojado, tentando qualquer coisa para convencê-lo a tirar aquela faca da garganta de Ellie.

Mateo espremeu os olhos, sentindo-se desrespeitado, e puxou o cabelo de Ellie, que deu um grito abafado. Eu me encolhi todo, porque ele apertou a faca contra sua garganta.

– Uso todos os meios que posso para conseguir o quero. É assim que eu resolvo as coisas – Mateo vociferou.

Eu só precisava fazer o cara continuar falando até chegar a hora certa.

– Ok, Ok, calma aí.

Um sorriso se esboçou devagar nos lábios de Mateo, que olhou para trás.

– Pode sair. Por que a gente não mostra para ele como eu resolvo as coisas?

Quase na mesma hora, outra figura se materializou, saída de trás de um contêiner. Ed. Foi aí que descobri por que ele não tinha atendido as ligações frenéticas que eu fizera a caminho dali. Ed foi para a frente e ficou ao lado de Mateo, segurando firme um revólver na mão direita. Na hora, entendi tudo.

“Seu vira-casaca filho de uma puta!”

Ed deu um sorriso presunçoso, levantou a arma e coçou o rosto com ela. Seus olhos pareciam os de um tubarão, me observando, me medindo.

– Surpreso em me ver? – perguntou. – Achou que eu tinha morrido depois de bancar o valente para proteger sua namoradinha? Se liga nessa notícia, Pirralho: você confiou na pessoa errada.

– Que merda você fez, Ed? – falei, sem conseguir acreditar no que estava ouvindo. – Quanto eles te pagaram para fazer isso?

O cara estava comigo desde que eu saíra da prisão. Antes disso, trabalhava para Brett. Eu o conhecia desde que tinha 11 anos. A traição me atingiu em cheio.

Ele bufou, levantando as sobrancelhas.

– Não tem nada a ver com dinheiro. É aí que você sempre se engana, Pirralho. Tem a ver com respeito.

Engoli em seco, porque tudo se encaixava. Ed nunca gostou de trabalhar para mim. Eu deveria ter percebido os sinais, ter prestado atenção nos seus olhares irritados toda vez que eu o deixava de fora de algum esquema, não devia ter rejeitado seu pedido de ter mais responsabilidades dentro da organização. Fui convencido, arrogante por causa da minha posição, e não vi o ressentimento se formar dentro dele. Tinha perdido a coisa toda, que aconteceu bem debaixo do meu nariz.

– Mas agora não tem importância – continuou, se virando para Mateo. – Eu e o Mateo vamos começar um novo empreendimento. Só temos que resolver um probleminha antes... você. – Então arqueou uma das sobrancelhas e esboçou um sorriso. – Assim que eu lembrei daquela garotinha ruiva, pela qual você estava disposto a largar tudo, você deixou de ser invencível. No começo, eu não sabia se ia dar certo, não sabia se você ainda tinha interesse por ela ou já a tinha esquecido, mas resolvi tentar, mesmo assim. E foi melhor do que a encomenda. O plano era simples: seguir os pais dela, bater no carro e, *voilà*. Ela volta, você fica completamente distraído e baixa a guarda.

Quando entendi, parecia que tinha levado um soco na cara. O pai de Ellie tinha morrido por minha causa.

– Seu doente filho de uma puta! – berrei, furioso.

Olhei para Ellie, e sua expressão ficou arrasada quando também entendeu o que acontecera. Ela ficou se debatendo, tentando se soltar, chutando o ar na direção de Ed, com um olhar furioso.

Ed esticou o braço e passou um dedo pelo rosto de Ellie, limpando suas lágrimas de raiva.

– Aaah, querida, não fica brava – provocou. – A gente precisava te fazer voltar para cá de algum jeito.

Quando tirou a mão, Ellie continuou se debatendo, gritando palavras que não dava para entender, porque havia fita adesiva na sua boca.

Mateo deu um sorriso de orelha a orelha.

– A gente não tinha cem por cento de certeza de que daria certo. Não até aquela noite, na boate, quando você atacou Manny por ter passado a mão nela. Foi aí que tive certeza de que o plano era perfeito. Foi uma feliz coincidência a menina aparecer por lá, porque a gente pôde por o plano em prática – interveio, todo orgulhoso. – Mas Alberto não queria participar. Nunca quis. Disse que era para eu te deixar em paz. Você me fez um favor quando mandou meu irmão para a cadeia. A gente sempre pensou diferente a respeito dos negócios. Alberto se contentava com as suas migalhas, eu, não.

Ellie continuou se debatendo nos braços de Mateo, levantou as mãos amarradas e arranhou a cara de Ed. O cara grunhiu, empurrando as mãos dela, depois levantou a arma e a encostou na testa de Ellie, com um brilho furioso no olhar.

– Se você se mexer mais uma vez, porra, vai deixar de ser útil – ameaçou.

Comecei a ferver de raiva de novo, mal conseguia me controlar. Fui para a frente, ignorando as quatro armas apontadas para mim.

– Tira essa porra dessa arma da cara dela – ordenei.

Minha mão tremia, mas não era de medo nem nada desse tipo: era a fúria que pulsava nos meus dedos. Se o cara desse um passo em falso, eu ia enfiar uma bala na cabeça dele. Ia morrer sem nem saber o que tinha acontecido.

Ed repuxou os olhos, mas não parou de olhar para Ellie, que tinha ficado quieta, com o corpo rígido.

– Como será que esse rostinho lindo vai ficar depois de levar um tiro? – provocou, apertando ainda mais o revólver contra a cabeça de Ellie, que começou a choramingar e se encolheu toda.

Soltei um gemido de frustração. Não estava em vantagem, ainda não.

– Dá mais um passo, Pirralho, que a gente vai descobrir – Ed ameaçou.

Cerrei os dentes e fiquei completamente parado.

– O que foi que aconteceu com você, Ed? Quando é que você se tornou um cara capaz de matar uma menina inocente só para conseguir o que quer?

Nunca gostei de Ed. Ele sempre foi um filho da puta aproveitador, mas por essa eu não esperava. O cara nunca tinha abusado desse jeito, estava louco pelo poder. Dava para ver nos seus olhos: ele mataria em um piscar de olhos para conseguir o que queria. Seu olhar me deixou morto de medo.

– De joelhos – ordenou, sem tirar o revólver do rosto de Ellie.

Engoli em seco, porque um carço se formou na minha garganta quando cruzei o olhar com o de Ellie. Ela protestou, amordaçada, e pude ver a angústia e a dor nos seus olhos, que me imploravam em silêncio que eu a tranquilizasse, mas eu não tinha como fazer isso. De cabeça, calculei a probabilidade, que era muito pequena, de matar todos eles antes que alguém atirasse em Ellie ou em mim. Mas aí um brilho em cima do contêiner, que apareceu à minha direita por apenas um segundo e sumiu, chamou a minha atenção. Meu coração palpitou. E aquela pequena probabilidade aumentou dez vezes de tamanho.

Dei um sorriso fraco para Ellie e balancei a cabeça, para demonstrar que havia entendido a ordem de Ed. Levantei as mãos e fui me ajoelhando devagar na terra, tentando fazer uma cara de derrotado quando, na verdade, eu estava me preparando para lutar pela nossa vida.

CAPÍTULO

28

Jamie

A expressão de Ed quando me viu de joelhos era de uma felicidade incontrolável, e ele finalmente tirou o revólver do rosto de Ellie.

– Nunca pensei que fosse ver Pirralho Cole de joelhos, implorando clemência. É uma imagem que vou apreciar pelo resto da vida.

“Que será curta”, pensei, me segurando para não sorrir.

Óbvio que eu não tinha ido ali sozinho. Não era nenhum imbecil. Será que eles realmente pensavam que eu era burro a ponto de acreditar que soltariam Ellie se eu me comportasse?

Só rezei para meu plano dar certo e que Ellie não ficasse no meio do tiroteio. Pelo menos a gente tinha uma chance.

O sinal de luz que eu recebera há alguns instantes significava que Ray estava exatamente onde deveria estar, e a distração de Raposa apareceria a qualquer momento, exatamente como planejamos.

Olhei para Ellie. Estava com os olhos cheios de lágrimas. Parecia tão derrotada, tão arrasada, que dava dor no coração. E eu só podia olhar para ela e torcer, em silêncio, para que estivesse preparada para qualquer coisa.

– Põe as armas no chão. Devagar! – Ed ordenou, apontando a arma para mim.

Pus as armas no chão tão devagar quanto era humanamente possível sem deixar óbvio que eu estava enrolando.

“Onde é que está a porra da distração? Anda logo, Raposa!”

De repente, atrás de mim, ouviu-se uma explosão vinda do lado de dentro do prédio. Todo mundo olhou para cima, em estado de choque, e pedaços de entulho e poeira voaram pelos ares, fazendo todo mundo perder o equilíbrio por um segundo. Vi e vi uma fumaça preta subindo pelo céu.

Eu me segurei para não sorrir ao ouvir Mateo falar um monte de palavrões em espanhol e mandar dois dos seus homens irem ver o que tinha acontecido. Como a arma de Ed continuava apontada para a minha cabeça, não arrisquei me mexer. Segurei a respiração, torcendo para que Ray intercedesse.

Ed mexeu o dedo em cima do gatilho, e duas coisas aconteceram ao mesmo tempo: um tiro incrivelmente alto veio de cima do contêiner à minha direita, e a mão de Ed virou uma massa descarnada, porque a bala de rifle atravessou seu pulso. Ed deu um grito estridente e agonizante, e seu revólver caiu no chão. Ele olhou para aquela coisa sangrenta e despedaçada que costumava ser sua mão.

Eu não tinha tempo de ficar parado, olhando. Joguei o corpo para a frente, peguei um dos meus revólveres e olhei para cima. Vi que Mateo tinha passado o braço na garganta de Ellie, a puxado para perto e estava usando seu corpo como escudo. Fechei um olho, apontei, torci para que a bala chegasse ao alvo minúsculo, o

único ponto do corpo de Mateo que estava à mostra, e apertei o gatilho.

A arma foi para trás na minha mão quando a bala saiu voando pelos ares, atravessando o joelho de Mateo. Que gritou de dor, mas não soltou Ellie. Foi cambaleando de costas, a arrastando consigo.

Ellie enrugou o nariz, determinada, e deu uma cotovelada no estômago de Mateo quando ele se distraiu. Enchi o peito de orgulho. O bandido gemeu, indo para a esquerda. Era tudo o que eu precisava. Atirei de novo e, dessa vez, a bala acertou seu ombro.

Mateo caiu de costas, levando Ellie junto, e os dois bateram no chão.

Fiquei sem ar e torci para que ela não tivesse se machucado. Mas aí Ellie conseguiu se soltar e ficou de quatro, olhando para mim.

– Corre – gritei. – Corre, Ellie, agora!

Ela teve dificuldade para se levantar, porque estava com as mãos amarradas e, quando finalmente conseguiu, tropeçou e caiu de novo.

Minha visão periférica captou um movimento, virei logo a cabeça e vi um dos homens de Salazar a uns três metros de mim, apontando a arma para meu peito. Pulei para o lado e atirei. Suas balas caíram no chão, bem onde eu estivera, há milésimos de segundo. Meu tiro o acertou em cheio no peito. Ele arregalou os olhos, mirou o ferimento, com sangue saindo da sua boca, ficou de joelhos e depois caiu de cara no chão poeirento.

Pisquei algumas vezes, virei o rosto e vi que Ellie estava em pé de novo, correndo e mancando, na direção de um dos contêineres à esquerda. Sorri, aliviado, mas então vi Ed segurando uma lâmina prateada e brilhante com a mão que não havia sido machucada. Com olhos de fúria, ele se atirou sobre mim. A lâmina cortou o ar, e senti uma brisa passando pelo meu rosto quando joguei a cabeça para trás, bem na hora.

Ed me atacou de novo. Chutei para cima, e meu pé atingiu a lateral do seu corpo. Ele grunhiu e se dobrou para a frente, o suficiente para eu conseguir levantar o braço e bater com a arma bem na sua cara. O barulho de ossos partidos me deu uma satisfação incrível. Escorreu sangue pelo seu nariz, e seus olhos perderam o foco. A faca caiu da sua mão, e seu corpo ficou inerte, caindo de frente no chão e levantando uma nuvem de poeira à minha volta. Tateei o chão e peguei a faca, caso ele resolvesse vir para cima de mim de novo.

Quando levantei, sacudindo as mãos para me livrar da poeira, pude ouvir sons de briga à minha volta. Olhei para cima e vi Raposa lutando mano a mano com um dos capangas de Salazar. Ao longe, dava para ouvir duas pessoas gritando em espanhol. Deviam ser os dois caras que foram ver a explosão voltando e se juntando ao caos. Mas, aí, Ray estava no comando, e deu um tiro de rifle.

Olhei em volta, procurando desesperado por Ellie, e não a vi em lugar nenhum. Mas vi Mateo tentando ficar sentado. Seu rosto e seu peito estavam cobertos de sangue, fazendo-o parecer um figurante de filme de terror.

Ele tateou o chão, procurando alguma coisa do seu lado, então segurou a arma, se levantou e apontou para Raposa, que ainda estava lutando com o outro capanga.

Eu me dei conta, tarde demais, que estava com uma faca e não um revólver na minha mão direita. Não tive tempo de pensar. Joguei o braço para trás e atirei a faca com toda força que consegui, rezando para que meu treino com o alvo de dardos valesse a pena. A faca era grande e pesada, não se parecia com nenhuma que eu já tinha atirado. Fiquei observando, de olhos arregalados, ela voar pelos ares e se alojar no pescoço de Mateo.

Seu corpo corcoveou, sua mão foi parar na garganta, que jorrava sangue em volta da faca. Ele mexeu a boca, como se quisesse dizer alguma coisa, seus ombros se encolheram, e então Mateo caiu para trás, ainda de olhos abertos, sangrando até morrer, como havia ameaçado que faria com Ellie.

“Que bela ironia”, pensei, ficando de pé. Não estava exatamente feliz por ter matado Mateo, mas não me arrependi nem por um segundo.

Levantei a mão, protegendo os olhos do sol de fim de tarde, me virei para onde Ray estava, em cima do contêiner e acenei, agradecendo. Raposa tinha acabado de dar um soco na garganta do cara que o fez cair de joelhos, sem ar. O rosto de Raposa ainda estava contorcido, com uma expressão ameaçadora, determinada, e

ele olhou em volta, tentando ver se ainda havia perigo. Meu corpo relaxou. Tinha terminado, e todos nós estávamos sãos e salvos, relativamente sem ferimentos.

– Ellie? – chamei, fechando os olhos e respirando fundo algumas vezes. A adrenalina fazia minhas mãos tremerem. Abri os olhos e me virei na direção em que a tinha visto por último. Pisei em cima do corpo de Ed, guardando a arma na parte de trás da calça. – Ellie, onde é que você está?

Ela espiou de trás de um contêiner, cruzando o olhar com o meu. Sorri, tomado pelo alívio, e dei mais um passo na sua direção. Ellie suspirou fundo e veio mancando até mim, com lágrimas rolando pelo seu rosto. Quando chegou ao meu lado, se atirou contra mim, me abraçando sem jeito, por causa das mãos amarradas.

– Ai, meu Deus. Sinto muito ter te envolvido nisso. Você está bem? – perguntei, me afastando e segurando seu rosto com as duas mãos. – Ah, merda. Seu rosto. – Então me encolhi todo, ao ver seu olho inchado, os machucados, a pele em carne viva, porque ela arrancara a fita adesiva, o sangue seco do lado da sua cabeça. – Onde dói?

Ellie choramingou e afastou minhas mãos, chegou perto de mim e chorou, encostada no meu peito. Eu a abracei, apoiando o rosto na sua cabeça.

– Estou bem – murmurou, com a boca encostada no meu ombro. – Fiquei com tanto medo – sussurrou.

– Eu sei, garotinha, eu sei. Mas agora tudo acabou, passou, passou – tranquilizei-a, acariciando suas costas. Beije seu cabelo, percebi que havia um corte no lado da sua cabeça e me afastei. – Tem certeza de que você está bem? A gente precisa te levar para o hospital.

Olhei nos seus olhos cheios de lágrimas e odiei o fato de ela estar tão assustada e tímida, parecendo um ratinho.

– Estou bem. Só bati a cabeça no acidente – respondeu. Então fungou e limpou o rosto com a mão, devagar.

Balancei a cabeça e me afastei um pouco mais, o suficiente para dar alguns passos para trás e ver Raposa sentado, encostado em um contêiner, tirando alguma coisa queimada do lado do seu corpo.

– Tudo bem, Raposa? – perguntei, preocupado.

Ele balançou a cabeça e continuou se cutucando.

– Tudo, só fiquei meio perto do carro, quando explodiu – respondeu.

Carro? Era esse o seu plano para distrair a gangue de Salazar, explodir um carro? Legal.

– Preciso me sentar – Ellie disse, se afastando de mim, se apoiando no contêiner mais próximo e escorregando até o chão. – Vá ver se ele está bem. O cara parece um daqueles machões que fala que está bem mesmo se estiver perdendo a perna.

Ellie deu um sorriso fraco, puxou as pernas para o peito e ficou tateando sua cabeça.

Fiquei observando por alguns segundos, para me certificar de que ela estava bem mesmo, antes de atravessar o espaço aberto até Raposa.

Atrás de mim, ouvi um suspiro, e Ellie gritou “Cuidado!”, bem na hora em que Ed se jogou em cima de mim, fazendo nós dois cairmos no chão. Fiquei sem ar, com dificuldade para respirar, porque ele caiu em cima de mim. Foi logo apertando minha garganta com a mão e acertando minhas costelas com o joelho. Cerrando os dentes, agarrei sua camisa e rolei, ficando em cima do cara, levando o braço para trás e acertando um soco no seu rosto. Ed jogou a cabeça para o lado no último segundo, e meu punho bateu no chão. Um dos meus nós dos dedos quebrou, fazendo um barulho alto. A dor se espalhou pelos meus dedos e subiu pelo meu braço.

Gritei, cerrando os dentes de dor, e dei um soco com a mão esquerda, que atingiu o alvo, fazendo a cabeça de Ed ir para o lado. Tateei as costas com a mão machucada, tentando pegar a arma, mas não estava lá. Devia ter caído quando Ed avançou para cima de mim.

Dei mais um soco em Ed. Dessa vez, na lateral do seu corpo, fazendo o ar sair dos seus pulmões.

– Não, Ellie! – Raposa gritou.

Distraído, virei a cabeça para a direita e vi que Ellie tinha pegado meu revólver. Com as mãos trêmulas, apontou para Ed, que estava no chão, se debatendo debaixo de mim.

O punho de Ed acertou a lateral do meu rosto, me fazendo cair para a direita... bem quando a bala saiu pelo cano. Senti uma dor dilacerando meu bíceps, uma dor aguda e ardida. Nunca tinha levado um tiro, doeu muito mais do que eu imaginava. O grito angustiado de Ellie, atrás de mim, fez meu coração acelerar, mas não tive tempo para pensar nisso, porque Ed recuperara a vantagem, se aproveitando do meu momento de distração, e me acertou, socando o ferimento de bala no meu braço, me fazendo gritar de dor, com a visão borrada.

Então apertou minha garganta. Levantei meu outro braço e tentei tirá-lo de cima de mim. De repente, ele parou, arregalou os olhos com uma expressão quase amedrontada. Solto minha garganta, e tentei recuperar o fôlego.

Meus olhos se ajustaram. Virei para cima e vi uma arma apontada contra a têmpora de Ed. Pisquei, tentando entender, e segui o revólver com os olhos, passando por pulsos amarrados, braços machucados, até chegar à expressão de vingança de minha namorada. Seu queixo tremia, mas ela não tirou os olhos do rosto de Ed nem por um segundo.

Abri a boca, queria dizer para Ellie não fazer aquilo, dizer que ela jamais poderia voltar atrás, que aquilo a assombraria para sempre, mas não vi nenhum traço de indecisão no seu rosto.

– Essa é pelo meu pai.

E então ela puxou o gatilho, acertando Ed na cabeça.

CAPÍTULO

29

Jamie

Eu me encolhi todo, porque o sangue de Ed se espalhou pelo meu rosto. Ele caiu do meu lado, os olhos abertos e sem vida.

Ellie estava de pé, completamente parada, com a arma ainda apontada, os lábios entreabertos, os olhos arregalados, fitando o corpo imóvel de Ed e a poça de sangue que se formava rapidamente em volta de sua cabeça.

– Ellie, está tudo bem – falei, me apoiando nos cotovelos para conseguir me sentar.

Minha mão e meu braço latejavam, eu sentia pontadas de dor quando me mexia e podia sentir o sangue escorrendo devagar no ponto em que Ellie tinha atirado em mim sem querer. Ela não se mexeu nem ouviu o que eu disse. Eu não sabia nem se minha namorada estava respirando, porque continuou parada, fitando Ed. Ignorando a dor, levantei e fui até o lado dela, esticando o braço que não estava machucado devagar e segurando sua mão, fazendo-a baixar a arma.

– Ellie, olha para mim! – implorei, fechando a mão sobre o revólver. Mesmo assim, ela não reagiu. – Ellie, por favor, você pode olhar para mim, garotinha? – pedi, puxando a arma com cuidado.

Seu olho se remexeu, e ela soltou a arma. Foi virando a cabeça devagar na minha direção, mas não tirou os olhos do corpo.

– Ele matou meu pai. E ia matar você também – murmurou, engolindo as palavras.

Fui logo guardando a arma na parte de trás da minha calça.

– Matou, sim, e ia me matar. Você me salvou. Fez a coisa certa.

Queria que não tivesse feito. Não que eu não quisesse que Ed morresse – é claro que queria – , mas preferia ter feito isso eu mesmo para poupar Ellie do remorso e da culpa que ela com certeza sentiria. Queria protegê-la de tudo. E, se isso significava ter que sujar minhas mãos, que fosse.

Com minha mão que não estava machucada, desfiz os nós dos seus pulsos, deixando a corda cair no chão. Ellie balançou a cabeça, ainda sem olhar para mim, então segurei seu rosto com as duas mãos, com cuidado, por causa dos seus machucados e dos meus, e fiquei bem na frente dela, bloqueando a visão do corpo de Ed.

– Ellie? – sussurrei, dobrando os joelhos para ficarmos da mesma altura.

Ela finalmente me olhou nos olhos.

– Ele matou meu pai – disse, também sussurrando. – Não me arrependo. Faria de novo.

– Você nunca mais vai ter que fazer uma coisa dessas. Saí dessa vida. Daqui para a frente, seremos só eu e você, sem mais negócios escusos, sem mais preocupações, sem mais caras malvados indo atrás de você. Só eu e você. Quer dizer, se você quiser ficar comigo...

Interrompi a frase, olhando nos seus olhos, odiando ver a dor refletida no seu rosto.

– Sim – sussurrou. – Eu te amo.

Encostei os lábios nos dela, sentindo sua pele áspera e machucada.

– Eu também te amo, muito – jurei.

Ellie fungou, levantou as mãos trêmulas e encostou no meu braço. Seus dedos ficaram molhados de sangue, e ela retorceu o rosto, com uma expressão mortificada de desculpas.

– Você está bem? Eu te dei um tiro!

Dei um sorriso fraco, tentando não demonstrar o quanto estava doendo.

– Foi só um arranhão, estou bem – respondi. Não estava tão mal, já que a dor inicial tinha passado. Só tinha uma dor ardida, e minha mão doía bem mais que o braço. – Você é péssima de mira – brinquei.

Ela não respondeu, só segurou o zíper do meu moletom, abriu e tentou tirar o casaco do meu ombro, com uma cara preocupada.

– Tira isso, deixa eu dar uma olhada – insistiu, tentando descer a manga pelo meu braço. Mas parou quando suspirei entredentes de dor. – Desculpa, desculpa – murmurou, se encolhendo toda.

– Deixa eu tirar – falei, afastando suas mãos trêmulas e tirando a manga completamente, com cuidado ao passar pelos meus dedos quebrados e inchados e jogando o casaco no chão.

Todo mundo olhou para o meu braço, para o corte de uns oito centímetros que atravessava meu bíceps, logo abaixo do ombro. Eu tinha razão, era mais um arranhão: a bala havia rasgado a pele, mas não tinha penetrado de verdade. Tive sorte. Só que ainda estava sangrando muito.

Ellie choramingou ao ver o ferimento, com os olhos cheios de lágrimas.

– Desculpa. Eu estava mirando nele, aí você se mexeu e...

Raposa chegou do meu lado, deu uma olhada e sorriu.

– Ah, qual é, não se martiriza por isso. É só um arranhãozinho, ele é que está fazendo drama – brincou, obviamente tentando aliviar o clima, porque Ellie estava começando a surtar, seu corpo inteiro tremia. – É só dar uns pontinhos que ele vai ficar novinho em folha.

Meu amigo pegou meu casaco do chão, tirou uma faca do bolso e arrancou a manga, depois tentou amarrá-la no meu braço.

Cerrei os dentes por causa da dor e, com a outra mão, acariciei o rosto de Ellie, passando o dedo machucado na bochecha dela.

– Desculpa, desculpa – disse, virando o rosto e dando um beijinho na palma da minha mão.

– Ellie, eu estou bem, juro.

Passei o braço nela e a puxei para perto, ignorando a dor que o movimento causou. Ela não conseguiu mais controlar as lágrimas, aninhou o rosto no meu ombro e chorou, desesperada, o corpo tremendo de tanto soluçar.

Eu a abracei bem forte, olhei para Raposa e vi sua expressão de compaixão para Ellie.

– Você está bem, Raposa? – perguntei, olhando para a lateral do seu corpo.

Já que ele tinha chegado mais perto, dava para ver que sua pele estava em carne viva, cheia de bolhas, e devia estar doendo.

Ele sacudiu a mão, dando a entender que não era nada.

– Está tudo bem. Vou ao médico depois, passo alguma merda e está tudo certo.

Ray desceu do contêiner, guardando o rifle na sacola, e chegou perto de mim.

– O que você vai fazer a respeito disso? – Raposa perguntou, olhando para os seis corpos espalhados pelo chão.

Ray se adiantou:

– Deixa comigo. Vocês dois vão para o hospital. Ligo quando estiver tudo resolvido.

– Valeu, Ray. – O cara era mesmo um grande amigo. Eu tinha sorte de tê-lo na minha vida. Então me

afastei um pouquinho, olhei para Ellie e perguntei: – Você consegue andar?

Ela fungou e balançou a cabeça, agarrada em mim, ainda chorando no meu ombro. Fomos andando devagar na direção do carro, Ellie virou para trás e viu os corpos, ficou pálida, apertou os dedos no meu corpo e arregalou os olhos, horrorizada, como se tivesse acabado de se dar conta do que fizera.

– Não olha – aconselhei, fazendo-a virar o rosto para mim.

Ela balançou a cabeça e me deixou levá-la até o local onde eu havia estacionado, passando pelos destroços do veículo que Raposa tinha usado para distrair os bandidos. A carroceria ainda estava pegando fogo, nuvens de fumaça se erguiam no ar, causando incômodo enquanto respirávamos, até atravessarmos os portões da doca.

Joguei a chave para Raposa, que abriu a porta e abaixou o banco, para eu e Ellie sentarmos atrás. Ela entrou primeiro, com o corpo tremendo, sem parar de chorar. Sentei do seu lado, a abracei e a puxei para perto de mim. Minha cabeça girava, imaginando como é que eu ia fazer para ajudá-la a superar aquilo. Ter atirado em Ed ia marcá-la para sempre, era algo que jamais esqueceria. Aquele dia teria muitas ramificações, mas eu a ajudaria a enfrentá-las.

– Para qual hospital? – Raposa perguntou, dando partida no carro. – Vão fazer muitas perguntas. Se perceberem que você foi baleado, vão chamar a polícia – disse, se virando para trás e apontando para meu braço.

Apertei os lábios, pensativo.

– Vá para a clínica de Marlon – orientei.

Marlon era cunhado de Brett e ainda estava na nossa folha de pagamento. Nosso pessoal recebia tratamento especial sempre que precisava.

Raposa balançou a cabeça, virou para a frente e saiu das docas. Ellie tinha parado de chorar, mas ainda estava agarrada em mim, com o rosto escondido no meu pescoço. Eu me afastei um pouco, para poder olhar nos seus olhos.

– Ellie, você não pode contar para ninguém o que aconteceu aqui. Entendeu? – perguntei, sem parar de olhar para ela.

Ela fungou, olhando nos meus olhos.

– Mas a gente precisa contar para a polícia, quer dizer... nós matamos gente, precisamos contar.

Segurei seu rosto machucado com as duas mãos.

– Não – disse, firme. – Eles eram traficantes, caras barra-pesada mesmo, que faziam um monte de merda. O que aconteceu com eles foi consequência dessa ocupação. Você me entendeu? A gente nunca esteve aqui. Nós dois sofremos um acidente de carro, foi assim que nos machucamos. Meu tom de voz era firme e definitivo. Não tinha como dizer a verdade naquela situação. Ellie piscou, e pude perceber a confusão e a indecisão nos seus olhos. – Você quer passar o resto da vida na cadeia por ter matado aquele escroto? – perguntei.

Ellie balançou a cabeça, devagar, com as sobrancelhas levantadas.

– Não – sussurrou.

– Então faça o que eu disse. Vou cuidar de tudo. Vou fazer tudo isso desaparecer. Sempre vou cuidar de você, você só precisa fazer o que eu pedi, ok? – “Por favor, concorda, por favor.” – Você pode fazer isso por mim, garotinha?

Ela ficou em silêncio por alguns segundos, depois balançou a cabeça, alegrando meu coração. Beije de leve seus lábios, absolutamente agradecido por nós dois continuarmos vivos, e eu poder cuidar dela pelo resto da minha vida.

Dois dias depois, parecia que tudo tinha se resolvido como esperado. Ellie me contou onde estava quando a

sequestraram, e pedi para alguém ir tirar seu carro da vala. A polícia tinha entrado em contato para falar do acidente, mas falamos que eu e Ellie estávamos dentro do carro, que tinha estourado um pneu, fazendo-a perder o controle da direção e ir parar dentro da vala. Aí inventamos que saímos e pegamos uma carona até a clínica, onde recebemos tratamento. O histórico médico corroborava a história de que nossos ferimentos eram devidos ao acidente e nada mais. Nós nos livramos dessa. Foi o detetive Lewinston que colheu nosso depoimento. Adicionou os detalhes que faltavam e, em troca, recebeu um belo envelope cheio de dinheiro.

Nem nos perguntaram sobre os seis corpos que foram encontrados nas docas no mesmo dia em que nos acidentamos. Como encontraram muitos quilos de cocaína e dinheiro na cena do crime – graças a Ray –, e à fama de traficante de Salazar, a polícia concluiu que foi alguma negociação de drogas que deu errado. Saiu no noticiário, dizendo que não havia testemunhas nem suspeitos, mas que o bairro estava mais seguro, já que os irmãos Salazar estavam fora das ruas. Concordei do fundo do meu coração.

Ellie fez tudo o que eu pedi. Não falou com ninguém sobre o que havia acontecido nas docas e confirmou minha história do acidente por causa do pneu furado. No começo, resistiu um pouco, questionando se estávamos tendo a atitude correta ao não contar a verdade para a polícia. Mas eu apenas lembrei que tipo de gente era aquela, que eles estavam dispostos a matá-la, a matar seus pais, só para me atingir. Isso logo acalmou seus pensamentos, e ela não questionou mais. E não se arrependia de ter matado Ed, era categórica quanto a isso.

Nesses dois dias, muita coisa aconteceu. Conheci a avó de Ellie, para começar. Gostei muito dela. Uma mulher com um grande coração e um ótimo senso de humor. Que ama Ellie e Kelsey profundamente, o que me fez gostar ainda mais dela. Além disso, me deixou passar a noite com Ellie, para eu poder abraçá-la enquanto chorava durante o sono, gritando meu nome e o do pai. Então acordava de sopetão, banhada em suor. Toda vez que isso acontecia, eu lhe dava um beijinho de leve, garantia que estava tudo acabado e que eu estava ali, ao seu lado. Toda vez, ela me dava um sorriso agradecido, se aninhava no meu peito e voltava a dormir, tranquila.

Um dia, Ellie acabaria esquecendo dos horrores que viu e dormiria em paz de novo. E eu a ajudaria a superar isso.

A outra coisa que aconteceu é que fiquei cara a cara com a mãe de Ellie depois de três anos. Fui ao hospital com Ellie, para visitá-la. Na verdade, tinha esquecido o quanto Ruth era assustadora. Ela ficou meio estranha comigo no começo, provavelmente porque eu estava com a cara machucada e o braço quebrado em uma tipoia. Tive certeza de que estava parecendo o mesmo cuzão que fez sua filha sair do país. Mas, quando Ellie sorriu para mim, segurando minha mão com os olhos brilhando de orgulho, Ruth relaxou um pouco os ombros. E se esforçou de verdade para conversar comigo durante a visita. Até me deu alguns sorrisos.

Eu e Ellie sabíamos que ia levar um tempo até eu conseguir conquistá-la completamente, mas ela estava aceitando nosso relacionamento e só queria que a filha fosse feliz de novo. Uma hora ou outra, eu ia acabar conquistando Ruth, e tínhamos todo o tempo do mundo para isso.

– Pegamos tudo? – Ellie perguntou, distraída, olhando para o porta-malas do carro que eu tinha arranjado para ela, já que o seu estava destruído. O porta-malas estava lotado de malas, caixas e sacos de lixo cheios de roupas.

Stacey deu uma risada debochada, pegando mais um saco dentro da casa.

– Não tem como você ter esquecido de alguma coisa. Tenho quase certeza de que vi a pia da cozinha ali dentro – brincou, apontando para o meu carro, que também estava lotado de pertences da família Pearce.

Ellie sorriu, soltou um suspiro e se virou para mim.

– Seria mais fácil se eu soubesse quanto tempo vamos ficar fora – comentou, pondo as mãos nos quadris.

Encolhi os ombros, passei o braço na sua cintura e a puxei para perto de mim.

– Pode ser uma mudança permanente, sabe? Sua mãe foi bem clara quando disse que não queria voltar para

cá – falei, olhando para ela.

Minha namorada balançou a cabeça, mordendo o lábio.

– É, eu sei. Acho que a gente vai ter que viajar um pouco para conseguir se ver – disse, passando o dedo por dentro da gola da minha camiseta, me deixando arrepiado.

– Eu iria até o fim do mundo todos os dias para te ver – respondi.

Verdade, eu teria que dirigir um pouco para vê-la em Mount Pocono, mas valia cada segundo.

Ellie esboçou um sorriso e disse:

– Cafajeste.

– Você adora.

Abaixei a cabeça e lhe dei um beijo rápido que foi logo esquentando e se tornando algo mais. Tudo sempre se tornava algo mais com Ellie. Parecia que meu corpo não conseguia largar dela e tentava compensar os três anos que passamos separados.

Soltei um gemido, com os lábios encostados nos seus, e ela segurou meu cabelo. O desejo se acendeu dentro de mim, e desci as mãos até sua bunda, fiz ela dar um passo para trás e a grudei na lateral do carro, esmagando meu corpo contra o seu. Ellie deu um gemido que me deixou louco, e esqueci onde estava, esqueci tudo, enquanto a gente se roçava de um jeito que me deu vontade de arrancar sua roupa e a deixar se contorcendo embaixo de mim.

Pus a mão por baixo da sua blusa, sentindo a pele macia da sua barriga, e fui subindo, minha ereção aumentando a cada centímetro que eu tocava.

Alguém fez hãh-hãh alto, e nós dois demos um pulo. Virei a cabeça e vi a avó de Ellie parada, com a sobancelha levantada e de braços cruzados. Dei um sorriso envergonhado e fiquei pulando de um pé para o outro, porque tinha sido pego no flagra.

– Vocês dois não se agarraram o suficiente ontem à noite, pelo amor de Deus? – perguntou, se fazendo de brava.

Ellie soltou um suspiro de surpresa e deu risada. Eu sorri e me afastei dela, tomando o cuidado de não virar de frente para a sua avó, para que ela não percebesse o quanto Ellie me deixava excitado com um simples beijo.

Sua avó deu uma piscadinha, riu e revirou os olhos.

– Estamos prontos? Falei para Ruth que chegaríamos lá às três.

Balancei a cabeça, enquanto Ellie ajeitava a blusa e punha o cabelo atrás da orelha, morta de vergonha.

– Estamos prontos – confirmou. – Kels já fez as malas?

– Sim! – Kelsey gritou, saindo de casa com a mochila nas costas. – Kels fez as malas e está pronta. Vamos buscar mamãe.

Enquanto Kelsey enfiava a mochila no espaço praticamente inexistente do porta-malas e tentava fechá-lo, sua avó entrou no carro pelo lado do passageiro e pôs a bolsa a seus pés.

– Certo, está na hora de eu ir embora – Stacey disse, indo para a frente, com os braços abertos. Ellie deu um sorriso, e as duas se abraçaram bem apertado. – Liga quando você chegar lá, te vejo no fim de semana que vem. Lembra de reservar o maior quarto para mim e um do outro lado da casa para vocês dois, seus insaciáveis, para eu não ter que passar a noite ouvindo vocês se agarrando.

Dei risada, chutando a grama, deixando as duas se despedirem em paz. Mas não era uma despedida de verdade, só um “até logo”. Aquelas duas nunca iam perder o contato, eram amigas demais.

– A gente se fala. Obrigada por me ajudar a fazer as malas – Ellie disse, abraçando Stacey de novo.

– Imagina. Manda um “oi” para a sua mãe – Stacey respondeu, dando um beijo bem melado no rosto de Ellie e acenando para Kelsey e para a avó das meninas, que estavam dentro do carro. Stacey me deu um sorriso sem graça, provavelmente porque ainda não gostava de mim, por ter feito sua amiga sofrer. Não liguei.

Tinha certeza de que, uma hora ou outra, também iria conquistá-la. – Cuida delas, Jamie.

– Pode deixar – prometi e fiquei olhando ela dar partida no seu carro, gritar um “até mais” e sair da garagem, acenando, toda animada.

Ellie soltou um suspiro e entrou em casa. Checou se todas as luzes estavam apagadas, depois ficou ali parada, olhando para a sala vazia.

Cheguei perto dela e pus a mão nas suas costas.

– Tudo bem? – perguntei.

Ela balançou a cabeça.

– Tudo. Só é estranho ver a casa sem as fotos e as nossas coisas – respondeu.

Também olhei em volta e percebi que tinham empacotado todas as fotos de família, tudo o que dava personalidade à casa, transformando-a em um lar, e colocado no porta-malas dos dois carros que estavam na frente da garagem. Só restou uma casca vazia.

– É só uma casa, Ellie.

Minha namorada suspirou e se virou para mim, com um sorriso nos lábios.

– E um lar é onde nosso coração está, certo?

Dei um grande sorriso para ela.

– Certo.

E meu lar era com Ellie, porque meu coração estava com ela.

Ellie deu um suspiro profundo, segurou minha mão que não estava machucada, e saímos juntos da casa. Ela trancou a porta e fomos para o carro. Dava para perceber que aquilo era difícil para minha namorada, abandonar a casa onde havia crescido, a casa cheia de lembranças da sua infância e de seu pai. Mas era exatamente por isso que sua mãe não queria voltar, e todos respeitavam sua decisão.

Fui com Ellie até o carro onde sua avó e Kelsey estavam e lhe dei um beijinho rápido.

– Tenho muito orgulho de você, sabia? – sussurrei.

E tinha mesmo. Ellie enfrentou tudo numa boa, cuidou de tudo sem reclamar, e se tornou uma pessoa mais forte. Minha namorada me deu um sorriso agradecido, beijei sua testa e me afastei.

– Te vejo no hospital – gritei, indo até meu carro.

À medida que caminhava, notei que meus passos estavam rápidos e esperançosos. Aquela era uma mudança positiva para todos nós. Todo mundo – inclusive eu – poderia construir um novo futuro juntos, de verdade, em vez de só ver a vida passar.

Fiquei observando Ellie dar partida no carro e sair da garagem, indo em direção ao hospital. Depois de pegarmos sua mãe, deixaríamos a cidade para trás e iríamos para Mount Pocono. Ninguém sabia se aquela mudança seria ou não permanente – só o tempo diria –, mas, mesmo que fosse, eu não me importava nem um pouco. Eu iria atrás de Ellie em qualquer lugar.

EPÍLOGO

Ellie

Fechei os olhos e soltei um suspiro de felicidade, ouvindo as canções de Natal que tocavam baixinho no rádio. Eu estava, definitivamente, em um momento feliz.

– Ellison, fiz café para você – mamãe chamou, lá dos fundos.

– Obrigada, mãe – respondi. Abri os olhos e dei um sorriso quando vi a neve caindo lá fora. A previsão do tempo dissera que ia nevar, mas minha mãe fora taxativa, falando que o céu não estava com cara de neve. Pelo jeito, a previsão do tempo tinha razão, para variar.

Eu adorava essa época do ano, adorava a neve, adorava o frio. Não tinha lugar melhor para passar o inverno do que em Mount Pocono e, dentro de duas semanas, passaríamos nosso primeiro Natal de verdade ali.

Fazia quase nove meses que tínhamos feito as malas e ido morar com minha avó, e decidimos, juntas, não voltar mais para casa. Quase nove meses no ar fresco das montanhas, tempo para refletir e reconstruir nossa família sem meu pai. Foi difícil, mas estava tudo indo bem, para todas nós. Kelsey adorou o colégio novo, vovó adorava ter companhia, e mamãe... Bem, acabou encontrando sua vocação tardiamente: cuidar da minha loja e da contabilidade.

Minha loja, devidamente chamada de *Jellie Boutique* – um nome que Jamie inventou e pelo qual me apaixonei na hora – vendia roupas únicas feitas à mão, por uma *designer* local... eu! Também vendíamos umas bijuterias lindas que encomendei de outra *designer* local e geleias feitas pela vovó. Fazia seis meses que a loja estava funcionando, e ia bem. Não estávamos milionárias, longe disso, mas pagávamos as contas e tínhamos um lucro bem razoável.

Eu trabalhava muito, não era raro eu ficar desenhando ou costurando de madrugada, quando meu cérebro criativo se recusava a dormir, mas não parecia trabalho. Quando a gente encontra algo que ama para fazer nessa vida, nunca é uma obrigação. O orgulho de ver alguém usando uma das minhas criações era imenso. Semana passada, entreguei cinco vestidos de damas de honra para uma senhora que veio lá da Filadélfia buscar. Ela encomendou depois de ter me achado na internet – no *site* que minha mãe fez sozinha! Quem diria que mamãe seria um gênio do *marketing*? Saber que algo criado por mim faria parte do dia especial de alguém me enchia de orgulho e satisfação. Eu estava amando minha vida e tinha certeza de que não tinha como ficar melhor.

Abrir a loja foi ideia de Jamie. Ele sempre amou as roupas que eu criava e, depois que mudamos para Mount Pocono, minha faísca criativa se acendeu com tudo. Só que meus desenhos ficavam lá, parados no bloco. Foi Jamie que me convenceu a costurar algumas peças e vendê-las *on-line*. Foi um sucesso, saíram como pão quente. E aí ele começou a falar que eu deveria abrir minha própria loja na cidade. Para mim, era só um sonho distante, uma boa ideia, algo que eu jamais conseguiria bancar. Até o dia em que Jamie me entregou as chaves de uma loja recém-comprada. Ele vendeu seu apartamento, os carros e uma das boates para pagar pelo imóvel, abrindo mão de tudo o que tinha para eu realizar o sonho de ter minha própria marca de roupas.

Deu muito trabalho para montar a loja, passamos muitas noites decorando, reformando e adaptando, mas conseguimos. E, seis meses depois, estava indo muito bem.

Nunca me permiti pensar nas coisas ruins que aconteceram antes de a gente se mudar ou no fato de eu ter matado uma pessoa. Bloqueei todas as lembranças e, simplesmente, continuei vivendo minha vida. O pessoal de Ed e Salazar não ia mais poder roubar um segundo da minha vida e da minha felicidade: eu não iria permitir. Seguimos em frente, todos nós, e estávamos mais felizes do que poderíamos imaginar, depois de perdermos papai.

O sininho em cima da porta tocou, e quem entrou foi o gênio que criava as lindas bijuterias que eu vendia na loja. Simone era uma mãe solteira de trinta e poucos anos, cabelo verde e rosa, toda estilosa. Morava na mesma rua que vovó e era uma mulher encantadora.

– Oi, Ellie.

– Oi, Simone – falei, olhando direto para a caixa que ela carregava e soltando um gritinho. – É a nova coleção que você estava me contando? – perguntei, pendurando os dois vestidos que faltavam de qualquer jeito na arara e correndo para o lado dela, toda animada.

Simone balançou a cabeça e levantou a tampa da caixa de sapatos, revelando suas lindas criações. Fiquei sem ar, e minha mãe também veio ver, com os olhos brilhando. Tiramos as peças da caixa e as colocamos em cima do balcão.

– Ai, são lindas. Já imagino elas sendo vendidas rapidinho – elogiei, pegando uma pulseira de prata com uma delicada vespa gravada.

Minha mãe concordou, balançando a cabeça, abrindo a gaveta e pegando a câmera.

– Vão direto para o *site* e para as redes sociais. Belo trabalho, Simone.

A expressão de Simone se iluminou. Todo mundo gostava de receber elogios de minha mãe e os levavam muito a sério.

– Obrigada, meninas – ela agradeceu, depois se virou para mim e perguntou: – Ei, acabei de ver seu namorado entrando no carro e partindo. Aonde ele vai, no meio do dia?

– Não faço ideia – respondi, indo até a vitrine e olhando para o outro lado da rua. Quando Jamie vendeu seu apartamento, a boate e todos os seus carros para comprar a loja para mim, também comprou uma coisinha para ele que, por acaso, ficava do outro lado da rua. Um grande galpão de tijolos, que mandou abrir na frente e converteu em oficina. Jamie também estava realizando seu sonho: consertando carros em vez de roubá-los.

Adorava o fato de ele estar tão perto, porque, assim, podíamos almoçar juntos todos os dias. E, se eu quisesse, era só olhar através da vitrine e me maravilhar ao vê-lo de macacão cheio de graxa, de boné na cabeça, inclinado sobre um carro, com aquela bundinha maravilhosa bem à mostra. Toda vez que o via, meu coração palpitava, e eu ficava de pernas bambas.

Jamie não foi morar com a gente logo no começo. Mas, depois de passar dois meses viajando até a casa da vovó quase todos os dias, minha mãe finalmente sugeriu que ele se mudasse também, já que passava tanto tempo lá em casa.

Até morar com Jamie e acordar ao seu lado todos os dias, nunca havia me dado conta de que podia amá-lo ainda mais do que antes. Mas eu estava enganada, ah, muito enganada.

Só que Simone tinha razão. Jamie tinha fechado a oficina, e seu carro não estava lá. Franzi a testa, torcendo para ele dirigir devagar, naquela neve. Ele devia ter ido buscar alguma peça. Não tinha nenhum outro lugar aonde precisava ir naquele dia, a menos que...

Soltei um suspiro de surpresa e virei para minha mãe.

– Ai, meu Deus. Será que fechou a venda? Será que ele foi buscar as chaves? – perguntei. E fiquei pulando no mesmo lugar, toda animada, como uma criança. Não conseguia parar quieta. – O advogado disse que só teríamos notícias no fim da tarde, mas podem ter saído antes, não? – conjecturei.

Simone inclinou a cabeça para o lado.

– Você está falando da casa que vocês dois estão comprando? A resposta sai hoje?

Balancei a cabeça e pus as mãos no rosto, que estava vermelho de tanta animação.

– Sim!

– Calma, Ellison. Ele deve ter ido buscar alguma peça. Se a resposta está prevista para hoje à noite, então sairá hoje à noite, não na hora do almoço.

Minha mãe, sempre apelando para o bom senso. Mas esse fora meu primeiro pensamento também.

Minha animação foi baixando devagar. Passei o dia inteiro com os nervos à flor da pele, esperando o telefone tocar e receber a notícia de que eu e Jamie éramos proprietários, mas podia esperar mais algumas horas. Soltei um suspiro e balancei a cabeça, resignada.

– É, acho que sim. Bom, vamos fotografar essas belezinhas e expor na vitrine – sugeri, tentando não pensar na minha casa nova e me concentrando na nova coleção de bijuterias que íamos vender na loja.

Menos de uma hora depois, Jamie voltou. Ouvi o ronco do motor do seu carro quando ele parou na frente da oficina. Resisti ao ímpeto de ir até a vitrine e fiquei só olhando para a tela do celular, esperando o advogado ligar para dar a boa notícia.

Quando o sininho da porta tocou de novo, olhei para cima e vi o amor da minha vida carregando um buquê de rosas cor-de-rosa clarinho. Estava sorrindo de orelha a orelha, e meu coração pulou dentro do peito.

– Oi, garotinha.

Girei na banquetta, desci e fui encontrá-lo do outro lado do balcão.

– Oi, você.

Fiquei na ponta dos pés, e nossos lábios se tocaram. Seu rosto estava gelado por causa do vento. Como tinha ficado de boné a manhã inteira, seu cabelo estava todo bagunçado, mas ele nunca esteve tão atraente. Jamie podia estar até coberto de lama que, ainda assim, eu teria vontade de pular em cima dele.

Jamie se afastou, com os olhos brilhando de animação. Dei um sorriso e olhei para as flores.

– São para mim? – indaguei, mordendo o lábio.

Ele foi logo sacudindo a cabeça e tirando uma rosa do buquê.

– Esta aqui é – respondeu, me oferecendo a flor. – Mas o resto é para... – disse, olhando para cima, sorrindo para minha mãe e estendendo o buquê para ela – você – completou.

Fiquei ainda mais derretida com seu gesto fofo. Minha mãe soltou um suspiro de surpresa, arregalou os olhos e senti o doce perfume das flores.

– Aaaah, Jamie. São lindas. Obrigada!

Meu namorado tinha conquistado minha mãe completamente, com seu charme e doçura, nos últimos nove meses. No começo, ela tinha suas dúvidas sobre o nosso relacionamento. Mas, sua nova filosofia de vida, depois de perder meu pai, era que as pessoas precisam aproveitar cada dia, se agarrando à qualquer oportunidade de felicidade. Ela só queria que eu fosse feliz e reconhecia que Jamie é que podia fazer isso acontecer. E passou a tratá-lo como o filho que nunca teve.

– E a que devo esse presente, então? – perguntou, cheirando as flores de novo, com os olhos brilhando de gratidão.

Jamie encolheu os ombros e virou para mim.

– Por ter uma filha tão maravilhosa e permitir que eu faça parte da vida dela – respondeu. Então pôs a mão no bolso e tirou um molho de chaves, que pendurou no dedo. – E como presente de despedida, porque vamos nos mudar logo, logo.

Fiquei boquiaberta. Ele tinha *mesmo* ido buscar as chaves!

– Quê? Você está de brincadeira? São mesmo as chaves da casa?

Fiquei pulando no mesmo lugar, olhando, hipnotizada para as chaves, encantada com nosso recomeço, que estava prestes a acontecer.

– Não estou brincando, não. Acabei de buscá-las – Jamie disse, com um sorriso de orelha a orelha. – Quer ir dar uma olhada na nossa casa nova?

Soltei um gritinho, balancei a cabeça e fui correndo buscar meu casaco e um cachecol. Depois de me enrolar toda, voltei para a loja e vi Jamie terminando o chocolate quente que mamãe preparara para mim há dez minutos.

Minha mãe sorriu, chegou perto de mim, terminou de fechar o zíper do meu casaco e ficou mexendo no meu cachecol. Seus olhos estavam cheios de lágrimas. Ela sorriu para mim e falou:

– Estou tão feliz por vocês, queria que você soubesse que seu pai ficaria muito orgulhoso ao ver a mulher em que você se transformou.

Dei um sorriso, puxei minha mãe para perto e lhe dei um abraço apertado.

– Obrigada. Eu te amo.

– Também te amo – respondeu.

Essa era mais uma coisa que tinha mudado depois do acidente. Minha mãe agora demonstrava mais seus sentimentos. No começo, foi meio estranho. Mas acabei adorando. A gente tinha uma relação incrível.

Eu me afastei dela e virei para Jamie, que estendia a mão para mim.

– Pronta? – perguntou.

Balancei a cabeça e respondi:

– Claro que sim!

Eu estava pronta para passar minha vida com ele desde que tinha 17 anos. Aquele dia demorara para chegar.

Jamie

Quando saímos da loja e enfrentamos o vento gelado, um casal jovem sentado perto de uma cerca de madeira, se beijando, chamou minha atenção. Dei um sorriso, mas depois pus as mãos em volta da boca e gritei:

– Kelsey Pearce, solta esse menino!

Ela deu um pulo e ficou vermelha, igualzinha à Ellie, quando ficava envergonhada.

– Cala a boca, Jamie – Kelsey retrucou, dando risada e limpando a boca com o dorso da mão enluvada.

Kelsey fizera 14 anos na semana anterior e, considerando que era adolescente, era uma menina bem legal e uma boa irmã para Ellie. A gente se dava muito bem. Kelsey tinha mais ou menos a mesma idade que minha irmã teria se fosse viva, então eu gostava de bancar o irmão mais velho para ela.

– Só me avisa se a coisa ficar séria, para eu saber se preciso encher o cara de porrada – falei, piscando para ela. O menino ficou todo tenso e tirou a mão do seu ombro.

Kelsey sorriu e acenou para mim. Ela realmente estava se sentindo em casa ali. Morar naquele lugar lindo lhe fez bem. Fez bem para todos nós.

Ellie sorriu para mim, com os olhos brilhando de animação, e lhe dei um beijo bem barulhento de propósito antes de levá-la até meu carro. Nos quinze minutos que demoramos para chegar à nossa casa nova, ela mal conseguiu parar quieta. Ficou se remexendo no banco e falando sem parar das coisas que ainda precisávamos comprar. Para nossa sorte, os antigos donos iam se mudar para um lugar menor e venderam a casa parcialmente mobiliada, ou seja: a gente já tinha sofá e os móveis mais importantes. Teríamos que nos virar assim por um tempo, até poder comprar nossa própria mobília.

Quando paramos na frente e vimos a casa, Ellie soltou um suspiro de alegria. O imóvel de dois andares era aconchegante, com três dormitórios, no meio das árvores, com uma bela vista. A entrada era em curva e levava a uma garagem para um carro só. A casa em si era de madeira, pintada de cinza escuro. Era maravilhosa, e as prestações da hipoteca ficavam bem no nosso limite de financiamento. Então, qualquer coisa que quiséssemos fazer nela, teria que ser aos poucos, à medida que conseguíssemos pagar. Por sorte, a casa era basicamente perfeita para nós dois do jeito que estava.

Tirei as chaves do bolso e fiquei sacudindo-as na mão, chamando a atenção de Ellie para nosso novo lar.

– Quer entrar e dar uma olhada?

Ela soltou um gritinho, e fiquei todo feliz. Então Ellie pegou as chaves da minha mão. Vê-la tão contente fazia meu coração pular e me deixava todo arrepiado.

– Sim! Anda logo!

Ela saiu do carro correndo e quase escorregou no gelo. Dei risada, fui até a frente do carro e fiquei esperando Ellie me alcançar.

Os pássaros piavam nas árvores cobertas de neve, cantando alto enquanto íamos, de braços dados, até a porta da casa. Ellie pôs a chave na fechadura, segurando a respiração, e passei a mão nas suas costas. Estava tão tomado de amor por ela que quase caí. A gente tinha conseguido. Tínhamos enfrentado tudo e acabado de comprar nossa primeira casa.

A porta se abriu com um leve rangido, e pensei que precisava consertá-la. Ellie deu um longo suspiro e se virou para mim, com os olhos cheios de lágrimas.

– Não acredito que é nossa. Estou tão feliz.

Balancei a cabeça, me abaixei e lhe dei um beijinho de leve.

– Eu também.

De repente, pareceu que ela explodiu de animação. Pegou minha mão, me puxou para dentro e arregalou os olhos ao ver o corredor. No aparador, havia uma garrafa de champanha e um envelope com os nossos nomes. Ellie pegou o cartão, ansiosa, rasgou o envelope e fez “aaaaah”.

– É dos antigos donos. Está escrito: “Esperamos que vocês sejam tão felizes aqui quanto nós fomos. Ficamos muito contentes de saber que a casa fará parte das novas lembranças de um casal tão encantador”.

O gesto atencioso me fez sorrir.

Peguei a garrafa de champanha e fiz sinal com a cabeça para a escada.

– Acho que a gente devia abrir na sacada.

Ellie balançou a cabeça, sem conseguir controlar o sorriso, e entrelaçou os dedos nos meus. Subimos assim a escada de madeira. Ela tinha se apaixonado pela casa à primeira vista. A planta peculiar, de cabeça para baixo, realmente funcionava. Ter área de estar no segundo andar aproveitava bem a linda vista. Assim que vira o janelão na sala, com vista para o lago, virara para mim e sussurrara que queria aquela casa. Fiz uma oferta diretamente para os proprietários na mesma hora, porque não queria esperar pelos canais de costume e receber uma resposta do corretor. Ao ver como Ellie tinha se apaixonado pela casa, eles aceitaram, e o resto vocês já sabem. Fazia oito semanas, e aquela era a primeira vez que voltávamos lá.

Quando entramos na sala, dava para ver, pelo enorme janelão, as árvores no nosso pequeno quintal e, lá longe, o lago e as montanhas cobertas de neve. Portas de dobrar levavam à grande sacada de madeira, com uma mesa e cadeiras esperando para as pessoas poderem aproveitar a vista.

À direita, o sofá ficava de frente para outra janela grande, que ocupava quase toda a parede. Um balão de hélio escrito BEM-VINDOS estava sobre a mesinha de centro.

– Aaaah, eles compraram um balão para a gente também – Ellie disse, indo até a mesinha e segurando o fio do balão.

– Na verdade – falei –, quem comprou fui eu. Vim aqui escondido depois de pegar a chave e prendi ali.

Dei um sorriso envergonhado. Meu coração batia descompassado. Um ataque repentino de nervos me fez pular de um pé para o outro, e pus a garrafa de champanha em cima da mesa.

Ellie se virou para mim e me deu um sorriso amoroso.

– Você é tão fofo, Jamie Cole.

Respirei fundo, abrindo e fechando as mãos, torcendo para meus nervos se acalmarem, e fui para a frente.

– Você notou o que está fazendo peso nele? – perguntei, fazendo sinal com a cabeça para o fio, que estava enrolado no dedo de Ellie.

Ela passou os olhos pelo fio até chegar a uma caixinha vermelha amarrada na ponta. Seus olhos se arregalaram de leve, mas Ellie não se mexeu. Sua expressão estarecida me deu vontade de sorrir, e fiquei agradecido, porque sua avó, sua mãe e sua irmã mantiveram segredo. As três ficaram muito animadas quando lhes contei meu plano.

Ellie deu um suspiro de surpresa quando fiquei de joelhos, puxando a caixinha até que se soltasse do fio e olhando para o seu rosto. Então cobriu a boca com as duas mãos, com os olhos cheios de lágrimas, e olhou para mim.

“Anda, Jamie. Não fode!”

– Ellie, sei que aqui não é Paris, que não estamos no alto da torre Eiffel nem em um restaurante incrível em Roma, muito menos boiando no mar Morto, nem em nenhum lugar espetacular, mas sinto que está na hora de te fazer a mais importante das perguntas bem aqui, no meio da nossa casa nova.

Minhas mãos tremiam quando levantei a tampa da caixinha.

Ela soltou um gritinho, seus olhos se arregalaram, e uma única lágrima escorreu pelo seu rosto.

– Eu te amo de todo o coração e sempre vou te amar – falei, tentando conter minhas próprias lágrimas. – Juro que vou te fazer sorrir pelo resto da sua vida, como prometi ao seu pai. – Nessa hora, Ellie choramingou.

– Quer casar comigo, garotinha?

Ela não hesitou para responder, não ficou indecisa nem precisou pensar.

– Sim! Ai, meu Deus, claro que sim!

Dei risada, e Ellie ficou pulando, toda animada, quando lhe entreguei a caixinha. Era o mesmo anel que eu comprara para ela, anos atrás, o que eu tinha mostrado para seu pai. Nunca me desfiz dele. Mas, naquele momento, tinha uma sutil diferença.

– Mande gravar uma coisa na parte de dentro – contei, ficando de pé e observando minha namorada espremer os olhos para ler a inscrição.

“Com cicatrizes e tudo”, leu.

Ela me olhou nos olhos, e o sorriso que se esboçou no seu rosto me deixou sem ar.

– Eu te amo – sussurrou.

– Com cicatrizes e tudo.

Balancei a cabeça, concordando com ela, depois a abracei bem apertado contra o meu corpo e a beijei, demonstrando com esse beijo o quanto eu a adorava e o quanto estava agradecido por ela ter dado uma segunda chance a um cara como eu.

Quando me afastei, nós dois estávamos sem fôlego. Peguei o anel e pus no seu dedo, onde ele ficaria, pelo menos, pelos próximos oitenta anos.

E, afinal de contas, finais felizes podem acontecer, mesmo para pessoas como eu. Só é preciso encontrar algo pelo qual valha a pena lutar.

AGRADECIMENTOS

O primeiro agradecimento vai para Lorella Belli, minha incrível agente. Você me mata com sua dedicação. bj

Para a fabulosa equipe da Forever: *designers* de capa, editores, revisores, diagramadores e todo mundo que trabalhou tanto para fazer deste livro o que ele é: muito obrigada!

Para Leah: obrigada por me acompanhar nesta montanha-russa e por me incentivar a me esforçar para escrever a melhor história de Jamie e Ellie. bj

Para as minhas garotas Kerry Duke e Chloe Meyer: obrigada por seu apoio sem fim e seu incentivo inacreditável, digno de duas líderes de torcida, quando eu precisava tão desesperadamente. Amo vocês, meninas.

Para a minha família: vocês são demais, e tenho muita sorte de ter todos vocês na minha vida.

Para você, querido leitor: primeiro tenho que pedir desculpas pelo suspense nervoso de *A luta pela liberdade...* Oops... foi mal. Desculpa #sqn. Em segundo lugar, obrigada por me acompanhar nesta jornada. Realmente espero que você goste do final da história de Jamie e Ellie tanto quanto eu gostei de escrevê-la.

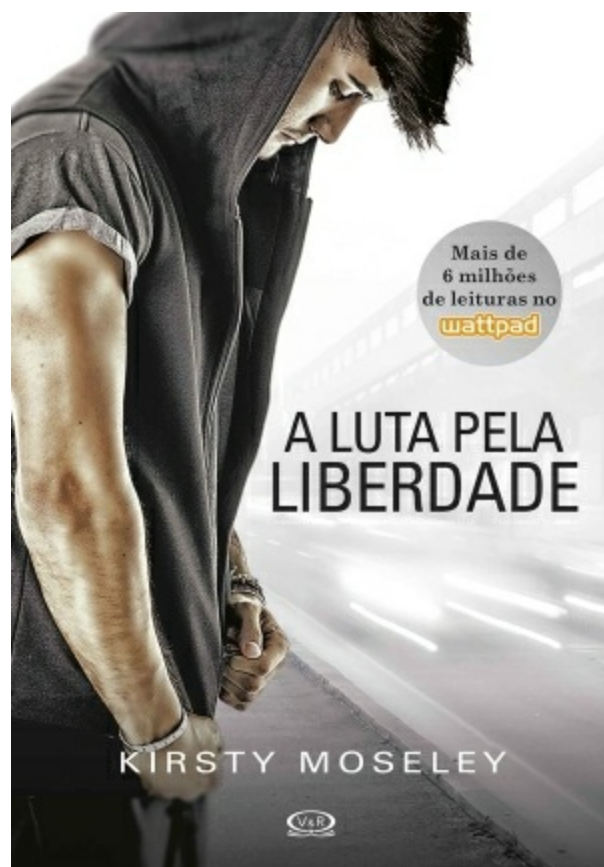
Como sempre, mando um salve bem alto para todos os fabulosos, trabalhadores e empenhados blogueiros do mundo todo, que dedicam horas do seu tempo ao amor pelos livros. Não tenho como lhes agradecer. Vocês são meus heróis. bj

E, por último, mas certamente não menos importante, para Terrie Arasin, minha superassistente. Você apareceu em um momento em que eu estava me afogando nas redes sociais e mal tinha tempo de escrever. Não sei o que eu faria sem você (e sem seu sotaque *sexy* do Texas que ilumina meu Messenger!). Eu com certeza ainda seria aquela pessoa desorganizada e bagunceira, que sai atropelando tudo, tentando fazer tudo sozinha, sem conseguir. Como eu disse na dedicatória, este livro não existiria sem você. Te amo, querida (dito na minha melhor imitação do sotaque texano). Os *donuts* são por minha conta. bjs.

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para opinioao@vreditoras.com.br
com o título deste livro no campo “Assunto”.

1ª edição, out. 2017



A luta pela liberdade

Moseley, Kirsty

9788550700663

200 páginas

[Compre agora e leia](#)

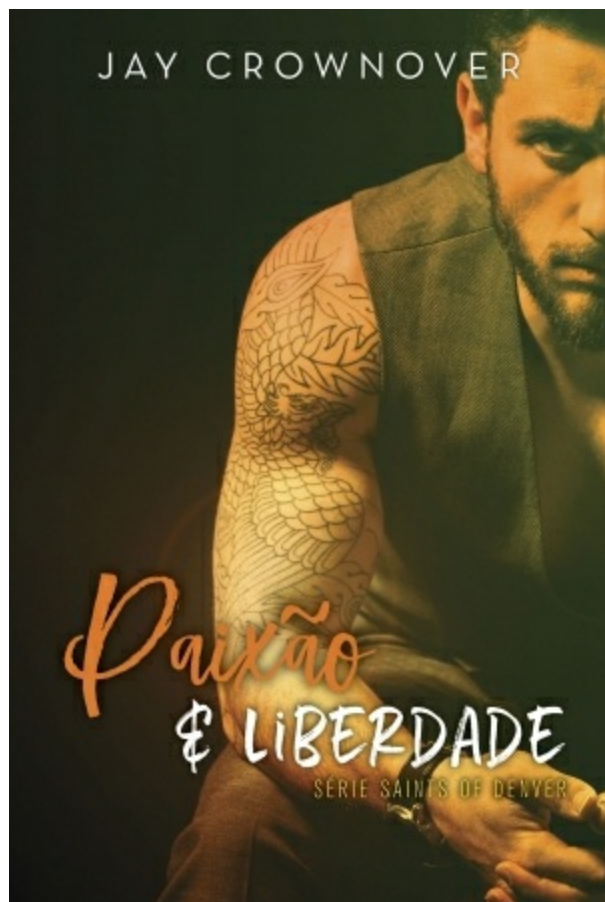
Jamie Cole é um assassino. O reformatório juvenil foi seu lar durante quatro longos anos. Agora, Jamie tem a chance de recomeçar. Porém, seu antigo chefe no mundo do crime não quer abrir mão dele. É preciso pagar um preço alto para sair de uma gangue barra pesada. Ellie Pierce é a líder de torcida perfeita que, durante muito tempo, namorou o capitão do time de futebol mais popular da escola. Mas esse relacionamento chegou ao fim e tudo o que ela mais quer é ter sua própria identidade. Quando Jamie conhece Ellie em uma boate, a atração é instantânea. O encontro termina com uma noite quente e inesquecível. Ele não é de se envolver com as mulheres. Ela não quer um compromisso sério. E a ligação entre os dois é intensa demais para ficar apenas no sexo sem compromisso. Jamie quer aquela garota ao seu lado, mas fugir do passado criminoso e manter Ellie longe de sua história pode ser impossível. Será que o destino bandido fará ele sucumbir e perder o que de mais valioso já teve em sua vida? Ou será que a força desse amor será forte o bastante para libertá-lo?

[Compre agora e leia](#)

JAY CROWNOVER

Paixão
& LIBERDADE

SÉRIE SAINTS OF DENVER



Paixão e liberdade

Crownover, Jay

9788550701318

384 páginas

[Compre agora e leia](#)

A atração entre Sayer Cole, a advogada bem-sucedida, e Zebulon Fuller, um verdadeiro bloco rústico de músculos, é imediata. Mas os segredos dele estão ocultos sob sua exuberante força física, e se vierem à tona, podem transformar completamente sua vida. E ele não quer se arriscar por uma paixão, ainda mais quando precisa da ajuda profissional de Sayer para corrigir erros do passado.

[Compre agora e leia](#)



CATHY HOPKINS

Mentiras inocentes e verdades escancaradas



Mentiras inocentes e verdades escancaradas

Hopkins, Cathy

9788576835448

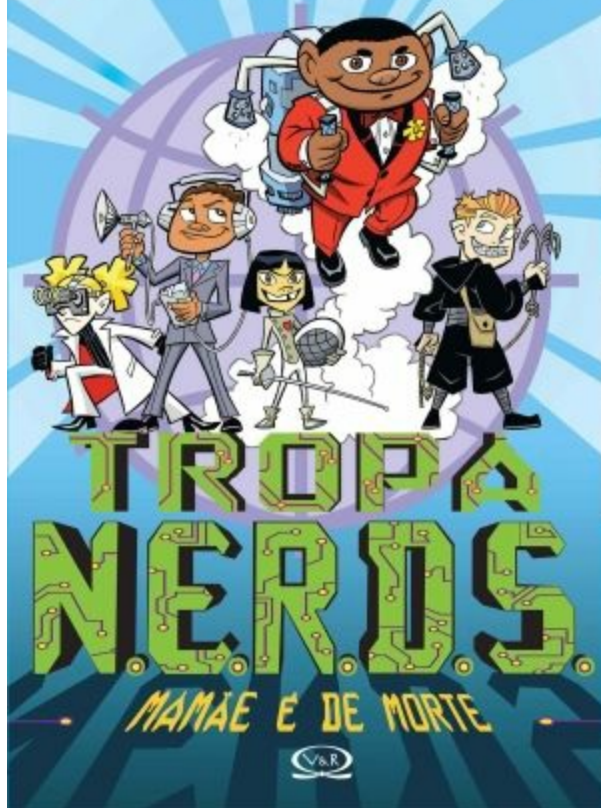
196 páginas

[Compre agora e leia](#)

Cat está apaixonada por outro e não sabe como contar ao namorado. Com medo de machucar o garoto, acaba se envolvendo em uma rede de 'mentiras inocentes'. Cat será capaz de se safar dessa? Pode a verdade ser tão dolorosa a ponto de ser omitida?

[Compre agora e leia](#)

MICHAEL BUCKLEY



Mamãe é de morte

Buckley, Michael

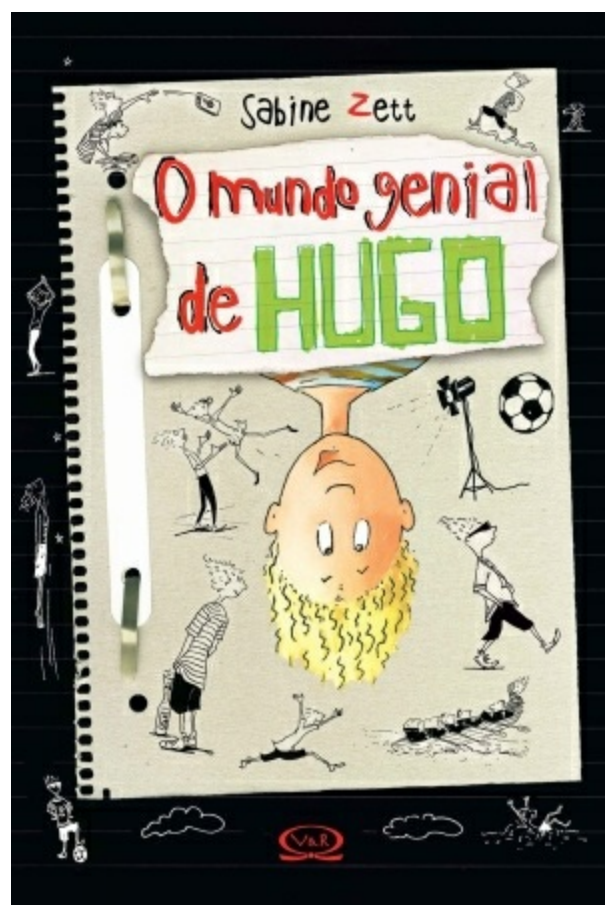
9788576835820

250 páginas

[Compre agora e leia](#)

Os Nerds estão de volta! Nesta nova aventura eles vão enfrentar um antigo membro da equipe. Um bando de esquilos, um fã de HQs e sua mãe completam a trupe de vilões. Nossos queridos nerds têm mais um desafio: travar essa batalha de morte sem as suas atualizações. É isso aí, os superespões vão ter que botar a cuca para funcionar e lutar com os bandidos sem os seus poderes secretos. Se você quer saber se nossos agentes vão sobreviver a essa missão, prove que é valente! Consiga permissão para acessar as páginas desta segunda aventura da Tropa Nerds e, divirta-se.

[Compre agora e leia](#)



O mundo genial de Hugo

Zett, Sabine

9788576835332

228 páginas

[Compre agora e leia](#)

O garoto mais descolado da escola, um super-herói, um superatleta, o queridinho das garotas e o ás do amor... Yeah, este é o Hugo! Bem, pelo menos é assim que ele sonha ser. Hugo Kotsbusch, com o apoio de seu melhor amigo, Nico, vai cometer um monte de confusão para atingir seus objetivos: tentar entrar no time de futebol, de handebol e até se matricular nas aulas de balé. Será que ele vai se tornar o garoto mais popular da escola e de quebra conquistar a doce e bela Violeta?

[Compre agora e leia](#)